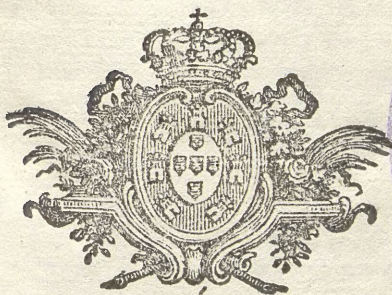
DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA SETIMA

PARTE SEGUNDA.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M. DCC. LXXXIII.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE II.
DA DECADA VII.

LIVRO VI.

tan-

LIVRO VII.

Car-

LIVRO VIII.

ra

LIVRO IX.

que

LIVRO X.

se-

CAP.

DE-

DECADA SETIMA.

Da Historia da India.

LIVRO VI.

CAPITULO I.

De como foi eleito pera Viso-Rey da India D. Constantino, filho do Duque de Bragança: e da Armada com que partio no anno de sincoenta e oito.

FALECIDO ElRey D. João o Terceiro, e entregues do governo do Reyno, e tutoria do menino Sebastião, que ficava de peito, a Rainha Dona Catharina sua avó, e o Cardeal D. Henrique seu tio, tratáram, como foi tempo, de proverem nas cousas da India, por haver mais de tres annos que a governava Francisco Barreto. E lançando os olhos por toda a Corte,

te, (porque desejavam de fazer eleição de huma pessoa, a que todos tivessem respeito, e que tratasse mais do que cumpria ao serviço de Deos, e de ElRey, que do seu particular,) os puzeram em dous homens, que se escusáram, do que a Rainha, e Cardeal ficáram tão enfadados, que publicamente se lhes conheceo. Succedeo neste tempo estar hum dia o Duque de Bragança D. Theodosio praticando com seu irmão D. Constantino sobre este negocio, estranhando ambos muito engeitarem aquelles homens tamanha cousa, disse D. Constantino: « Agora que » estes homens engeitáram isto, fora eu de » muito boa vontade á India só por serviço » de Deos, e de ElRey. » A isto não respondeo o Duque cousa alguma, nem D. Constantino fez caso disso, porque não disse aquillo senão em prática, por estranhar aos que engeitáram tamanho negocio. Mas o Duque, que era muito zeloso do serviço de ElRey, sem dar conta ao irmão do que hia fazer, se foi á Rainha, e ao Cardeal, e lhes disse « que lhes levava hum alvitre de muito » serviço de ElRei, e com que esperava de » temperar o desgosto, e descontentamento » com que andavam: » e então lhes contou o que passára com seu irmão D. Constantino, affirmando-lhes « que se o commettessem pe» ra a jornada da India, que acceitaria, pe-

» lo

» lo zelo que tinha do ſerviço de ElRey »
o que lhe elles agradecêram muito. E indo-
ſe dalli, foi D. Conſtantino logo chamado,
e com palavras de muita obrigação o com-
mettêram pera ir á India, agradecendo-lhe
muito o zelo que moſtrára ao ſerviço de El-
Rey naquellas palavras, que paſſára com ſeu
irmão o Duque. D. Conſtantino ficou ſobre-
ſalteado, porque nunca cuidou que o Duque
ſeu irmão lançaſſe mão do que diſſe, nem
deſcubriſſe o que antre ambos paſſáram em
converſação ſecreta; e vendo que o penho-
ravam pela palavra, não ſe quiz eſcuſar,
antes lhes diſſe « que muito bem ſabiam co-
» mo ElRey D. João, que Deos tinha em
» gloria, lhe tinha dado o cargo de Came-
» reiro mór, que elle já ſervia antes que el-
» le faleceſſe, que parecia juſtiça não lho
» tirarem, pois elle o não deſmerecia; e
» tanto que tiveſſe o Principe idade, força-
» do havia de ter quem o ſerviſſe naquelle
» cargo. A Rainha lhe reſpondeo, que ſeu
» neto era ainda menino de peito, e que
» ainda ſe creava no collo das amas, e que
» haviam de paſſar alguns annos primeiro
» que houveſſe miſter Camereiro: que o foſ-
» ſe elle ſervir á India, e quando de lá tor-
» naſſe o ouviriam em ſeus requerimentos,
» e lhe fariam juſtiça. »

Com eſtas eſperanças começou logo a

correr em ſeus negocios, não tendo nelles o deſpacho muito liberal, nem as vantagens, e mercês, que depois fizeram a muitos, porque o Principe era menino, e os tutores, e Governadores não quizeram logo entrar em governo com couſas extraordinarias; nem D. Conſtantino as requereo, pera lhe ficar melhor aução pera quando tornaſſe requerer o cargo de Camereiro mór. As náos que havia de levar erão quatro, com dous mil homens de armas, a que ſe foi dando a mór preſſa que puderam. E porque D. Conſtantino era de pouco mais de trinta annos, ſem experiencia dos negocios da fazenda, por ſer ſempre creado em Corte, ordenáram a Rainha, e o Cardeal de mandarem com elle hum homem, o mais grave que ſe achaſſe, pera correr com o cargo de Veador da fazenda, e de idade, e partes a quem D. Conſtantino tiveſſe muito reſpeito; e pera iſto elegêram Aleixo de Souſa Chichorro, de que muitas vezes fallamos pelo decurſo de noſſas Decadas, que já tinha ſervido aquelle cargo, depois de ter ſido Capitão de Çofala, (como na V. Decada fica dito no Capitulo IX. do VIII. Livro,) que era de ſetenta annos, de sã conſciencia, muito bom conſelho, e longa experiencia, aſſim da guerra, como da fazenda. E por acceitar eſta jornada, lhe fez a Rainha, e o Cardeal

deal tudo o que elle lhes pedio. E ſegundo ouvimos dizer em aquelle tempo, vinha iſento do Viſo-Rey na fazenda, e na primeira ſucceſsão da governança da India. As náos por muito mais preſſa que ſe lhes deo, não ſe puderão fazer á véla ſenão a ſete de Abril do anno de ſincoenta e oito, quinta feira da Paixão.

Os Capitães dellas erão: Da Garça, em que hia o Viſo-Rey, fez elle D. Payo de Noronha, que levava ſua mulher Dona Joanna Fajarda, e ſua filha Dona Guiomar de Noronha menina, que depois caſou na India duas vezes, a primeira com Alvaro Paes de Sotomayor, que foi Capitão de Chaul, de quem teve filhos, e filhas; e a ſegunda com D. João da Coſta, que foi Capitão de Dio. Levava D. Payo de Noronha a Capitanía de Cananor em vida. Da náo Rainha era Capitão Aleixo de Souſa Chichorro, Veador da fazenda. Da náo Tigre era Capitão Pero Peixoto da Silva. Da náo Caſtello era Jacome de Mello. Hião embarcados com o Viſo-Rey muitos Fidalgos, e dos que pudemos ſaber os nomes são os ſeguintes. D. Diniz filho do Marichal, Franciſco de Mello filho do Monteiro mór, Ayres de Saldanha filho de Antonio de Saldanha, D. Antonio de Vilhena, D. Franciſco Lobo, D. Luiz de Almeida, D. Franciſco de Almeida,

da, filho de D. Lopo de Almeida, que depois foi Capitão de Tangere; Fernão de Castro, filho do Veador do Duque de Bragança, Pero de Mendoça, que se chamava o Larim por ser magro, filho de Tristão de Mendoça, João Gomes de Castro, moço Fidalgo que foi do Infante D. Luiz, Pero da Silva de Menezes, irmão de Fr. Thomaz de Sousa, Frade da Ordem de S. Domingos, Jeronymo Dias de Menezes, João Lopes Leitão, Gil de Goes despachado com a Capitanía de Goa, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros.

Foi esta Armada seguindo sua derrota, e sem achar contrastes, chegou a Moçambique entrada de Julho, e alli achou D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que deixámos invernando no Brazil, donde tinha partido a quatorze de Agosto do anno de sincoenta e sete, vespera de nossa Senhora da Assumpção. E chegando a Moçambique a dous de Maio de sincoenta e oito, D. Constantino lhe fez muitos gazalhados, por serem muito amigos. Achou tambem alli a náo Patifa, de que era Capitão João Rodrigues de Carvalho, que por chegar tarde não pode passar á India. E tomando provimentos, e agua, partíram todos juntos a sinco de Agosto, e assim juntos chegáram á barra de Goa a tres de Setembro.

CA-

CAPITULO II.

De como o Viſo-Rey D. Conſtantino tomou poſſe do Eſtado da India, e das couſas em que logo provêo: e da cauſa, por que ſe alevantou a guerra em Cananor.

SUrto o Viſo-Rey D. Conſtantino na barra de Goa, foi logo viſitado da Cidade, e Fidalgos, a cujo rogo eſperou ſinco, ou ſeis dias, em quanto lhe prepararáram ſeu recebimento; e paſſados elles, entrou na Cidade, onde foi recebido com muitas feſtas, e grande alvoroço de todos, como homem que era tão conjunto no ſangue com os Reys de Portugal. Franciſco Barreto lhe entregou a governança, e tirou ſeus papeis, e inſtrumentos, e ſe foi pera as caſas de Antonio Peſſoa, onde eſteve até ſe partir pera o Reyno, que foi a vinte de Janeiro do anno de mil quinhentos ſincoenta e nove, e o Viſo-Rey ſe apoſentou na fortaleza, que já eſtava deſpejada, e armada, e começou a correr com as couſas de ſua obrigação, mettendo de poſſe do cargo de Veador da fazenda a Aleixo de Souſa Chichorro, e do de Secretario do Eſtado ao Licenciado Belchior Serrão, que delle hia provído, homem Fidalgo, velho, e de muito boas letras, e partes, por cujo reſpeito o Infante D. Luiz lhe foi muito

af-

affeiçoado, e ſe ſervio delle em couſas mui honroſas.

A primeira couſa, que o Viſo-Rey deſpachou pera fóra foi D. Payo de Noronha, pera ir entrar na Capitanía de Cananor, que foi embarcado com toda ſua caſa em alguns navios ligeiros; e chegando áquella fortaleza, tomou poſſe della, e logo ElRey de Cananor o mandou viſitar, como he coſtume, e o meſmo fez o Guazil; e a voltas diſſo lhe mandáram alguns preſentes das couſas da terra, que D. Payo lhes não quiz acceitar, nem reſpondeo bem aos recados; a cauſa diſto não a ſoubemos: mas elles ficáram affrontados daquillo, e o houveram por tão grande deſcortezia, que claramente o moſtráram. E como os Mouros, que vivem por aquelles Reynos, são inimigos do nome Chriſtão por natureza, e dos Portuguezes, pelo muito antigo odio que lhes cobráram depois que deſcubríram a India, e nunca ſe lhes offereceo occaſião de o moſtrarem, que o diſſimulaſſem; vendo agora ElRey queixoſo, tiveram mais ouſadia pera ſe alterarem, e haver antre elles movimentos. Succedeo juntamente com iſto hum Mouro por nome Paliata, que vivia no rio do Sal, alli perto, armar hum paro pera ſahir a roubar: o que ſabido por ElRey, como não queria romper de todo com os Portuguezes, mandou aviſar a

D.

D. Payo, e dizer-lhe « que mandasse tomar a
» boca daquelle rio por alguma fusta, ou
» navio, pera que não sahisse aquelle ladrão
» a roubar; ou que lhe mandasse emprestar
» hum par de berços, e alguma polvora,
» que elle armaria hum navio seu, e o man-
» daria a isso, porque queria atalhar desgos-
» tos » do que D. Payo não fez caso: antes em vez de agradecer a ElRey aquelle aviso, lhe respondeo mal, com o que ElRey se acabou de escandalizar. O Mouro Paliata, tanto que teve prestes o seu navio, sahio nelle pelo mar a roubar livremente; e logo quiz a desaventura que achasse huma fusta, que hia pera Cochim, com dez, ou doze Portuguezes, e abordando-a, (posto que os nossos pelejáram valorosamente em sua defensão,) foram a mór parte delles mortos, e a fusta levada chea de fazendas. Isto se soube logo em Cananor, e o Alcaide mór avisou com muita pressa o Viso-Rey D. Constantino, porque tambem a terra se começava já a alterar, pera que mandasse acudir áquelle negocio. Com este recado despedio o Viso-Rey com muita diligencia sinco navios, que nos primeiros dias de Setembro tinham chegado do mesmo Cananor, de que foi por Capitão mór Ruy de Mello, homem Fidalgo, e casado naquella fortaleza com huma filha de Duarte Barbosa,

ſa, e os mais Capitães eram Gonçalo Sanches, Belchior Godinho, Diogo Barbacho, Pedralvares, e hum foão Pimentel.

Chegados eſtes navios a Cananor, acháram a terra tão alterada, e os Mouros tão ſoberbos, que já não havia communicação antre os noſſos, e os Mouros, nem ouſava Portuguez algum ir á Cidade, antes eſtava a fortaleza com grandes vigias, e pelos rios ſe começavão a armar navios de Coſſairos pera ſahirem a roubar. De todas eſtas couſas tornáram logo a aviſar o Viſo-Rey, que com muita preſſa deſpedio Luiz de Mello da Silva com mais nove navios de remo, de que eram Capitães Coſmo Faya, Baſtião Gonçalves, Alvaro Dias, Domingos de Coimbra, Antonio Mouro, João Luiz, Diogo Lourenço, e o Capitão mór, que hia em huma galeota de appellação de dous baileos, e levava por regimento « que ajun-
» taſſe a ſi os navios que foram com Ruy
» de Mello (que ſe tornou pera Goa) e fi-
» caſſe Luiz de Mello correndo a coſta com
» muitas intelligencias nos rios, em que ſe
» armavam os Coſſairos pera lhes atalharem
» ſua ſahida, e darem nelles primeiro que
» fizeſſem algum damno. » A guerra já ſe hia declarando de todo da parte dos Mouros, ainda que da de ElRey eſtava a couſa parada; porque acudíram a iſſo Coge Cemaçadim,

dim, e Nicore Garipo, hum Nayre principal do Reyno de Cananor, e Jangada da fortaleza, muito amigos dos Portuguezes, e grande ſervidor de ElRey de Portugal, e aſſim ſempre moſtrou iſto por obra nos cercos de que adiante daremos razão, cauſados todos da ſequidão de D. Payo de Noronha. Eſtes ambos acudírão a temperar o Aderajao, que era cabeça de todos os Mouros, e Regedor mór de todo o Reyno, que tinha em ſeu peito guardado aquelle grande odio, que cobrára aos Portuguezes pela morte de ſeu tio Pocaralle, que Henrique de Souſa Chichorro, em tempo do Governador Martim Affonſo de Souſa, matou na praia de Cananor, ſobre Coge Cemaçadim; como no Capitulo VIII. do X. Livro da V. Decada fica dito; e por eſta razão tomou aquella occaſião pera a guerra, que deſejava fazer áquella fortaleza: e nunca em quanto viveo deixou de moſtrar eſte odio em todas as couſas que pode.

CA-

CAPITULO III.

Das intelligencias que o Viso-Rey D. Constantino teve com Ithimitican sobre lhe dar a Cidade de Damão, e lha concedeo: e do conselho que tomou sobre mandar, ou ir sobre ella: e de como despedio as náos pera irem a Cochim tomar a carga pera o Reyno, e Francisco Barreto partio de Goa.

JÁ démos atrás conta de como D. Diogo de Noronha, estando por Capitão de Dio, sendo Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, desejára de haver ás mãos a Cidade de Damão, sobre o que mandou Diogo Pereira por Embaixador a tratar aquelle negocio com Madre Maluco, que não houve effeito. Depois succedendo-lhe o Governador Francisco Barreto, vendo quanto importava pera segurança das terras de Baçaim haver a Cidade de Damão, assim pela mesma razão assima, como pela grossidão, e prosperidade de suas terras, e aldeas, em que se podiam aposentar muitos cavalleiros, e casados pobres, que tinham servido El-Rey, o Governador mandou (como dissemos) Christovão de Couto, lingua do Estado, por Embaixador ao mesmo Madre Maluco, tutor de ElRey de Cambaya; e o reque-

querimento que levava, era pedir-lhe « que
» lhe entregaſſe a Cidade de Damão com
» todas ſuas Tanadarias, e jurdição, e que
» lhe largaria ametade do rendimento da
» Alfandega de Dio, aſſim, e da maneira
» que Soltão Mahamude a poſſuio, quando
» fez novos contratos de pazes com o Go-
» vernador D. Eſtevão da Gama » como na
V. Decada no Capitulo IV. do VII. Livro
fica dito: o que tambem ſe não effeituou
pelas deſavenças que havia antre os Gover-
nadores do Reyno, e tutores do Rey; do
que D. Diogo de Noronha ſe tomou tanto,
como atrás fica dito no Capitulo VIII. do III.
Livro. E como elle deſejava muito de accreſ-
centar aquellas terras ao Eſtado da India,
porque todos os ſeus fardos, empregos, e
mercadorias foram ſolicitar ſempre, e ſonhar
com o ſerviço de ElRey, e augmentação
de ſeu Eſtado, como quaſi todos os Fidal-
gos daquella ſorte então faziam. Pelo que
nunca deixou de trazer intelligencias com o
Ithimitican, em cujo poder então eſtava
aquelle Rey, e com os Capitães do ſeu con-
ſelho, perſuadindo-lhe « que melhor lhe vi-
» nha poſſuir ElRey de Portugal aquella
» Cidade, que não o Abexim, que com el-
» la eſtava alevantado, e ſe hia fazendo
» mais poderoſo, e que por ventura por
» tempos não deixaria de aſpirar a ſe fazer
» Rey. »

» Rey. » E como D. Diogo de Noronha trazia isto na imaginação, tanto que D. Constantino chegou a Goa, logo lhe deo conta do estado em que aquellas cousas estavam, e do que sobre ellas tinha passado com o Ithimitican, persuadindo-o a ir sobre aquella Cidade, dando lhe pera isso muitas razões, mui vivas, e urgentes. D. Constantino como tinha já noticia do zelo de D. Diogo de Noronha, e de sua prudencia, e conselho, tomou aquelle de D. Diogo, e despedio recado ao Ithimitican, e aos mais do conselho de ElRey sobre aquelle caso, a que tambem escreveo D. Diogo de Noronha, a quem todos elles tinham grande respeito. Quem foi a isto, e como correo, não achámos informação certa; mas quem quer que fosse, elle tratou aquelle negocio por taes termos, que concedêram pera o Estado a Cidade de Damão com todos seus termos, e Tanadarias, de que lhe passáram logo hum formão em nome de ElRey de Cambaya, com que se mandou tomar posse della. Algumas pessoas dizem que já o Ithimitican tinha concedido este formão ao Governador Francisco Barreto, a quem (se assim foi) não queremos roubar o seu. E esta confusão fez não se achar este formão, e ser na India tudo o desta sorte perdido pelos descuidos que muitas vezes apontamos. E as-

aſſim nas couſas deſta qualidade não tem o Eſtado maior direito, que na poſſe em que eſtá. Em fim como quer que foſſe, depois do Viſo-Rey D. Conſtantino ter recado dos Regedores de Cambaya, poz em conſelho dos Fidalgos, e Capitães velhos aquelle negocio, e os mais delles foram de parecer, que pois ElRey livremente concedia a Cidade de Damão, que baſtava pera ir tomar poſſe della Antonio Moniz Barreto, que eſtava por Capitão de Baçaim, e que ſe eſcuſariam muitas deſpezas, que forçado ſe haviam de fazer, ſe quizeſſe ir em peſſoa.

Aſſentado iſto, eſcreveo o Viſo-Rey a Antonio Moniz Barreto « que ajuntaſſe a » gente que havia naquella Cidade, e ar» maſſe os navios que lhe pareceſſe, e que » foſſe tomar poſſe de Damão, mandando» lhe o traslado do formão juſtificado. Dado eſte recado a Antonio Moniz Barreto, ſe começou a fazer preſtes, e lançou eſpias em Damão, pera ſaber o modo de como aquella Cidade eſtava, de quem foi aviſado » que Cide Bofatá Abexim, que nella eſta» va, tinha mais de tres mil homens Abe» xins, e Turcos, e outros homens bran» cos; e que eſtava muito fortificado na Ci» dade, do que aviſou logo ao Viſo-Rey, » e lhe certificou que pera lançar dalli o Ci» de Bofatá era neceſſario todo o poder da

» In-

» India. » Com este desengano tornou o Viso-Rey ajuntar conselho, e nelle mostrou as cartas de Antonio Moniz Barreto, e mandou que sobre ellas votassem. D. Diogo de Noronha tomou a mão a fallar primeiro que todos, e disse « que lhe parecia muito bem » que fosse em pessoa áquelle negocio, pois » achára tão potente Armada no mar, como » era a que o Governador Francisco Barre- » to tinha feita prestes, e negociada, e os » almazens provídos de muitos mantimen- » tos, e munições, e que já agora a Cidade » de Damão era de ElRey de Portugal pe- » la concessão que della lhe fizera o de Cam- » baya, e que forçado se havia de ir tomar » posse della, como de cousa propria da » Coroa; e que estava certo o Cide Bofatá » como o visse sobre aquella barra largar » tudo, e despejar-lhe a Cidade; » e dizendo-lhe sobre isto tantas outras cousas, que não tão sómente todos os do conselho lhas provāram, mas se foram com elle. O Viso-Rey mandou logo fazer paga geral a todos, e prover a Armada de mantimentos, e despachou as náos pera irem tomar carga a Cochim, pera onde se foi tambem embarcar D. Luiz Fernandes de Vasconcellos na sua náo Santa Maria da Barca.

O Governador Francisco Barreto ficou em Goa, pera dalli se partir pera o Reino.

E porque a náo Garça, em que viera o Viſo-Rey D. Conſtantino, era de mil toneladas, a maior que até então ſe víra na carreira da India, e não havia em Goa carga baſtante pera ella, pedio Franciſco Barreto ao Viſo-Rey que déſſe aquella a João Rodrigues de Carvalho, pera ir tomar a carga a Cochim, e lhe déſſe a elle a de João Rodrigues, que era mais pequena, e já velha, por cauſa das muitas vezes que invernára naquella viagem, antes de chegar á India. O que o Viſo-Rey fez com facilidade, por ſer aſſim mais proveito da náo, e dar goſto a Franciſco Barreto, que o tinha de partir de Goa. Concertada a náo Aguia, (que tambem ſe chamava a Patifa,) começáram de a carregar, e metter nella os mantimentos neceſſarios pera a viagem; ſendo vinte de Janeiro do anno de mil quinhentos ſincoenta e nove, ſe fez Franciſco Barreto á véla da barra de Goa, com quem forão embarcados muitos Fidalgos, e cavalleiros a requerer ſatisfação dos ſerviços que tinham feito a ElRey, a quem foi ſempre dando meza; e aos que pudemos ſaber os nomes, são eſtes.

Jeronymo Barreto Rolim, irmão de Ruy Barreto Rolim da Pampulha, primo com irmão do Governador Franciſco Barreto; D. Diogo Lobo, ſobrinho de D. João Lobo;

Barão de Alvito; D. Affonſo Henriques caſado em Baçaim, parente de D. Jorge Henriques, Senhor das Alcaçovas; D. Franciſco de Moura, irmão de D. Rolim de Santarem; D. Filippe de Caſtro, filho de D. Rodrigo Hombrinhos, deſtes do Torrão; Manoel de Brito o Langará; Pedralvares de Mancellos, filho de Antonio de Mancellos, que morreo no ſegundo cerco de Dio no anno de mil quinhentos quarenta e ſeis; Manoel da Nhaya Coutinho, irmão de Diogo da Nhaya Coutinho, naturaes de Santarem, e muito parentes de Franciſco Barreto; Baſtião de Rezende, filho natural de Garcia de Rezende; Diogo de Vaſconcellos, collaço do Principe; Franciſco de Gouvea, e outros criados de ElRey, a que não ſoubemos os nomes. Eſta náo foi fazendo ſua viagem com ventos proſperos, e bonançoſos; e as outras partíram de Cochim no meſmo tempo, de cuja jornada adiante daremos razão, por tirarem agora por nós as couſas de Cananor.

CAPITULO IV.

De como os Mouros de Cananor se alevantáram de todo: e do que fez Luiz de Mello da Silva: e dos navios que mais lhe mandou o Viso-Rey D. Constantino: e da grande Armada com que partio pera Damão.

DEixámos as cousas de Cananor em começo de rotura com a nossa fortaleza, e desejosos os Mouros de se declararem de todo, e de lhe fazerem guerra, por satisfazerem a seus odios. E como a cousa era entendida dos nossos, não deixava Luiz de Mello ir soldado algum da sua Armada á Cidade dos Mouros, nem ainda sahirem das tranqueiras pera fóra, e por esta causa não se queria apartar de Cananor, porque já com os Mouros o verem alli, não se desavergonhariam tanto; mas tinha mandado tomar as bocas de alguns rios, onde se armavão navios de ladrões, com os navios da sua Armada, pera não poderem sahir a roubar. Estando as cousas neste estado, quiz a fortuna que succedesse chegar a Cananor huma fusta, que levava fato, e matalotagem de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que hia pera Cochim, e surgio fóra; e hum homem que nella hia, metteo-se em huma al-

madia, e foi-ſe á povoação dos Mouros, parecendo-lhe que a terra eſtava de paz, a ir comprar couſas pera a matalotagem. Os Mouros tanto que o vírão lá, lançárão mão delle, e o prendêram, do que logo foi aviſado Luiz de Mello, que eſtava na fortaleza; e embarcando-ſe nos navios, que alli tinha, ſe foi pôr defronte das caſas do Aderajao, (que eſtavam á viſta do mar,) e as esbombardeou á ſua vontade, fazendo-lhe muito damno, e matando-lhe no bazar muita gente. Os Mouros tanto que vírão aquillo, ajuntando-ſe perto de tres mil delles, ſahíram da Cidade, e foram com grandes gritas commetter as tranqueiras de fóra da fortaleza, que cércam o arrabalde, e com grande determinação tratáram de as cavalgar; ao que acudio D. Payo de Noronha com a gente que havia, e ſe poz em ſua defensão. Luiz de Mello lá aonde eſtava esbombardeando a Cidade, ouvio a grita, e matinada, e a artilheria da fortaleza, que começava a esbombardear o campo; e voltando pera a fortaleza, deſembarcou na praia com duzentos homens, e remettendo com os Mouros, travou com elles huma muito aſpera batalha, em que houve alguns mortos, e feridos; e por fim de razões, os noſſos apertáram com elles tanto, que os leváram de vencida, e os foram ſeguindo até a ſua

Ci-

Cidade, fazendo nelles grande estrago. E contentando-se Luiz de Mello com a vitoria, que lhe Deos tinha dado, se foi recolhendo a seu salvo pera a fortaleza. E logo despedio hum navio ligeiro com cartas pera o Viso-Rey, dando-lhe conta de tudo o que era passado: e de como a guerra ficava aberta, e declarada, pedindo-lhe mais navios, e gente pera lha poder fazer com mór cabedal.

Partido este recado, logo sobre a tarde (porque foi isto huma manhã cedo) chegou á fortaleza Coge Cemaçadim, e trouxe comsigo o homem de D. Luiz Fernandes, que os Mouros prendêram, que o Aderajao lhe mandou dar, e o entregou ao Capitão; mas não pode temperar os Mouros, nem apaziguallos, sobre o que trabalhou bem. Chegado o recado a Goa, estando o Viso-Rey já prestes pera se embarcar, e vendo as cartas, e o estado em que aquellas cousas estavam, ajuntou conselho, e praticou sobre o modo que se teria naquelle negocio; e não deixou de parecer a alguns « que seria necessario acudir elle com todo aquelle poder a Cananor, e ordenar aquellas cousas; » e deixar a jornada de Damão pera outro » tempo; porque se logo em principio não » atalhasse aquella guerra, poderia vir depois dar grande trabalho ao Estado. Mas » ou-

» outros forão de parecer que não deixasse
» a jornada de Damão, que era de muita
» importancia, porque pera as cousas de Ca-
» nanor bastava Luiz de Mello com qual-
» quer Armada, e mais gente que lhe man-
» dasse. »

Com esta resolução despedio seis, ou sete navios pera se irem ajuntar com Luiz de Mello, de que erão Capitães Manoel da Silveira em huma galeota Latina, Gomes Eannes de Freitas, hum Fidalgo das Ilhas Terceiras, Ruy Godinho de Cananor, Pero Godinho, e outros. E deste negocio fizeram culpa ao Viso-Rey D. Constantino dous homens, que não eram seus amigos, e lha deram em sua residencia, de não deixar a jornada de Damão, ficando Cananor de guerra, que foi o mór crime que se lhe poz, e em que elle teve menos culpa, porque tudo fez por conselho de Capitães velhos, e experimentados. E segundo depois o tempo mostrou, mais merecia pela jornada de Damão fazer-se-lhe mercê, que darem-lha por culpa. E deixando esta materia, tornemos aos navios que hiam de soccorro, que em breves dias chegáram a Cananor: e Luiz de Mello, que andava já no mar fazendo guerra aos Mouros, os espalhou pelas bocas dos rios principaes, assim pera defenderem que não sahissem cossairos a roubar, como

pe-

pera lhes tolherem os mantimentos, que era a mór guerra que ſe lhes podia fazer.

Partidos eſtes navios de ſoccorro de Goa, deſpachou o Viſo-Rey D. Conſtantino a D. Pedro de Almeida pera ir entrar na Capitanía de Baçaim, por ter já acabádo ſeu tempo Antonio Moniz Barreto. E eſcreveo áquella Cidade, e á de Chaul a jornada, pera que ſe ficava fazendo preſtes, pedindo aos moradores principaes o quizeſſem acompanhar com alguns navios, e mandou aos Officiaes que lá lhe tiveſſem negociados muitos mantimentos, e outras couſas neceſſarias pera a ſua Armada. E juntamente mandou alguns mercadores Gentios, homens de confiança, pera que foſſem eſpiar a Cidade de Damão, e o eſperaſſem em Baçaim, com o aviſo da gente que os abexins tinham, e do modo de como eſtavam fortificados. D. Pedro chegou em poucos dias a Baçaim, e tomou poſſe daquella fortaleza, e Antonio Moniz Barreto ſe foi pera Goa, onde foi mui bem recebido do Viſo-Rey por ſuas partes, e qualidades, e com ſua chegada começou o Viſo-Rei a embarcar-ſe, e entregou o governo ao Capitão da Cidade, que era D. Pedro de Menezes o Ruivo, de Cantanhede, porque Aleixo de Souſa Veador da fazenda era ido a Cochim a deſpachar as náos pera o Reyno. E pelas Oitavas do Natal

tal ſe fez o Viſo-Rey á véla com huma Armada de mais de cem navios, em que levava perto de tres mil homens, gente muito limpa, e luſtroſa, e os Capitães delles são os ſeguintes.

O Viſo-Rey no galeão S. Mattheus, de que era Capitão Pero Fernandes, Cavalleiro da Ordem de Sant-Iago, Meſtre das Ferrarias de Goa, grande Engenheiro; D. Diogo de Noronha o Corcós no galeão Sant-Iago; D. João de Taíde no galeão S. Thomé; Gonçalo Falcão no galeão S. Sebaſtião; Pantaleão de Sá no galeão S. Franciſco; D. Alvaro da Silveira no outro galeão Sant-Iago Maior; Pero Barreto Rolim no galeão Santa Cruz; Jorge da Silva Correa, a que chamão o Chorão, no galeão S. Boaventura; Martim Affonſo de Miranda no galeão Roſario; Alvaro Paes de Sotomaior em outro galeão S. Thomé; D. Martinho da Cunha, Manoel de Vaſconcellos o Velho, Fernão de Souſa de Caſtello-branco, Filippe Carneiro de Alcaçova, Henrique de Vaſconcellos, João de Mello, João Pereira, Manoel de Mello da Cunha, Fernão de Noronha, Diogo Pereira, e André de Souſa em caravellas redondas, e Latinas; Antonio Moniz Barreto em huma galé, que não quiz o Viſo-Rey levar mais por cauſa da chuſma; e não quiz tomar os eſcravos dos mo-

ra-

radores, como alguns Viſo-Reys fizeram. Tudo o mais foram galeotas, e fuſtas, de que não fazemos diſtinção, por eſcuſarmos prolixidade, cujos Capitães erão: Inofre do Soveral de huma galeota Latina grande de dous baileos, que o Viſo-Rey levava pera ſe paſſar a ella, Ayres Telles de Menezes, D. Vaſco de Taíde, D. Leoniz Pereira, D. Diogo de Taíde, D. Lourenço de Souſa, D. Franciſco Henriques, D. João Coutinho, Alvaro Pires de Tavora, André de Souſa, João Lopes Leitão, Chriſtovão Pereira Homem, Triſtão de Souſa de Guſmão, Triſtão Vas da Veiga, Jorge de Mello de Sampayo, o Pantufo, Triſtão de Souſa, filho de Martim Affonſo de Souſa, Diogo de Miranda de Azevedo, Ruy de Mello Pereira, Jorge de Mello de Caſtro, Diogo Juzarte Tição, Antonio de Abreu, João de Mello, Jorge de Moura, Pero de Meſquita, Henrique Jaques Ouvidor geral, Balthazar da Coſta, Luiz de Aguiar, Coſmo Faya, João Marrão Feitor da Armada, Gonçalo Guedes de Reboredo, Manoel Travaſſos, Antonio de Sá, Manoel Pinto, André Coelho, Fernão de Carvalho, Damião Furtado, Gaſpar Pacheco, e outros muitos, a que não achámos os nomes.

Com toda eſta Armada foi o Viſo-Rey tomar Chaul em poucos dias, e foi mui

bem

bem recebido da Cidade, e de Garcia Rodrigues de Tavora, que eſtava alli por Capitão, e achou já alguns navios preſtes pera o acompanharem. E depois que alli deo ordem a algumas couſas, paſſou a Baçaim, onde proveo em outras; e tomando alli mantimentos, e outras couſas neceſſarias, foi ſurgir ſobre a Cidade de Damão, da banda de fóra com toda a Armada, que encheo aquelle mar, e aſſombrou a Cidade, e a todos os que a víram.

CAPITULO V.

Da ordem que o Viſo-Rey teve na deſembarcação da Cidade de Damão: e de como Cide Boſatá a deſpejou, e ella foi entrada.

JÁ o Viſo-Rey levava aviſo do ſitio, e fortificação da Cidade, e poder dos Abexins pelas eſpias que adiante tinha mandado, que achou em Baçaim, pelo que vinha determinado a logo deſembarcar, e pera iſſo mandou a D. Diogo de Noronha que foſſe em alguns catures ligeiros a ſondar a entrada da barra; o que elle fez, levando comſigo o Patrão mór da ribeira, e o Piloto mór da Armada; e entrando o rio, eſteve muito devagar notando o modo da fortificação, e dos fortes que os Abexins tinham

fei-

feito pera defensão da barra, que estavam de feição, que a Armada não poderia entrar sem grande risco, posto que o rio era capaz de vasilhas de trezentas até quatrocentas toneladas, mas muito estreito, e que forçados os navios haviam de surgir debaixo dos fortes, e da sua artilheria.

E primeiro que passemos daqui, daremos razão do que hia na Cidade, e da sua fortificação. Estavam dentro nella Cide Bofatá, Cide Rana, e Carnabec, tres Abexins principaes, e cabeças de todos os que andavam no Reyno de Cambaya, que eram mais de quatro mil; que tanto que o Viso-Rey se fez prestes em Goa pera aquella jornada, logo foram avisados disso. Pelo que com muita pressa mandáram fazer alguns fortes na ponta da barra sobre o Canal, e os guarnecêram de muita artilheria, e munições; e a fortaleza, que era de adobes quadrada, renováram, repairáram, e provêram de muitos mantimentos, e munições, e recolhêram dentro tres mil Abexins, homens muito determinados, porque determinavam de se defender do Viso-Rey; porque entendiam que ainda que lhes puzesse cerco, não poderia durar mais que tres mezes, e que em Abril forçadamente se havia de recolher, e pera todo este tempo estavam bastantemente providos do necessario. Mas agora ven-

vendo a potencia daquella Armada, a grandeza daquelles galeões, que pareciam montanhas ſobre o mar, perdêram o animo de todo, e tratáram de não eſperar aquelle poder, começando a deſpejar a Cidade, e paſſar ſuas mulheres, e joias á outra banda. E os moradores della de fóra, que eram muitos, e proſperos, e de muitos officiaes de toda a mecanica, tambem ſe puzeram em ſalvo, por não eſperarem aquella furia. D. Diogo de Noronha, tanto que vio, e notou tudo muito bem, e á ſua vontade, tornou-ſe ao Viſo-Rey; e preſentes os Fidalgos, e Capitães velhos, e do conſelho, lhes deo relação do que víra, e notára, ſobre o que lhe mandou o Viſo-Rey que votaſſe ſobre o modo que ſe teria na deſembarcação da Cidade; o que elle fez largamente com muitas razões, concluindo « que lhe parecia me- » lhor deſembarcar na coſta brava, porque » em tempo de terrenhos eſtava quieta, e » manſa; e ſe commetteſſem a entrada da » barra, arriſcava-ſe a lhe metterem alguns » galeões no fundo, e a lhe matarem muita » gente; o que ſeria cauſa, poſto que ſe to- » maſſe a Cidade, de lhes ficar a vitoria » menos formoſa. » Sobre iſto votáram todos, e os mais concordáram com elle, aſſentando todos que o Viſo-Rey ficaſſe no mar com toda a Armada; e que tanto que viſſe

ſo-

ſobre a fortaleza alevantada huma bandeira das noſſas, entraſſe pelo rio dentro.

Concluido iſto, ordenou o Viſo-Rey que deſembarcaſſem ſinco Capitães com dous mil homens, e que eſtes foſſem D. Diogo de Noronha, que havia de levar a dianteira, pera quem ſe paſſáram a mór parte dos Fidalgos, e Aventureiros, Antonio Moniz Barreto, Martim Affonſo de Miranda, Pantaleão de Sá, e Pero Barreto Rolim.

Negociadas as couſas neceſſarias pera a deſembarcação, que havia de ſer a dous de Fevereiro, dia da Purificação de noſſa Senhora, por ſer tão aſſignalado, paſſáram-ſe os Capitães, que haviam de deſembarcar, a navios pequenos, e aos batéis dos ſeus galeões, e commettêram a terra antre a Cidade, e o rio de Calaim pera Damão, hum tiro de camelo da fortaleza; e na parte que cada hum pode tomar, deſembarcou, levando D. Diogo ordem pera tomar primeiro a Cidade de fóra, por lhe não ficar nas coſtas, e que depois foſſe demandar a porta da fortaleza, que hia pera a banda do Sertão, porque ſe lhe havia de abrir, por ter o Viſo-Rey pera iſſo intelligencias com certas peſſoas de dentro, que eſtavam mui bem peitadas. O primeiro que poz os pés em terra foi Pero Barreto Rolim, e poz logo ſua gente em ordem com ſua bandeira deſ-

en-

enrolada, e ao ſom de tambores, e pifaros começou a marchar pera a Cidade. D. Diogo de Noronha deſembarcou hum Rouco abaixo; e como via que Pero Barreto Rolim hia já marchando ſem eſperar por elle, ficou hum pouco pejado, e depois de pôr a ſua gente em ordem, foi atraveſſando humas hortas que alli eſtavam, o que tambem fizeram os mais Capitães. Pero Barreto Rolim poſto que ſe adiantou, tanto que paſſou o areal, e deo no caminho corrente, que hia pera a Cidade, ſe foi detendo, e eſperando por D. Diogo de Noronha, que já vinha perto delle; e antes de chegarem á Cidade, ſe ajuntáram todos, e a entráram ſem acharem peſſoa viva; e atraveſſando por ella, não deixando os ſoldados de levar algumas couſas nas mãos, do que pelas caſas acháram, (porque com a preſſa deixáram ſeus moradores alguma roupa,) Pero Barreto foi paſſando até deſcubrir a fortaleza, donde lhe atiráram algumas bombardadas, que deram antre os noſſos, ſem lhes fazer damno algum. O Cide Bofatá, e os Abexins, que com elle eſtavam, ſempre eſtiveram com tenção de ſe defenderem em quanto pudeſſem; e quando viſſem o feito mal parado, recolherem-ſe de noite. Mas quando vio o poder do Viſo-Rey ſobre ſi, e a determinação dos noſſos, logo deſconfiou, e ainda

ſe

ſe acabou de haver por perdido, quando lhe diſſeram que o Viſo-Rey tinha intelligencias com certas peſſoas dentro na fortaleza; e fazendo brevemente peſquiza, ſoube ſerem huns ſinco, ou ſeis companheiros, Purcias de nação, homens de cavallo muito nobres; e havendo-os ás mãos, lhes mandou cortar as cabeças, e logo deſpejou a fortaleza, e ſe paſſou á outra banda, indo já as noſſas bandeiras perto da fortaleza. D. Diogo de Noronha foi aſſim concertado a demandar a porta, que o Viſo-Rey lhe tinha dito, e onde as eſpias o hiam encaminhando; e pouco antes de chegar a ella ſe adiantou D. Manoel Rolim, que hia na companhia de Pero Barreto Rolim com alguns companheiros, e chegando á porta, a achou aberta; e entendendo que eſtava deſpejada, entrou dentro, e ſe ſubio a hum cubello, e arvorou ſobre elle hum guião que levava. D. Diogo de Noronha chegou á porta da fortaleza; e vendo-a aberta, e ſabendo eſtar já D. Manoel Rolim dentro, encoſtou a ſua bandeira á porta da banda de fóra, ſem querer entrar dentro por cortezia do Viſo-Rey, que já vinha entrando pela barra, por ver ſobre o cobello o guião arvorado, e que lhe capeavão com elle; e ſurgindo defronte da fortaleza, a ſalvou com toda a artilheria, e o meſmo fizeram os galeões que ficá-

cáram fóra. D. Diogo de Noronha foi demandar a praia por derredor da fortaleza, por não entrar nella primeiro que o Viso-Rey, e chegou a tempo, que já vinha desembarcando em collos de homens : vinha armado em humas ricas armas brancas, e com huma gorra na cabeça com muitas plumas; e como era homem grosso, vinha affrontado, e pejado. D. Diogo de Noronha chegou a elle, e levando-o nos braços com grande cortezia, o gabou de gentil-homem, dizendo-lhe « que estava descontente, » porque aquella Cidade custára tão pouco, » pelo alvoroço que todos levavam de pro- » var a mão nos inimigos, e á sua sombra » mostrarem o valor costumado de suas for- » ças, e pessoas; mas que tudo aquillo nas- » cia da sua grande ventura, porque se po- » dia dizer que só com sua sombra vencêra, » e desbaratára aquelles Capitães; e que pois » assim era, se desarmasse, e desaffrontasse » pera ir tomar posse daquella fortaleza. » D. Constantino com o rosto muito alegre, e rizonho lhe respondeo com palavras muito cortezans, e honradas, não lhe faltando tambem pera todos os outros Capitães, e lhe pedio que o deixasse ir assim armado, porque levava disso gosto. E assim rodeado de todos, entrou na fortaleza ao som de grandes salvas de artilheria, e arcabuzaria,

que

que efpantou os inimigos, que eftavam da outra banda vendo aquelle terror. Levava o Vifo-Rey diante de fi a bandeira de Chrifto, e hum devoto, e formofo Crucifixo arvorado em huma haftea, que levava nas mãos o P. Fr. Belchior de Lisboa, Cuftodio dos Frades Menores. O Vifo-Rey tanto que fe vio dentro na fortaleza, poz ambos os giolhos em terra, e deo muitas graças, e louvores a Deos noffo Senhor por aquella mercê, imitando naquillo ao Duque de Bragança D. James feu pai, quando tomou a famofa Cidade de Azamor aos Mouros. Feito ifto, mandou logo benzer a fortaleza, e lhe poz nome *N. Senhora da Purificação* em louvor daquelle tão celebrado dia, em que a tomou, e logo mandou recolher a artilheria, que os inimigos tinham nas tranqueiras de fobre a barra, que era muito formofa, e deitou efpias pera faber dos inimigos. Efta noite dormio o Vifo-Rey na fortaleza com grandes vigias, e os Capitães das bandeiras fóra no campo em lugares feparados com tanta ordem, que ainda que os inimigos os quizeffem commetter, lhes não pudeffem fazer damno.

CAPITULO VI.

Das cousas, em que o Viso-Rey D. Constantino proveo: e das inquietações que os Abexins deram aos nossos: e de como o Viso-Rey mandou Antonio Moniz Barreto a dar nelles: e da grande vitoria que alcançou: e quem he o Rey do Sarzeta, e que cousa são Choutos.

TAnto que Cide Bofatá se sahio da fortaleza, se passou á outra banda de Couleca; e em Parnel, duas leguas de Damão, assentou seus arraiáes. Dalli com dous mil de cavallo sahiam todas as noites a inquietar os nossos, e mettellos em revoltas, travando-se algumas escaramuças, em que houve algum damno. Tantas vezes continuáram isto, e assim atormentáram os nossos, que tratou o Viso-Rey de os mandar lançar fóra das terras; porque além das inquietações que lhes davam, deixavam de acudir os naturaes a povoar a sua Cidade, porque logo o Viso-Rey mandou pelas aldeas lançar pregões, e publicar grandes seguros, e liberdades a todos os que se tornassem pera suas casas, e já começavam a acudir muitos, que logo eram roubados, e maltratados dos Abexins. E pondo o Viso-Rey estas cousas em conselho, se assentou « que pera lança-
» rem

» rem os inimigos fóra das terras, era ne-
» cessario gente de cavallo; que seria bom
» mandar chamar D. Pedro de Almeida Ca-
» pitão de Baçaim com toda a gente que
» houvesse naquella Cidade, e suas Tana-
» darias pera aquelle effeito. » Sobre o que
logo o Viso-Rey lhe escreveo, mandando-
lhe « que com muita pressa se viesse pera
» elle por via de Manorá, porque todos os
» dias acharia pelo caminho aviso do que
» havia de fazer, e da paragem em que os
» inimigos estavam. »

Partido este recado, porque os Abexins
andavam muito affoutos, e não desistiam dos
assaltos, determinou o Viso-Rey de mandar
dar nelles, sem esperar por D. Pedro de
Almeida; porque deixava de prover em mui-
tas cousas por causa daquellas inquietações,
e quasi todos os do conselho affirmavam
que sem dous mil homens se não poderiam
commetter aquelles Capitães. Vendo Anto-
nio Moniz Barreto a determinação do con-
selho, levantou-se em pé, e disse ao Viso-
Rey « que lhe désse quinhentos homens,
» que elle iria buscar os Abexins, e que
» com o favor Divino se atrevia aos lan-
» çar fóra das terras sem risco, nem perigo
» algum. » Vendo o Viso-Rey aquella con-
fiança, (como tinha delle grande opinião
pela experiencia que de si tinha dado em

muitas cousas,) lhe concedeo a jornada com palavras de muita honra, e logo lhe nomeou os Capitães que o haviam de acompanhar, que eram os seguintes: D. Lourenço de Sousa, D. Diogo de Sousa seu irmão, que he Commendador da Ordem de S. João, e Balío de Acre; D. Diogo Pereira, filho do Conde da Feira: João Lopes Leitão, Jorge de Moura, collaço do Principe D. João, Tristão Vaz da Veiga, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros, que pera isso se offerecêram.

Prestes Antonio Moniz Barreto, e aviadas todas as cousas necessarias pera a jornado, se despedio do Viso-Rey, que lhe deitou muitas bençãos, e disse muitas palavras de louvores; e passou-se da outra banda sobre a tarde, e se aposentou antes de Couleca, onde passou a mór parte da noite, e no quarto d' alva começou a marchar em muíto boa ordem pera Parnel, onde as espias deixáram os inimigos. E como a noite era muito escura, e elles caminhavam ás surdas, por não serem sentidos, quando foi ao romper da alva, chegou Antonio Moniz Barreto á vista dos inimigos com perto de cento e vinte homens, porque os mais se perdêram pelos caminhos. E vendo que se os inimigos o vissem com tão pouca gente, e o commettessem, forçado se havia de perder, disse a to-

todos os companheiros: « Senhores, ſegui-
» me, porque na preſſa com que dermos neſta
» gente, eſtá noſſa ſalvação; » e arrancando
com grandes gritas, appellidando *Sant-Iago*,
tocando-ſe trombetas, e tambores, (que fa-
ziam hum grande eſtrondo,) deo em os
inimigos tão de ſobreſalto, que primeiro
que ſe ſoubeſſem determinar, perdêram mui-
tos as vidas. Cide Bofatá, e os mais Capi-
tães ouvindo o eſtrondo, e a grita, pare-
cendo-lhes que era todo o poder do Viſo-
Rey, (porque ainda era o ar pardo, e não
terem eſpias ſobre os noſſos,) ſem tomarem
determinação alguma, cavalgáram á mór
preſſa, e ſe foram ſahindo do exercito, fi-
cando Antonio Moniz Barreto ſenhor delle.
E logo em amanhecendo chegáram todos
os mais da ſua companhia, que todo aquel-
le quarto caminháram apreſſados, e com
grande trabalho pela eſcuridão da noite,
que ao ſom das trombetas, e da arcabuza-
ria, parecendo-lhes o que era, foram atinan-
do, e com ſua chegada ficáram todos deſa-
livados; e Antonio Moniz Barreto mandou
ſaquear o exercito, em que ficou toda a ba-
gagem, e ordenou a artilheria, e a fez leſ-
tes, pera ſe os inimigos o tornaſſem accom-
metter, o achaſſem fortificado. Os Abexins
foram-ſe recolhendo ſem verem de que, e
puzeram-ſe ſobre hum tezo até amanhecer.

E

E tanto que os raios do Sol defcubríram todo o campo, que elles víram os noſſos ſenhores do ſeu exercito, e o pouco poder que tinham, arrebentáram pela ſerra abaixo com grandes alaridos, e foram commetter os noſſos, que já eſtavam preſtes, e fortificados debaixo de hum Mangueiral, onde o ſeu exercito eſtava; e deſparando nelles aquella carga de artilheria, como os tomáram apinhoados, fizeram nelles hum grande eſtrago. E todavia paſſando com aquella furia adiante, chegáram a travar com os noſſos huma muito aſpera batalha, em que a noſſa eſpingardaria fez grande lavor. Antonio Moniz Barreto, e os mais Capitães, apreſentados diante de todos, fizeram-ſe bem conhecer dos inimigos; e tanto apertáram com elles, que os arrancáram do campo desbaratados de todo, moſtrando bem o goſto com que pelejavam. Vendo Antonio Moniz Barreto a mercê, que lhe Deos fizera, quiz ſeguir a victoria, pera os acabar de todo; e aſſim arrebentando apôs elles, lhes foi ſeguindo o alcanço, em que ſe affirma perderem-ſe mais de quinhentos dos inimigos.

Satisfeito Antonio Moniz Barreto da vitoria, por não canſar os ſeus, ſe tornou ao exercito, que eſtava com todo o ſeu recheio, e nelle achou trinta e ſeis peças de artilheria

de

de campo, e muitos carros carregados de moedas de cobre, que chamam Jelallas, que o Cide Bofatá tinha arrecadado dos rendimentos das aldeas, e alguns cavallos prezos, que ſeus donos deixáram com a preſſa, e toda a mais bagagem, que era huma ſomma grande de couſas, em que os noſſos ſoldados ſe ceváram bem. Vendo Antonio Moniz Barreto que não tinha já alli mais que fazer, (por lhe terem as eſpias dito que os Abexins eram eſpalhados, e recolhidos pela terra dentro,) formou hum formoſo eſquadrão, e recolhendo no meio delle toda a artilheria, e toda a mais bagagem do exercito, foi marchando em muito boa ordem pera Damão com alguns feridos, em que entrava D. Pedro de Souſa, que depois foi Capitão de Goa, e Çofala. E paſſando o rio á outra banda da fortaleza, o eſperou o Viſo-Rey na praia, onde o recebeo com muitas honras, e palavras de muitos louvores de todos. E mandou curar os feridos com muito reſguardo, e elle em peſſoa foi viſitar D. Pedro de Souſa a ſua caſa, porque os Viſo-Reys, e Governadores não eram naquelles tempos tão ſobre ſi, e tão fechados, como depois foram, porque ſe prezavam muito de Capitães, e ſoldados.

Sabendo o Viſo-Rey que os Abexins eram ſahidos das terras, começou a tratar das

das cousas, que cumpriam á povoação, e fortificação daquella Cidade, e a começou a cercar de vallos muito grossos, e altos com tranqueiras de madeira, e hervas leiteras, ao que se deo muita pressa, porque acudíram das aldeas vizinhas muitos trabalhadores pera isso; e o em que se mais occupou, foi em trabalhar com os naturaes que se tornassem pera suas casas, concedendolhes pera isso largos favores, e privilegios, e acudíram os de Caes das Parganas, que são cabeças das Comarcas, (que isso quer dizer Pargana,) e lhe trouxeram os foraes antigos das terras, e aldeas, pera por elles saber o que ellas rendiam, pera se arrecadarem seus rendimentos.

E sabendo o Viso-Rey D. Constantino que o Rey do Sarzeta vivia no Sertão daquellas terras, e que ellas lhe pagavam hum certo foro, mandou-lhe seguros, e privilegios pera os poder arrecadar, assim como o fazia no tempo dos Gentios, e Mouros, por huma doação muito antiga, que os Reys de Cambaya disso lhe tinham feito.

E porque será bom darmos a conhecer este Rey Gentio, e declararmos que fóros eram estes, a que elles chamavam Choutos, porque nem todos o sabem, o faremos aqui, porque nos cabe muito bem. Pelo que se ha de saber, que ha mais de quatrocentos an-

nos

nos que descêram desse Sertão debaixo do Norte grandes exercitos de Gentios, chamados Resbutos, homens que professavam as armas, e por ellas se fizeram muitos tempos senhores de todo o Turquestão, e da mór parte do Industão. Estes parece que vindo fogindo dos Tartaros, e Magores, quando descêram a conquistar aquellas Provincias, como no fim da IV. Decada dissemos no III. Capitulo do X. Livro, e parando naquella parte do Guzarate, que achắram povoada de Gentios Guzarates, que são os mais fracos, e affeminados de todos os do Oriente, houve pouco que fazer em os conquistar, e senhorear, e os lavradores de toda aquella Provincia se concertáram com elles, que os deixassem lavrar, e grangear suas terras pacificamente, que lhe pagariam de cada quarto hum: este foro em sua lingua se chama Choutá, e nós corruptamente lhe chamamos Choutos. E vindo depois os Mouros a conquistar o Reyno de Cambaya, (como nas nossas Decadas fica dito,) repartíram por tempos suas terras aquelles Reys com alguns parentes seus, que lhe ficáram vassallos, e hum delles foi este Rey do Sarzeta, a cujos avós o pai de Soltão Bahdur deo aquellas terras do Sertão de Damão, que são montuosas, seccas, e escaldadas, de muitos matos de bambuaes asperissimos, e

e da mais, e melhor madeira que no mundo ha, que he a teca, a fóra outras muitas sortes della, que tem sustentado a India até hoje, e sustentará sempre; porque todas as vasilhas de náos galeões, caravellas, galés, fustas, e todas as mais, assim de Mouros, como de Gentios, depois que entrámos na India até agora, tem sahido destes matos que são insacaveis. E o que he ainda mais pera espantar, que parte, em que córtão huma arvore de teca, nunca já mais nasce outra, porque logo se sécca a raiz; mas arrebentão outros filhos perto por outras partes, donde se póde inferir a grandeza de seus matos. E tornando a estes Reys do Sarzeta, que sempre foram Gentios, da posse destas terras, e destes fóros até Soltão Bahdur dar as terras de Baçaim ao Governador Nuno da Cunha, com condição que ficaria o Rey do Sarzeta comendo as terras, que lhe estavam dadas, com seus fóros. E não querendo o Viso-Rey innovar cousa alguma neste negocio, concertou-se com este Rey, que ficasse na posse em que estava; mas que se obrigaria a defender as terras da jurdição de Damão dos ladrões que as vinham a roubar.

Feito este concerto, começou o Viso-Rey a querer afforar as aldeas aos Portuguezes pera ficarem povoando aquella Cidade,

de,

de, entrando niſto com grandes liberdades; mas como todos haviam que ſe não poderiam aquellas terras ſuſtentar ſem grande riſco, e trabalho, pela vizinhança que tinham com Surrate, donde lhe poderia cada dia correr gente, houveram o negocio por duvidoſo, e poucos houve que quizeſſem afforar as aldeas; e os que as acceitáram, foi com neceſſidade por ſerem caſados pobres, a quem o Viſo-Rey favoreceo nos fóros; e todavia poz-lhes obrigação de terem cavallos. E por ſerem poucos os Portuguezes que aqui quizeram acceitar aldeas, as afforou o Viſo-Rey a Abexins Chriſtãos, por ficarem alli pondo-lhes obrigação de terem eſpingardas. E porque duas Parganas, ou Comarcas de Damão chamadas Poari, e Bauticer, que eſtavam mais chegadas a Baçaim, que eram das maiores, e melhores de todas, não era poſſivel arrendarem-ſe pera ElRey, não ſendo a Villa de Balſar ſua, determinou por conſelho de alguns de a ir tomar, e fazer nella huma fortaleza pera ſegurança de todas aquellas terras de Damão; e porque tambem por tempos ſe poderia dalli paſſar adiante, e lançar mão da fortaleza de Surrate, com que ficaſſem todas aquellas Comarcas debaixo de noſſa chave. Com eſta imaginação andava o Viſo-Rey D. Conſtantino, quando chegou D. Pedro de Almeida com cen-

cento e ſincoenta de cavallo, que com o recado que lhe deram do Viſo-Rey, começou a negociar ſua partida, e logo ſe poz em campo com toda eſta gente, e em ſua companhia huns Gentios chamados os Poſagis, que viviam em humas aldeas pegadas a Baçaim, que quando ElRey de Cambaya deo aquellas terras ao Governador Nuno da Cunha, ſe offerecêram a elle por vaſſallos, e elle lhes paſſou diſſo carta com obrigação que acudiriam com gente de cavallo todas as vezes que foſſem neceſſarios pera defensão das terras de ElRey de Portugal, o que elles ſempre cumpríram muito bem. Eſtes acudíram com doze, ou quinze de cavallo, e muitos ſervidores de pé com ſuas tendas de campo, achando-ſe ſempre nelles muito amor, e lealdade.

Partido D. Pedro de Almeida de Baçaim por via de Manorá, foi recolhendo alguma gente da terra da que podia pelejar, e aſſim levou todos os Portuguezes que havia de pé, de que fez Capitão D. Luiz de Almeida ſeu irmão. Ao paſſar do rio, que divide as terras de Baçaim das de Damão, que hiam vadeando com a agoa pelo giolho, indo diante hum Padre de S. Franciſco com hum Crucifixo alevantado em huma haſtea, ſem ſe bullir, nem haver occaſião alguma, cahio o Crucifixo de ſima no meio do

do rio, ao que acudio o Capitão D. Pedro de Almeida; e o Padre muito alegre lhe disse: « Alegria, Senhor, que já estas aguas » ficam santificadas pera nellas se poder bau- » tizar toda esta gentilidade. » E assim foi, porque até então daquelle rio por diante não havia Christandade alguma, nem naquellas terras bravias tinha ainda chegado o arado de Christo; mas de então pera cá cresceo pela bondade de Deos tanto esta sementeira do grão do santo Evangelho, que ha hoje por todas aquellas terras mais de trinta mil Christãos. Aqui em Manorá se foi offerecer a D. Pedro de Almeida hum irmão do Rey dos Colles, que vivia naquelle Sertão de Baçaim em matos mui fechados, e serras, e passos muito estreitos, e difficultosos, (de quem em outra parte daremos mais particular razão.) Este homem trazia dez, ou doze de cavallo, e perto de cem piães, com que se vinha offerecer pera aquella jornada, ou fosse por temor, ou por interesse, porque por amor, e bondade nada disto ha nelles. D. Pedro de Almeida o agazalhou muito bem, e o levou comsigo até Damão, e o Viso-Rey recebeo bem a todos, fazendo-lhes muitas honras, e os mandou agazalhar fóra no campo: o que elles fizeram ao longo de hum formoso tanque, onde estiveram muito bem por causa

dos

dos cavallos, que tinham alli aguas, e pastos em abastança.

CAPITULO VII.

De como o Viso-Rey D. Constantino mandou D. Pedro de Almeida a Balsar, e elle foi após elle, e do que lhe lá aconteceo: e da Armada que mandou ao Estreito, de que foi por Capitão mór D. Alvaro da Silveira: e das cousas em que mais proveo em Damão até se partir pera Goa.

COmo o Viso-Rey D. Constantino desejava de engrandecer a Cidade de Damão, e segurar todas suas aldeas, pera que se pudessem arrecadar seus fóros pera a fazenda de ElRey, havendo (como atrás dissemos) que era pera isso necessario possuir Balsar, que era seis leguas de Damão, e haver alli hum forte com guarnição, pera que os inimigos se não mettessem no meio, tratou com os Capitães do conselho sua determinação, e de alguns foi contrariada, principalmente de D. Diogo de Noronha, que affirmou « não se poder sustentar; por» que a parte, em que os Mouros tinham » a sua fortaleza, era mais de huma legua » do mar pelo Sertão dentro; e que a gen» te que nella ficasse sempre estaria arrisca» da, por não ser possivel soccorrer-se por » mar,

» mar, nem por terra, e que não ferviria
» de mais, que de inquietação, rifco, e def-
» pezas. Que nem todas as coufas fe faziam
» logo juntas, que o tempo as iria difpon-
» do, pera que depois fe lançaffe mão, não
» fó de Balfar, mas ainda de Surrate, e
» que por entretanto fe trataffe de fuftentar
» Damão, e as Tanadarias de fua jurdição,
» que era coufa grande.» Mas por fima dif-
to, e de outros inconvenientes que fe apon-
táram, não defiftio o Vifo-Rey de fua opi-
niam; e lançando efpias fobre os Abexins,
foi avifado que eram efpalhados pelo Reyno
de Cambaya, e que Balfar eftava com mui-
to pouca gente. Com efte recado defpedio
D. Pedro de Almeida com regimento, que
partiffe com fua gente pera Balfar, e fe
metteffe naquella fortaleza; e que como lá
eftiveffe, o avifaffe pera logo fer com elle.
D. Pedro de Almeida fe paffou á outra ban-
da com fó a gente que trouxe de Baçaim;
e efpalhada a nova daquella jornada pelos
foldados, achando que feria de proveito,
e honra, pelas prezas que houveram os que
foram com Antonio Moniz Barreto, come-
çáram-fe a paffar poucos e poucos, e fo-
ram-fe pera D. Pedro de Almeida mais de
quinhentos delles. Como D. Pedro de Al-
meida não levava provimentos pera tanta
gente, mandou recado ao Vifo-Rey, que lo-
go

go ſe paſſou da outra banda , e ſe foi ver com elle , e aſſentou que foſſem todos , e fez ſeu Capitão mór D. Luiz de Almeida, irmão do meſmo D. Pedro de Almeida, mandando-lhes trazer alguns provimentos; e deſpedindo-o logo , foi elle caminhando com muita regra na boca até chegarem a Balſar , ſem acharem reſiſtencia alguma ; porque os da Villa, e fortaleza, tanto que tiveram as novas dos noſſos , logo largáram tudo , e D. Pedro ſe metteo na fortaleza ſem contradicção alguma, e deſpedio logo recado ao Viſo-Rey do que era paſſado. E aquella meſma noite chegou huma fuſta , que o Viſo-Rey deſpedio carregada de mantimentos , que ſe repartíram por todos. Tanto que deram ao Viſo-Rey recado de D. Pedro de Almeida, logo ſe poz ao caminho com os Capitães , e gente que lhe pareceo baſtavam, e no meſmo dia chegou á fortaleza , e nomeou por Capitão della Alvaro Gonçalves Pinto, irmão do Corregedor Manoel de Almeida, muito bom cavalleiro, e que tinha dado de ſi muitas moſtras de ſer eſte, e lhe deo cento e vinte ſoldados , e alguns piães da terra , e perto de vinte de cavallo , e deixou-lhe todas as munições, provimentos , e dinheiro neceſſario pera a paga dos ſoldados ; e mandou renovar a fortaleza, que era de adobes, e guarneceo

de

de algumas peças de artilheria das que Antonio Moniz Barreto tomou aos Abexins.

Feito isto, partio-se o Viso-Rey pera Damão, e foi pelas Parganas, Bouticer, e Poari, onde mandou apregoar seguros Reaes, pera que seus naturaes as tornassem a povoar, e grangear, sem se lhes innovar cousa alguma em seus foraes. Chegado o Viso-Rey a Damão, e ordenadas as cousas daquella fortaleza, como lhe pareceo pera sua segurança, e quietar as terras, e seus moradores, (que começáram acudir ás suas grangearias,) ordenou de mandar huma Armada ao Estreito de Meca, porque lhe vieram novas que em Mocá se faziam prestes as galés do Cafár pera sahirem fóra: e elegeo pera esta jornada D. Alvaro da Silveira, filho do Conde de Sortelha, e lhe nomeou dous galeões, e dezoito navios de remo, e o fez á vela a quinze de Fevereiro, dando-lhe por regimento « que trabalhasse » por queimar as galés que estavam em Mo» cá, e que esperasse as náos do Achem, » e as tomasse; e que como se lhe acabasse » a monção, fosse invernar a Mascate, e » recolhesse as náos de Ormuz, que haviam » de partir em Outubro, e lhe viesse dando » guarda, porque se receava do Cossairo » Cafár. »

Os Capitães, que foram nesta jornada, são

são os ſeguintes. Nos galeões, em hum foi o Capitão mór, e no outro Pero Peixoto da Silva. Das fuſtas foram Alvaro Pires de Tavora, D. Lourenço de Souſa, Jorge de Mello de Sampayo, o Pantufo, Jorge Pereira Coutinho, Diogo de Miranda de Azevedo, D. Vaſco de Taíde, irmão de D. Luiz de Taíde, que depois foi Conde de Atouguia, e Viſo-Rey da India, D. João Gonçalves, hum João de Mendoça da Ilha da Madeira, Ayres Gomes da Silva, irmão de Fernão Telles de Menezes, que foi Governador da India por morte de D. Luiz de Taíde, Baſtião de Souſa de Abreu, Gil de Goes de Lacerda, Fernão Farto, Inofre do Soveral, e outros, a que não achámos os nomes; e dada á véla, foram ſeguindo ſua jornada, de que adiante daremos razão. O Viſo-Rey ficou dando ordem ás couſas da fortaleza de Damão, e nomeou por Capitão della a D. Diogo de Noronha, e lhe aſſignou mil e duzentos homens com ſinco Capitães pera lhes darem mezas. Eſtes foram Ruy Gonçalves da Camara, irmão do Capitão da Ilha da Madeira, Triſtão Vaz da Veiga, André de Souſa de Arronches, João Lopes Leitão, e D. Diogo de Taíde.

E por ſer a terra fronteira, e ganhada de novo, ſe offerecêram muitos Fidalgos a ficarem nella, o que elle eſtimou muito, por-

porque desejava de engrandecer aquella Cidade, pera nella conservar sua memoria. E porque pera a guarda das terras era necessaria gente de cavallo, comprou os mais dos que foram em companhia de D. Pedro de Almeida, e mandou a Ormuz trazer outros, com que aperfeiçoassem o numero de cento e sincoenta de cavallo, que todos se carregáram em receita sobre Diogo da Silva, que nomeou por Feitor, e Alcaide mór, hum cavalleiro muito honrado, que depois foi sogro de Manoel de Sousa Coutinho, Governador que foi da India. Estes cavallos repartio o Viso-Rey pelas pessoas que os quizeram, e alguns deo em soldos velhos, e em outras dividas; porque não pertendeo nesta primeira entrada mais que povoar bem esta Cidade, e ennobrecella. E porque já não tinha necessidade de D. Pedro de Almeida, Capitão de Baçaim, o despedio pera a sua fortaleza, e se foi por mar em navios que lhe deo pera isso. E porque se fazia tempo de se ir pera Goa a prover nas cousas do Sul, deo pressa á fortificação, e cousas pera a povoação da mesma Cidade de Damão, e traçou lugares pera os Mosteiros, e Igrejas, e assignou aos Religiosos que alli ficáram suas ordinarias.

Feito isto tudo com muita ordem, se embarcou já em fim de Março, e em poucos

cos dias chegou a Goa, onde foi mui bem recebido, e logo tratou dos provimentos das fortalezas de Ceilão, Malaca, e Maluco. E porque achou Pero de Taíde Inferno, que tinha alli vindo do negocio da povoação de S. Thomé, (de que em principio deste setimo Livro que vem daremos relação,) sabendo delle o que era succedido, sentio em extremo, e logo o tornou a despedir por Capitão daquella povoação; e escreveo aos moradores della huma carta chea de grandes reprehensões pelo modo com que se houveram com o Rama Rayo, encommendando-lhes muito a Pero de Taíde Inferno, e que trabalhassem todo o possivel por se cercarem, e segurarem: e juntamente despedio D. Jorge de Menezes Baroche pera Capitão de Ceilão, e mandou vir Affonso Pereira de Lacerda, e com isto se cerrou o inverno.

DECADA SETIMA.

LIVRO VII.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como Rama Rayo Rey de Biſnagá foi contra os moradores da povoação de S. Thomé, e cativou a todos, e depois os reſgatou.

FORAM as couſas deſte verão tantas, que não foi poſſivel continuarmos com ellas por ordem, e por iſſo deixámos eſtas, que acontecêram em Outubro paſſado, pera eſte lugar pelas não miſturarmos: e aſſim daremos conta das razões, por que Rama Rayo, Rey de Biſnagá, ſe moveo a vir em peſſoa contra os moradores da povoação de S. Thomé, que foram eſtas.

Como as couſas da noſſa Religião Chriſtã hião cada vez em mór creſcimento pelo gran-

grande cuidado, e diligencia, que os Reys de Portugal tinham de ſua dilatação, e os homens que iſto mais ſentiam eram os Bramenes, porque viam abatidos, e vituperados os ſeus falſos idolos; porque a qualquer parte que os noſſos Religioſos chegavam pera prégar o ſanto Evangelho, primeiro que levantaſſem Altar pera offerecerem ao Altiſſimo Deos ſeus ſacrificios, derribavam, e punham por terra os templos que a cega, e bruta gentilidade tinha dedicados ao demonio, quebrando, e fazendo em pedaços as nojentas, abominaveis, e torpes figuras dos idolos de Baal. Iſto tomáram todos elles tão mal, que ſempre lhes ordenáram trabalhos, prizões, mortes, e grandiſſimos vituperios, ſendo o que levou diante a bandeira da Cruz de Chriſto o glorioſo, e Bemaventurado Apoſtolo S. Thomé, neſtas partes, onde começou com ſeu ſangue regar eſta vinha do Senhor, que por ſua bondade vai creſcendo tanto, que mui cedo recolherá debaixo de ſua ſombra toda eſta gentilidade. E como os Padres pobres da Ordem do glorioſo Padre S. Franciſco tinham tomado á ſua conta toda aquella coſta deſde Negapatão até S. Thomé, (por ſerem os primeiros que por ella começáram a ſemear a Ley do Sagrado Evangelho,) e por toda ella tinham levantado muitos Templos, e derriba-

bado muitos Pagodes, (o que os Bramenes ſentiam em extremo,) todos os annos ſe queixavam diſto a Rama Rayo Rey de Biſnagá, cujos vaſſallos eram, pedindo-lhe que acudiſſe por honra de ſeus idolos; o que elle diſſimulava, aſſim pelo permittir Deos noſſo Senhor, como pelo proveito que tinha do noſſo trato, e commercio, principalmente dos cavallos da Perſia, e da Arabia, que não podia haver ſenão por mãos, e trato dos Portuguezes. E como neſte tempo, em que andamos hia eſte zelo da honra de Deos em maior creſcimento, por terem entrado naquella terra os Padres da Companhia de Jeſus, como outros ſoldados de Gedeon com tochas em huma mão, e trombetas na outra, a cujo ſom começáram a cahir os muros de Jericó, não conſentindo Pagode algum em pé, alumiando com a vida, e eſpertando com ſua prégação, e doutrina. O que foi cauſa dos Bramenes ſe accenderem em maior ira, e furor, porque de novo fizeram queixas a Rama Rayo, que por derradeiro era Gentio, e zeloſo da honra de ſeus idolos. E juntamente com iſto ſuccedeo na meſma conjunção hum certo homem caſado na propria terra, Fidalgo no ſangue, mas peſſimo, vil, e máo nas couſas da alma, e conſciencia, e indigno de ſe nomear em hiſtoria alguma, ſenão como

mo outro Heroſtrato, que derribou o Templo de Diana, ſegundo as fabulas contão: eſte, ou por ſua maldade, ou por vingança, ou por eſperar algum galardão do Rama Rayo, (mas o mais certo he, porque entrou o diabo nelle,) lhe eſcreveo huma carta, em que o perſuadia a vir contra a povoação de S. Thomé, que elle lhe aſſegurava mais de dous milhões de ouro, encarecendo-lhe muito a riqueza dos moradores daquella povoação.

Com eſta carta ſe moveo aquelle barbaro, e ſe deixou entrar da cubiça; e os Barmenes, que lha entendêram, aſſopráram de feição eſta faiſca, que lhe accendêram no coração huma grande labareda de odio, miſturado com o intereſſe, com o que logo determinou de ſe abalar em peſſoa. E mandou com muita preſſa ajuntar ſeus exercitos, e com mais de quinhentos mil homens de armas, e huma muito grande recovagem, começou a marchar contra aquella povoação. Diſto tiveram logo aviſo os ſeus moradores; e naquelle tempo ſe achou antre elles Pero de Taíde Inferno, (de quem no Capitulo atrás fallámos,) que tinha mandado fazer huma viagem de S. Thomé pera Malaca, e ficára alli pera ſe partir pera Goa. E como eſte Fidalgo era muito cavalleiro, e tinha muita peſſoa, e grande conſelho,

tan-

tanto que ſoube nova certa, e que o Rama Rayo eſtava duas jornadas daquella povoação, ajuntou-ſe em caſa do Capitão, que era hum foão de Goes, e fez chamamento das peſſoas principaes do povo, e os perſuadio com huma falla muito grave a ſe fortificarem, e defenderem, offerecendo-ſe-lhe elle pera os ajudar a iſſo, dando-lhes muitas razões pera o poderem fazer: affirmando-lhes que por muito grande poder que trouxeſſe o inimigo, não lhe poderia fazer damno; porque quaeſquer tranqueiras baſtavam pera ſe defenderem delle, por não trazer artilheria, e mais tendo elles o mar por ſeu, por onde podiam ſer ſoccorridos, e provídos do neceſſario.

Os moradores todos lhe agradecêram aquelles offerecimentos; mas reſumiram-ſe em ſe não defenderem, antes ſahirem ao caminho a receber o Rama Rayo, e levarem-no á povoação por ruas juncadas, e janellas alcatifadas, e com outros ſerviços. E davam por razão que a terra era ſua, e que não parecia razão deixarem de o receber no que era ſeu, porque nem elles tinham poſſe pera ſe defenderem, ainda que o quizeſſem fazer, nem lhe era licito fazello: e que bem entendiam todos, e eſtavam mui confiados, que tanto que o ſahiſſem a receber, logo ſe havia de abrandar, ſe vinha com alguma

má

má tenção. Vendo Pero de Taíde Inferno o proposito em que todos estavam, disse-lhes » que pois não queriam tomar seu conselho; » se ficassem embora, porque elle se embar- » cava logo, por lhe não ser licito esperar » que o Rama Rayo o viesse levar amarra- » do, como entendia que havia de fazer á » todos. » E sahindo-se dalli, se foi embarcar em huma naveta de hum Gaspar Pereira, que tinha vindo de Bengala, e nella se foi pera Goa, onde já achou o Viso-Rey D. Constantino, que tinha vindo de Damão, como atrás dissemos no fim do VI. Livro.

Os moradores da povoação, tanto que se determináram no que tinham dito a Pero de Taíde Inferno, assentáram de mandar receber ao caminho o Rama Rayo com hum presente, que tiráram por todos, que valeria quatro mil cruzados, pouco mais, ou menos, e elegêram-se de antre todos quatro pessoas das principaes, que foram diante ao visitar, e dar-lhe os parabens de sua vinda, que lho leváram. Estes homens chegáram ao seu exercito, e lhe deram da parte de todos os moradores os parabens de sua vinda, certificando-lhe o alvoroço com que o esperavam pera o servirem. O Rama Rayo os recebeo bem, e os levou comsigo até chegar á povoação de S. Thomé; e fóra della em huns campos muito largos assentou

seu

ſeu exercito, e deſpedio alguns Capitães de confiança, pera que lhe trouxeſſem diante de ſi todos os moradores, mulheres, meninos, e eſcravos, ſem lhes ficar na povoação couſa viva: o que logo ſe fez, e elle os mandou agazalhar em huma parte ſeparada com guardas, e vigias, e mandou trazer diante de ſi toda a fazenda, que ſe lhes achou pelas caſas até os pobres móveis; o que tudo ſe lhe apoſentou diante, que não montaria cem mil pardaos. Vendo elle quão enganado fora naquelle negocio pela opinião que trazia das riquezas, que aquelle homem lhe eſcrevêra com mentira, movido por Deos, que não deixa couſa alguma ſem caſtigo, determinou de o caſtigar, pelo fazer abalar com falſidades: o que o outro ſentindo, ou arreceando, deſappareceo logo do exercito, e ſe foi pera Caleturé, ſeis, ou ſete leguas daquella povoação, donde o Rama Rayo o mandou trazer por alguns Capitães; e diante de ſi, e de todos o mandou lançar aos Elefantes, que o eſpedaçáram á viſta de todos: o que foi permiſsão Divina vir acabar daquella maneira por mandado do inimigo, que elle convocou contra ſeus proprios naturaes, e em cujo poder queria entregar os divinos Templos, em que Deos noſſo Senhor era cada dia tantas vezes venerado, pera nelles tornarem a le-

van-

vantar ſeus falſos idolos. Vendo Rama Rayo a humildade dos moradores, e o pouco que tinham, concertou-ſe com elles que lhe déſſem cem mil pagodes, ametade logo, e a outra dahi a hum anno, e por elles lhe ficariam em refens ſinco, ou ſeis dos principaes daquella povoação.

Feitos os concertos, e pagos os ſincoenta mil pagodes, ſoltou a todos, deixando ſinco dos que elle eſcolheo pera irem com elle, e lhes mandou tornar toda ſua fazenda, o que ſe fez com tanta juſtiça, e pureza, que antre mais de duzentos moradores não faltou mais que huma colhér de prata, ſobre que ElRey mandou fazer taes diligencias, que appareceo logo pelo chão, ſem ſe ſaber quem a tinha; porque ſe o ſoubera, fora logo eſpedaçado. O Rama Rayo alevantou ſeu campo, e tornou a voltar pera ſeu Reyno. E neſte caminho o ſervíram aquelles ſinco moradores com tanta prudencia, e amor, que os largou, recebendo ſó delles ſeus conhecimentos, por que ſe obrigavam a pagar a quantia dos ſincoenta mil pagodes, como depois lhe pagáram; e ainda deſſa lhes fez huma grande quita. E certo que duvidamos achar-ſe eſta humanidade, e juſtiça antre Chriſtãos, que tem mais obrigação pera iſſo.

CA-

CAPITULO II.

Do que aconteceo a Luiz de Mello da Silva no Malavar: e de como deſtruio a Cidade de Mangalór: e da grande vitoria que alcançou de huma Armada de Malavares, de que era Capitão hum Rume, que ſe chamava Odo Rabo.

DEixámos as couſas de Cananor em guerra declarada, e Luiz de Mello da Silva, Capitão mór daquella coſta, fazendo por ella todo o damno que podia, impedindo a navegação, e commercio aos Mouros, que era a mór guerra que ſe lhe podia fazer. E depois que lhe ſuccedêram as couſas em Cananor, como atrás contámos, voltou pera o Norte. E chegando a Mangalór, ſoube que eſtava dentro naquelle rio hum Paguel de Mouros de Cananor varado na praia; e pondo-ſe na barra, mandou a Antonio Tavares, e a Gonçalo Sanches, Capitães de dous navios, que lhe foſſem lançar o Paguel ao mar, e que lho trouxeſſem. E andando eſtes Capitães neſta obra, ajuntáram-ſe os Mouros do Paguel com outros da terra que appellidáram, e dando nelles, os fizeram embarcar com alguns eſcalavrados. Sabendo Luiz de Mello da Silva o caſo, e que os da Cidade com eſtarem

de

de paz favorecêram os Mouros de Cananor, entrou pelo rio dentro, e desembarcando em terra, com muito boa ordem, pera satisfazer, e castigar aquella desobediencia, foi commetter a Cidade, e a entrou com grande valor, e esforço, matando, e destruindo, e pondo á espada toda a cousa viva que achavam, de qualquer sexo, e idade que fosse, sem perdoarem a cousa alguma. E andando os soldados muito encarniçados nesta obra, (que foi assim necessario pera terror dos inimigos,) ficou o Capitão mór na entrada de huma rua com poucos dos seus, mandando pôr fogo á Cidade, porque os nossos se não desmandassem com as prezas. Quando víram arrebentar por aquella parte hum tropel de Mouros, que vinham fogindo do estrago, e destruição que os nossos faziam, e diante de todos vinha hum velho desgrenhado, com o cabello solto lançado sobre as costas, com huma adaga de dous palmos, e huma manopla de ferro, que lhe cubria até meio braço, (arma de que elles muito usam) e dando de rosto com o Capitão mór, endireitou com elle, e lhe deo huma adagada por hum braço, e juntamente se liou com elle. Luiz de Mello da Silva lançou-lhe huma mão aos cabellos, e por elles o affastou de si, e o arremessou pera os soldados, dizendo-lhes:

« To-

«Tomai lá esse diabo» que logo foi feito em pedaços, e o mesmo se fez a todos os mais que alli foram ter com elle. O fogo que o Capitão mór mandou pôr, foi-se apoderando da Cidade, que estava recheada de fazendas de todas as sortes, que ardêram bravissimamente com mui grande estrondo, e terremoto. Abrazou-se tambem hum muito grande, e fermoso Pagode, cujo tecto, e coruchéo era de latão, e cobre, formosissimamente lavrados, e dourados, de que os soldados houveram huma boa quantidade, que embarcáram nos navios. Tanto que o Capitão mór vio a Cidade toda entregue ao fogo, tocou a recolher, o que se fez com muito boa ordem; mas não sem alguma perda, porque no meio della lhe ficou morto Gonçalo Sanches, hum dos seus Capitães, com alguns poucos companheiros, que primeiro que perdessem as vidas, as tiráram a muitos, e ao embarcar queimáram o Paguel da contenda, e alguns outros navios, e com aquella vitoria se sahio a nossa Armada do rio, e se deixou andar por alli esperando os Pagueis que haviam de vir de Cambaya.

Estava neste tempo em Calecut hum Rume, a que chamavam Odo Rabo, que se tinha vendido ao Çamorim por muito grande cavalleiro; e como os Mouros víram o

que

que Luiz de Mello da Silva andava fazendo por aquella costa, chegáram as novas do successo de Mangalór, que sentíram em estremo. E querendo o Rume ganhar terra com o Çamorim, se lhe foi offerecer pera ir pelejar com Luiz de Mello, dando-lhe doze, ou treze navios, promettendo-lhe de lho levar atado, e de lhe metter na sua bahia todos os seus navios. O Çamorim lhe acceitou o offerecimento, e mandou negociár sete navios, porque o Ade Rayo de Cananor tinha outros seis prestes, de que tinha feito Capitão mór hum Mouro chamado Cutimuçá, seu parente, pera se achar no feito, solicitado pelo mesmo Rume Odo Rabo; e ajuntando-se ambos com os treze navios muito possantes, e cheios de muita gente, que se affirma passarem de dous mil homens; e sabendo estar a nossa Armada em Mangalór, a foram buscar com determinação de pelejarem com ella: e chegando quasi huma legoa onde os nossos estavam, no lugar onde chamam a Palmerinha, houveram os nossos vista daquella Armada, de que já o Capitão mór tinha aviso por cartas de Cananor. Era isto hum dia pela manhã, estando a nossa Armada surta a terra, e os inimigos vinham de mar em fóra demandar aquella paragem. O Capitão mór se preparou pera pelejar com os inimigos, despedin-

dindo Pero Godinho, por ser o seu navio muito ligeiro, pera que os fosse reconhecer; e que sendo aquelles os navios de que tinha aviso, lhe fizesse sinal com huma bombardada. O Rume, que vinha de frécha demandar a terra, tanto que vio ir aquelle navio, tomou o remo, e foi-se a elle, e Pero Godinho foi sempre adiante, até que o reconheceo muito bem, e quasi abarbado com elles, voltou, e tirou huma bombardada, que era o sinal que havia de fazer. Tanto que os inimigos o víram virar, arrancáram apôs elle, e o foram seguindo tres, ou quatro navios de Malavares muito ligeiros; mas o Pero Godinho, que era confiado no remo, se lhe foi sahindo muito á sua vontade.

Em Luiz de Mello da Silva ouvindo a bombardada, tirou as vélas aos navios, e mandou que as estendessem por sima dos bancos de poppa a proa, e que as baldeassem, e molhassem muito bem com a agua do mar; porque as panellas de polvora, de que os Malavares usavam muito, lhes não cahissem dentro nos navios, e se affogassem logo nas vélas. E encadeando todos os seus navios huns nos outros, foi buscar os inimigos ao mar com grande determinação; porque não quiz que cuidassem, esperando-os á terra, onde estavam, que os temia; e não tinha áquelle tempo comsigo mais que sete

navios, porque os mais da ſua Armada os tinha deſpedidos por certas paragens. Hia Luiz de Mello na coxia da ſua galeota, armado em huma cota de armas, com hum montante nas mãos, e a barba, que era muito comprida, feita em huma trança, e na ponta hum nó. O Rume com os ſeus navios vinha na meſma ordem; e chegando a tiro de camelete, deixou-ſe ficar hum pouco atrás o Cutimuçá, Capitão dos ſeis navios de Cananor, porque vio ir os noſſos muito determinados. E vendo Luiz de Mello os navios do Rume já perto, brádou ao Condeſtabre (que era Framengo, e grande official) que deſparaſſe o camelete; ao que lhe elle reſpondeo, que o deixaſſe fazer ſeu officio, que como viſſe tempo, elle teria cuidado. O Rume vinha demandando a galeota do Capitão mór em ſima do ſeu baileo, veſtido em huma Cabaya de eſcarlata, e huma touca na cabeça de muitas voltas, e aos pés hum caſco, e hum formoſo treçado, e na mão huma cana de bengala, com que hia ameaçando os marinheiros, e fazendo-os remar. E vindo aſſim com tenção de inveſtir a galeota do Capitão mór pela proa, ſendo já pouco mais de tiro de pedra, poz o Condeſtabre de Luiz de Mello fogo a hum camelete, que levava com hum cartuxo de ſeixos na boca; e tomando a galeota do Rume

me de proa a poppa, a foi axorando toda, e a virou logo com a quilha pera ſima, não eſcapando della ſenão muito poucos, que os noſſos paſſada a fumaça víram vivos apegados á quilha da galeota dos Mouros, cujo Capitão devia de acabar de miſtura com os outros. Os mais Parós paſſáram ávante, e tres delles enveſtíram o Capitão mór, dous pela proa, e hum por huma das ilhargas, e logo lhe lançáram gente dentro com tamanho impeto, que fizeram retrahir os noſſos, que eſtavam na proa, com morte de alguns, em que entráram D. João de Lima, e hum irmão de D. Braz de Almeida, a que deram huma fréchada pela teſta, que lhe paſſou os miolos.

Vendo Luiz de Mello da Silva os inimigos dentro na ſua galeota, e apoderados já da proa, acudio a ella com alguns Fidalgos, e cavalleiros, e deo nos Mouros com tamanho impeto, que os lançou fóra, recebendo elle em ſi algumas feridas, que pela fortaleza das armas o não matáram, e todavia ficou ferido em hum pé, que o tratou mal. Aſſim ficáram os noſſos tão animoſos daquelle ſucceſſo, que ſem recearem a multidão dos Mouros, ſe lançáram com elles nos ſeus navios, onde á eſpada, e rodella fizeram nelles tal eſtrago, que lhes não eſcapáram ſenão os que ſe lançáram ao mar,

ficando aquelles tres navios, que abordáram o Capitão mór, despejados de todo. Os mais Parós abalroáram os outros navios, e o que ferrou de Manoel da Silva (que trazia huma galeota Latina) logo foi axorado, e rendido; e pondo a proa em outro, depois de grande referta, e muitos feridos, o desbaratou de todo. Gomes Eanes de Freitas abalroou outro Paró, e com grande valor o entrou, e metteo todos os Mouros á espada, e foi soccorrer o navio do Pimentel, que hum dos Parós o tinha axorado, e morto o seu Capitão com a mór parte dos soldados. E vendo aquelle estrago, poz-lhe a proa; e entrando naquelle navio, em que os Mouros andavam vitoriosos, fazendo grande carniçaria em os nossos, teve com elles huma muito aspera, e perigosa batalha. O Paró dos Mouros, que estava abordado ao navio do Pimentel, que não tinha em si mais que os marinheiros, vendo aquelle soccorro, e o estrago que os nossos começáram a fazer nos seus, alçando a véla, foram-se, deixando todos os Mouros as lans com os nossos, que logo foram mettidos á espada sem escapar hum só, ficando Gomes Eanes de Freitas com a mór parte dos seus soldados feridos, e queimados.

O Cutimuçá Capitão mór dos seis navios do Ade Rayo de Cananor, vendo tama-

manha deſtruição, deo á vela com todos os ſeus navios, e ſe foi acolhendo com tamanho medo do que víra, que aſſim á véla foi varar na praia do Bazar de Cananor, como ſe os noſſos lhe foſſem dando nas coſtas. Luiz de Mello da Silva recolheo os ſeis navios, que tomou aos Mouros, e por ter muitos feridos na Armada, ſe foi recolhendo pera Goa, deitando os mortos ao mar, que paſſáram de trinta.

Aqui aconteceo hum caſo memoravel, e que ſe notou por maravilhoſo; e foi eſte. Entre os mortos, que ſe lançáram ao mar da galeota de Luiz de Mello da Silva, foi o irmão de D. Braz de Almeida, que matáram da fréchada pela teſta, que foi amortalhado em huma colcha. Andou eſte corpo no mar ſinco, ou ſeis dias, e no cabo delles o encaminháram as aguas pelo rio de Chale dentro trinta e quatro leguas de Mangalor, onde foi lançado ao mar, e com a maré foi parar á porta do Moſteiro dos Frades de S. Domingos, tão inteiro, e ſem corrupção, que parecia morto daquella hora; e tal, que foi conhecido de todos. E D. Jorge de Caſtro, que era Capitão daquella fortaleza, acudio á praia, e o mandou enterrar muito honradamente, ſem ſe ſaber couſa alguma do que era paſſado, porque ainda a nova daquella batalha não

cor-

corria, que veio após elle, e começou a haver com ellas em todo o Malavar grandes prantos, e desconsolações, porque se perdêram naquelle successo perto de quatrocentos Mouros dos principaes; e ficou tal o mar daquelle estrago, que muito tempo não comêram os nossos por toda aquella costa peixe, nem ainda os Mouros, porque em Cananor achâram no bucho de hum cassão os dedos de hum homem, que causou grande nojo.

CAPITULO III.

De como Luiz de Mello da Silva chegou a Goa, e o Viso-Rey o prendeo, e depois o mandou invernar a Cananor: e da Armada que despedio pera Maluco: e da conjuração que todos os Mouros do Malavar fizeram contra a nossa fortaleza de Cananor: e do grande assalto que lhe deram: e dos casos que nelle acontecêram.

CHegado Luiz de Mello da Silva á barra de Goa, com esta vitoria, alguns dias andados de Abril, logo o Viso-Rey teve aviso disso; e como tinha cartas frescas de D. Payo de Noronha, Capitão de Cananor, em que lhe pedia soccorro, porque todos os Mouros do Malavar estavam conjurados contra aquella fortaleza, e que faziam grandes preparações pera a commetterem,

rem, tomou muito mal vir-se Luiz de Mello da Silva sem sua licença naquelle tempo, em que havia tamanha necessidade delle. Pelo que mandou logo ao Ouvidor geral, que o fosse prender no Castello de Pangim, e que detivesse a Armada fóra, porque queria logo eleger outro Capitão pera a tornar a mandar. E como o negocio importava tanto, como era soccorrer logo aquella fortaleza, tratou da eleição do Capitão que havia de mandar, e commetteo alguns Fidalgos pera isso, que se escusáram por causa de Luiz de Mello da Silva, cuja a jornada era, e assim o disseram todos ao Viso-Rey, e lhe pedíram que cessassem as paixões, e que se reconciliasse com elle, e o tornasse a mandar, porque era hum Fidalgo muito honrado, e muito necessario ao serviço de ElRey, que este era então o primor, e verdade dos Fidalgos daquelle tempo, que antes perderiam a vida, que hum pequeno ponto de sua opinião. E tanto guardavam isto huns com os outros, que cousa que fosse em damno, ou prejuizo de hum, a não acceitava outro, ainda que nisso estivesse todo o seu remedio; e tão aprimorada corria então esta praça, que nas entradas das fortalezas já mais aconteceo, ou muito poucas vezes, chegarem a juizo; porque bastava antre elles saber-se que hum era primeiro

pro-

provído, pera lhe não arguirem defeitos, e descubrirem infamias, que depois vieram allegar huns contra outros. E era tão puro este negocio, que o Fidalgo que levava a sua Patente ao Viso-Rey pera lhe pôr o cumpra-se, e tomar-lhe a menagem, e dar-lhe a posse da fortaleza, em que pertendia entrar, logo era despachado sem cartas de Editos, sem citações, e sem apregoarem, como em almoeda, se havia algum que delle quizesse alguma cousa; nem haver mister aderencias pera lhe pôrem o cumpra-se.

E tornando á nossa historia. Vendo o Viso-Rey que todos os Fidalgos, e Capitães velhos lhe enjeitavam a jornada, e que lhe estranhavam a prizão de Luiz de Mello da Silva, metteo-se em huma manchua, e foi-se a Pangim ver com elle, e alli se reconciliáram, e lhe pedio, que tornasse pera Cananor, porque cumpria assim ao serviço de ElRey. Luiz de Mello da Silva, deixando aggravos, acceitou a jornada; e o Viso-Rey mandou logo pagar quinhentos homens, e nomeou seus Capitães pera lhes darem mezas todo o inverno; e na mesma Armada, em que Luiz de Mello da Silva veio, o despedio, e lhe deo muitos provimentos, e munições, e dinheiro pera as mezas, e pagas dos soldados, e fez mercês aos Capitães que aquelle verão andáram com

el-

elle d'armada. Eſta era a razão, por que o ſerviço de ElRey então luzia tanto, liberalidade da parte dos Viſo-Reys, e da dos ſoldados zelo do ſeu ſerviço, e nenhuma cubiça nelle, porque eſtes são os dous eixos, ſobre que os Imperios do mundo ſe ſuſtentam; e faltando elles, deram com tudo através.

Partido Luiz de Mello da Silva pera Cananor, deſpachou o Viſo-Rey os provimentos pera Maluco, e foi por Capitão daquella fortaleza Manoel de Vaſconcellos, filho de Diogo de Vaſconcellos, e de Dona Tareja da Gama, irmã do Conde da Vidigueira, que deſcubrio a India, e levou hum galeão em que foi, e mais duas caravélas, de que eram Capitães Henrique de Vaſconcellos, e Diogo da Silveira, e alguns navios de remo, a cujos Capitães não achámos os nomes, porque quiz o Viſo-Rey prover as neceſſidades de Maluco baſtantemente. E eſcreveo áquelle Rey cartas muito honradas, e cheas de muitos mimos, affirmando-lhe, que D. Duarte Deça ſeria muito bem caſtigado pelos deſſerviços que lhe fizera; e na meſma companhia mandou muitos provimentos pera Malaca, e Ceilão.

Partida eſta Armada, deſpachou o Viſo-Rey alguns navios pera Damão, e Dio, com Capitães, e ſoldados, que foram inver-

vernar áquellas fortalezas pera darem mezas aos ſoldados; porque naquelle tempo, e muitos annos depois, ſe davam mezas a mil e duzentos ſoldados em cada fortaleza fronteira, e a fóra iſſo lhes pagavam ſeus quarteis geraes, dous a cada ſoldado, ſem ſe lhes ficar devendo couſa alguma; e o meſmo ſe fazia na Cidade de Goa, e não rendia a India então mais que ſetecentos mil pardaos. E depois diſto veio tudo tanto a menos, que com creſcer o rendimento tanto em dobro, cortáram aos pobres dos ſoldados tanto a ração, que lhes tiráram as mezas, e lhes não pagáram mais que hum quartel em todo o verão, e no inverno, aos que eſtavam aſſentados no rol dos ordenados, e limitados ás fortalezas. Sendo dantes tudo tão liberal, que todos os que invernavam, tinham certos ſeus dous quarteis, ſem apreſentarem certidões de titulos correntes, como hoje fazem; ſem haver mezas, nem outras liberalidades, com que ſe os ſoldados ſuſtentem. E eſta he a razão, por que ha já tão poucos, que queiram ir a invernar ás fortalezas de ElRey, e tantos que ſe fazem chatins, e ſe vam quaſi a morar aos Reynos de Pegú, e Bengala pera ajudarem aquelles Reys, que tem guerra huns contra outros. E deixando iſto, tornemos a Luiz de Mello da Silva, que deixámos partido de

Goa,

Goa, porque com eſtas Armadas cerrámos o verão.

Chegado eſte Capitão a Cananor, achou D. Payo de Noronha muito enfadado por ter novas certas que o Ade Rajao tinha convocados todos os Mouros daquella coſta, pera lhe pôr hum muito rijo, e apertado cerco; porque de tudo o aviſava hum Naire dos principaes da caſa de ElRey, chamado Nicore Guaripo, Jangada da fortaleza; que era tão bom homem de ſua natureza, e tão grande amigo dos Portuguezes, que com ElRey (que entrava neſta conjuração, e o Ade Rajao) trazerem o olho nelle, não deixava de aviſar o Capitão, e de prover a fortaleza de noite de tudo o que tinha neceſſidade, com grande riſco ſeu: no que o favorecia, e ajudava o Coge Cemaçadim, de quem muitas vezes temos fallado nas outras Decadas, que neſte tempo eſtava muito enfermo, e veio a morrer, e o ſeu theſouro ſe lhe ſumio, porque ElRey, e os Naires lho foram conſumindo pouco a pouco. E iſſo que então poderia ter, lhe tomou a mulher, que eſtava amancebada com hum genro ſeu, caſado com huma filha da outra mulher, que eſtando elle doente, fogíram com tudo o que puderam haver ás mãos, que ainda foi huma boa quantidade de ouro, e pedraria.

Tan-

Tanto que Luiz de Mello da Silva chegou á fortaleza, como diziamos, foi recebido com grande alvoroço, porque estavam todos muito attribulados com a nova da liga, e mandou varar a Armada á porta da fortaleza, e cubrilla por causa da invernada, e tomou posse das tranqueiras, que cercavam a povoação de fóra, que eram de taipas muito fracas, com alguns andaimos, e guaritas, e repartio por ellas todas os Capitães de sua companhia, e que haviam de dar mezas aos soldados, que eram quatro. D. Antonio de Vilhena Manoel, Jeronymo de Sá, filho de Gaspar Gonçalves de Riba fria, Porteiro da Camara de ElRey, Manoel Travassos, e outro, a que não achámos o nome. Estes se agazalháram em casas pegadas ás suas estancias, e guaritas, pera nellas darem mezas a seus soldados, e Luiz de Mello da Silva ficou de fóra com sessenta soldados pera acudir aonde fosse necessario. E mandou logo reformar, e repairar as tranqueiras o melhor que pode ser, ficando D. Payo de Noronha na fortaleza com alguns criados, e casados velhos. Nicore Guaripo, tanto que soube da chegada de Luiz de Mello da Silva, logo o mandou avisar, que estivesse preparado, porque muito cedo o haviam de commetter de noite, mandando-lhe offerecer tudo o de que tivesse

se

ſe neceſſidade. E aſſim de noite á formiga mettiam nas tranqueiras tudo o que lhe pediam, o que lhe Luiz de Mello da Silva ſoube mui bem agradecer, e pagar. O Ade Rajao cabeça deſta liga, depois que ſentio ElRey deſgoſtoſo, e quaſi affrontado do ruim modo que D. Payo de Noronha teve ſempre com elle, não perdendo a occaſião, o foi accender mais em ira contra os noſſos, promettendo-lhe de lhe entregar nas mãos aquella fortaleza com toda a artilheria, homens, mulheres, e meninos, ornamentos, e prata dos Templos; e com a cubiça deſtas couſas ſe offereceo a entrar na liga, já que o Ade Rajao tinha mettido nella o Camorim, e quaſi todos os Reys do Malavar, a quem peitou pera iſſo groſſamente, porque eſtava muito rico; e aſſim lhe mandáram todos muita gente, e o ajudáram com petrechos, munições, e tudo o mais que lhe foi neceſſario pera a eſcala daquella fortaleza, porque determinava elle de levar por aſſalto as tranqueiras, pera depois baterem a fortaleza á ſua vontade.

Eſtando já preſtes de tudo, ſendo quinze dias do mez de Maio, no quarto d'alva ſahio da ſua Cidade o Ade Rajao com toda a potencia dos Mouros, e Malavares, (que ſe affirma ſerem mais de cem mil Mouros, e Nayres, em que entravam dez mil eſ-

eſpingardas,) e com todo aquelle poder rodeáram as tranqueiras deſdo mar até o Moſteiro de S. Franciſco, e arremettêram todos de tropel a ellas com tão eſpantoſos gritos, huivos, e alaridos, que parecia a terra ſe fundia, arvorando por toda ella muitas eſcadas, por onde os mais atrevidos ſubíram, e ſe puzeram em ſima, e as entravam pela parte em que pouſava D. Antonio de Vilhena Manoel, e deram logo comſigo no quintal das ſuas caſas pera ſua deſtruição. Os noſſos, que já eſtavam ſobre aviſo em ſilencio, ao terror daquellas vozes leváram as mãos ás armas, e acudíram a ſuas eſtancias, onde acháram já os inimigos apoſſados dellas: o que tiveram por tamanha affronta, que ſem recearem o poder, nem lhes cauſar eſpanto os grandes terremotos que ouviam, remettêram a elles, e travâram huma aſpera batalha em ſima das tranqueiras. Luiz de Mello da Silva acudio logo com a bandeira de Chriſto, e com a do Rume, que havia pouco tinha tomado, e desbaratado, (que era de tafetá verde muito grande,) e as mandou pôr ambas em hum cubello, a de Chriſto arvorada, e a outra abatida, e lançada pera fóra pera quebrantar com ella os animos dos inimigos. E deixando aquelle cubello ſeguro, foi correr todas as tranqueiras, chamando, e nomeando os Capitães,

tães, e animando os soldados, que achou todos com tamanho furor, que muitos delles estavam detrás dos que pelejavam pelas seteiras, por não caberem. E como aquelles desparavam suas espingardas no cardume dos Mouros, os outros lhes pediam por amor de Deos, que em quanto elles tornavam a carregar, lhes deixassem matar alguns daquelles inimigos. Mas estavam os outros tão soffregos, que nem esse pequeno tempo lhes queriam dar, porque não faziam mais que carregar, e descarregar pelas seteiras; e como davam na multidão dos Mouros, não havia pera que apontar; porque pera onde quer que fosse o pelouro, dava nos Mouros, e os hia derribando, e fazendo nelles grande estrago. D. Antonio de Vilhena Manoel, que ao primeiro rebate acudio á sua estancia, e deo com os seus quintaes cheios de Mouros, remettendo a elles com sincoenta soldados que tinha, travou huma muito cruel, e arriscada batalha, em que elle, e todos os seus soldados pelejáram com tanto valor, e esforço, que passáram pelas espadas os mais dos inimigos, e não lhes escapáram senão poucos, que se lançáram das tranqueiras abaixo. Os Mouros, que estavam derredor das taipas, eram tantos, e ellas taes, que em partes lhes puzeram os hombros, e deram com ellas dentro, como fizeram na

es-

estancia de Manoel Travassos, onde ficáram pelejando de barba a barba huns com os outros, fazendo os nossos façanhas muito pera notar, e invejar, e que nos não atrevemos a contar, nem engrandecer como merecem. E outras partes houve, em que os Mouros varáram as tranqueiras com as suas lanças, que eram compridas, e tezas; de maneira, que se póde dizer, que antre os nossos quinhentos soldados, e cem mil dos Mouros, não havia cousa alguma, porque todos pelejavam á espada, e muitas vezes vinham a braços huns com os outros. A grita era tamanha, os alaridos taes, o terremoto das armas tão temeroso, o estrondo da espingardaria tão espantoso, que parecia que se acabava o mundo. E juntamente com isto as chammas, e labaredas das panellas de polvora de huma, e da outra parte tão grandes, e tão medonhas, que subiam ao Ceo, e assim alumiavam as tranqueiras, e dentro na fortaleza, como se fora claro dia. O que tudo causava tamanho medo, e espanto, que andavam as mulheres pelas ruas descabelladas, e descalças, de Igreja em Igreja, pedindo a Deos misericordia, com os olhos feitos humas fontes de lagrimas. E os Religiosos de S. Francisco postos em oração diante do Santissimo, e Divino Sacramento com muitas lagrimas en-

com-

commendavam a Deos aquelle negocio ; e affirma-ſe que hum delles víra em o tirante da Igreja o Eſpirito Santo em figura de Pomba, mui luzente, e reſplandecente, e que áquella visão alevantára a voz, e chamára pelos Religioſos que a viſſem. E dando com iſto hum novo fervor a todos, movidos do Divino Eſpirito, alevantáram hum Crucifixo em huma haſtea alta ; e ſahindo da fortaleza, ſe foram metter no meio da batalha, começando a esforçar, e animar os noſſos, affirmando-lhes que o Eſpirito Santo andava antre elles em ſeu favor, e ajuda.

Vendo os ſoldados a figura de Chriſto crucificado alevantada no ar, e ouvindo todos o que os Religioſos diziam, dando-lhes huma nova furia, foram-ſe alguns ao Capitão mór, e pediram-lhe, que lhes déſſe licença pera ſahirem das tranqueiras, e irem pelejar com os inimigos ao campo largo, pera mais á ſua vontade, e ſem impedimento ſe ſatisfazerem delles, pois tinham a Deos por ſi. Luiz de Mello da Silva lhes louvou muito aquelle animo com mui honradas palavras ; mas pedio-lhes que ſe quietaſſem com as mercês de Deos, e com o grande eſtrago, que tinham feito nos Mouros. E tornando-ſe todos ás tranqueiras, puzeram-ſe ao encontro dos inimigos, em quem fizeram tantas crueldades, que quaſi elles meſ-

mos se compadeciam delles ; porque subidos muitos em sima das taipas, descubertos ás nuvens de fréchas , settas , e pelouros, lançavam sobre aquella multidão de Mouros tanto fogo , tantas pedras , e tantos outros instrumentos de morte que era espanto , abrazando , derribando , e espedaçando tantos, que tinham feito hum entulho de corpos mortos, quasi tão alto como as taipas. Antre todos estes se assinalou mais hum Francisco Riscado , que sem temor de quantos tiros cahiam sobre os nossos, andou sempre correndo por sima da taipa , appellidando o Apostolo Sant-Iago; e abrazando os Mouros com fogo de muitas panellas de polvora , que sobre elles lançou, cujas labaredas fizeram nelles muito grandes estragos, e incendios.

Luiz de Mello da Silva mostrou bem neste dia os quilates de seu esforço , e o toque de sua grande prudencia ; porque quando lhe era necessario pelejar , o fez como hum Cesar ; e quando lhe convinha mandar, e governar , o fazia com tanta ordem , e quietação , que nada o perturbava , e nada faltava. Em fim por não contarmos tantos golpes , e tantas particularidades , e casos pera notar , que nós não sabemos engrandecer como merecem , passemos por todos , dizendo sómente que a briga durou desde as Mati-

nas,

nas, que era ás quatro horas de pela manhã, até as quatro da tarde, em que os Mouros se recolhêram por já não poderem com tamanho estrago, e destruição, deixando o campo todo alastrado, semeado, e cheio de corpos espedaçados, e abrazados, a fóra muitos que leváram, e tinham recolhidos. Affirma-se perderem-se nesta batalha quinze mil Mouros; e não podiam ser menos, pelo estrago que seiscentas espingardas podiam fazer em doze horas, que sempre tiráram em roda viva, sem nunca perderem tiro; e muitos houve, em que se derribáram dous, e tres de hum só, a fóra mais de quinhentas panellas de polvora, e outros muitos generos de mortes, que todos se empregáram muito bem.

Recolhidos os Mouros, e desassombrados os nossos, (que ficáram todos banhados em sangue, e suor, e abrazados de mãos, pés, e rostos, de maneira que pareciam alarves,) ordenou o Capitão mór com os Padres de S. Francisco, que alli estavam com o Crucifixo arvorado, huma Procissão, em que se acháram todos, assim como sahíram da batalha, sem se quererem ir curar os feridos, e foram a nossa Senhora da Vitoria a dar-lhe graças por aquella tamanha, e tão admiravel, que lhes seu precioso Filho deo. E entrando pela fortaleza, acudíram as mu-

lheres affim defcalças, e defcabelladas como andavam, e os velhos, e meninos; e os prantos que faziam, e as lagrimas que até então derramáram, com que pediam mifericordia ao Senhor, as convertêram em Ladainhas, e em louvores de tamanha mercê, com tantas mais lagrimas, e foluços por fe verem livres, que quafi interrompiam, e pervertiam a ordem das Ladainhas.

Paffado ifto, fe tornou o Capitão mór ás tranqueiras, e mandou enterrar alguns mortos dos noffos, que não paffáram de vinte e finco, e fez logo renovar, e repairar as taipas, e guaritas o mais depreffa que pode fer, fem defpirem as armas; porque fe os inimigos os tornaffem accommetter, os não achaffem tão desbaratados como ficáram, porque quafi tudo eftava razo. Mas elles pelo grande eftrago que víram em os feus, ficáram tão cortados de medo do noffo ferro, que desfizeram logo a liga, e os hofpedes fe foram pera fuas terras, chorando fua trifte forte, e defaventura; porque não houve aldea em todo o Malavar, em que não houveffe prantos, e lagrimas do fentimento daquella perda. E tanto que hum Mouro da povoação de Chomomba, que tinha vindo áquella guerra com quatro filhos, todos perdeo naquelle combate; e primeiro que fe embarcaffe, foi ter com Ade

Rajao, e lhe fez huma breve falla, em que o persuadio a ter sempre paz com os Portuguezes, apontando-lhe muitos bens que della resultavam, e os grandes damnos que da guerra com elles succediam; de que lhe não dava mais exemplo, que em si proprio, porque chegára alli de sua terra com quatro filhos, e se recolhia sem nenhum delles, porque todos lhe matáram os Portuguezes, e que visse bem o que seria nos mais. Todavia a terra ficou assim de guerra, que o Ade Rajao foi sustentando todo o inverno; mas não houve em todo elle cousa notavel, de que possamos fazer memoria, passando todo em assaltos de pouco momento.

CAPITULO IV.

Do que mais aconteceo por todo este verão na Ethiopia, nas guerras que aquelle Emperador tinha com os Mouros, e com huns Cafres chamados Gallas: e de algumas praticas que o Emperador teve com o Bispo sobre as cousas da nossa Religião Christã.

POucos dias depois dos nossos chegados á Corte, sem o Bispo ter entrado em negocio algum, chegáram novas, que o Baxá do Turco com cento de cavallo, e quatrocentos de pé, que deixámos em Maçuá,

çuá, fora caminhando pera Baroá; e que em hum paſſo tivera huma batalha com o Barnagais, em que o Turco lhe matára muita gente, e hum irmão do Capitão Iſaac chamado Agaba, (que fora muitos annos Barnagais,) e que com eſta vitoria chegára o Turco a Baroá, e ſe lhe deſpejára a terra. Juntamente com eſtas novas chegáram outras, que os Cafres Gallas eram entrados pelas Provincias do Emperador, principalmente pela de Balé, e que andavam fazendo grandes damnos, e deſtruições. (Neſta Provincia Balé tem os Abexins por ſuas eſcrituras, que o Apoſtolo, e Evangeliſta S. Mattheus andára prégando o Evangelho) Todas eſtas novas entriſtecêram muito a todos, e logo tratou o Emperador de acudir em peſſoa aos Gallas, deſpedindo com muita preſſa o Capitão Iſaac, dando-lhe bandeira de General da empreza contra os Turcos, e lhe mandou que foſſe fazendo toda a gente que pudeſſe pelas terras por onde paſſaſſe, a fóra a que lhe elle deo.

E porque o Emperador tratava de ſe partir logo pera a Provincia de Balé, e era entrada de Junho, em que o inverno começa naquellas partes, aſſentou « que foſſe a » Rainha ſua mulher, e o Biſpo com os » Portuguezes, invernar na Provincia cha- » mada Hojé, por ſer fertiliſſima, e onde

» o

» o Biſpo tinha bons Paços, e jardins freſ-
» quiſſimos; mandando a hum dos ſeus prin-
» cipaes, que ſe chamava Adiaes (que an-
» dára com a Rainha velha no campo de
» D. Chriſtovão da Gama) pera que correſ-
» ſe com o Biſpo, e mais Portuguezes em
» ſuas deſpezas, e ordinarias, e pera lhes
» fazerem apoſentos, como fizeram, e ficá-
» ram alli grande parte do inverno, mui
» quietos, e bem provídos de todas as cou-
» ſas. »

Partida a Rainha, e o Biſpo, logo o Emperador ſe poz a caminho com todo ſeu campo, levando em ſua companhia ſós eſtes Portuguezes: Gaſpar de Souſa de Lima, Gonçalo Soares Cardim, Antonio de Sampaio, João Gonçalves, Diogo da Fonſeca Leite do Porto, Franciſco Nogueira, João Alonſo, natural de Toledo, e Lopo de Almança Gallego. E aſſim foi caminhando por humas campinas larguiſſimas, e chegáram a hum lago de agua ſalobra de ſeis leguas em circuito, que tem em ſi huma Ilha, em que eſtá hum Moſteiro de Frades, onde eſtam enterrados muitos dos Emperadores paſſados. Dalli foi o Emperador caminhando pera a Provincia Hadiau, que era de Mouros, que eſtavam rebelados. São eſtas gentes barbariſſimas, e cavalgam em cavallos, como Gallegos em oſſo, e traz cada hum ſin-

ſinco, ſeis jarguncbos, ou azagaias, com que tiram de arremeſſo, e fazem tamanhos tiros que eſpantáram os noſſos.

O Emperador entrou por eſta Provincia, e fez nos Mouros grandes cruezas, e deſtruições, e dalli ſe paſſou a huma terra, que ſe chama Gazé, mais pera o Sertão, onde affirmam os que lá foram, que havia huma eſtrada muito corrente pera Melinde. Aqui paſſou o Emperador tres mezes do inverno, muito temperado, e em Agoſto ſe levantou, e tornou a voltar pera ſua caſa, por ſerem já os Cafres Gallas recolhidos, e alguns que achou foram eſpeçados, e mortos, e de paſſagem foram dar em outro lago, que ſerá de tres leguas, que traz grande quantidade de peixes; e dia da Degollação de S. João Baptiſta chegáram á Provincia de Hojé, onde eſtavam a Rainha, e o Biſpo, que com todos os Portuguezes os ſahio a receber com grandes feſtas, e elle ſe recolheo em ſeus Paços, onde eſteve alguns dias encerrado, deſcançando do trabalho da jornada. E poſto que o Biſpo fora ſempre bem provído, mandou ElRey, depois que veio, que lhe deſſem hum marco de ouro cada mez pera ſua peſſoa, e pera cada ſoldado, e criado ſeu huma onça, porção muito baſtante pera a barateza da terra, em que correm por moeda humas barras de fer-

ferro de hum palmo e meio de comprido, e dous dedos e meio de largo, e furadas por huma cabeça, por onde ſe penduram, e ſete deſtas valem hum pardao de ouro, e ſó neſta Provincia correm. Mas a moeda mais corrente, com que ſe compra tudo nas mais das Provincias do Sertão, he o ſal, que todo he em pedra, e huma de hum palmo de comprido, e tres dedos de largo, val hum Drimi, e por duas deſtas compra hum ſoldado trigo, que lhe baſta pera hum mez, e por huma, cevada pera a mula, e por outra, carne, que o ſuſtenta huma ſemana, e quatro, ſinco, ſeis gallinhas por outras, e os ovos oitenta, noventa, e huma grande quantidade de manteiga, e muitos limões, peixe, choupas, e vinho o mais caro, oito canadas a pedra, e aſſim todas as mais couſas deſta ſorte.

E tornando ao Emperador. Depois de deſcançar alguns dias, mandou chamar o Biſpo, que foi acompanhado dos Padres, e dos Portuguezes; e depois de alguma pequena converſação, mandou o Emperador deſpejar todos, até os Padres; e ficando ſó com o Biſpo, tratáram ſobre couſas da Eſcritura, em que o Emperador era muito lido, e o que paſſáram não ſe ſoube, mais que ſahir-ſe o Biſpo mui apaixonado, e dizer contra os Padres: *Grande herege he eſ-*

te

te homem, e assim se recolhêram, e em casa daria o Bispo relação de tudo o que passáram. Depois disto mandou o Emperador convidar o Bispo pera ver a sua Missa, e estar a suas ceremonias; o que elle fez, levando todos os Portuguezes comsigo, e foi á Igreja, (que era do Orago de S. Jorge,) onde estiveram ao Officio, o Bispo sempre de giolhos, e os Portuguezes sempre em pé, por lho elle mandar assim, e defender que não fizessem adoração alguma, nem mostras de devoção. O Emperador disse a Epistola, tendo sempre huma cortina diante, porque o não vissem; do que o Bispo ficou triste, e descontente, por entender que teria trabalho em o trazer aos costumes da Igreja Romana; nem o Emperador estava satisfeito do Bispo por sua liberdade; e assim pouco, e pouco veio a tomar algum aborrecimento aos Portuguezes, sem quem não podia dar hum passo.

Aqui estiveram até á entrada de Outubro, fazendo o Bispo muito bem seu officio, e apertando com o Emperador sobre as cousas da Religião Christã, desenganando-o que vivia errado, e herege.

Vendo todavia o Bispo a contumacia do Emperador, mandou publicar huma carta de excommunhão contra todos os Portuguezes que o servissem, pelo haver por scismati-

tico, e maldito: do que ſe elle indignou tanto, que logo alevantou o campo, dizendo, que hia buſcar os Turcos, ficando alli o Biſpo com os que vieram com elle da India. O Emperador ſe paſſou ao lugar de Como, onde a Rainha ſua mãi ſe foi ver com elle, que havia muitos tempos que andava arrufada do filho por humas terras, que elle tinha tomado a hum Senhor chamado Xumo Caſalou, caſado com huma irmã da Rainha chamada Ithiezama, Senhora muito formoſa, e que ſe prezava de fallar bem Portuguez, que andou ſempre na companhia da irmã, no exercito de D. Chriſtovão da Gama. Trazia a Rainha comſigo outro filho mais moço que o Emperador, chamado Minas, que havia de ſucceder no Reyno, por ſeu irmão não ter filhos. E todavia poſto que o Emperador fez grande recebimento á mãi, ella ſe não quiz reconciliar com elle.

Aqui chegáram novas, que o Iſaac, que o Emperador tinha deſpedido contra os Turcos, que eſtava em Baroá, alcançára huma grande vitoria de huma Senhora Moura chamada Gahoa. Eſte Iſaac, depois que o Emperador o deſpedio contra os Turcos, foi ajuntando a gente que lhe pareceo neceſſaria; e antes de chegar a Baroá, teve por novas, que hum ſobrinho deſta Senhora chama-

mado Habem Dilabo lhe entrára por ſuas terras com duzentos cavallos em companhia de alguns Turcos, que lhe o Baxá mandou, pelo que lhe foi neceſſario acudir lá; e encontrando-ſe com os inimigos, que traziam grande preza junto de hum formoſo rio chamado Tagazé, e ſentindo turvação em os ſeus, e que moſtravam medo, deſceo-ſe do cavallo, e tomando huma adarga, e dous dardos, diſſe aos ſeus « que quem o quizeſ-» ſe ſeguir o podia fazer, porque elle ſe » hia metter antre os inimigos. » E aſſim endireitou pera elles; e alguns Portuguezes, que foram em ſua companhia, o foram ſeguindo, e o meſmo fizeram todos os Abexins. E chegando o Iſaac aos inimigos, diſſe aos Turcos que hiam diante: « Ah per-» ros, hoje he dia, em que hei de tomar » ſatisfação da morte de meu irmão que ma-» taſtes, ou tambem o haveis de fazer a » mim; mas ſabei que vos hei de cuſtar ca-» ro; » e deſpedindo os dardos, atraveſſou alguns, e os noſſos, que hiam a cavallo, rompêram em os Turcos, acompanhados de alguns Abexins, e daquelle primeiro encontro derribáram dezoito de cavallo, em que entrou Habem Dilabo, Capitão da gente da Moura, de que atrás fallámos, e os mais ſe puzeram em desbarato, deixando a preza nas mãos do Iſaac, que logo virou as

ban-

bandeiras contra as terras da Moura, que o eſperou com muita gente. Mas como os Abexins hiam já com o medo perdido, logo a desbaratáram com morte da mór parte dos ſeus, e ella ſe foi fogindo pera Baroá, onde o Baxá a recebeo bem, e lhe prometteo ajuda, e vingança. O Iſaac ficou ſenhoreando as terras, em que o deixaremos por tornarmos ao Biſpo.

Vendo elle o modo daquelle Emperador, determinou de mandar recado á India, pera o que ſe lhe offereceo hum Micer Bartholomeu Neapolitano, grande Medico, pera fazer aquella jornada por Zeilá, e levou por guia hum Mouro, que tinha alli ſua mulher, e filhos, e por elle eſcreveo o Biſpo ao Governador, e Patriarca tudo o que lhe tinha ſuccedido. Chegado eſte homem a Zeilá, o deſcubrio o meſmo Mouro áquelle Rey, que o mandou levar diante de ſi, e o perſuadio que ſe fizeſſe Mouro, offerecendolhe grandes partidos de terras, e honras, que elle engeitou como Catholico Chriſtão que era: pelo que lhe mandou ElRey cortar a cabeça, fazendo ſua ditoſa alma outra mui differente viagem, da que elle commettia, que foi ir-ſe apreſentar diante de Deos, banhada no freſco ſangue, ſinal, e prenda de ſeu glorioſo martyrio. O Mouro depois que commetteo eſta maldade, tornou-ſe pera

ra onde o Biſpo eſtava ; e tomando a mulher, e filhos em muito ſegredo, os levou pera Zeilá.

CAPITULO V.

De como deo huma graviſſima enfermidade nos Turcos, de que morrêram todos : e de como o Biſpo tratou de ſe partir pera a India pelas poucas eſperanças que tinha da conversão daquelle Emperador : e de como ſe deixou ficar a rogo dos Portuguezes.

DEixámos atrás no ultimo Capitulo do V. Livro as couſas da Ethiopia no cunhado do Baxá do Turco, deſembarcado em Maçuá, com aquelle ſoccorro, com que ſe foi logo ajuntar ao cunhado, que deixámos em Baroá, com aquella vitoria que alcançou do Barnagais, com que ficou tão ſoberbo, que determinou de paſſar adiante a buſcar o Emperador ; e ſe o fizera, ſem dúvida ſe ſenhoreára de todo aquelle Imperio, e que ſe acabáram os noſſos que lá andavam, e as eſperanças daquella Chriſtandade. Mas como Deos noſſo Senhor parece que a tem guardada pera ainda a metter debaixo do gremio de ſua Igreja Catholica, e que os tenros filhos dos Portuguezes (que paſſavam de mil e duzentos) não vieſſem a

ſer

ſer Janiſſaros do Turco, antes ſe foſſem ſuſtentando com o leite da Fé, permittio que a ſoberba, e intentos do Baxá ſe acabaſſem de todo; e foi deſta maneira.

Atrás démos conta no Capitulo VII. do IV. Livro, como aquella Senhora Moura chamada Gahoa, que o Barnagais desbaratou, ficou de todo quebrada, e ſem remedio, pelo que houve ſeu conſelho a ſe valer do Baxá do Turco, e pedir-lhe favor, e ajuda, como fez, promettendo-lhe ella grandes theſouros, affirmando-lhe, que em huma Villa ſua tinha enterrado huma grande ſomma de ouro, com que ſe podia fazer a deſpeza da conquiſta daquelle Imperio. O Baxá movido, e levado da cubiça de tanto ouro, ſe lhe offereceo a mettella de poſſe das ſuas terras, pera onde logo ſe fez preſtes, e lhe pedio peſſoas, que ſabiam do theſouro, pera o encaminharem; porque por ſe não fiar della, a deixou na fortaleza em guarda de quinhentos Turcos, e elle com toda a mais gente ſe poz a caminho. E porque havia de paſſar pelas terras de huns Cafres muito bellicoſos, lhes mandou diante recado, que lhe não impediſſem a paſſagem, porque não queria com elles ſenão paz, e amizade, o que lhes elles acceitáram; e chegando ás terras da Moura, achou o Baxá o theſouro que hia buſcar. E como iſto era

em

em Abril, que o Sol hia pera o Tropico de Cancro, e os raios começáram a escaldar a terra, e com isso os Turcos por natureza comilões, e desarranjados em tudo; mettêram-se naquellas carnes, e leites, de que a terra era muito abastada, e abundante, de sorte que deram nelles as febres tão rijas, que em tres dias os matava, e em poucos morrêram mais de quinhentos delles, com o que o Baxá se vio tão assombrado, que se poz em fogida, indo já tocado de mal contagioso, e todos os seus, que pelos caminhos lhe foram ficando poucos, e poucos ás sombras das arvores, onde se desciam, e aspiravam, e os cavallos hiam fogindo por esses desertos, como desatinados. E chegou o mal a tanto, que de todos não ficáram com o Baxá mais de cem Turcos, e esses taes que pareciam mortos. Pelo que receando-se que se tornasse pela terra dos Cafres, o matassem pelo roubar, deo volta pera o caminho de Suaquem, aonde chegou mal, e com muito poucos. Estas novas chegáram a Baroá ao cunhado do Baxá, que lhas deo hum peão, que pera lá foi fogindo; e poz-lhe isto tão grande medo, que largando tudo, se acolhêram todos com o que puderam levar de mão, deixando toda a artilheria, munições, e thesouros que tinham, que eram muitos; e como hiam
sem

ſem ordem, deram nelles os da terra, e mettêram todos á eſpada, ſem eſcapar mais que o Capitão em hum cavallo ruço muito formoſo; e foi o deſpojo, e riqueza tanta, que ſe affirma paſſar de tres milhões de ouro; e dizem que huma mulher Abexim, indo por hum caminho, achára huma azemala ſolta, que ficou da companhia dos Turcos, e tinha dous alforges grandes, hum cheio de ouro, e outro de prata, e huma Cabaya carmeſim forrada de martas, e huma eſpada com toda ſua guarnição de prata; e que aſſim como eſtava a dera a hum peregrino, que a levou ao Barnagais, e que tomára ella o ouro, e as peças, e a prata toda dera ao peregrino. Os da terra acháram muito ouro pelas cintas dos mortos, que havia pelos campos; e hum Frade Abexim paſſando hum rio pequeno a váo, deo com os pés em hum caldeirão, que eſtava cheio de ouro, quanto elle podia alevantar.

Com eſta mercê de Deos tão grande tornáram as couſas daquelle Reyno a melhor eſtado: e eſta era a gente ſem nome, que os Auriſpices diſſeram ao Emperador que havia de desbaratar os Turcos; mas na verdade não foi ſenão a poderoſa mão de Deos, que pelas orações do Biſpo, e mais Religioſos quiz elle atalhar a tantos damnos, quantos ſe eſperavam.

Estas novas chegáram á Corte, com o que houve grandes festas, e o Bispo, e Padres offerecêram ao altissimo Deos solemnes sacrificios, e orações por tão grande mercê. E como o Bispo andava muito descontente do Emperador, vendo agora os caminhos desimpedidos, e o pouco fruito que fazia naquella terra, tratou de se partir pera a India, porque havia que sem dúvida lhe mandaria o Governador navios, como lhe tinha promettido: queixando-se publicamente de Gaspar de Sousa, Capitão dos Portuguezes, entendendo que por sua culpa deixava o Emperador de se fazer Catholico; ou ao menos se lho não estorvava, não achava o Bispo nelle a ajuda que queria. E querendo pôr em effeito esta sua ida, acudíram os principaes Portuguezes de todos, e estes foram Gonçalo Ferreira, Simão do Soveral, Christovão Nunes, Antonio Vaz, Juzarte Madeira, João Gonçalves, Jorge Nogueira, Pero Leão, e todos se lhe lançáram aos pés, e lhe pedíram com muitas lagrimas que os não desamparasse, porque estavam com suas mulheres, e filhos, e suas familias, e ficariam todos (se se elle fosse) arriscados a perderem as almas, e apostatarem; e que ainda que não fizera naquella terra mais, que sustentar aquella pequena Christandade, havia de haver por bem empregado seu trabalho.

Tan-

Tantas cousas lhe disseram sobre isto, e tantos protestos lhe fizeram, que o movêram a compaixão, e desistio da jornada. Ainda que todavia de enfadado do Emperador, determinou de se apartar delle, e se foi pera o lugar do Decomo, onde Pero Leão o levou, e fez á sua custa huma devota Igreja em huma rócha viva, que o Bispo benzeo, e dedicou ao Apostolo S. Pedro; onde concorriam todos os Catholicos aos Domingos, e Santos a ouvir Missa, e á doutrina, e de muito longe vinham alguns naturaes Catholicos com seus presentes ao Bispo, que pela devoção, que via nelles, havia por bem empregada sua estada; e andava com isto tão consolado que estava determinado de se deixar alli ficar toda sua vida: pelo que começou a ordenar casas pera seu recolhimento, e não andar mais inquieto. Aqui o deixaremos por hum pouco.

CAPITULO VI.

Do que aconteceo a D. Alvaro da Silveira no Estreito: e das cousas que mais succedêram na Ethiopia: e das guerras que se levantáram, em que o Emperador foi morto: e do que mais succedeo no Imperio.

HE necessario continuarmos com D. Alvaro da Silveira, que deixámos partido de Damão, no Capitulo VII. do VI. Livro, porque parece que nos hiamos já descuidando delle; mas não pode ser menos pelas muitas cousas que succedêram. Partido este Capitão de Damão, (como atrás temos dito,) foi atravessando o golfo com tempo tão rijo, que se abrio a fusta de Sebastião de Sousa de Abreu, a quem D. Alvaro acudio, e lhe tomou a gente, e a fusta com os marinheiros tornou a voltar pera Goa. A mais Armada foi seguindo seu caminho até haver vista da costa de Arabia, e de longo della foi demandar a boca do Estreito, por onde entrou; e de algumas gelvas, que os navios de remo tomáram, soube o Capitão mór que no porto de Mocá ficavam quatro galés, que eram as que o Cafár tinha pera sahir fóra do Estreito ás prezas, e que estavam já em o Canal prestes, e negociadas pera fazer viagem.

Sa-

Sabidas eſtas novas, mandou D. Alvaro da Silveira chamar os Capitães a conſelho; e lhes moſtrou o regimento do Viſo-Rey, em que lhe mandava, que trabalhaſſe por queimar aquellas galés, ainda que eſtiveſſem varadas, e que foſſe neceſſario entrar naquelle porto. E depois de ſe praticar ſobre iſſo, e ſe apontarem os inconvenientes que havia, ſe aſſentou, que ſe cumpriſſe o regimento, e que entraſſem a pelejar com as galés; porque ſegundo a informação dos das gelvas, o poderiam fazer muito facilmente, porque traziam Pilotos daquelles Canaes. E ainda foram alguns de parecer, que tomando as galés, foſſem deſembarcar naquella Cidade, e lhe puzeſſem fogo, porque pela informação que della tinham, não havia nella poder pera lho defenderem.

Aſſentado iſto, fizeram-ſe todos preſtes, e foram demandar o porto de Mocá, aonde chegáram com alguns navios menos, por ſe apartarem com temporaes, que ordinariamente ſe acham dentro naquelle Eſtreito; e ſem embargo diſſo, determinou D. Alvaro da Silveira de entrar logo os Canaes, e pera iſſo ſe mudou com toda a gente dos galeões aos navios de remo, e batéis, e foi paſſando por todas aquellas voltas, baixos, e reſtingas. E indo já no meio á viſta das galés, que eſtavam bem dentro, lhe atiráram el-

ellas algumas bombardadas, com que lhes desapparelháram alguns navios, e no seu lhe feríram alguns homens, e matáram sinco, ou seis marinheiros. E vendo D. Alvaro da Silveira o modo em que as galés estavam, e que não podiam ser commettidas senão pela proa, e com os navios a fio pela estreiteza dos Canaes, receando-se que o desbaratassem de todo, primeiro que chegasse a ellas, tornou a voltar pera fóra, e foi surgir junto dos galeões. E vendo que alli não tinha que fazer, determinou de ir esperar as náos de Meca fóra das portas do Estreito, porque andar por dentro delle era perigoso, e levou logo ancora, e foi-se sahindo pera a boca do Estreito, e despedio os navios de Alvaro Pires de Tavora, Fernão Farto, e Gil de Goes, e lhes deo a cada hum seu Abexim, que lhe o Viso-Rey D. Constantino entregou em Damão, pera que os deitassem em Maçuá com cartas pera o Bispo, e pera o Emperador do Preste, e lhes deo por regimento, que se tornassem a ajuntar com elle fóra das portas do Estreito, onde havia de estar até todo o mez de Março.

Partidos estes navios, sahio-se a Armada pera fóra do Estreito, e elles foram atravessando até a costa do Abexim, e chegáram a Maçuá, onde sem impedimento deitáram os Abexins, e tornáram a voltar pera D. Al-

Alvaro da Silveira, que esteve naquella paragem até quinze de Abril, sem lhe ir náo alguma cahir nas mãos; e sendo o tempo gastado, deram á véla pera Mascate; e antes de chegarem ao Cabo de Rosalgate lhes deo hum tempo tão rijo, que lhes foi forçado correrem em poppa com muito risco, e perigo: e o navio de Alvaro Pires de Tavora, ou fosse por culpa do seu Piloto, ou por mais não poder, foi correndo tão largo com o vento, (que era Ponente,) que em poucos dias foi haver vista da costa da India antre Chaul, e Dabul, já meado Maio, e dalli foi tomar Goa. Os mais navios foram soffrendo mais os mares, e correndo com menos véla; e depois que a tormenta cessou, acháram-se do Cabo de Rosalgate pera dentro, e foram tomar Mascate, onde a Armada se desapparelhou, e o Capitão mór se aposentou em terra, e ordenou mezas aos soldados, e lhes fez pagas, porque pera tudo lhe mandou D. Antão de Noronha, que estava por Capitão em Ormuz, muito dinheiro.

Agora daremos razão das cousas succedidas na Abassia, por nos não sahirmos dellas, já que as temos antre mãos. Neste Capitulo atrás deixámos o Bispo na terra do Decomo, na sua quietação, que lhe não durou muito tempo, porque logo chegáram no-

novas mui apreſſadas, que o Rey dos Malaſaes (Mouro, que vizinhava com as terras do Emperador) tinha mandado hum bom exercito com hum Capitão ſeu a lhe conquiſtar as terras de ſuas fronteiras, e que vinha com tenção de vir buſcar o Emperador, que eſtava na Provincia de Hojé, e dar-lhe batalha; o que metteo os noſſos em tamanha revolta, que acudíram ao Biſpo, e o leváram pera lugares ſeguros, e depois foram buſcar o Emperador, que eſtava na Provincia de Hojé pera o acompanharem, porque ſouberam que ſe fazia preſtes pera ir buſcar os Mouros. E vendo os noſſos o pouco poder que tinha, pelo ter eſpalhado pelas Provincias, lhe aconſelháram, que ſe recolheſſe a algumas ſerras fortes, até lhe acudirem ſeus vaſſallos, o que elle não quiz fazer, antes com o poder que ſe lhe ajuntou, foi buſcar os inimigos, de quem daremos agora relação.

Eſte Rey de Malaſaes, que era Mouro, ſempre foi inimigo dos Abexins, e ſeus antepaſſados tiveram com aquelles Emperadores contínua guerra; e vendo agora eſte aquelle Imperio tão perdido, e fraco por cauſa das guerras tão contínuas, que havia tantos annos tinha, determinou de o mandar conquiſtar. E pera iſto deſpedio os exercitos, que atrás diſſemos, que entráram pelas fronteiras

da-

daquelle Imperio, onde o Emperador tinha Abiticon Malahamal com muita gente de cavallo, que vendo o grosso poder do inimigo, se lhe desviou, por se não atrever a pegar com elle; e os inimigos foram entrando pelas terras, e senhoreando tudo sem contradicção alguma.

O Abiticon como era sagaz, e grande cavalleiro, tanto que vio os Capitães dos Malasaes entrados pelas Provincias com tamanho poder, entendendo que aquelle Rey ficava no Reyno com pouco poder, e descuidado de lhe poder succeder desgraça alguma, ajuntando a mais gente que pode, entrou como hum raio pelo Reyno do inimigo, e o foi buscar á sua Cidade; e tomando-o de sobresalto, o houve ás mãos, e o matou, e fez nos seus grandes cruezas, mettendo a terra a ferro, e a fogo, e assim se recolheo carregado de despojos. E como isto era muito distante, não puderam chegar estas novas ao Emperador, antes de se ver com os inimigos; porque como hia com aquelle impeto, chegou á vista delles, e assentou seu campo no melhor sitio que achou, e começou a haver antre elles escaramuças, em que se assinaláram os nossos Portuguezes de cavallo, que eram Gonçalo Ferreira, Simão do Soveral, Affonso de França Moniz, Luiz Pardo, Diogo Pimenta,

ta, Antonio Vaz, Alvaro Fernandes, Chriſtovão Nunes, Juzarte Madeira, Alvaro da Coſta de Covilhã, Pero Leão, Gaſpar de Souſa. E os de pé foram Luiz Cuſtodio, Coſmo Correa, Fernão Sangane, Fidalgo Gallego, Jorge Nogueira, Diogo Rodrigues, Gaſpar Fernandes, Antonio Pires, Manoel Pereira, Antonio de Sampaio, Gonçalo de Moraes, Antonio Martins, Alvaro Dias, Jorge Capado, Mathias de Salamanca, e Gaſpar Bautiſta.

Os Capitães principaes, que eſtavam com o Emperador, eram Xumo Cafalou, Gradeho Cafo, Honão, Hobidiliſai, Mochael Aſe, Jorges Aſe, Ahaique Colo, e Choge Cata, cunhado do Emperador, que como eſtava determinado de dar batalha aos inimigos, e não gaſtar o tempo em eſcaramuças, mandou fazer todos preſtes, e tomou os Portuguezes apar de ſi. E quinta feira de Endoenças pela manhã, que foi aos vinte e tres de Março da era de mil quinhentos ſincoenta e nove, ſahio de ſeus exercitos com ſuas bandeiras deſenroladas, e foi demandar os inimigos, que tambem já eſtavam em campo; e o primeiro que rompeo nelles foi Gonçalo de Moraes, que ſe adiantou com huma lança de fogo, com que ſe metteo antre os inimigos, onde ſe desfez, e abrazou a muitos; mas elle foi derribado

com

com hum tiro de arremeſſo. O Emperador tambem rompeo em os Mouros, nos dianteiros, cercado dos noſſos.

Mas quiz a deſaventura que com os eſtouros das eſpingardas ſe eſpantaſſe o ſeu cavallo de feição, que ſem dar pelo freio, ſe foi metter no meio dos Mouros, onde o Emperador foi alanceado, e morto. Os noſſos o foram ſeguindo até ſe miſturarem com os Mouros, onde fizeram maravilhas nas armas, matando, e eſpedaçando a quantos achâram diante, como ſe foram leões ferozes; mas como as novas da morte do Emperador ſe eſpalhâram pelo exercito, deſcorçoando os Abexins, ſe puzeram logo em desbarato, ficando ſó os Portuguezes baralhados com os inimigos em huma batalha muito cruel, acompanhados tambem de alguns dos Capitães Abexins, que como víram o ſeu Emperador morto, não ſe quizeram ſalvar. Mas como os noſſos eram tão poucos, e os inimigos andavam já ſenhores do campo, e com a mão folgada com a morte do Emperador, carregâram ſobre elles, e com perda da mór parte ficâram ſenhores do campo; e alguns dos noſſos, que puderam eſcapar, ſe acolhêram pera onde eſtava o Biſpo, e com elle ſe foram a partes ſeguras. Alcançada a vitoria, pera mais ſe gloriarem os Mouros della, cortâram a ca-

cabeça ao Emperador, e aos noſſos, e as mandáram ao ſeu Rey, não ſabendo que tambem eſtava já ſem ella. E ſem fazerem detença alguma, foram paſſando pera a Provincia de Hojé, onde a Rainha eſtava com ſeu filho Minas, pera os haverem ás mãos; mas ella tendo primeiro a triſte nova, ſe recolheo a huma ſerra forte, e os inimigos chegáram aos ſeus Paços, os derribáram, abrazáram, e deſtruíram a terra, deixando-ſe ficar nella devagar, como ſenhores de tudo. Os Abexins, que eſcapáram da batalha, ſabendo logo como os inimigos eram paſſados pera Hojé, ajuntando-ſe hum corpo delles, acudíram ao campo, e leváram o corpo do Emperador, e lhe foram dar ſepultura. Os corpos dos noſſos ficáram no campo, e dalli a tres mezes os acháram hum Alvaro Fernandes, e Antonio de Goes, inteiros, e ſem corrupção alguma, ſómente lhes faltava o membro genital, que lhes cortáram os Mouros, ou Cafres.

Neſte tempo eſtava o Padre Reitor da Companhia quatro jornadas de Baroá, e o Padre Gualtamas, e com elles Franciſco Dias Machado, Antonio Lopes da Silveira, e Pero Dorta de Oliveira, que foram eſperar o Patriarca, cuidando que vieſſe pera o receberem, e acompanharem, e alli foram ter com elles os tres Abexins, que atrás diſſemos,

mos, que os navios deitáram em Maçoá, e lhes deram as cartas do Viſo-Rey D. Conſtantino pera o Biſpo, e ſouberam todas as novas da India, e de como o Patriarca ficava em Goa. Com eſtas novas voltáram pera o Biſpo, que acháram em caſa de hum Portuguez natural do Crato, que ſe chamava Vaſco Pires do Crato, (que foi da Condeſſa velha, mulher do Conde da Vidigueira D. Franciſco da Gama, que o recolheo, indo elle fogindo do desbarato do Emperador,) que os agazalhou. E ſabendo o Biſpo não vir o Patriarca, ficou muito deſconſolado, e deixou-ſe ficar naquella parte até ver em que paravam as couſas daquelle Imperio.

CAPITULO VII.

De como os Turcos foram ſobre a fortaleza de Baharem, e lhe puzeram cerco: e da Armada que D. Antão de Noronha lhe mandou de ſoccorro: e de como aviſou D. Alvaro da Silveira pera que a ſoccorreſſe.

MUitas vezes temos dito pelo decurſo de noſſas Decadas, do muito que o Turco deſejava de ſe fazer Senhor de todos os portos da Arabia da banda do Eſtreito Perſico; e como os ſeus lhe entendiam eſte deſejo, huns ſe lhe offereciam pera huma couſa, e outros pera outra; mas tudo ſe lhe

deſ-

desarmava em vão; porque das emprezas que commettêram, sempre sahíram escalavrados das nossas mãos. Agora este verão, em que andamos, se lhe foi offerecer hum Capitão, que foi de Lacá, Turco de nação, pera lhe tomar a fortaleza de Baharem, que era a principal da costa da Arabia, tirando Baçorá, e a quem elles desejavam mais que todas, por ficar mais vizinha á Ilha de Ormuz, em que elle tinha os olhos. E fez-lhe este Turco a cousa tão facil, que lhe acceitou o Turco os offerecimentos, e mandou ao Baxá de Baçorá que lhe negociasse as cousas necessarias pera aquella jornada: o que elle fez muito bem, e lhe deo duas galés, e setenta terradas, e terranquins, e hum bargantim de dez bancos, em cujas vasilhas embarcou mil e duzentos Turcos, e Janissaros, e muitos mantimentos, e munições, e petrechos de guerra; e se lhe ajuntou mais pera o acompanhar nesta jornada Mir Soltão Ali, Parseo de nação, Capitão que foi de Catifa, que escandalizado de alguns aggravos que teve do Xá, cujo vassallo era, se passou pera o Turco, e pelo desservir se quiz achar neste feito, porque tambem era em damno do Estado da Persia, tudo o que por aquelle Reyno se conquistasse.

Chegada esta Armada a Baharem, lançáram os Turcos toda a gente em terra, e

plan-

plantáram ſuas eſtancias ao redor da fortaleza, e as guarnecêram de artilheria muito groſſa pera a bateria, que determinavam dar. Era Guazil de Baharem Rax Morado, (caſado com huma filha de Rax Nordin Guazil de Ormuz,) homem Parſeo muito prudente, grande Capitão, e o melhor homem de cavallo que havia em toda Perſia, que tanto que teve viſta da Armada, recolheo dentro na fortaleza todos os mantimentos que na terra havia, e quatrocentos homens eſcolhidos, com quatro, ou ſinco Portuguezes criados de D. Antão de Noronha Capitão de Ormuz, que alli eſtavam fazendo ſeus negocios: antre eſtes entrava Henrique de Mello, que hoje vive, e he Capitão do Caſtello de Pangim, e Antonio de Campos, neto da boa velha de Dio, Iſabel Fernandes; e aſſim deſpedio logo o Guazil huma terrada muito ligeira com cartas pera ElRey de Ormuz, e pera o Capitão, em que lhes dava conta do negocio, e lhes pedia o ſoccorreſſem, ficando-ſe fortificando o melhor que pode: pera o que teve pouco tempo, porque os Turcos logo começáram a dar grandes baterias, com que fizeram algumas ruinas pelos altos dos muros, que logo foram repairados dos de dentro, que tambem lhes reſpondêram com ſuas ſalvas, de que elles recebêram bem de damno.

Ven-

Vendo os Turcos que os muros eram fortes, e que os de dentro ſe defendiam tão bem, e os tratavam mal, tratáram de entulhar a cava, que cercava a fortaleza, pera a commetterem por aſſalto, pera o que começáram a fazer ruas por baixo do chão, pera os officiaes poderem trabalhar, o que lhes cuſtou muito caro, e muito trabalho, porque era toda aquella parte de arêa, que lhe fogia, e acudiam-lhe com grandes repairos pera ſuſtentar as paredes da rua, porque não arrunhaſſem. E em quanto eſtão occupados neſta obra, daremos razão do recado que chegou a Ormuz, e do que fez o Capitão.

Dadas as cartas a ElRey, e ao Capitão D. Antão de Noronha, logo começáram a preparar gente, e a armar navios, que logo ſe puzeram dez no mar, alguns dos da companhia de D. Alvaro da Silveira, que alli foram invernar, de que eram Capitães Gil de Goes, Diogo Ferreira, Collaço do Principe D. João, e hum foão de Mello, e os mais que alli havia da obrigação da fortaleza, e de todos fez Capitão mór D. João de Noronha ſeu ſobrinho, irmão de D. Antonio de Noronha Capitão de Cochim. Os mais eram João de Quadros, e hum mancebo Fidalgo do appellido dos Mellos, irmão do outro aſſima, e Jeronymo de Souſa, com

quem

quem ſe embarcáram por parentes: Alexandre de Souſa, que foi Capitão de Chaul; e Franciſco de Souſa Tavares o manco, que hoje vive em Aveiro, e outros, que D. Antão de Noronha deſpedio muito apreſſadamente, mui bem apercebidos de gente, munições, e mantimentos. E ao deſpedir o D. João ſeu ſobrinho, que hia por Capitão mór, o apartou, e lhe diſſe « que ſe lem-
» braſſe que era filho de hum Clerigo, e
» que não tinha mais honra que aquella;
» que por ſeu braço ganhaſſe; que elle lhe
» dava pera iſſo aquella empreza, que era
» das honradas da India; que foſſe, e lhe
» tomaſſe, ou queimaſſe aquellas galés, ou
» morreſſe, e perdeſſe ſobre iſſo todos aquel-
» les navios, porque naquillo eſtava ſer mui-
» to honrado, ou muito abatido; e que
» queimando as galés, ſe deixaſſe ficar com
» os navios guardando a Ilha, porque os
» Turcos ſe não ſahiſſem della, porque lo-
» go apôs elle ſeria lá D. Alvaro da Silvei-
» ra com toda ſua Armada. »

Embarcado D. João de Noronha, deſpedio D. Antão de Noronha huma embarcação ligeira com huma carta pera D. Alvaro da Silveira, em que lhe dava conta daquelle negocio, e lhe pedia « ſe apreſ-
» ſaſſe, e acudiſſe áquelle feito, porque ſe-
» ria grande perda, e quebra do Eſtado ga-

» nharem os Turcos aquella fortaleza; e que
» se viera a buscar galés, alli as tinha, em
» parte que lhe não podiam escapar; e que
» se se pejasse de vir a Ormuz, (porque es-
» tavam quebrados,) ou não tivesse gosto
» disso, que fosse á Ilha de Angão, e que
» lá lhe mandaria todos os provimentos, e
» dinheiro que lhe fosse necessario pera a
» Armada.» D. Alvaro da Silveira entenden-
do a importancia do negocio, lhe respondeo
« que logo se partia pera Angão, por lhe
» parecer assim melhor; porque se tomasse
» Ormuz, seria muito grande trabalho tor-
» nar a recolher os soldados, e que mandas-
» se os provimentos pera a Armada, porque
» se não detivesse em esperar por elles.» Com
este recado despedio logo D. Antão de No-
ronha a Francisco Jacome, Escrivão da fa-
zenda, com dinheiro, arroz, manteigas, bis-
couto, peixe, munições, plouros, e todas
as mais cousas em abastança. E não tardou
muito que não chegasse D. Alvaro da Sil-
veira com os mais navios de remo, e a ca-
ravela de Pero Peixoto da Silva, e tomando
os provimentos, deo á véla pera Baharem;
e em quanto lá não chega, tornemos a D.
João de Noronha, que deixámos partido de
Ormuz, pera darmos conta do que lhe acon-
teceo nesta jornada.

CA-

CAPITULO VIII.

Do que aconteceo a D. João de Noronha até Baharem: e de como as galés lhe corrêram: e do risco em que os nossos navios se víram de ser tomados: e de como D. Alvaro da Silveira chegou a Baharem, e tomou as galés, e cercou os Turcos na Ilha.

PArtido D. João de Noronha de Ormuz, foi seguindo sua jornada até a Ilha Samaim duas leguas de Baharem, onde se deixou ficar esperando por hum navio, que lhe ficava atrás, que era de hum daquelles dous irmãos, os Mellos, que partio depois delle, e ao outro dia foi demandar Baharem, cuidando que a nossa Armada estava já lá; (porque quiz a pouca dita de D. João que assim succedesse pera perder huma tamanha honra) e chegando á vista da Ilha, vendo os que estavam nas galés aquelle navio só, sahíram apôs elle como hum trovão, e elle lhes foi fogindo pera a banda da Ilha Samaim, onde os nossos estavam como em emboscada. D. João de Noronha, que estava com os mais navios surto da outra banda da Ilha, vendo por sima da Ilha os pennões das duas galés, com grande alvoroço de todos tomáram as armas, e lhes sahíram

ao encontro com o remo em punho, mui furiosa, e determinadamente. Os Turcos dando de rosto com os navios, e como vinham determinados com aquella pressa, e de parte, de que se elles não temiam, viráram, e foram-se recolhendo pera Baharem, e os nossos apôs elles atropelando-os bem. Mas como ellas levavam a vantagem de quem foge, e eram muito ligeiras, sahiram-se delles, e chegando a Baharem, surgíram no seu porto. O que visto por D. João de Noronha, surgio hum pouco affastado, e alli tomou conselho com os Capitães sobre o que faria; e foram a mór parte delles de parecer, que esperassem pela manhã, (porque hia já anoitecendo,) e que as fossem commetter; o que elle fez, deixando-se ficar alli toda a noite: no que se perdeo como mancebo sem experiencia; porque se quando foi seguindo as galés as abalroára logo em ellas surgindo, sem dúvida as tomára; porque levavam os Turcos tamanho medo, que em surgindo, se baldeáram em terra, deixando as galés como perdidas. E a perda de huma tão honrada occasião não se póde lançar á conta da fortuna, senão ao que ella disse naquella fabula, que se della conta, quando acordou hum menino, que dormia sobre a borda de hum poço, que não queria que cahisse em baixo, porque lhe

não

não puzeſſem a ella a culpa, ſendo toda da ignorancia do menino. Em fim, tornando aos noſſos, que deixámos ſurtos eſperando pela manhã, que tanto que veio moſtrando ſeus dourados raios, víram vir as galés a elles; porque o Baxá vendo o termo que os noſſos fizeram em ſe deixarem ficar, entendendo ſer receio, mandou metter em cada galé cento e ſincoenta Turcos, e lhes mandou que foſſem pelejar com os noſſos navios. D. João de Noronha em vendo as galés, eſtando já em armas, perguntou aos Capitães o que faria? Alguns lhe diſſeram, que o bom ſeria irem-ſe retrahindo, porque as galés na preſſa que traziam, moſtravam vir mui guarnecidas. E outros foram de parecer, que ſe lhes foſſem ſahindo, como que fogiam dellas; e que como as tiveſſem alongadas de Baharem, pelejaſſem com ellas, onde não foſſem viſtas da terra, por não ſerem ſoccorridas pelas terradas. Eſte parecer acceitou mais D. João de Noronha, e aſſim ſe foi recolhendo com todos os ſeus navios juntos, e elles mui preſtes pera pelejarem, quando foſſe tempo.

As galés vendo ir os navios daquella maneira, apertáram mais o remo, e os foram ſeguindo, e esbombardeando pera embaraçar os marinheiros; e não lhes ſahio em vão eſte deſenho, porque como as peças de proa

eram

eram Esperas, e Salvagens, hiam os pelouros dar antre os nossos navios; o que foi em alguns cousa de tamanho medo, que começáram a dar á véla, e a desmandar-se. O que visto pelos mais, que hiam alli muitos amigos de ganhar honra, vendo-se sós, tambem se foram recolhendo por onde cada hum mais pode. E só João de Quadros, como homem prático naquelle Estreito, se foi desviando dos mais navios; e tomando outro rumo, se lançou pera a banda de Catifa. As galés foram seguindo as mais fustas tão rijamente, que foi forçado aos nossos alijarem ao mar tudo o que puderam, pera ficarem mais leves, e ligeiros. E todavia a galé Capitânia, que era muito ligeira, foi alcançando a fusta de Diogo Ferreira Vellez, que era mais pezada que as outras, com quem hia embarcado por soldado D. João de Castello-branco; e tanto a entrou, que lhe ficou debaixo da appellação. Os Turcos com o desejo de os tomarem vivos a todos, não os quizeram metter no fundo, e lhes disseram em Italiano, que não houvessem medo, e que se entregassem, que os tratariam muito bem. E dizendo-lhe elles que si, se foi á galé, desviando pela não metter no fundo. Diogo Ferreira, e D. João de Castello-branco, que eram homens de mais animo, e estavam com as armas nas mãos pera pelejar,
ven-

vendo desviar a galé, foram mettendo de ló por ella lhes ficar a gilavento; e como levavam posta huma varredeira por baixo da véla, pera andarem mais, a fizeram molhar, promettendo aos marinheiros muito dinheiro, que trabalháram muito bem; e indo-se já sahindo da galé, e tornando ella a preparar apôs elles, que hiam mui negociados, vendo pela proa hum baixo, por se desviarem da galé, endireitáram com elle, e foram assim á véla varando por sima. E quiz Deos nosso Senhor que aquella parte por onde tomáram fosse o mais alto delle, e de arêa; e roçando ainda a quilha por elle, foi passando á outra parte até darem em fundo, ficando muito alongados da galé, que como hia com aquella furia, foi tambem roçando pelo baixo apôs a fusta, e esteve de todo perdida nelle, e tornou a virar com muito trabalho, ficando-lhe a fusta da outra parte tão longe, que pera a ir buscar lhe era necessario rodear todo o baixo, que era mui grande, pelo que foi voltando pera a costa de Catifa, onde encontrou com a fusta de João de Quadros, que cuidava estar já livre das galés; e em a vendo, deo á véla, e lhe foi fogindo tudo o que pode; mas como a galé (que era a Capitânia) era muito ligeira, a foi entrando, e calcanhando tanto, que lhe foi forçado alijar ao mar tudo o

que

que levava, até os berços, e falcão; e ainda assim não pudera escapar, se senão recolhêra a outra restinga, como fez Diogo Ferreira Vellez, porque aquelle Estreito he todo cheio dellas, e de baixos, e assim escapou á galé, que com medo de dar em secco se foi desviando. Durou esta pressa até a noite, em que as galés se recolhêram pera Baharem, e os nossos foram até a Ilha de Caes, onde se ajuntáram, e deixáram ficar até vir recado de Ormuz, que como lá chegou deste successo, ficou D. Antão de Noronha em extremo apaixonado contra D. João de Noronha seu sobrinho por perder as galés por seu descuido. E estando elles aqui em Caes, foi ter com elles D. Alvaro da Silveira; e sabendo o successo das galés, o sentio muito pelo credito do Estado; mas por outra parte não lhe pezou, porque havia que aquella boa ventura se guardava pera elle.

E tomando todos os navios comsigo, foi surgir na Ilha das Romans, que está defronte de Catifa hum tiro de espingarda. Isto foi ardil seu, porque em Angão foi avisado, que os Turcos esperavam por mais terradas, e gente de Baçorá. Pelo que lhe pareceo melhor tomar tanto dentro, que vendo-o os Turcos vir da banda de Baçorá, cuidassem que eram as embarcações que esperavam, e os tomaria assim descuidados,

Da-

Daqui da Ilha das Romans ſe fez D. Alvaro da Silveira á véla, hum dia de grande çerração, e foi demandar Baharem, ſem ſerem viſtos, por razão do nevoeiro; e chegando ás galés, que eſtavam bem deſcuidadas, logo lhe poz as proas com todos os navios; e o primeiro que ſe lançou em huma das galés foi Rafael Gomes Viegas, filho de Galvão Viegas, Alcaide mór da Cidade de Goa. Entrados os noſſos, acháram poucos nas galés, que foram logo mortos, e ellas tomadas, e D. Alvaro da Silveira as mandou logo tirar pera fóra, e com ellas foi ſurgir defronte da fortaleza, que ſalvou com toda a artilheria, e depois o fez ao arraial dos Turcos, onde lançáram muitos pelouros, que lhes fizeram muito damno. O Baxá conhecendo as galés, e vendo-as perdidas, esbravejava de pezar de ſeu deſcuido, e logo ſe houve por perdido, porque bem entendia que aquella Armada lhes havia de impedir, e tomar todos os ſoccorros que lhe vieſſem, e os havia de pôr em grande aperto, e neceſſidade, porque na Ilha não tinham mantimentos; e por lhe não ficar já outro remedio, ſenão a fortaleza, em que ſe poderiam ſalvar, determinou de amiudar a bateria, e ver ſe a podia tomar por hum aſſalto, pera o que ſe começou logo a preparar.

CA-

CAPITULO IX.

De como o Guazil de Baharem ſe vio com D. Alvaro da Silveira: e do que aſſentáram ſobre o negocio dos Turcos: e do alvoroço, e motim que houve antre os noſſos, por não querer D. Alvaro da Silveira dar batalha: e de como de deſconfiado ſahio aos Turcos: e da muito grande, e cruel batalha que tiveram, em que D. Alvaro da Silveira foi morto, e desbaratado.

SUrta a Armada defronte da fortaleza, logo ſe embarcou o Guazil de Baharem em hum terranquim, e ſe foi ver com o Capitão mór, que o recebeo com muitas honras, e agazalhados. Logo alli foram chamados os Capitães a conſelho ſobre a guerra que ſe havia de fazer aos Turcos; e ſendo o Guazil o primeiro que fallou, diſſe « que » a maior que ſe lhe podia fazer, era cer- » car a Ilha toda com todos os navios, e » ſe lhe defendeſſe a entrada, e ſahida, por- » que ſe não pudeſſem prover de mantimen- » tos, nem mandarem pedir ſoccorro a Ba- » çorá; e que aſſim os poriam em tanto » aperto, e neceſſidade, que ou ſe entrega- » riam, ou morreriam á fome; e que ſe lhe » não déſſe batalha, porque nenhuma outra

» cou-

» cousa elles mais desejavam. » Deste parecer foi João de Quadros, como homem que entendia bem a terra, affirmando, que os Turcos se desbaratariam por si, sem risco algum nosso; e assim o tiveram outros Capitães pera si, ainda que alguns foram doutro parecer.

A D. Alvaro da Silveira, parecendo-lhe melhor o primeiro, repartio logo os navios ao derredor da Ilha, que traziam tamanha vigia, que nem huma pequena almadia puderam os Turcos lançar de nenhuma parte pera lhes levar novas a Baçorá, o que os Turcos sentíram muito, e o Baxá acabou com isto de ver sua perdição. E por não mostrarem covardia, tornáram a bater a fortaleza com grande importunação, e de dentro tambem lhe respondiam ao mesmo som, fazendo-lhes mais damno do que recebiam, porque a bateria não fazia mais que derribar-lhes alguns altos do muro, que logo eram repairados, ainda que com trabalho, e cansaço dos corpos, porque toda a noite gastavam nisso. Era já isto no mez de Setembro, e os nossos se enfadavam de esperar tanto, porque receavam que os tomassem alli aquellas febres malignas, que sempre entram com os Levantes, que ordinariamente começam a cursar na entrada de Outubro, que (como já algumas vezes dissemos) são

hum

hum terror, e eſpanto a todos pela grande deſtruição que tem feito em noſſas Armadas, com o que ſe começáram a motinar, e a requerer a D. Alvaro da Silveira « que » déſſe batalha aos Turcos, porque antes » queriam morrer pelejando com as eſpadas » nas mãos, que das febres que ſe eſperavam, de que poucos haviam de eſcapar, » ſe lhes deſſem. » E como quaſi todos os da Armada entravam neſte alvoroço, e gritavam por batalha, dando a D. Alvaro da Silveira a deſconfiança, lhes diſſe « que ſe » quietaſſem, que elle os ſatisfaria, ainda » que contra ſeu parecer, e obrigação, e » que ſe fizeſſem preſtes pera o outro dia » ſeguinte, e que permittiſſe Deos ſe não » arrependeſſem » dando tambem recado ao Guazil, que ordenaſſe ſua gente, e que em peſſoa ſe achaſſe com elle na batalha. Tudo o que reſtou do dia, e a mór parte da noite gaſtáram em ſe preparar, e alimpar ſuas armas, e fazer pelouros, e a voltas diſſo deram grandes matracas a João de Quadros, chamando-lhe fraco, e covarde, porque fora de parecer que ſe não déſſe a batalha, e ao Guazil, que era hum Mouro falſo, e traidor, e que queria tirar aquella honra das mãos dos Portuguezes, e dalla aos Mouros como elle, e outros deſatinos como eſtes.

Ao outro dia pela manhã ſe ajuntáram

todos poſtos em armas, e começáram a gritar por batalha, o que D. Alvaro da Silveira não pode remediar; e contra ſeu parecer, e muito pejadamente ſe poz no campo junto da fortaleza, e eſperou pelo Guazil que ſahiſſe de dentro, que logo veio com trezentos Perſas mui bem armados, em que entravam muitos de cavallo, e mandou dar alguns muito formoſos a D. Alvaro da Silveira, de que tomou dous pera ſua peſſoa, e os mais repartio por Fidalgos, que lhe parecêram mais pera iſſo; e poſto em hum formoſo eſquadrão, e o Guazil com toda a ſua gente a huma parte delle, foi abalando em buſca dos Turcos, que ſe tinham recolhido pera hum palmar perto da fortaleza, onde o Baxá eſperou os noſſos, e toda a ſua gente de cavallo tinha lançada em ſillada no cabo do campo detrás de huns cardaes, pera tomarem os noſſos no meio. Chegando a dianteira dos noſſos aos inimigos, deſcarregou nelles aquella primeira ſalva de arcabuzaria, com que derribáram alguns Turcos, e depois deo *Sant-Iago.* E como os noſſos hiam com aquelle furor, e deſejo, de tal maneira apertáram com elles, que os lançáram fóra do Palmar, que de induſtria ſe deixáram levar por todo aquelle campo, até metterem os noſſos na ſillada, e todavia matando nelles á ſua vontade. Os de cavallo,

lo, que eſtavam detrás do cardal, tanto que os víram eſtendidos pelo campo, arrebentáram com grande furia, e deram nelles com tão grande impeto, que logo os deſordenáram, e os foram levando até os tornar a metter pelo palmar, ficando no campo já alguns atropellados.

D. Alvaro da Silveira, vendo tamanho deſarranjo, ajuntou os de cavallo, que ſempre o acompanháram; e o Guazil com os ſeus, que nunca o deixou, foi ſuſtentando o pezo da batalha, e tendo o encontro aos inimigos, porque o não acabaſſem de desbaratar de todo; e neſtas voltas teve com elles huma muito arriſcada batalha, em que os que o ſeguião moſtráram bem ſeu esforço; e o meſmo fez o Guazil, que ſe moſtrou mais leal, do que os ſoldados lhe chamáram na matraca. Aqui ficou a batalha ſuſpenſa, porque os noſſos tornáram a voltar pera onde víram D. Alvaro da Silveira, e os Mouros ſe tornáram a refrear daquelle impeto com que vinham, cuidando que levavam já a vitoria nas mãos. E ſegundo D. Alvaro da Silveira aqui ſe moſtrou Capitão, e cavalleiro, e todos os mais que lhe acudíram esforçados, ſem dúvida que os Turcos ſe perdêram. Mas quiz a deſaventura que deſſem a D. Alvaro da Silveira huma eſpingardada por huma virilha, de que ſe ſentio muito; mas

mas nem por iſſo deixou o furor com que pelejava, nem quiz que os ſeus ſoldados entendeſſem que eſtava ferido, por não acontecer algum deſaſtre. Mas como elle tinha alli ſeu termo acabado, andando no mór conflicto da batalha, lhe deram outra eſpingardada pelo peſcoço, de que logo cahio mortal; e os que andavam junto delle pelejando com muito valor, que eram Ruy Barreto, filho mais velho de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide mór de Farão, e de Dona Leonor de Milão, Ayres Gomes da Silva, D. João Gonçalves de Taíde, Franciſco de Toar, Franciſco de Souſa Tavares, Alexandre de Souſa, D. Vaſco de Taíde, Baſtião de Souſa de Abreu, Franciſco de Faria, hum homem Fidalgo muito conhecido em Portugal, Antonio Luiz o Mulato da Rainha, Ayres de Miranda, Franciſco de Mello, irmão do Monteiro mór, D. João de Caſtello-branco, Diogo de Miranda, Jorge Pereira Coutinho, João de Quadros, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros, vendo cahido o ſeu Capitão, trabalháram pelo ſalvar, ſobre quem carregáram todos os Turcos, e antre todos ſe renovou outra batalha muito cruel, em que houve muitas mortes, e damnos de ambas as partes; e os noſſos como touros cioſos defendêram D. Alvaro da Silveira daquella multidão de Turcos

mui-

muito eſpaço, que Ruy Barreto, D. João Gonçalves de Taíde, e Baſtião de Souſa de Abreu; que eſtávam mais chegados a D. Alvaro da Silveira, pegáram delle pera o levarem, e ſalvarem, e aſſim ſobraçado o foram levando hum pouco eſpaço já mortal: mas como era homem muito grande, e pezado, e os Mouros vinham já de tropel carregando ſobre elle, cahio D. Alvaro; e os Turcos, que traziam o olho nelle, o rodeáram logo, e alanceáram a mór parte dos que o defendiam, fazendo elles tambem muito bem ſeu officio, e ſatisfazendo-ſe das feridas que traziam muito honradamente. Mas como a mais gente era poſta em desbarato, e os Mouros andavam ſenhores do campo, foram-ſe recolhendo o melhor que puderam, porque ſe não acabaſſem de perder todos. Aqui cahio D. Vaſco de Taíde, atraveſſado de huma lançada; e hum ſoldado filho da India, por nome Jorge Dias o Pedinte, lhe acudio, e o ſalvou com muito trabalho. Franciſco de Faria, e o Mulato da Rainha foram aqui cercados dos Turcos, e como dous leões bravos famintos fizeram nelles tal eſtrago, que não ouſavam a lhe chegar, tendo a eſte tempo já o Mulato huma perna cortada; e por ſe não poder ter nella, ſe poz de giolhos, e aſſim ſe fez temer de feição, que com tiros de arremeço

-o acabáram de matar, e o mesmo fizeram a Francisco de Faria, deixando elle primeiro sua morte bem vingada.

Ruy Barreto, e D. João Gonçalves de Taíde, e Bastião de Sousa, que estavam pelejando sobre D. Alvaro da Silveira, depois de lhe cahir, vendo tudo perdido, e elles sós, e feridos, e que os Turcos recresciam, foram-se recolhendo, depois de terem feito cousas muito pera serem invejadas de todos; e porque os seguiam alguns Turcos, nunca lhes viráram as costas, e sempre foram pelejando valorosamente. E indo neste transe, em que hum muito bom cavalleiro não podia ter mais tento que em si, vio D. João Gonçalves de Taíde que os Turcos cortavam a cabeça a D. Alvaro da Silveira, e lhe tiravam huma cadeia do pescoço; e dando-lhe os estimulos da honra, olhando pera Bastião de Sousa, e Ruy Barreto, lhes disse: » Ah senhores, pera que he viver vida tão » deshonrada, como he ver matar diante de » nós, e cortar a cabeça ao nosso Capitão, » e não lhe valermos? Vamos a morrer com » elle, porque o morrer desta sorte faz toda » a vida gloriosa. » Ruy Barreto, e Bastião de Sousa, que eram Fidalgos valorosos, e mancebos, desejosos de honra, voltáram pera onde estava D. Alvaro da Silveira, dizendo: « Vamos, e acabemos em nosso offi-

» cio. » E com efte animo, e furor arremettêram todos tres pera aquella parte; e antes de chegarem ao corpo do feu Capitão mór, deram a Baftião de Soufa huma efpingardada por huma perna, de que fe fentio tal, que não pode paffar ávante, e tornou-fe a recolher o melhor que pode. E fentindo enfraquecer-fe-lhe a perna de maneira, que não podia dar paffo, recolheo-fe a huma cafa de palha, onde vio entrar alguns dos noffos, que hiam já em desbarato. D. João Gonçalves de Taíde, e Ruy Barreto paffáram adiante por meio dos Turcos até chegarem a D. Alvaro da Silveira, em quem os Mouros eftavam fazendo aquella notomia; e dando nelles, matáram alguns, e fizeram terreiro até fe pôrem em cima daquelle corpo já fem cabeça, e alli pelejáram como huns leões bravos, até que matáram D. João Gonçalves de Taíde, depois de ter feito por feu braço muito grande eftrago nos Turcos, accrefcentando ao feu illuftriffimo appellido huma fama, que fempre durará antre elles. (Foi efte Fidalgo filho natural de D. Martim Gonçalves de Taíde, Senhor da Cafa de Atouguia, que o houve em huma mulher nobre.) E deram a Ruy Barreto quatorze feridas, de que tres foram mui perigofas, e mortaes, porque lhe deram em hum hombro com huma maffa de ferro, com que lhe

im-

impedíram poder usar daquelle braço, e o feríram na mão direita, de que andou muitos tempos aleijado della, sem poder endireitar os dedos, nem ainda com trazer pera isso hum pezo de chumbo; e a outra, que o tratou peior que todas, foi, tirarem-lhe com hum zarguncho de arremesso, que lhe atravessou huma perna, donde nunca o pode tirar por ser de farpão; e com os movimentos que fez na peleja, se lhe sahio por si, rasgando-lhe, e esfarrapando-lhe a perna; e todas as mais lhe deram em seu corpo, tendo bem mostrado o valor, e esforço do sangue donde procedia.

O Guazil de Baharem, que este dia mostrou bem os quilates de sua pessoa, e esforço, e fidelidade, vendo já tudo perdido, e desbaratado, foi recolhendo os nossos, que andavam pelo palmar desarranjados, e os foi emparando, e guardando, e defendendo dos Turcos até os metter na fortaleza. Os Turcos que os seguiam, alguns delles que víram recolher-se Bastião de Sousa naquella casa, onde tambem o fizeram outros, chegáram a ella pera a entrarem; e sentindo dentro muitos dos nossos, não a ousando accommetter, bradáram por fogo; e receando-se os nossos que os abrazassem, se entregáram aos Turcos.

Morrêram dos nossos setenta, em que

entráram aquelles dous valorosos mancebos, D. João Gonçalves de Taíde, e Bastião de Sousa, Antonio Luiz o Mulato da Rainha, Francisco de Faria, e o Capitão mór D. Alvaro da Silveira, que era hum Fidalgo muito valoroso, e tinha já acabado seus serviços, pelo que estava despachado com a Capitanía de Ormuz. Foram cativos perto de trinta; e aos que pudemos saber os nomes, são os seguintes: Ayres Gomes da Silva, que logo morreo das feridas, que lhe deram na batalha; Jeronymo de Sousa, que tambem morreo no cativeiro, Gil de Goes de Lacerda, D. João de Castello-branco, e outros, que nos não lembram.

Desbaratada a batalha, abrio Pero Peixoto hum regimento do Viso-Rey, em que vinha elle nomeado por Capitão mór daquella Armada, em defeito de D. Alvaro da Silveira, de que tomou logo posse por conselho dos Capitães, e Guazil, e assentou, que D. João de Noronha com a gente de Ormuz se mettesse na fortaleza, e que os navios da Armada de D. Alvaro da Silveira continuassem na guarda da Ilha, como dantes, pera que não pudessem entrar provimentos, nem soccorro aos Turcos: e que os navios da obrigação de Ormuz com as galés se fossem pera D. Antão de Noronha, pera se elle quizesse vir em pessoa, ou mandar

mais ſoccorro, tiveſſe pera iſſo embarcações; e neſtes navios ſe foi D. Vaſco de Taíde, e alguns feridos pera ſe curarem em Ormuz.

Feito iſto, foi Pero Peixoto continuando na guarda da Ilha, e de tal maneira lhes defendeo as entradas, e ſahidas, que poz os Turcos em grande deſeſperação pela falta dos mantimentos; e chegáram a tanto extremo, que já antre elles valia huma mão de arroz (que são quatro arrates) quarenta Xaes, que são oito cruzados, e á falta delles deixáram de bater a fortaleza, e andavam todos eſpalhados pela Ilha, buſcando hervas, e raizes pera comerem, que os começáram a corromper, e matar. Mir Soltão Alli, Capitão que foi de Catifa, que os alli trouxe, vendo o miſeravel eſtado em que aquelle negocio eſtava, entendendo que o Capitão de Ormuz havia de acudir, e que os Turcos ſe perderiam, lá teve modo com que houve huma mui pequena embarcação, em que ſe paſſou á terra firme, com muito trabalho, e riſco de ſua peſſoa, e ſe foi pera Catifa a eſperar o fim daquelle negocio.

Vendo-ſe os Turcos em tão grande aperto, começáram a correr com recados a Pero Peixoto ſobre pazes, a que lhes elle deo orelhas, e lhes mandou dizer; que lhe enviaſſem hum dos cativos pera aſſentarem antre elles os partidos. O Turco lhe mandou

Gil

Gil de Goes de Lacerda, por quem todos os mais cativos ficáram, que veio a Pero Peixoto, e tornou ao Baxá muitas vezes, até antre elles se concluir, que lhes désse embarcações pera se passarem a Catifa, e que deixariam a Ilha, e entregariam todos os cativos. Assentado isto, como Pero Peixoto era Gallego, e estava magoado dos Turcos, e sabía sua pouca fé, determinou de tanto que se embarcassem, mandar dar nelles lá junto de Catifa, e metter todos á espada, ainda que nisso arriscasse a fé Portugueza. Estando assim esperando embarcações pera os passar, chegou áquella Ilha hum navio de Ormuz com recado de D. Antão, como adiante se verá.

CAPITULO X.

De como com as novas que chegáram a Ormuz, se fez prestes D. Antão de Noronha, e despedio diante Aleixo Carvalho com recado a Baharem, e elle se partio apôs elle: e do que aconteceo a Aleixo Carvalho: e como se vio com o Baxá, e do que ambos tratáram.

EM poucos dias chegáram as novas da desaventura de Baharem a Ormuz, que fizeram em todos mui grande abalo, e D. Antão de Noronha o sentio em extremo, e

e foi desembarcar D. Vasco de Taíde, e os mais Fidalgos que hiam feridos, e os levou comsigo, mandando os mais repartir por casas, e curar com muito resguardo. E vendo que o remedio de Baharem não estava em sentimento, senão na pressa; nem em lagrimas, senão no soccorro, despedio logo com muita pressa Aleixo Carvalho em hum Catur ligeiro cheio de munições, e lhe deo cartas pera Pero Peixoto, em que lhe affirmava, que apôs elle chegaria, e lhe encommendava muito lhe tornasse a enviar logo Aleixo Carvalho com recado do modo em que as cousas estavam, pera ir advertido de algumas, quando lá chegasse. Despedido este homem, mandou D. Antão de Noronha com muita pressa concertar huma das galés dos Turcos pera sua pessoa, e preparar os navios de remo, que lhe foram, e embarcar muitos mantimentos, e munições, porque determinava de não tornar sem tomar vingança da morte de tantos Fidalgos.

E porque aquelle negocio tocava tanto a ElRey de Ormuz, assentou com elle, que fosse em sua companhia Rax Nordin Guazil, e que de caminho fizesse gente Parsea pela costa do Verdestan, e Vidican; e mandou pera isso negociar muitos terranquins, e mantimentos em abundancia pera toda a jornada. E sendo tudo prestes, se embarcou D.

D. Antão de Noronha, em alguns dias de Setembro já andados, e com elle D. Vasco de Taíde ainda ferido, porque não quiz ficar em Ormuz, por se achar na vingança que se esperava tomar de tantos Fidalgos mortos, parentes, e amigos; e deixou entregue aquella fortaleza ao Alcaide mór, com alguns casados, porque toda a mais gente se embarcou áquelle soccorro; e chegando á costa do Verdestan, se deteve nella alguns dias, em quanto o Guazil fazia a gente. E aqui o deixaremos por continuarmos com Aleixo Carvalho, que deixámos partido pera Baharem.

Chegado este homem áquella Ilha em poucos dias, deo as cartas que levava de ElRey, e Capitão pera o Guazil, e pera Pero Peixoto, em que lhe pedia D. Antão de Noronha, que se deixasse estar assim na guarda da Ilha até elle chegar, e que lhe tornasse a mandar Aleixo Carvalho com a informação do que lhe pedia; e em quanto o não despacháram pera se tornar, desejou de ir ao arraial dos Turcos, e pedio ao Guazil que lhe houvesse licença pera isso; porque como era muito pratico em todas as cousas, e fallava melhor a lingua Persa, poderia muito bem notar o estado em que os Turcos estavam, e saber dos cativos, e dos que eram vivos sua determinação. O Guazil

zil

zil por parecer assim bem a todos, mandou pedir licença, e seguro ao Baxá pera poder ir hum Portuguez a visitar os cativos que lá estavam, e pera lhes levar algumas cousas de que estariam faltos, o que o Baxá lhe concedeo; e Aleixo Carvalho foi logo ao exercito com muitas cousas, que antre todos se ajuntáram pera os cativos, assim pera vestirem, como pera comerem, pela necessidade em que haviam de estar. O Baxá recebeo bem este homem, e o deixou fallar com os cativos, com quem esteve muito devagar; e em algumas praticas que teve com o Baxá, lhe fez grandes promessas, e offerecimentos pera em Ormuz metter a mão antre elle, e o Capitão sobre concerto de pazes, e que determinava de se partir logo, e fazer com o Capitão que se não abalasse de Ormuz, pois elle estava já sobre concertos com Pero Peixoto. O Baxá lhe deo huma formosa cabaia, e dizem que lhe promettêra huma pancada de dinheiro, se lhe trouxesse recado do concerto que tinha feito com Pero Peixoto, e se estorvasse ao Capitão a jornada. E despedindo-se do Baxá, se tornou pera a fortaleza; e tomando cartas do Guazil, e Pero Peixoto, se embarcou pera Ormuz, e naquella pressa deo muito que suspeitar a todos, porque lhes pareceo que fora pera tomar ainda o Capitão, primeiro que partis-

tiſſe, pera o embaraçar. E ſendo tanto ávante como a Ilha de Angão, encontrou toda a Armada, que já vinha ſua derrota, porque com os terranquins do Guazil (em que trazia quatrocentos Parſeos, que fez por aquella coſta) fazia huma arrezoada frota. E indo demandar a galé do Capitão, lhe deo conta de tudo o que tinha paſſado com o Guazil, e do eſtado em que as couſas eſtavam, e do aperto, e deſeſperação que havia antre os Turcos por falta de mantimentos. D. Antão de Noronha eſtimou muito as novas, e muito mais eſtarem os cativos sãos, e bem diſpoſtos; e que com o pouco que Aleixo Carvalho lhes tinha levado ſe poderiam remediar alguns dias; e apreſſando-ſe o mais que pode, foi ſurgir defronte daquella fortaleza com huma frota, que eſpantou os Turcos. E logo chegáram á galé do Capitão o Guazil, e D. João de Noronha, de quem ſoube muito devagar o eſtado das couſas, e mandou recado a Pero Peixoto, que ſe não bulliſſe donde eſtava, e proſeguiſſe na guarda da Ilha com grande cuidado, e vigilancia.

Ao outro dia chamou os Guazis ambos, e as peſſoas principaes da Armada, e tratou ſobre o modo que ſe teria naquella guerra, e o que ſeria bom fazer-ſe, porque elle não vinha alli ſenão pera tomar ſatisfação de

tan-

tanta morte, e affronta. E debatida a causa antre todos, assentáram « que se continuasse » na guarda da Ilha, pera que não sahisse, » nem lhe entrasse cousa alguma, e que des- » ta maneira se matassem os Turcos a pura » fome, sem se arriscar huma só pessoa, » porque totalmente lhes hia faltando tudo; » e que não tratassem de lhes dar batalha, » porque isso era o que elles desejavam, pe- » la desesperação em que estavam de soc- » corro; e que chegando a commetterem » partidos, se lhes fizessem de maneira que » lhes parecesse, e que fosse mais credito, » e honra do Estado. » Assentado isto, tor- nou D. Antão de Noronha a encommendar a guarda da Ilha ao Capitão mór Pero Pei- xoto, e lhe deo todas as embarcações ligei- ras até os terranquins, porque de todo lhes impedissem a serventia, como se fez.

Vendo os Turcos o Capitão de Ormuz com tanto poder, e que não tratava de os commetter por batalha, senão fazer-lhes guerra com fome, defendendo-lhes tudo, e que estavam em estado que comiam hervas peçonhentas, de que morriam muitos, sem se saberem dar a conselho, e andavam em magotes, dizendo que aquillo era desespera- ção, ver que morriam todos sem os matar alguem, culpavam o Baxá de já não man- dar commetter todos os partidos, que os

Por-

Portuguezes quizessem pera salvarem as vidas, nem o Baxá estava longe disso; mas não ousava a ser o primeiro que fallasse nisso com medo dos Janissaros. Mir Soltão Ali Capitão de Catifa, que foi desejando de se sanear com ElRey de Ormuz, e com os Portuguezes, pela culpa em que tinha cahido, mandou visitar D. Antão de Noronha, e fazer-lhe grandes offerecimentos. Era a este tempo Capitão em Catifa Mamede Bec, Turco de nação, e grande inimigo dos Portuguezes, que sabendo das pessoas que Mir Soltão Ali mandava a D. Antão de Noronha, escreveo por huma dellas em muito segredo huma carta ao Baxá dos Turcos, em que lhe lembrava, que eram vassallos do grão Senhor, e que estivesse forte, e confiado, porque o soccorro de Baçorá não podia tardar. Estes Inviados de Mir Soltão recebeo D. Antão bem, e os despedio com resposta de grandes agradecimentos; e antes que se partissem, teve o que levava a carta de Mamede Bec, modo pera se dar ao Baxá, e foi por via dos Parseos mesmos, por alguma cousa que lhes deo. Com esta carta, que o Baxá mostrou aos Turcos, se animáram todos, e cessáram alguns recados, que já andavam em segredo antre elles, e os nossos, do que D. Antão de Noronha se começou a enfadar, porque era já entrada

de

de Outubro, em que os Levantes começavam naquelle Estreito, e com elles entravam de continuo aquellas febres malignas, de que ninguem escapa. E vendo que os Turcos, sem lhes entrar cousa alguma de fóra, se sustentavam tanto, e que não fallavam em partidos, quasi que lhe entravam desconfianças daquelle negocio, que entendidas pelos Guazis de Ormuz, e Baharem, aconselháram a D. Antão de Noronha que desembarcasse em terra; porque os Turcos, segundo estavam desesperados pela falta que tinham de tudo, deixavam de se lhe entregar por elle estar no mar, e cuidarem que se poderia enfadar, e tornar. Com isto desembarcou elle, e poz suas estancias ao redor da fortaleza, e os Guazis com os Parseos a huma parte separada.

E como estes eram Mouros, como os outros, e vencidos tambem do grande interesse, lá tinham maneira com que de noite lhes vendiam alguns mantimentos, que elles compravam mui bem, com o que começáram a cobrar mais algum alento. D. Antão de Noronha, como era sagaz, e prudente, não deixou de se recear daquelle negocio; e deitando muitas guardas, e vigias, houveram ás mãos alguns destes, que logo mandou enforcar á vista do exercito. E todavia vendo D. Antão de Noronha que se hia gas-

tan-

tando o tempo, e que os Turcos não davam cousa alguma de si, nem commettiam partidos, determinou de lhes dar batalha, pera o que mandou fazer preparações; e hum Inofre de Carvalho Portuguez, grande Arquitecto (que ElRey D. Sebastião tinha mandado a reformar a fortaleza de Ormuz) ordenou huma máquina de madeira sobre rodas altas, pera de sima pelejarem alguns homens, e lhe poz algumas peças de artilheria, porque determinava D. Antão de Noronha de levar diante esta máquina, pera nella quebrarem os Turcos a primeira furia de sua arcabuzaria. E andando occupado nesta obra, morreo o Baxá dos Turcos das feridas, que lhe deram na batalha de D. Alvaro da Silveira, e os Turcos elegêram outro mais esforçado, e de melhor entendimento que o morto, que era hum Sangiaco, que se chamava Mahamede. Com esta mudança a começou tambem de haver nos Turcos, e alguns se carteáram com os Parseos da nossa parte, que parece que de medo dos que víram enforcar, foram logo dar conta a D. Antão de Noronha que lhes disse: « Que lhes respondessem, que enten» diam delle que se lhe pedissem misericor» dia, a usaria com elles. » E tornando os Turcos a segundar, (o que havia de ser por ordem do seu Baxá,) tornáram-lhe os Par-

seos

ſeos a reſponder, como já tinham feito; e declarando-lhes mais: « Que lhes parecia que » lhes não concederia o Capitão partidos, » ſem primeiro lhe ſerem entregues os cati- » vos, e as armas. » Do que ſe alteráram muito os que niſto andavam, dizendo « que » nas armas não haviam de fallar aos Janiſ- » ſaros, que lhas foſſem os noſſos lá pedir, » porque elles lhas dariam pelo preço com » que o coſtumavam a fazer » e com iſto páráram alguns dias os recados.

Succedeo neſta conjunção atraveſſar-ſe Mir Soltão Ali a metter mão neſte negocio, e eſcreveo eſta ſua tenção a D. Antão de Noronha; e pelas peſſoas que a iſto mandou, eſcreveo huma carta ao Baxá do Turco « em que lhe dava o peza-me de ſeus tra- » balhos; e á volta de outras couſas lhe » aconſelhava que entraſſe em algum parti- » do honeſto com os Portuguezes, porque » eram homens, que não deſiſtiam do que » começavam, e que vingavam bem ſuas » affrontas; e que ainda que todo o Eſtado » da India ſe arriſcaſſe naquelle negocio, o » haviam de levar ávante, e que ſe não ha- » viam de apartar de ſobre aquella Ilha ſem » os matarem a todos. » Eſta carta abalou muito o Baxá; e por conſelho de poucos, de quem ſe fiou, mandou viſitar D. Antão de Noronha com hum formoſo Ginete de pre-

presente, mas não lhe mandou tocar em outra cousa alguma. D. Antão de Noronha lhe respondeo á visita muito bem; mas não lhe acceitou o cavallo, porque na guerra não era licito acceitar presentes dos inimigos. Estando as cousas neste estado, offereceo-se Aleixo Carvalho pera se ir ver com o Baxá, de quem ficára grande amigo daquella ida que lá fez, pera a voltas de o visitar, ver, e notar o que se praticava antre os Turcos; e D. Antão de Noronha lhe deo huma instrucção das cousas, que havia de tratar com o Baxá. Foi este homem lá muito bem recebido, e ficou no exercito dous dias, em que fallou algumas vezes em segredo com o Baxá sobre partidos, sem concluirem cousa alguma; porque parece que lhe não chegava ás condições, que levava por apontamento, com o que se tornou. E como os Janissaros andavam ciosos do Baxá, e souberam que fallára em segredo com Aleixo Carvalho, imaginando que os queria trahir, a troco de se elle salvar, deram todos na sua tenda, e o prendêram, e lhe puzeram grandes guardas, mas não o desapossáram, antes lhe disseram « que corresse » com seu cargo, porque todos lhe obede» ceriam nas cousas justas, pois não que» riam mais que segurallo » e assim ficou o Baxá reteudo, sem os Janissaros deixarem

en-

entrar com elle pessoa alguma de suspeita; e por esta razão cessáram os recados, e não houve mais fallar-se em cousa alguma.

CAPITULO XI.

De como por ordem de Coge Ocem Camal, Parseo, mandáram os Turcos os Portuguezes cativos a D. Antão de Noronha: e dos recados que passáram antre Mir Soltão Ali, e elle: e de como D. Antão de Noronha por ordem sua mandou matar Mamede Bec, Capitão de Catifa, que foi a Babarem sobre concertos de pazes: e dos partidos que os nossos fizeram com os Turcos: e da descripção da Ilha Babarem.

FIcando as cousas assim paradas alguns dias, como todos estavam com o receio das febres, e desejavam de concluir aquelle negocio depressa, quiz metter mão nelle hum Parseo, que tinha vindo em companhia do Guazil de Ormuz, chamado Coge Ocem Camal, homem mui prudente, e de grande conselho, e muito conhecido dos Janissaros. Este pedio licença a D. Antão de Noronha para se ir ver com o Baxá, porque elle esperava em Deos ser esta sua ida lá de muito effeito; e dando-lha, se foi ao exercito dos Turcos, que o recebêram bem, e ficou to-

todo aquelle dia com o Baxá, praticando ſempre diante dos que o guardavam, com muitas honras; e neſta converſação não praticáram em couſa alguma, ſenão diante dos Janiſſaros. E eſtando todos aſſim em converſação fallando daquella guerra, lhes eſtranhou muito Coge Ocem o máo modo que tinha levado em ſuas couſas, e no remedio de ſua ſalvação: no que bem parecia que não tinha conhecimento da condição, e natureza dos Portuguezes, nem do modo de negociar com elles « que lhe affirmava que » todos eram tão robuſtos por natureza, e » de animos tão determinados, e tão deſejoſos, e ſolícitos de vingar ſuas affrontas, » que imaginava que ſe não haviam de apartar daquella Ilha, ainda que todos morreſſem, ſem concluir aquelle negocio: que » não eſperaſſem remirem-ſe por armas, por» que o que os Portuguezes podiam fazer » a ſeu ſalvo, o não haviam de commetter » com perigo, ſenão quando já não tiveſſem » outro remedio; porque tambem ſe ſabia » delles que nunca engeitáram batalha, quan» do lhes foi neceſſario: mas que elles ha» viam por ora de eſcuſar de a dar, porque » ſabiam muito bem o eſtado em que elles » eſtavam, e que não tratavam de mais, que » de os conſumir á fome. Que ſe eſpantava » muito delle, e dos Janiſſaros, ſendo vaſ-

» ſal-

» ſallos do grão Senhor, mandar viſitar o
» Capitão de Ormuz com hum cavallo de
» preſente, que era couſa, que ſe dava aos
» ſoldados: que houvera de ter naquillo ou-
» tro modo.» E perguntando-lhe o Baxá,
qual? lhe diſſe « que lhe houvera de man-
» dar de preſente todos os Portuguezes ca-
» tivos, e duas, ou tres peças de artilheria,
» que na batalha tomára, porque iſſo não
» lhe montava couſa alguma, e o Capitão
» o eſtimára muito, e fizera muito ao caſo
» pera ſuas couſas pararem em bem.» Ou-
vindo o Baxá, e os Janiſſaros aquellas pa-
lavras, e levados da razão dellas, houve-
ram que era conſelho de amigo, e que fal-
lava como homem prudente; e logo lhe pe-
díram « que quizeſſe elle ſer o que levaſſe
» a viſitação, entregando-lhe logo todos os
» Portuguezes cativos, e a artilheria com
» muitos ſervidores pera a levarem.» Com
tudo iſto chegou Coge Ocem Camal a D.
Antão de Noronha, e lho apreſentou da
parte do Baxá, contando-lhe o modo que
tivera naquelle negocio. D. Antão de No-
ronha eſtimou muito os cativos, porque en-
travam nelles Fidalgos muito honrados, e
delles tomou alguns por hoſpedes; os outros
leváram comſigo outros parentes, e amigos;
e aos ſervidores, que vieram ſalhando a ar-
tilheria, fez muitas mercês, e mandou ao

Baxá os agradecimentos daquelle presente, misturados com muitas peças, e brincos ricos, e curiosos, e o Coge Ocem Camal não ficou descontente de fazer aquelle serviço a D. Antão de Noronha, e a todos os mais. Daqui ficou o caminho aberto pera tratarem de concertos, e começou de haver praticas sobre isso de parte a parte; e sempre se concluíram, senão fora Mamede Bec, Capitão de Catifa, que se carteava a miudo com o Baxá, requerendo-lhe não fizesse cousa alguma de si, até lhe não vir soccorro de Baçorá, que não tardaria muito. O Mir Soltão Ali, que era sagaz, e prudente, e entendia o odio que o Mamede Bec tinha aos Portuguezes, desejando de ficar desta jornada acreditado com elles, tendo algumas praticas com o Mamede Bec sobre os Turcos, lhe aconselhou « que fosse a Baharem » a tratar com o Capitão de Ormuz con» certo com os Turcos, por estarem sem » remedio, e que elle escreveria ao Capi» tão, e ao Baxá por elle, e que confiava » com isto acabarem as cousas em bem. » O Mamede Bec parecendo-lhe aquillo bem, embarcou-se logo em terranquins, levando cartas de Mir Soltão Ali, em que persuadia ao Baxá a fazer todos os concertos, de maneira que poupassem todos as vidas, porque tudo o mais se remediaria com ellas. E em

sua

ſua companhia mandou hum criado ſeu, homem de grande confiança, por quem eſcreveo em muito ſegredo a D. Antão de Noronha a maldade, e malicia do Mamede Bec, affirmando-lhe « que elle era occaſião » de os Turcos ſe não terem já entregues, » e que o mór inimigo que os Portuguezes » tinham, era elle: que ahi lhe ficava tempo » pera lho pagar. » D. Antão de Noronha fez muitas honras a Mamede Bec, e lhe deo licença pera ir ao exercito dos Turcos a fallar com o Baxá, porque elle meſmo ſe offereceo acabar aquellas couſas muito a ſeu goſto.

Aquelle dia eſteve aquelle Mouro com o Baxá; e o que ambos praticáram não ſe ſabe, ſómente tornar ao outro dia, e tratar com D. Antão de Noronha ſobre concertos de pazes, e commetter-lhe muitos partidos da parte do Baxá, no em que ſe lhe elle moſtrou facil; mas diſſe-lhe « que era neceſſario tornar-ſe a Catifa com humas cartas » pera Mir Soltão Ali, e que com a reſpoſ- » ta dellas ſe reſumiria » mandando-o logo embarcar em hum terranquim ligeiro, e com elle Aleixo Carvalho, e dous ſoldados valentes homens, chamados Manoel Coelho, (que depois foi muitos annos Alcaide em Goa,) e Sagramor Gonçalves, natural do Algarve, que hiam já enſaiados do que haviam de fazer.

Par-

Partidos estes homens, e affastados de Baharem meia legua, deo Aleixo Carvalho de olho aos outros, com o que ambos a hum mesmo tempo arremettêram ao Mamede Bec, cada hum delles com seu golpe, pera o matarem; mas não pode ser isto tão depressa, que elle o não sentisse, e tivesse tempo pera se desviar. E abalando-se a huma banda, (como era homem muito grosso, e o terranquim pequeno,) tanto que aquelle pezo ficou todo sobre ella, logo se virou, e ficáram todos no mar, e acertou de ser sobre hum baixo, que dava pelos peitos. Manoel Coelho, que teve tento no Mouro, arremetteo a elle assim dentro na agua, e deo-lhe huma estocada, que o varou logo de parte a parte; e o mesmo fizeram a dous, ou tres criados que levava, porque se não descubrisse o caso.

Feito isto, endireitáram o terranquim, e se tornáram pera Baharem. Este negocio não pode ser feito com tanto segredo, que os Turcos o não viessem logo a saber, (que devia de ser por algum marinheiro do terranquim,) do que elles ficáram tão escandalizados, que tornáram a cessar os recados. E como os Levantes já eram entrados, deo o mal em os nossos tão fortemente, que de huma terça feira até á sesta seguinte cahíram duzentos homens daquellas febres, que ficáram

ram como mortaes , e eſtirados pela arêa, ſem ſe poderem mover. E como o mal era geral, não ficáram os Turcos fóra delle, que tambem cahíram a mór parte delles; e como lhes faltavam todos os remedios, e regimento que nelles não ha, começáram a morrer muitos, e dos noſſos boa parte ; e foi iſto em tanto creſcimento, que em todo o noſſo exercito não ficáram mais de quarenta sãos , e ainda eſtes com tamanho medo de lhes dar o mal, que andavam como paſmados. D. Antão de Noronha ſentio muito aquella deſaventura, e receou que lhe morreſſem todos, e que ainda elle não eſcapaſſe, porque andava já muito achacoſo, e quaſi com ameaços do mal. Os Turcos vendoſe tambem naquelle eſtado , e faltos de tudo, tornáram a puxar por concertos rijamente. E como da noſſa parte não era menor a neceſſidade, vieram-ſe a concluir aquellas couſas com eſtas condições :

« Que elles entregaſſem as armas, e cavallos, e doze mil cruzados pera as deſpezas daquella Armada , e que ſe foſſem pera Baçorá com ſuas peſſoas, pera o que lhes dariam embarcações baſtantes pera os pôrem da outra banda » o que ſe logo fez, e D. Antão de Noronha ſe embarcou logo depois de tomar entrega de tudo , e deixou o Guazil, e Gil de Goes de Lacerda,

da, e Inofre do Soveral com os ſeus navios pera darem ordem á paſſagem dos Turcos, que ſe fez nos terranquins do Guazil, em que os paſſáram á outra banda da terra firme, e por via de Catifa ſe foram pera Baçorá, tão coitados, desbaratados, e enfermos, que não eſcapáram de todos mais de duzentos. E os noſſos ſe não foram louvando, porque os mais dos que adoecêram, morrêram; e os que em Baharem eſcapáram ás febres, adoecêram em Ormuz, e ainda deſſes morrêram alguns.

Deſcripção da Ilha de Baharem.

He eſta Ilha de Baharem de doze leguas, muito proſpera de palmares, e de criação de gados: tem no meio huma ſerra com algumas fontes de agua muito boa, donde procedem algumas ribeiras, que deſcem aos valles, e os retalham todos; e eſta agua como deſce abaixo, vai correndo por hervas tão roins, que a fazem maliſſima, e peçonhenta. Cria eſta Ilha muito boa caſta de ginetes, e formoſas eguas: ha por toda ella muitas romans, e figos de Portugal. Peſcão-ſe ao redor della as mais formoſas, e ricas perolas, que ha em todo o mundo, e a eſtas chamam as verdadeiras Orientaes; porque poſto que em muitas partes as ha, como no mar do Pégu, na Peſcaria, antre

Ma-

Manar, e a terra firme, na grande, e muito formoſa Ilha de Aiñão, na Ilha de Ceilão, e a terra firme, e em muitas partes da China, todavia não ſe podem comparar com aquellas. Ao derredor deſta Ilha, no mar ſalgado, dentro nelle arrebentão muitos olhos de agua excellentiſſima, que ſahem debaixo da meſma arêa, com tàmanho impeto, que faz hum rugido tão grande que ſe ouve fóra. Aqui neſtes olhos, e borbotões de agua fazem os noſſos navios ſua aguada deſta maneira.

Vão dous mergulhadores, e hum delles leva hum grande odre, e hum cano de barro de groſſura que poſſa caber no pernil; e como chegão abaixo, mettem eſte cano no olho de agua até o enterrarem na arêa, e a boca de ſima a encaixão no pernil do odre; e como eſta agua em baixo arrebenta com furia, vai pelo cano aſſima até encher o odre em pouco eſpaço. E porque tanto que o odre ſe começa a encher, começa a ſuſpender pera ſima o que o tem, ſerve o companheiro, que com elle vai, de ſe lhe pôr nas coſtas por pezo, pera o odre o não alevantar; e como eſtá cheio, alarga, e o meſmo odre o traz aſſima. E ha mergulhadores deſtes tão deſtros, e exercitados neſtas aguadas, que enchem muitos odres, ſem lhes entrar gotta de agua ſalgada. He eſta Ilha

mui-

muito doentia, como dissemos, por causa dos roins vapores, de que sempre está cuberta; e o homem a que suas febres tocão, toda a vida lhe ficão os sinaes dellas, se escapa.

CAPITULO XII.

Das cousas que mais acontecêram na Abassia: e das disputas que o Bispo teve com o Emperador sobre pontos da Fé por escrito, que os interpretes lhe falsificáram: e das paixões que tiveram por lhe o Bispo não querer entregar dous Frades Abexins, que fogíram pera elle.

DEixámos atrás o Emperador apartado do Bispo na terra do Decomo, com tenção de se deixar estar devagar; mas logo o inquietáram humas novas que lhe chegáram, que lhe tornáram os Cafres Gallas a entrar pelas terras, e que andavam fazendo outra mór destruição. Pelo que mandou ao Belamal seu primo com irmão, que acudisse áquelle negocio, e lhe deo muita gente da sua ordinaria; e disse a Gaspar de Sousa que o acompanhasse naquella jornada com todos os Portuguezes: do que se elle escusou com lhe dizer, que elles não haviam de acompanhar senão sua propria pessoa; e que se elle queria que fossem, que não mandasse o Belamal, porque elle só com os Portugue-

guezes lhe iriam deitar os Cafres fóra das terras ſem outro algum cabedal; ao que ſe o Emperador calou, e deſpedio o Belamal. Alguns dos noſſos, que foram com o Biſpo, deſejando de ſe acharem em alguma couſa, de ſua propria vontade ſe foram com elle; e chegando ás terras, onde os Cafres andavam, ſouberam que depois de ſe ſenhorearem de tudo, ſe dividíram em magotes, e que andavam levando boa vida. Pelo que entrando apreſſadamente pelas terras, primeiro que ſe tornaſſem a ajuntar, foram dando em huns, e outros, e fizeram nelles grandes carniçarias; e os que eſcapáram ſe foram fóra das terras, deixando as prezas que tinham feito.

Concluido iſto, tornou-ſe o Belamal a recolher; e em ſahindo das terras, encontráram com o Emperador, que hia de ſoccorro, ſó por obrigar aos noſſos a ſe acharem naquella jornada, porque pela experiencia que delles tinha, havia que ſem elles nada ſe faria; e ſabendo elle a vitoria que tinham alcançado, feſtejou muito ao Belamal, e fez muitas honras aos noſſos que ſe acháram com elle, que foram Franciſco Jacome, Diogo de Alvellos, Antonio de Sampaio, e Gonçalo Soares Cardim, que a cavallo fizeram couſas muito notaveis.

O Emperador com eſte alvoroço ſe tor-
nou

nou pera onde ficou a Rainha ſua mãi com o Biſpo, com quem ſe reconciliou, e tornáram a correr em amizade, e o Biſpo com ſua obrigação, trabalhando tudo quanto podia pelo tirar das hereſias em que vivia; porque ſabia mui bem que como lhe déſſe a elle a conhecer a verdade, nos ſeus havia pouco que fazer; porque nas praticas que teve com muitos, entendeo que de medo deixavam de confeſſar, e obedecer á Igreja Romana. E como o Emperador ſe prezava de Letrado, e de muito viſto na Eſcritura, queria ſuſtentar ſuas opiniões com authoridades ſem fundamento, ſobre o que teve com o Biſpo grandes diſputas por eſcrito, porque fogia de ſe ver com elle o mais que podia, o que elle entendia mui bem, mas diſſimulava. E porque hum dos ſeus principaes erros, e que elle trabalhava por ſuſtentar, era, que a humanidade de Chriſto era igual á ſua Divindade, ſobre o que mandou ao Biſpo hum grande arrezoado; e querendo-lhe o Biſpo reſponder tambem por eſcrito, nem elle, nem ſeus companheiros ſabiam a ſua lingua Latina, nem os Portuguezes, que lá andavam, tinham della algum conhecimento, ſenão hum Affonſo de França, que por certos deliɛtos foi poſto em huma Ilha, que eſtava no meio de hum lago, que ſe chamava Ohay, que ſerá de hu-

huma legua em roda, onde eſtava hum muito freſco Moſteiro de Frades, com quem elle aprendêra as letras Abexins, e a eſcritura; porque coſtumão elles, tanto que paſsão o A, B, C, enſinarem-lha logo a ler. Pelo que ſabendo o Biſpo que eſte Affonſo de França tinha diſſo algum conhecimento, o chamou pera reſponder á queſtão do Emperador; e querendo fazer outro arrezoado no meſmo Latim dos Abexins, não o ſoube eſcrever o Affonſo de França: pelo que chamou pera iſſo hum Frade muito grande ſeu amigo pera eſcrever o arrezoado do Biſpo, que lhe foi lendo, e o França declarando na lingua Abexim, e o Frade eſcrevendo. E como elle tambem era herege, foi falſificando a opinião do Biſpo, e concedendo a igualdade de ambas as naturezas em Chriſto, aſſim como o Emperador a ſuſtentava. E levando os eſcritos ao Emperador, que vio o que o Biſpo lhe concedia, fez grandes feſtas, e muitas mercês ao Frade, e logo fez traſladar os eſcritos por muitas vias, e os mandou repartir por todos os Moſteiros de ſeus Eſtados, jactando-ſe que vencêra o Biſpo dos Portuguezes: o que elle logo veio a ſaber, e ficou muito apaixonado contra Affonſo de França, que não teve culpa na velhacaria do Frade, e logo lhe mandou que foſſe dizer ao Emperador

que

que o Frade falſificára o que lhe mandára eſcrever, e que negava a ſua propoſição. Mas como o Emperador era herege, e afferrado á ſua opinião, reſpondeo que já naquillo não havia que fazer, com entender muito bem que a falſidade naſcêra do ſeu Frade, do que o Biſpo, e Padres ficáram mui deſconſolados, e trabalháram logo dalli em diante por aprender a ler, e eſcrever a letra da terra, que o P. Gonçalo Galtamas em breve tempo veio a ſaber, o que baſtava pera ſe declarar.

Pelo que com mais affoiteza eſcrevêram contra aquella opinião muito doutamente, e eſpalháram os eſcritos pelos Frades Letrados, e ainda fizeram livros contra todos os erros dos Abexins, que fundíram a muitos, que de medo não ouſáram de ſe retractar. E aſſim fizeram mais outros livrinhos devotos, huns dos ditos dos Padres antigos ſobre a Fé Catholica, e outros da vida, e milagres de noſſa Senhora, que os grandes trazem comſigo, e eſtimam muito, e lhe chamam *Myſter Mariam*, que he o meſmo que milagres, ou Myſterios de Maria. Com iſto tornou a falſidade do Frade a ficar clara, e vituperada, do que pezou muito ao Emperador, que andava aſſombrado com o Biſpo, e Padres. E como elle coſtumava a cavalgar ás vezes, e as mais dellas mandar

mu-

mulas ao Bispo, e Padres pera o acompanharem, hum dia, depois de terem argumentos sobre a Circumcisão, a reprovou o Bispo com muitas authoridades da Escritura, de que se o Emperador resentio tanto, que indo ao outro dia pera o campo, virou pera o Bispo, que hia hum pouco atrás, e lhe disse: « Sabes, Bispo, porque me cir- » cumciso? por limpeza. » Ao que o Bispo respondeo: « Pois com essa limpeza te has » de ir ao inferno. »

Disto ficou o Emperador tomado do Bispo, e tão aborrecido dalli em diante dos Portuguezes todos, que mandou prender huns leões ás portas dos seus pateos, pera que lhe não chegassem a elles, como costumavam. Mas com tudo o Bispo não deixava de o reprender em público, e em secreto; e nas prégações persuadia aos Portuguezes a que não servissem aquelle Emperador, que era herege, e pertinaz, (o que elle logo sabia, porque alguns dos Portuguezes, que de quando em quando mandava chamar, lhe contavam tudo,) o que o acabou de escandalizar, e indignar mais contra o Bispo.

Succedeo neste tempo fogirem dous Frades de hum Mosteiro, e se foram lançar aos pés do Bispo, dizendo, que queriam ser Catholicos, e salvar suas almas; e elle os

os recebeo, e agazalhou com muita caridade. Mas em o ſabendo o ſeu Maioral, lhos mandou pedir: o Biſpo lhe mandou dizer « que » ſe todos quantos tinha no ſeu Moſteiro ſe » vieſſem pera elle, todos receberia de mui » boa vontade, e com muita alegria. » Do que indignado o Maioral, ſe foi queixar ao Emperador, que logo mandou chamar o Biſpo, que foi acompanhado de trinta Portuguezes. E em chegando, lhe pedio os Frades ſeccamente. O Biſpo lhe reſpondeo « que elle não viera a ſeu Reyno pera deſ- » ſervir a Deos, ſenão pera lhe fazer muitos » ſerviços: que os Frades eſtavam Catholi- » cos, porque ſabiam que pera ſe ſalvarem » lhes era aſſim neceſſario, que ſe deixaſſe » diſſo, porque lhos não havia de dar. » Vendo o Emperador aquella iſenção do Biſpo, começou a esbravejar, e paſſear pela caſa; e depois de dar algumas voltas, tornou-ſe a virar ao Biſpo, e lhe pedio os Frades; ao que o Biſpo reſpondeo, que lhos não havia de dar. Não? diſſe o Emperador; e tornando a virar com paſſeio muito inquieto, e indignado, fez querena de arremetter ao Biſpo. O que viſto por elle, entendendolhe o animo, deſpio a loba, e poz-ſe de giolhos com grande animo pera receber o martyrio, cuidando que o queria o Emperador matar. Os noſſos, que víram aquillo,

co-

começaram-se a revolver, e a concertar as armas com tenção de o defenderem. E vendo o Emperador o Bispo daquella maneira, deo algumas palmadas com ira; e virando-se pera elle, lhe disse: « Cuidas que has de » morrer martyr ás minhas mãos? ora não » te quero dar essa gloria: vai-te, e leva » os Frades, dá-lhe ovos á sesta feira, e » serás Bispo de dous Frades. E desengano-te, que não digo eu, mas todos os » que me succederem, te não hão de dar » a obediencia, nem mudar seus costumes. » E virando-se pera os Portuguezes, lhes disse: » Ide-vos: vós vedes o homem que me cá » mandou ElRey de Portugal meu irmão? » faltava-lhe lá hum Portuguez? » O Bispo com os Portuguezes se foram sahindo pera fóra, e o levâram á sua pousada. E receando-se que o Emperador lhe mandasse tomar os Frades, os mandou em segredo a Gonçalo Ferreira, (que era muito bom homem, pera que lhos tivesse sem o ninguem saber, como fez.) Passado isto, dahi a pouco mais de hum mez foi o Bispo visitar o Emperador; e depois de algumas praticas, lhe pedio licença pera mandar fazer huma Igreja na Provincia Mará; o que elle facilmente lhe concedeo, que o Bispo logo determinou de mandar levantar pera os Christãos Catholicos que alli havia.

DECADA SETIMA.

LIVRO VIII.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Da viagem que fizeram as náos, que partíram pera o Reyno no anno de 1559: e de como não paſſáram mais que a Rainha, o Tigre, e o Caſtello; e Franciſco Barreto, e João Rodrigues de Carvalho arribáram a Moçambique: e da perdição da náo N. Senhora da Barca, de que era Capitão mór D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos: e de como ſe ſalvou no ſeu batel com ſeſſenta peſſoas: e do que mais lhe ſuccedeo até tornar á India.

NO Cap. III. do VI. Livro deſta VII. Decada deixámos Franciſco Barreto partido de Goa na náo Aguia pera o Reyno a vinte de Janeiro, e D. Luiz Fer-

nan-

nandes de Vaſconcellos de Cochim na Gallega, com as mais náos da meſma conſerva, que partíram quaſi no fim de Janeiro. Agora he neceſſario continuarmos com ellas, e darmos conta do que lhes aconteceo na viagem. Todas eſtas náos, aſſim a de D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, como a em que hia Franciſco Barreto, e as mais, que partíram de Cochim, foram ſeguindo ſua derrota com tempos Levantes até dobrarem a Ilha de S. Lourenço, e irem demandar a terra do Natal. E chegando á primeira ponta della, que eſtá em trinta e hum gráos da banda do Sul, duzentas e trinta leguas do Cabo de Boa Eſperança, pouco mais, ou menos, lhes deo huma tormenta geral, e mui rija, que as abrangeo a todas, e as tratou de maneira, que foi a total cauſa de as mais dellas ſe perderem, humas mais de preſſa, outras mais de vagar, conforme ao menor, ou maior impeto com que as alcançou, ſem eſtarem á viſta humas das outras. Ficáram deſta tempeſtade (que diſſemos) os ventos tão rijos, e contrarios, e os mares tão groſſos, empolados, e cruzados, que as fez andar ás voltas com grande trabalho, e perigo; e o que as tratou peior foram os muitos dias de pairo que tiveram, que as deixou abertas, e deſgovernadas, com curvas quebradas, cavilhas torcidas, e

entremichas arrebentadas , como aconteceo á náo de Francifco Barreto , de quem logo trataremos. Gaftáram eftas náos em demanda do Cabo de Boa Efperança todo o mez de Março.

As náos Tigre , Caftello , e Rainha , que eram da conferva de D. Conftantino , parece que fe fouberam feus Pilotos melhor governar ; ou foram tão bem affortunados , que lhes deo Deos tempo , com que dobráram o Cabo de Boa Efperança , e foram a Portugal ; mas as outras , que eram do anno atrás da Armada de D. Luiz Fernandes de Vafconcellos , que todas invernáram , todas fe vieram a perder em differentes paragens. A náo Framenga , de que era Capitão Antonio Mendes de Caftro , ainda que paffou o Cabo de Boa Efperança , ficou tão deftroçada , que fe foi perder em S. Thomé. A Graça , que era da Armada do Vifo-Rey D. Conftantino , de que era Capitão João Rodrigues de Carvalho , teve muitos contraftes , e muitos dias de pairo , em que fe lhe paffou o tempo de dobrar o Cabo ; e por fazer muita agua , e lhes faltar a que haviam de beber os que hiam nella , foi forçado arribar a Moçambique , como fez.

A Patifa , em que hia o Governador Francifco Barreto , teve muitos ventos contrarios , com que efteve a arvore fecca de-

zoi-

zoito dias, antre humas ondas de mares cruzados, que pareciam altissimos montes, de cujos cumes a náo se via cahir muitas vezes em huns valles, que parecia não poder mais apparecer; e com os grandes balanços que dava de huma parte a outra, lhe arrebentáram trinta e seis curvas pelas gargantas, e trocêram mais de quarenta cavilhas tão grossas, como o collo de hum braço, que prendia as curvas á náo, e quebráram dezoito entremichas, que cingiam as curvas, que junto tudo isto á velhice, e podridão da náo, a fez abrir por tantas partes, que se fora muito facilmente ao fundo, se faltára o valor, e diligencia com que Francisco Barreto fazia acudir ás bombas, e lançar fóra agua, que entrava nella por muitas partes, que estavam abertas. A estes trabalhos acudíram com muita vigilancia, e diligencia os Fidalgos que nella vinham, sendo Francisco Barreto o primeiro, com cuja presença, e exemplo andavam todos tão animados, que parecia que não estimavam hum trabalho, que só Portuguezes puderam aturar, pera remedio do mal que soffriam, sem largarem os aldropes das bombas das mãos, de dia, nem de noite; e foi necessario accrescentar-se outro, de baldearem a pimenta de huns paioes em outros, pera se tomar a agua que a náo fazia por elles, porque

se

ſe receava outro, que fora a total perdição da náo, que era ir a pimenta ás bombas, e ficarem com iſto entupidas de maneira, que não pudeſſem laborar, nem tirar fruto deſte tão exceſſivo trabalho, e tudo foſſe em vão, por ſe não poder lançar a agua fóra, que creſcia de maneira que com darem continuamente a ellas, a não podiam acabar de vedar, e ſeccar; antes era tanta a agua, que entrava pelas abertas da náo, que hum muito pequeno eſpaço, que deixavam de dar á bomba, achavam nella mais de tres, e quatro palmos de agua de vantagem da coſtumada. Neſte trabalho paſſou a náo quatro dias continuos, ſem ſe largarem os aldropes das mãos de dia, nem de noite; e porque lho ficava fazendo maior o fumo do fogão, que os cegava, por ainda naquelle tempo vir debaixo do convés, houveram os Fidalgos, e criados de ElRey, que davam á bomba, por menos mal não comerem couſa, que houveſſe de ſer feita ao fogo, que fazer-ſe de comer com tão grande contrapezo, como era o do fumo, pera o que pedíram a Franciſco Barreto mandaſſe prover naquillo doutro modo, porque ſe não atreviam a dar á bomba, com o fogão eſtar accezo. O que elle fez com mandar ſerrar duas pipas pelo meio, de que ſe fizeram quatro celhas, que ſe puzeram no convés da náo, cheias de

vi-

vinho, agua, e biſcouto, e algumas conſervas, de que ſe ſuſtentáram tres dias, em que ſe não comeo couſa, que ſe houveſſe de fazer com fogo. Achadas as aguas que a náo fazia, que foram ſincoenta e quatro, tratáram os officiaes della, calafates carpinteiros, de as tomarem por dentro da náo, que por fóra não era poſſivel, e aſſim as foram tomando com ſe cortarem algumas curvas, liames, e entremichas; que ainda que deſta maneira ficou a náo fazendo menos agua; ficava todavia mais fraca, por cauſa dos liames que lhe cortáram; e aſſim qualquer balanço que dava, a fazia jogar toda tão deſengonçada, que cuidáram os que hiam nella, ſer cada hora a derradeira em que ſe havia de abrir, e elles acabarem todos miſeravelmente. Pelo que foi neceſſario darem-lhe hum cabo de proa, e outro de poppa, virados, e apertados com o cabreſtante, pera que não abriſſe de todo, e ſe dividiſſe em muitas partes; e como a náo com todas eſtas ajudas, e remedios não deixava de fazer tanta agua, que não faziam outra couſa todos os Fidalgos, e cavalleiros, que hiam nella, ſenão dar continuamente a ambas as bombas, ſem a poderem vencer, e eſgotar, mandou Franciſco Barreto por conſelho dos officiaes della juramentados, alijar ao mar muitas fazendas de mercadores, como eram

be-

bejuim, de que ſe lançáram ao mar muitos quintaes, e muitos fardos de anil, e algumas caixas de ſedas, e muitas couſas da China muito ricas, e curioſas.

Aconteceo neſte meſmo tempo, em que ſe lançáram ao mar eſtas fazendas, irem dar os trabalhadores com huns fardos de anil de hum alvitre, de que ElRey D. João fazia cada anno eſmola, e mercê pera as obras da Igreja do Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa; e perguntando a Franciſco Barreto ſe havia tambem aquelle anil de ſer lançado ao mar, como foram as mais fazendas a que o tinham feito, reſpondeo » que não, que quando não houveſſe outro » remedio pera ſe ſalvar, ſenão lançar-ſe » a ſua propria delle, que eſſa ſe lançaſſe, » porque ás coſtas havia de ſalvar a fazen» da de N. Senhora, em cujo favor con» fiava eſtar o remedio, e ſalvação daquella » náo. »

Indo o trabalho da agua, que a náo fazia, por diante, e não baſtando dar-ſe continuamente a ambas as bombas, pera deixar de ſer maior a quantidade da que entrava, que a da que deitavam fóra com as bombas; e arreceando-ſe o Piloto (que ſe chamava André Lopes) que quando menos cuidaſſem, ſe lhe foſſe a náo ao fundo, por quão rota, e aberta hia, ordenou com conſentimen-

to

to de Francisco Barreto, encaminhar a náo a demandar a primeira terra que pudessem afferrar, que era pouco mais, ou menos a do Natal, (onde se perdêra Manoel de Sousa de Sepulveda no galeão S. João a vinte e quatro de Junho do anno de 1552, em trinta e hum gráos da banda do Sul,) havendo por melhor sorte acabarem em terra as vidas, que comerem-nos os peixes no mar. E indo assim com a proa em terra, de que estariam sincoenta leguas, pouco mais, ou menos, chamou Francisco Barreto a conselho o Piloto, Mestre, Contra-mestre, Sota-piloto, e todos os mais Officiaes da náo; e dando-lhes juramento sobre hum Missal, e hum Crucifixo, em que todos puzeram a mão, lhes mandou que cada hum delles dissesse pelo juramento que tomára, o que entendiam do estado em que a náo estava, e o que lhes parecia bem que se fizesse. Ao que o Piloto, como pessoa principal, respondeo primeiro, dizendo « que elle havia » sincoenta annos que andava no mar, e » tinha passado aquella carreira muitas ve» zes, onde se víra em grandes perigos; » mas que nunca se víra em algum tamanho » como aquelle, em que então se via, pelo » estado em que a náo estava de podre, e » muita agua que por estar aberta fazia; e » que se nosso Senhor por sua misericordia

» os

» os levaſſe a haver viſta de terra, que hiam
» demandar, era a mór mercê que podiam
» deſejar homens, que andaſſem no mar,
» e ſe viſſem em tamanhos perigos, como
» eram os em que ſe elles viam. » O meſmo
voto foi o do Meſtre, e de todos os mais
Officiaes, ſem diſcreparem huns dos outros.

Vendo Franciſco Barreto o eſtado em
que eſtavam, fez a todos os da náo huma
breve falla, naſcida de hum animo, a quem
nem trabalhos canſavam, nem perigos atemorizavam,
pera perder hum muito pequeno
ponto delle, (como a outra que Eneas
fez a ſeus companheiros, quando eſcapáram
da deſtruição de Troia, andando pelo mar
Mediterraneo, buſcando alguma parte de
Italia, onde fundaſſe povoação, pelos ver
triſtes, e deſcoraçoados, como Virgilio conta
no ſeu primeiro livro das Eneidas,) dizendo:

« Senhores Fidalgos, e Cavalleiros, amigos,
» e companheiros, não deveis de vos
» entriſtecer, e melancolizar com irmos de-
» mandar a terra, aonde levamos poſta a
» proa, porque póde ſer que nos leve Deos
» a terra, onde poſſamos conquiſtar outro
» novo mundo, deſcubrir outra India maior,
» que a que eſtá deſcuberta, pois levo aqui
» Fidalgos, e Cavalleiros por companhei-
» ros, com quem me atrevo a commetter

» to-

» todas as conquiſtas, e emprezas do mun-
» do, por arduas, e difficultoſas que ſejão;
» porque o que a experiencia de muitos que
» aqui vão neſta companhia me tem moſ-
» trado, me aſſegura, e dá confiança pera
» não haver couſa no mundo, que poſſa
» temer, nem recear. »

Eſtas palavras diſſe Franciſco Barreto com o roſto tão alegre, e deſaſſombrado, como ſe ſe eſtivera recreando nas hortas do valle de Enxobregas, e não poſto a varar na terra da mais bruta, e barbara gente, que o mundo tem. E todavia accreſcentou com ellas a todos os daquella companhia novas forças, e deo-lhes novos eſpiritos pera poderem continuar, e levar ávante o pezo do trabalho, com que hiam, que era aſſás grande.

Indo aſſim determinados a varar na terra do Natal, como as mercês que Deos coſtuma fazer aos neceſſitados do remedio, são moſtrar-lhes que na mór força da deſeſperação delle ahi lho concede, aſſim o uſou com eſtes trabalhados, e affligidos navegantes, fazendo-lhes mercê de lhes abrandar os ventos, e abonançar os mares, (que até então eram muito groſſos, e empolados,) que foi cauſa de a náo ficar com menos trabalho, dando menos balanços, e de fazer menos agua. Vendo o Piloto, e mais Officiaes

da náo ſer menor o perigo, foram de parecer, que mudaſſem o rumo, e fizeſſem ſeu caminho pera Moçambique, onde eſperavam em Deos os havia de levar a ſalvamento. E aſſim foi, que com os tempos galernos, e brandos, que dalli por diante ſempre tiveram, foi a náo fazendo ſua viagem. Mas os Fidalgos, e paſſageiros foram ſempre com os aldropes das bombas nas mãos, ſem os tirarem dellas hum ſó momento; porque por breve que foſſe o intervallo que houveſſe de ſe deixar de dar a ambas as bombas, logo a agua creſcia muitos palmos, e os vencia; e porque não foſſem vencidos della, hiam dando a ambas as bombas continuamente.

E querendo Franciſco Barreto alliviar eſte tão grande, e continuo trabalho aos Fidalgos, chamou hum Capitão dos Cafres, que vinha na náo, que os fazia trabalhar, e era ſeu preſidente, e lhe prometteo cem cruzados, ſe elle com ſeus companheiros eſgottaſſem as bombas; o que elles acceitáram. E pondo os peitos ao trabalho, e o olho no que ſe lhe tinha promettido, em hum dia que trabalháram eſgottáram as bombas. Foi tamanho o contentamento de todos, que ſe deo boa viagem pela náo, como ſe paſſáram o Cabo de Boa Eſperança, ou entráram pela barra de Lisboa: e aſ-

affim foram até Moçambique, aonde chegáram na entrada de Abril do anno de 1559, e acháram a náo Garça de João Rodrigues de Carvalho, que chegára o dia dantes desfroçada, pera invernar alli. E aqui o deixaremos, até tornarmos a elles, por tratarmos do que aconteceo á náo de D. Luiz Fernandes de Vafconcellos, que deixámos partida de Cochim no fim de Janeiro do mefmo anno.

Efta náo, que (como já diffemos) fe chamava *N. Senhora da Barca*, paffou muito maior trabalho que todas, porque parece que a tomou a tormenta mais em defcuberto, e mais perto, e a abrangeo com mór furia: teve tantos contraftes, os ventos tão rijos, e os mares tão groffos, e cruzados, que com o pairar, e trapear, abrio por muitas partes, e começou a fazer grandes aguas, pelo que foram fempre dando ás bombas, fem nunca as largarem das mãos de dia, nem de noite, nem ella fe poder eftancar, nem vencer com ellas; antes foi a agua crefcendo tanto, que lhe cubrio a primeira cuberta affima do porão, o que caufou em todos os da náo grande temor, e defconfiança. Os Officiaes acudíram todos a trabalhar pela lançar fóra com muitos barrís, que vafavam de dous em dous, por andaimes que fizeram nas efcotilhas, a que todos os da

náo

náo ſe foram revezando, ſendo D. Luiz o primeiro, que acudia a todo trabalho, ſem deſcançarem hum momento, nem comerem ſenão com os aldropes, e cordas nas mãos, mal, e pouco; e foi tamanho o trabalho, que vencia já a todos de maneira, que quaſi não tinham mãos, nem braços pera o aturarem. Vendo-ſe os Officiaes naquelle miſeravel eſtado, houveram por ſeu conſelho arribarem, e irem varar aonde melhor pudeſſem; e aſſim viráram a poppa com aquelle trabalho, e deſconſolação, havendo-ſe todos por perdidos, fazendo conta com Deos, e com ſuas almas. Aqui ſuppríram alguns Religioſos que alli hiam da Ordem do glorioſo Padre S. Franciſco, que naquelle tranſe confeſſáram, e conſoláram a todos com muita caridade, obrigando-os em conſciencia a trabalharem por ſe ſalvar, e a não ſe deixarem vencer do trabalho.

D. Luiz Fernandes moſtrou neſte perigo muito grande animo, e foi a principal occaſião de todos ſe animarem; porque ao que canſava acudia logo com alguma refeição, e lhe tomava o aldrope, com que trabalhava até o outro tomar alento. E aſſim por eſte modo corria todos os andaimes, tendo elle ſó igual o trabalho com todos; e aſſim ſe moſtrou eſte Fidalgo alegre, e confiado, e aſſim alegrava, e fazia confiar a todos,

que

que já trabalhavam com mais alegria que triſteza, tendo elle ſempre provído o convés da náo de celhas de agua, vinho, de biſcouto, e doces pera refeição dos que trabalhavam, não dando algum hum ai, a que elle logo não acudiſſe, e conſolaſſe, ſem em todo eſte tempo entrar na camara, nem faltar antre todos elles hum pequeno momento.

O Piloto da náo foi demandar a Ilha de S. Lourenço por mais perto, indo já a náo quaſi adornada, com mais de vinte palmos de agua, e em tal eſtado, que nem governava, nem dava pelo leme couſa alguma, pelo pezo da agua que cada vez creſcia mais. Vendo-ſe os Officiaes perdidos, diſſeram em ſegredo a D. Luiz Fernandes » que já não havia remedio, que elles ſe faziam doze, ou quinze leguas da terra da » primeira ponta da Ilha de S. Lourenço » da banda do Ponente, que o bom ſeria » tratarem de ſe ſalvar no batel, os que » pudeſſem, que a náo já não podia comſigo. »

Eſtas novas ouvio D. Luiz Fernandes com muito grande animo; e ſem moſtrar triſteza alguma, fez logo lançar o batel ao mar, e metter-lhe maſto, verga, véla, e remos; e foi tanta a preſſa que a náo lhe deo, (porque ſe lhe hia fogindo debaixo dos pés,) que

que não tiveram mais tempo que pera lançar dentro seis pessoas com hum barril de agua, e hum sacco de biscouto, e duas, ou tres caixas de marmelada. D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, depois de ser no batel, fez eleição das pessoas que havia de recolher, estando affastado da náo, porque se lhe não lançassem todos dentro, porque seria causa de sua perdição; e tendo já sessenta, lhe requerêram os Officiaes que não tomasse mais, porque o batel já não podia comsigo, pelo que lhe foi forçado affastar-se. E vendo que lhe ficava o Padre Fr. Fernando de Castro, de nobre geração, confessando a gente, se foi chegando á náo pera o recolher, mandando-lhe dizer que se não havia de ir sem elle.

Mas o Padre movido mais da caridade dos proximos, que do desejo da vida, lhe respondeo « que se fosse á paz de Deos; » que elle havia de ficar naquella náo con» fessando, e consolando todos aquelles ir» mãos; porque mais importava a salvação » das almas de duzentas pessoas, ou mais, » que na náo ficavam, que a da sua vida » delle. » Vendo D. Luiz Fernandes aquella tão grande caridade, e amor dos proximos, lhe pedio que os encommendasse a Deos; e affastando-se, deo á véla, deixando a todos os da náo em prantos, lagrimas, e gritos,

tos, que feriam esses ares, pedindo misericordia, de que então só Deos podia usar. E indo ainda á vista da náo, víram todos sorvella o mar, e recolhella em suas entranhas, que foi hum espectaculo de gravissima dor, e mágoa.

Encommendando-se a Deos, foram seu caminho pera onde o Piloto melhor lhe pareceo, e ao outro dia houveram vista de terra em vinte gráos e meio escassos adiante da Bahia de Sant-Iago pera o Ponente, e de longo da costa pela banda de fóra da Ilha a foram rodeando, sustentando-se com o pouco que no batel se metteo, que se lhes dava por tanta regra, quanto bastava muito piedosamente pera se sustentarem, sem D. Luiz Fernandes de Vasconcellos tomar pera si mais cousa alguma, do que se dava aos outros, mostrando-se em toda esta viagem tão familiar, e humano a todos, que hiam consolados, e animados com o verem.

Por esta costa foram tomando alguns portos, e Bahias, a que acudíram alguns da terra, e sem desembarcarem resgatavam algumas gallinhas, que D. Luiz Fernandes mandou guardar pera alguns enfermos, sem elle querer comer huma só, rogando-lho, e pedindo-lho todos. O principal de que se foram sustentando foi de marisco, e peixe, que hiam tomando pelas praias a que chega-

vam, ainda que alguns comiam cobras de agua, e outras cousas nojentas. Por algumas Bahias destas achāram algumas pessoas que pareciam Jáos: por onde vieram a cuidar que já fora aquella costa pela banda de fóra povoada de Jáos, porque fallavam a sua lingua; mas quanto a nós neste particular, por mais certo temos que ficáram estas pessoas, que foram encontrando, de algumas náos que se alli perdêram, ou que nascêra destas; porque se fora do tempo dos Jáos, já se lhes não houvera de entender a lingua, nem os que delles procedem tão bassos, porque tudo se havia de perder com a communicação, e ajuntamento dos naturaes: não negando porém que esta costa deixasse de ser conquistada, e povoada dos Jáos, segundo a opinião de muitos.

Assim foram os do batel até o Cabo da Ilha da banda do Levante; e em huma enseada, que está em altura de treze gráos, achāram hum galeoto, que tinha partido da India pera Moçambique, que por ter os tempos contrarios foi tomar aquella Bahia, que he muito grande, e formosa; e sendo elle visto dos do batel, foi pera todos huma cousa de grande alegria, e alvoroço, e o foram demandar. O Capitão delle, que era hum homem Fidalgo, (a quem não pudemos saber o nome,) vendo os do batel,

e

e conhecendo D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, foi tambem seu alvoroço grande, e o recebeo a elle, e a todos mui bem, e delles soube sua perdição, e trabalhos, que sentio em extremo. Alli os recolheo a todos comsigo, e ficáram invernando naquella enseada, esperando pelos Ponentes, com que haviam de ir pera Moçambique; tomando D. Luiz Fernandes as fazendas, e roupas que lhe parecêram bastantes pera vestir, e sustentar os da sua companhia, o que fez todo aquelle tempo até chegar a Goa, resgatando com os da terra todos os mantimentos que lhes eram necessarios: e aqui os deixaremos até tornarmos a elles, por continuarmos com outras cousas, que estão puxando por nós.

CAPITULO II.

De como ElRey D. Sebastião supplicou ao Summo Pontifice Paulo IV. fizesse a Sé de Santa Catharina de Goa Arcebispado: e as Igrejas Santa Cruz de Cochim, e N. Senhora da Assumpção de Malaca, Bispados: e da Armada que este anno de 1559 partio do Reyno, de que era Capitão mór Pero Vaz de Siqueira.

QUerendo a Rainha Dona Catharina de gloriosa memoria, e o Cardeal Dom Henrique, tutores do Rey menino Sebas-

tião, que elle imitasse ao bom Rey D. João seu avô no zelo da honra, e gloria de Deos nosso Senhor, e na dilatação de sua santa Fé; vendo que nestas partes da India hia em tamanha multiplicação, pareceo-lhes bem ajudarem, e favorecerem isto com Prelados Evangelicos, ainda que fosse á custa de grandes despezas de sua fazenda, porque não faltassem ministros pera obra tão santa. E considerando quão estendido era o Estado da India, e quão distantes muitas partes delle da Metropolitana de Goa, e que hum só Bispo não podia visitar, e consolar todos os Christãos, supplicáram ao Summo Pontifice, que então presidia na Igreja de Deos, que era Paulo IV. « lhes quizesse conceder » fazer Santa Catharina de Goa Arcebispa» do, (que até então era Bispado annexo ao » Arcebispado do Funchal,) e que as Igre» jas Santa Cruz de Cochim, e N. Senho» ra da Assumpção da Cidade de Malaca » fossem feitas Bispados, suffraganeos ao » Arcebispado de Goa, applicando-lhes lo» go de suas rendas seus dotes, e ordinarias » pera todas as Dignidades, Conegos, Be» neficiados, Curas, Vigairos, e que estes » Bispados fossem annexos ao direito da » Metropolitana de Goa, constituindo-lhes » termos, e limites, e os districtos delles. » Commetteo o Papa ao Arcebispo de Lisboa

D.

D. Fernando de Menezes de Vaſconcellos, que tomando niſſo reſolução, limitou ao Arcebiſpo de Goa, deſdo Cabo de Boa Eſperança até Ormuz, e dahi até Cananor, com todas as Ilhas adjacentes a ellas, em que houveſſe Chriſtãos. E ao Biſpado de Cochim aſſinou deſde Cananor até Bengala, e Pegú, com toda a coſta da Peſcaria, Negapatão, e S. Thomé, com a grande, e formoſa Ilha de Ceilão, com todas as mais circumvizinhas a ellas, e a toda a coſta, ſeparando-lhe a grande, e eſtendida Chriſtandade que jaz no Sertão de Cochim, Cranganor, e Coulão, e pelas ſerras do Malavar, que era regida, e governada por Arcebiſpos, e Biſpos Armenios, que ſeguiam a falſa ſeita do Hereſiarca Neſtor, (como no principio deſta Decada fica dito,) que a fazia ſeguir com todos aquelles ſubditos, debaixo de cuja jurdição andava toda aquella Chriſtandade. Eſtes Biſpos eram provídos pelo Patriarca de Babylonia, cabeça dos Neſtorianos: e aſſim durou eſta ſeita naquella Chriſtandade até o anno de 1599, em que D. Fr. Aleixo de Menezes, Religioſo da Ordem de Santo Agoſtinho, Arcebiſpo de Goa, por ordem do Papa Clemente VIII. que pera iſſo lhe mandou grandes Breves, por morte do derradeiro Arcebiſpo Armenio, antes de vir outro de Babylonia, foi em peſſoa viſitar

to-

toda aquella Christandade com grande zelo, e caridade; e depois de passar muitos, e mui varios perigos, e trabalhos, por elles no principio não quererem obedecer, com tudo prégando-lhes por todas suas Igrejas, os rendeo, e ajuntou Synodo Diecesano com todos seus Sacerdotes, (a que elles chamão Cassanares,) onde elles, e todos os póvos deram a obediencia á Santa Igreja Romana, e abjuráram todas as heresias de Nestor, dando o Arcebispo ordem a todas as cousas daquella Igreja, de que temos dado de tudo isto relação copiosa no principio desta VII. Decada no II. Cap. do I. Liv. (e a daremos muito mais particularmente, quando escrevermos o tempo do Conde da Vidigueira Almirante) por ser huma das mais heroicas obras, que em materia de Christandade se fizeram neste Estado.

E tornando ao fio de nossa historia. Ao de Malaca constituio seus limites desde Pegú até a grande Região China, com todos aquelles Archipelagos de Solor, Timor, Amboino, Banda, Moro, e Maluco, em que incluem grande multidão de Ilhas, em que ha mais de trezentos mil Christãos naturaes, e depois pelo tempo em diante se fizeram Bispados distintos á China, e Japão, como em seus tempos se dirá. Isto tudo concedeo o Summo Pontifice por suas Bullas

Apos-

Apoſtolicas, com privilegio pera os Reis de Portugal poderem apreſentar os Arcebiſpos, e Biſpos, e todas as mais dignidades, como Meſtres que eram da Ordem da Cavallaria de noſſo Senhor Jeſus Chriſto. Por virtude deſtas Bullas apreſentou ElRey pera Arcebiſpo de Goa ao Padre Meſtre Gaſpar, (que foi Conego, e depois huma das principaes Dignidades da Sé de Evora,) varão douto em Theologia, e de vida muito approvada, e por tal tão amado, e querido do Cardeal, e Rey D. Henrique. E pera Biſpos de Cochim, e Malaca apreſentou ElRey a D. Jorge de Santa Luzia, e a D. Jorge Themudo, da Ordem de S. Domingos, varões doutos, e de vida Apoſtolica, e que depois vieram a morrer com ſinaes de ſantidade.

Eſtas Dignidades foram ſagradas em Lisboa com grandes ceremonias, e ordenáram os tutores de ElRey que os Biſpos foſſem pera a India na Armada, que ſe negociava eſte anno de ſincoenta e nove, que era de ſeis náos, cuja Capitanía mór levava Pero Vaz de Siqueira, hum Fidalgo velho, muito honrado, de que algumas vezes temos fallado nas noſſas Decadas; e o Arcebiſpo quizeram que ficaſſe pera o anno ſeguinte de 1560.

Preſtes eſta Armada, deo toda junta á véla em Março deſte anno de ſincoenta e no-

nove, em que andamos, onde foram embarcados perto de tres mil homens de armas, gente mui lustrosa, e escolhida, em que entravam muitos, e mui honrados Fidalgos, e Cavalleiros. O Capitão mór Pero Vaz de Siqueira escolheo pera si a náo Flor de la mar, em que se embarcou o Bispo D. Fr. Jorge Themudo, que hia por Bispo de Cochim, com quem eu passei tambem á India, moço de quinze annos, tendo destes gastado dous em serviço de ElRey D. João o III. de seu moço da Camara; e todos os mais até esta era de seiscentos e tres, em que escrevemos esta Decada, em outros serviços de mais riscos, e perigos, e neste de tanto trabalho, e inquietação pera a velhice com tão poucos favores neste estado, que muitas vezes me cahia a penna da mão com desgosto; e se a ergui, foi por me fazerem força as muitas instancias, com que ElRey D. Filippe de gloriosa memoria, e depois ElRey nosso Senhor seu filho, me mandavam todos os annos por suas cartas (como se verão impressas nos principios de nossas Decadas) proseguisse, e continuasse esta obra, com palavras de Principes mui Catholicos, e que desejavam de não ficarem em esquecimento os feitos dos Portuguezes nossos naturaes, posto que os deste tempo tanto se esquecessem disso em muitas cousas. Os Capi-

pi-

pitães das mais náos eram Francisco de Sousa, da Algaravia aonde hia embarcado D. Fr. Jorge de Santa Luzia Bispo de Malaca, Pero de Goes em Santo Antonio, Luiz Alvares de Sousa em S. Gião, Lisuarte Peres de Andrade na Conceição, Ruy de Mello da Camara em S. Paulo. Destas seis náos a de S. Paulo por má navegação foi haver vista da terra do Brazil, e dahi tornou a arribar ao Reyno. Todas as mais foram á India. Só a Conceição, por chegar tarde a Moçambique, se deixou ahi ficar.

CAPITULO III.

Da Armada que o Viso-Rey D. Constantino mandou ao Malavar: e dos navios que foram de soccorro a Baharem: e do que lhes succedeo na viagem: e da guerra que Luiz de Mello da Silva fez por toda a costa do Malavar.

COm a vinda das náos do Reyno ficou a India prospera, e rica, pela muita gente, dinheiro, e fazendas que nellas vieram; e porque a soldadesca era muita, e enchia a Cidade de Goa, ordenou o Viso-Rey D. Constantino huma boa Armada pera mandar ao Malavar a Luiz de Mello da Silva, que já tinha sahido de Cananor na entrada de Setembro com os navios, que lá inver-

ná-

náram, pera continuar na guerra dos Mouros; e mandou o Viso-Rey pagar seiscentos homens, que mandou embarcar em tres caravelas, duas galés, e alguns navios de remo, pera lá poder tomar as bocas dos rios; assim pera os inimigos se não proverem de mantimentos, como pera os Cossairos não sahirem a roubar, por ter o Viso-Rey aviso que no inverno se armáram muitos Parós em differentes partes: e estava assentado em conselho por todos os Capitães velhos, e de muita experiencia « que se não fizesse aos » Mouros daquella costa outra guerra, mais » que tomar-lhes os portos; e que quando » a houvesse com os Mouros de Cananor, » a fizessem tambem ao Çamorim, pera assim se não poderem prover huns aos outros por seus rios » o que costumavam a fazer, e por isso lhes dava pouco de quebrarem as pazes, por muito pequena occasião que se offerecesse, porque não deixavam de mandar suas fazendas pera Meca, nem partirem suas náos, porque as mandavam embarcar no Reyno, que estava de paz, e nelle se tornavam a recolher, e por seus rios se proviam de arroz, e anfião, que he o seu principal mantimento, sem quem não podiam viver: e assim engrossavam no trato por rios alheios, e pelos seus nas prezas, que faziam com suas Armadas, que eram

mui-

muito prejudiciaes, e faziam muitos damnos.

Pelo que o Viſo-Rey D. Conſtantino mandou por regimento a Luiz de Mello da Silva, que não fizeſſe guerra de outra maneira a todos os Reys do Malavar; porque com lhes tomar as barras, e não lhes deixar ſahir ſuas náos pera Meca, nem lhes entrarem mantimentos de fóra, os podiam pôr em tanto aperto em dous annos, que chegaſſem os Naires a tanta deſeſperação, por cauſa da fome, que ſe levantaſſem contra os Mouros, e os metteſſem á eſpada, como já algumas vezes eſtiveram pera o fazer, porque eſtes nem ſe embarcão, nem negoceam pelo mar, e ſó da ſubſtancia que na terra tem, ſe ſuſtentam pobremente, e a vendem aos mercadores que vam a ſeus rios, pera que lha commutem em arroz, que naquelles Reynos não ha. E andando o Viſo-Rey D. Conſtantino deſpachando eſta Armada, chegáram de Ormuz as novas do desbarato de D. Alvaro da Silveira, e de como D. Antão de Noronha era partido áquelle negocio pera Baharem; o que o Viſo-Rey ſentio muito, e logo ſe foi pôr na ribeira das Armadas, e mandou deitar ao mar treze, ou quatorze navios de remo, pera deſpedir de ſoccorro, em quanto ſe preparava outra maior Armada, que ſe determinava mandar,

com

com o primeiro recado que lhe chegasse, de D. Antão de Noronha, se lhe fosse necessario.

Estas novas se espalháram logo pela Cidade, que toda se metteo em revolta, por serem os mais dos Fidalgos que nella estavam parentes de D. Alvaro da Silveira, e de D. Antão de Noronha, e dos mortos, e cativos, e com muita pressa acudíram a se offerecerem ao Viso-Rey, e tomáram navios pera se partirem. E foi tamanha a brevidade com que se negociáram, e tão grande a vontade que tinham de se acharem naquelle feito, que assim como hum se aviava, dava á véla, sem esperar por companhia; e o primeiro que se partio foi Vicente Dias de Villalobos, tio de D. Antão de Noronha, irmão de sua mãi, que ao terceiro dia das novas sahio pela barra fóra em hum formoso navio com trinta Fidalgos, e cavalleiros, e soldados principaes: e logo apôs elle poucos dias se fizeram á véla os mais navios cheios da melhor soldadesca que então havia, que folgáram de acompanhar aquelles Capitães naquella jornada. E dos que nos lembram os nomes são os seguintes: D. Pedro de Castro, filho de D. Diogo de Castro de Evora; Ruy Gonçalves da Camara, filho do Capitão da Ilha da Madeira; Tristão de Sousa, filho natural de Martim Affonso de Sousa; Balthazar da Costa cavalleiro honrado,

do, e o melhor Catureiro que na India havia, e outros muitos.

Deo Deos a eſtes todos tão boa viagem, que em breves dias chegáram a Ormuz, depois de D. Antão de Noronha ter já chegado áquella fortaleza com a vitoria de Baharem: e o primeiro que chegou foi Vicente Dias de Villalobos, que ſe apreſſou tanto, que paſſou por Ormuz, antes que D. Antão de Noronha vieſſe de Baharem; e ſem ſe deter, o foi buſcar, e no caminho ſe deſencontráram hum do outro, porque ao paſſar da Ilha de Lara, hum foi por dentro, e outro veio por fóra; e chegando a Baharem, tanto que ſoube ſer partido, tornou a voltar, e foi ter a Ormuz, quaſi com os que partíram de Goa: D. Antão de Noronha recebeo a todos com muitas honras. E porque alli não tinham já que fazer, tomáram ſeus provimentos, e ſe tornáram pera Goa todos juntos, elegendo por Capitão de toda aquella Armada a Balthazar da Coſta, a que ſeguíram até áquella Cidade, onde já havia dias eram chegadas as novas da vitoria. O Viſo-Rey recebeo aquelles Capitães muito bem, e lhes fez mercês pelo zelo, e preſteza com que acudíram ao ſerviço de ElRey, e aos ſoldados mandou pagar ſeus quarteis. Démos aſſim brevemente relação deſta jornada, porque não houve nella

que

que contar, mais que a presteza com que estes navios partíram, chegáram, e tornáram, pera que se saiba o zelo, amor, e fidelidade, com que neste tempo se acudia aos trabalhos do estado. O que depois se veio a perder tanto, que chegáram os peccados da India a mandarem homens forçados aos soccorros das fortalezas em alguns trabalhos, em que tiveram necessidade delles.

Despedidos estes navios de Goa, deo o Viso-Rey D. Constantino pressa á Armada do Malavar, e a deitou fóra por fim de Outubro, e chea de muita, e lustrosa soldadesca; e os Capitães, que foram nesta jornada, são os seguintes: D. Filippe de Menezes, irmão de D. João Tello, em huma galé; D Paulo de Lima, em outra; Gonçalo Pires de Alvellos, Alvaro Reinel, e Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos. Tres Cidadões principaes, e ricos nas tres caravellas. As fustas eram oito, ou dez, de cujos Capitães nos não lembram os nomes.

Chegada esta Armada ao Malavar, a repartio Luiz de Mello da Silva pelos rios, por esta maneira. D. Filippe de Menezes com a sua galé, e duas, ou tres fustas, no rio de Marabia, do Reyno de Cananor, onde ElRey residia; D. Paulo de Lima, com outras tantas em outro rio; Gonçalo Pires de Alvellos, com a sua caravella, e

duas

duas fustas, no rio de Maim; Alvaro Reinel com outras duas pera o serviço de sua caravella, no rio Canharoto; Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos, com o mesmo, no de Pudepatão; Manoel da Silva em huma galeota Latina, e tres fustas, no Ilheo de Tremapatão: e o Capitão mór com os mais navios ligeiros, que seriam perto de vinte, ficou solto pera correr toda a costa do Malavar, pera huma, e outra parte, pera ver, e prover no que lhe fosse necessario.

Desta maneira andou fazendo toda a guerra que pode, dando de supito nas povoações daquella costa, queimando-as, abrazando-as, e destruindo-as de todo; cortando-lhes muitos palmares, e matando-lhes muitos dos seus moradores, tomando-lhes todas as suas embarcações, pondo toda aquella costa em temores, espantos, prantos, e necessidades, por lhes terem todos os portos tão fechados, que não podia sahir, nem entrar huma pequena almadia. E tal ordem tinha, que hoje amanhecia defronte de hum lugar, e ao outro dia delle a sinco seis leguas; e onde menos se temiam, alli dava de sobresalto, destruindo, e abrazando tudo, e á noite estava já dalli a sinco leguas, e a seis e sete: e de tal maneira os trazia inquietos, sem lhes valer a grande vigia que traziam so-

ſobre a Armada, e os muitos fogos que toda a noite faziam por toda a coſta, pera por elles darem aviſo onde ella eſtava, e pera onde ſe fazia á véla; mas nenhuma couſa deſtas lhes aproveitava.

Com eſta ordem curſou todo eſte verão, que foi o com que mais atormentou todo eſte Malavar, que todos os daquelles tempos; porque não houve povoação, que não ſentiſſe a ira, e o açoute Portuguez, e aſſim os neceſſitou de tudo, que ſe determinaram de arriſcar a morrer, e ir buſcar provimentos, antes que perecerem em terra á mingua: pera o que ſe carteáram todos os que havia pelos rios, pera em huma noite, e maré certa ſahirem pelos rios, onde os noſſos navios eſtavam, ainda que foſſe a todo o riſco, e perigo, como fizeram. Mas como os noſſos, que eſtavam ſobre os rios, por onde elles haviam de ſahir, traziam muito grande vigia, não deixáram de ſer ſentidos ao ſahir, ao menos no rio de Maim, onde eſtava Gonçalo Pires de Alvellos com a ſua caravella ſurto perto da terra, (com quem eu eſtava embarcado, ſendo moço, que coſtumava mandar todas as noites os navios de remo a vigiar a boca do rio, pera não ſahirem os ladrões,) e neſte com quem ſe tinham carteado todos, eſtavam preſtes oito Paraos, que deſemmaſteados com

a vaſante da maré a voga ſurda, foram ſahindo de longo da arêa.

E pera fazerem affaſtar os noſſos navios, puzeram em terra algumas bombardas, com que começáram a esbombardear, o que os eſpertou mais; porque entendendo o que podia ſer, tomáram armas, e leváram ancora, e com o remo na mão eſtiveram eſperando, (que tão animados, e contentes andavam então os homens, que com dous navios não receavam de commetter ſeis, e ſete Paraos tão grandes, e poſſantes, como depois houve.) Cuidando os Paraos que tinham embaraçados os noſſos navios com as bombardadas, apontando na boca da barra, apertáram o remo, e foram paſſando por antre os noſſos como hum trovão.

E todavia como os noſſos eſtavam eſpertos, ſentindo-os logo ao ſahir, deſparáram nelles os falcões; e tomando hum de proa a poppa, o axoráram todo, e elle anhoto foi dar á coſta, e os mais prepaſſando por antre os noſſos navios lhes lançáram dentro huma ſomma de panellas de polvora, e os noſſos fizeram o meſmo, com que lhe abrazáram muitos Malavares. Mas quiz a deſaventura que na fuſta, de que era Capitão hum Joáo Leitão, cahio da mão a hum ſoldado huma panella de polvora em ſima de outras, que quebráram logo; e tomando to-

das fogo , refináram por esses ares a todos os que estavam na fusta, e o baileo em claro com todas as armas que nelle estavam, e o navio ficou ardendo em chammas. O Capitão do outro, que se nos não lembra mal, era hum Antonio Tavares, vendo assim o navio, deo-lhe huma toa, e se foi recolhendo pera á caravella, que tinha já levado a amarra, e dado o traquete pera lhe acudir, despedindo o batel com vinte soldados, que foram recolhendo pelo mar a mór parte dos queimados.

Os Paraos não se quizeram embaraçar com cousa alguma, antes em se affastando arvoráram mastos, e deram as vélas á sua vontade, ficando a nossa caravella recolhendo a fusta, e os abrazados, de que morrêram muitos, que ella com todos os mais mandou pera Cananor em companhia do outro navio. A caravella se fez á véla apôs os Paraos, e ao outro dia pela manhã encontrámos a caravella de Alvaro Reinel, de quem se soube que tambem do seu rio sahíram outros Paraos, apôs quem tambem dera á véla; e havendo ambos por tempo perdido andarem em sua caça, se tornáram pera seus pousos, e mandáram avisar o Capitão mór do que passava. E assim os deixaremos hum pouco, por continuarmos com as cousas de Damão.

CA-

CAPITULO IV.

De como os Capitães Abexins corrêram até Balſar, e lhes ſahio Alvaro Gonçalves Pinto, e lhes deo batalha, em que foi morto com a mór parte dos ſeus: e de como o Capitão de Damão D. Diogo de Noronha mandou ſoccorrer os noſſos, que ficáram de cerco na fortaleza.

DEpois que os Capitães Abexins Cide Bofatá, e Cide Rana víram recolhido pera Goa o Viſo-Rey D. Conſtantino, tornáram a voltar ſobre as terras de Balſar com ſeiscentos de cavallo, e muita peonagem, e andáram por ellas fazendo muito damno, e comendo aquellas aldeas; e tanto que o verão entrou, e que as aguas do inverno lhe deram lugar, determináram de ir commetter a fortaleza de Balſar, e tomarem-na pera nella ſe fortificarem, e comerem todas aquellas Parganas: e aſſim ajuntando toda a gente que tinham, aſſim de pé, como de cavallo, a foram demandar; e Alvaro Gonçalves Pinto Capitão de Balſar foi logo aviſado de ſua vinda, e logo ſe fez preſtes pera os ir eſperar no campo, porque não quiz que o tomaſſem encurralado: e aſſim os eſperou fóra com cento e vinte Portuguezes, em que entravam quinze, ou vinte de cavallo,

lo, e quinhentos peões da terra, deixando na fortaleza hum Capitão chamado João Gomes da Silva, homem de humilde geração, mas muito bom soldado, e com elle dez companheiros; e vindo-se os inimigos chegando, os foi demandar pera lhes dar batalha, cuidando que eram menos, e chegou á vista delles, que estavam em huma aldea chamada as Ferrarias, duas leguas da fortaleza, e os achou em campo, porque já estavam avisados da sua ida. Alvaro Gonçalves Pinto vendo o grande poder que tinham, posto que era muito bom cavalleiro, duvidou commettellos, e quizera-se recolher, porque o pudera fazer sem descredito de seu esforço; mas os seus soldados começáram a alterar-se, e a se descompôr, querendo arremetter, e dar batalha sem ordem do seu Capitão, e ainda soltando-se em palavras. Vendo Alvaro Gonçalves Pinto aquelle quasi motim, e desattento, virando-se pera todos, disse-lhes: « Ora já que assim quereis, » *Sant-Iago*; » e arremeçando o cavallo, foi ferir em os inimigos com tanta força, que daquelle encontro derribou o em que poz a lança, e logo outro. E os soldados daquella primeira carga da espingardaria lhe derribáram mais de sincoenta, ficando todos baralhados em batalha, que foi aspera, e cruel, em que Alvaro Gonçalves Pinto, e to-

todos os noſſos pelejáram mui valoroſamente. Mas como os inimigos eram ſeiscentos de cavallo, e o campo grande, rodeáram os noſſos por todas as partes, que logo ſe puzeram em desbarato, e ás lançadas os foram matando, tendo-o já feito a Alvaro Gonçalves Pinto, que primeiro que o mataſſem vendeo a vida a troco de muitas, que tirou a muitos, pelejando em meio de todos, como hum leão bravo, ſem querer virar as coſtas. Dos noſſos, que hiam em desbarato, eſcapáram poucos, e ainda eſſes ſe eſpalháram, e não foram demandar a fortaleza ſenão ſinco, ou ſeis, ficando mortos ſetenta e dous, e cento e ſincoenta peões, e os mais como ſabiam a terra, eſcapáram pelas aldeas.

Vendo os inimigos a vitoria, que tinham alcançado dos noſſos, foram com aquella furia commetter a fortaleza, cuidando que a levaſſem logo nas mãos, e cercáram-na á roda, commettendo-a por todas as partes com grande determinação. Mas João Gomes da Silva, que nella ficou com os companheiros que diſſemos, ſe poz á defensão com ſuas eſpingardas, com que fizeram em os inimigos mui grande deſtruição; porque como davam no cardume delles, que eſtavam ao redor dos muros, nenhum tiro ſe perdia, levando as eſpingardas de dous em dous

pe-

pelouros, cessando nunca de tirar, nem o seu Capitão de os esforçar, e animar, e por huma parte pelejar com a sua espingarda, e por outra com muitas panellas de polvora, que se hiam desfazer sobre os inimigos, correndo elle o muro (que era pequeno) todo á roda pera ver os que pelejavam nas partes, que lhes tinha encommendadas, e em todas os inimigos o viam de quando em quando bem em seu damno. Alguns peões dos que escapáram da batalha tomáram o caminho mui apressadamente pera Damão, aonde chegáram a horas de meio dia, porque a batalha foi ás oito de pela manhã, e deram a D. Diogo de Noronha as novas do que passava, affirmando-lhe, que se a fortaleza não fosse já perdida, estaria em grande trabalho, e risco. O Capitão D. Diogo de Noronha sentio aquella perda em extremo, e logo se foi pôr na ribeira, e em espaço de huma hora negociou dez navios cheios de muito lustrosa soldadesca, que despedio em soccorro, e não achámos a certeza de quem foi por Capitão mór. Sómente temos por informação que hia naquella companhia Tristão Vaz da Veiga pera ficar por Capitão naquella fortaleza até elle a prover, ordenando-lhe cem homens, que havia de tomar da Armada.

Estes navios chegáram á boca da barra de

de Balſar ás quatro horas da tarde, ſendo meia maré chea; e porque não ſabiam o que hia na fortaleza, deitou o Capitão mór huma eſpia fóra, que logo tornou, e affirmou, que a fortaleza eſtava por nós; mas que os inimigos eram muitos, e que a tinham de cerco. E logo apôs eſta eſpia chegou hum peão muito apreſſado com hum eſcrito de João Gomes da Silva, em que elle, e todos os companheiros vinham aſſinados, em que lhe pedia os ſoccorreſſe logo, porque eſtavam em grande trabalho, e aperto; porque parece que tiveram aviſo da Armada. Com eſte eſcrito ajuntou o Capitão mór os Capitães dos navios a conſelho, e praticou com elles ſobre o modo que teriam em os ſoccorrer: ſobre o que houve differentes pareceres; porque huns differam, que era neceſſario ſoccorrellos logo; outros, que parecia aquillo eſtratagema dos inimigos, que teriam ganhada a fortaleza, e os Portuguezes em ſeu poder, e que lhe fariam eſcrever aquelle eſcrito pelos colher lá. Vendo elle que os mais dos Capitães eram os que apontavam os inconvenientes, reſumio-ſe em ſoccorrer a fortaleza, e mandou-os pera os ſeus navios, e fez levar a amarra ao ſeu, e foi entrando o rio, dizendo, que quem o quizeſſe ſeguir o fizeſſe, o que todos fizeram negociados, e poſtos em armas.

Sa-

Sabendo os Abexins que a Armada hia entrando o rio, que era estreito, acudíram a lhe defender a passagem com algumas espingardas, e grandes nuvens de fréchas, de que lhe empenáram todos os navios, e alguns companheiros; mas tambem elles foram mui bem hospedados com a artilheria dos navios, e com a arcabuzaria de feição, que depois de muito escalavrados se recolhêram, e se passáram da outra banda do rio. Os nossos chegáram á fortaleza, e desembarcáram nella postos em armas; e entrando dentro, achâram aquelles poucos homens abrazados em fogo, tisnados da polvora, e banhados em seu proprio sangue, que todo aquelle dia não comêram, nem bebêram, senão cousa muito pouca, e com as armas nas mãos, com que tinham feito nos Mouros grande estrago. E com terem passado tanto, e tão immenso trabalho, e estarem todos empenados das settas dos inimigos, os achâram os que hiam de soccorro tão inteiros, tão esforçados, e tão animosos, como se não tiveram feito nada.

O Capitão mór levou nos braços a João Gomes da Silva, e lhe disse muitas palavras dignas de seu animo, e assim abraçou a todos os mais companheiros, e os soldados da Armada os leváram muitas vezes nos ares com o alvoroço de os verem daquella manei-

neira: e nós tambem o tiveramos bem grande de lhes ſaber os nomes, pera os feſtejarmos com os deixarmos nomeados neſta noſſa hiſtoria; mas o tempo, e o deſcuido Portuguez os deixou em eſquecimento, tendo elles feito obras merecedoras de ſerem eternizadas. O Capitão mór deteve-ſe na fortaleza dous, ou tres dias, mandando curar os feridos com grande reſguardo; e paſſados elles, entregou a fortaleza a Triſtão Vaz da Veiga, e deo-lhe cem homens pera quem D. Diogo de Noronha mandou muitos provimentos; e não tendo alli que fazer, voltou pera Damão. Os Abexins deixáram-ſe andar por aquellas terras, comendo ſuas aldeas, e inquietando os noſſos, que ſempre trouxeram ſobre elles grandes vigias.

CAPITULO V.

De como os Abexins tornáram ſobre Balſar, onde já eſtava por Capitão Affonſo Dias Pereira: e de como elle lhe ſahio, e foi morto por deſaſtre: e D. Diogo de Noronha ſoccorreo aquella fortaleza, e a largou por lho mandar aſſim o Viſo-Rey D. Conſtantino.

HAvendo perto de dous mezes que Triſtão Vaz da Veiga eſtava em Balſar, mandou pedir licença a D. Diogo de Noro-

ronha Capitão de Damão pera se ir, que lhe elle deo, e mandou em seu lugar Affonso Dias Pereira, hum cavalleiro honrado de sua obrigação. Este havendo poucos dias que estava naquella fortaleza, tornáram os Capitães Abexins a entrar por aquellas terras com tenção de accommetterem outra vez a fortaleza, e não se alevantarem de sobre ella sem a tomarem. Affonso Dias Pereira teve logo rebate de sua entrada; e sabendo que se vinham chegando, mandou dous homens em cavallos ligeiros (e se fez prestes pera os esperar) pera descubrirem o campo, e notarem a gente que os inimigos traziam: e hum destes se chamava Diogo Pereira, (que depois cegou,) e o outro era hum Africano, a que não achámos o nome. Estes homens se alongáram tanto da fortaleza, que chegáram os Abexins á vista della, sem elles os verem. Affonso Dias Pereira tanto que vio os inimigos, sahio-se fóra da fortaleza, e os esperou com trinta de cavallo, e sessenta espingardas, deixando dentro nella Vicente Carvalho com alguns companheiros. E vendo os inimigos tão perto, como estava com as costas na fortaleza, com que lhe ficavam seguras, remetteo de tropel a elles, appellidando *Sant-Iago*, rompendo nos dianteiros com tanta furia, e força que os fez virar, ficando-lhes alguns no campo es-

estirados; e como foram com aquelle impeto, ficáram os nossos, e os Mouros todos baralhados em huma aspera batalha; e posto que da nossa parte era o numero tão inferior, todavia pelejáram com tanto valor, que fizeram muito os Abexins em se livrarem das suas mãos.

Andando assim todos misturados nesta pressa, chegáram os dous companheiros, que foram espiar os inimigos; e vendo a aspereza da batalha, e a revolta de todos, como não podiam passar pera a fortaleza, senão por meio dos inimigos, determináramse ambos com as lanças nos ristes, e puzeram as pernas aos cavallos com tamanha furia, que foram rompendo pelo meio dos Mouros, derribando alguns; e foi sua ventura tal, que passáram por todos, até chegarem onde os nossos andavam accezos em batalha, mas com seis, ou sete feridas muito grandes cada hum, de que não perigáram; e hum delles, sendo já destoutra parte, perdeo o cavallo, porque por hum desastre cahio delle; mas salvou-se na fortaleza, onde se recolheo pera o curarem.

Affonso Dias Pereira, Capitão que andava na força da batalha pelejando como hum touro bravo, quiz a desaventura que se lhe empinasse o cavallo com o estrondo da arcabuzaria de feição, que deo com elle no

no chão. O que visto pelos Mouros, carregáram sobre elle, e o lanceáram sem lhe poderem valer; e vendo-o morto, foram-se recolhendo pera a fortaleza, e os Abexins apôs elles, e tão perto, que ao entrar da porta foram todos misturados; e foi tanta a pressa, que alguns dos nossos não puderam tomar a fortaleza, e varáram adiante, e a espora fiĉta foram caminhando pera Damão, aonde chegáram em menos de tres horas, e deram rebate a D. Diogo de Noronha do que era acontecido, que com muita pressa mandou negociar dez navios, que logo despedio em seu soccorro com muita gente. Os nossos, que se recolhêram á fortaleza, foi com tanta pressa, que deixáram no pateo os cavallos, e subíram assima, deixando as portas abertas pelas não poderem fechar, porque os inimigos (como hiamos dizendo) entráram misturados com elles. Vicente Carvalho, que ficou na fortaleza, acudio com os companheiros ás escadas, huns, e outros á cerca pera defenderem a subida aos muros, e a entrada da porta, o que já não pode ser, porque ficáram senhores dos baixos, e de todos os cavallos, que logo foram tomados.

Os Abexins trabalháram tudo que puderam por subirem as escadas, que lhes foram defendidas dos nossos com muito valor, e es-

esforço, e com grande perda, e damno dos inimigos, que desenganados de entrarem á força de armas, ajuntáram muita palha, e lenha, e mettêram tudo debaixo de huma guarita pera lhes darem fogo, e queimarem os nossos, que estavam em sima pelejando pera fóra com os inimigos, sem saberem o perigo que se lhes ordenava. Mas quiz Deos que lançasse hum soldado o corpo por huma janella, que hia cahir sobre o pateo, e vio andarem os Mouros mui solícitos em ajuntar aquelles materiaes pera o fogo; e tomando huma panella de polvora, a lançou antre elles; e quiz sua boa fortuna que se quebrasse em o meio dos Mouros; e dando-lhes as labaredas, os abrazou de feição, que deixáram o que faziam, e foram fogindo pela porta fóra.

Os nossos, que pelejavam de sima naquella revolta, fizeram em os Mouros huma cruel carniçaria, assim com a artilheria, como com a arcabuzaria. Senão quanto se affirma que Callisto de Siqueira o Mulato, meio irmão de Francisco de Siqueira, Escrivão da cosinha que foi de ElRey D. João, derribára á sua parte com sua espingarda mais de vinte, porque era o mór espingardeiro que havia na India. Os Mouros ficáram todo aquelle dia derredor da fortaleza por cansarem aos nossos, e assim os combatiam de-

bai-

baixo com tão grande numero de fréchas, que as portas, janellas, ameas, e ainda as paredes eſtava tudo empenado, apertando tanto com os noſſos, que lhes não deram vagar pera tomarem mais refeição, que alguma agua pera matarem a ſeccura do grande trabalho, que todo o dia paſſáram.

Eſtando já ſobre a tarde em hum grande extremo, e muitas deſconfianças, por já não poderem comſigo, ouvíram muitas bombardadas pelo rio aſſima, que era a Armada, que D. Diogo de Noronha tinha mandado, que tanto que foi ſentida dos inimigos, largáram tudo, e paſſáram-ſe da outra banda do rio. O Capitão mór, que era Luiz Alvares de Tavora, filho de Bernaldim de Tavora, poz a proa junto da fortaleza, e deſembarcou em terra com todos os ſeus poſtos em armas, e foi demandar a fortaleza; e vendo de fóra aquelle eſpectaculo da encravadura dos muros, e portas, da multidão das fréchas, e os noſſos das ameas appellidando *vitoria*, *vitoria*, foi ſua alegria tamanha, ou (pera melhor dizer) ſua inveja tal, que qualquer delles trocára por ſe acharem alli todos os theſouros do mundo, ſe os tivera em ſeu poder; e ſubindo aſſima, acháram aquelles poucos homens tão encarvoiçados da polvora, e taes do canſaço do dia, que pareciam alarves, e homens do

ma-

mato; e levando-os todos nos braços, rosſáram-ſe por elles, pera que ſe lhes pegaſſe alguma couſa das muitas que nelles invejáram. O Capitão mór os fez deſarmar, e curar alguns feridos, e lhes mandou dar de comer do que levava. Alli ficáram eſtes navios aquella noite, lançando o Capitão mór eſpias ſobre os inimigos, que já eram recolhidos pera longe; e ao outro dia recolheo o Capitão mór toda a gente, artilheria, munições, e mais couſas da fortaleza, e deixando-a deſpejada de tudo pelo mandar aſſim o Viſo-Rey a D. Diogo de Noronha, que pera iſſo deo regimento ao Capitão mór: e aquelle meſmo dia chegáram a Damão, e leváram a cabeça de Affonſo Dias Pereira, a quem deram muito honrada ſepultura. Os Abexins foram logo aviſados do deſpejo da fortaleza; e voltando, a acháram ſó: e não ſe querendo pejar com ella, a derribáram por terra, deixando-ſe andar no campo, comendo as aldeas, e ſalteando as terras de Damão.

CAPITULO VI.

De como os Abexins corrêram as Tanadarias de Damão, S. Gens, e Tarapor, e do que lhe nellas ſuccedeo.

PAſſadas eſtas couſas, entráram os Capitães Abexins pelas terras de Damão, e foram fazendo por ſuas aldeas todos os damnos que puderam, e paſſáram até á fortaleza de S. Gens, e lhe deram huma formoſa viſta, e aſſalto, de que ſahíram tambem eſcalavrados, porque os de dentro os foſtigáram bem com ſua arcabuzaria, com que os fizeram affaſtar, e foram de paſſagem deſtruindo ſuas aldeas, e roubando tudo o que acháram. Daqui ſe paſſáram ás terras de Danú, em que tambem fizeram aſſás de damno. Vadeando o rio a outra banda, dormíram aquella noite em algumas aldeas, e no quarto dalva ſe alevantáram com tenção de irem dar de ſupito na tranqueira de Tarapor, e ver ſe a podiam levar nas mãos.

Eſtava eſta tranqueira ſobre hum rio, que de baxa mar ſe paſſa a partes a pé enxuto, e era feita de palmeiras bravas, mettidas muito na terra, e muito juntas, forradas por dentro com ſeus eſteirões de bambús groſſos, com alguns andaimes, e guaritas; e tinha D. Diogo poſto nella por Capitão

Mar-

Martim Lopes de Faria, cavalleiro mui honrado, de ſua obrigação, com quarenta ſoldados pera guarda daquella Pargana, que he das melhores, e mais proſperas de todas as daquella jurdição. E eſtando os noſſos bem deſcuidados de tal ſobreſalto, dormindo bem deſcançadamente, ſem ſe temerem de couſa alguma, a meio quarto dalva chegáram os Abexins á tranqueira, e logo arrimáram a ella algumas eſcadas, por onde começáram a ſubir. Mas quiz noſſo Senhor que ao meſmo tempo ſe alevantaſſe hum ſoldado a alguma neceſſidade, e ſentindo o rebolliço, brádou alto *Mouros*, *Mouros*. A eſta voz acudio o Capitão Martim Lopes de Faria, e brádando por armas, as tomáram logo todos os ſeus ſoldados, e acudíram ás guaritas, e andaimes a tempo que já os Abexins os hiam cavalgando; e dando nelles, lançáram abaixo alguns mortos, e outros maltratados. E como os inimigos eſtavam apinhoados ao pé da tranqueira, e pegados ás palmeiras, não faziam mais os noſſos ſoldados, que metter as lanças por antre os páos, e enſopar nelles á ſua vontade; e outros, que de ſima não faziam mais que botar-lhes muitas panellas de polvora, com que fizeram nelles tal lavor, que parecia que ardia em baixo algum forno de cal.

E conta-ſe de hum ſoldado Reinol da-

quelle anno, que mettendo a ſua lança por antre os páos pera tambem matar o ſeu, lhe pegára della hum Abexim, e trabalhára por lha arrancar da mão; e o ſoldado ſem a ſoltar gritára alto, dizendo: « Cão, perro, » larga-me a minha lança » em fim elle defendeo a ſua lança, e offendeo alguns, que matou com ella. A briga durou até que amanheceo, em que os Abexins ſe affaſtáram tão eſcalavrados, que não paráram dalli a duas leguas, o que não foi tanto a ſeu ſalvo, que lhes não mataſſem o ſeu Capitão Martim Lopes de Faria de huma eſpingardada, e que não ficaſſem muitos feridos. Os ſoldados das tranqueiras elegêram logo por ſeu Capitão a Antonio de Sampaio, homem muito honrado, e muito bom cavalleiro, que naquelle dia lançou ſuas eſpias ſobre os inimigos, que ſe recolhêram pera hum tanque grande, onde enterráram muitos mortos, que leváram comſigo, e ſe curáram muitos, que hiam feridos.

E porque ſe receou que tornaſſem a commetter as tranqueiras, as guarneceo mui bem, e com muita preſſa, e toda a noite ſeguinte eſteve com grande vigia, e com as armas nas mãos. Ao outro dia na maré da tarde entrou por aquelle rio hum navio ligeiro, de que era Capitão Diogo Nunes Pedroſo, que trazia trinta bons ſoldados, e muitas

mu-

munições, que D. Diogo de Noronha mandava de ſoccorro, (porque logo teve aviſo do aſſalto que os Abexins deram naquella tranqueira.) Com eſte ſoccorro, de que os inimigos tiveram logo aviſo, ſe alevantáram, e ſe mettêram pela terra dentro a roubar, e deſtruir as aldeas por onde paſſavam, e o navio ſe tornou logo pera Damão, e levou comſigo Martim Lopes de Faria, que ainda eſtava vivo; mas chegando a Damão, logo morreo em caſa do Capitão, que o amava muito, e o ſentio em extremo.

CAPITULO VII.

De como D. Diogo de Noronha foi buſcar os Abexins, e lhes deo batalha, em que os desbaratou.

DEpois que os Abexins andáram por aquellas terras deſtruindo, e roubando o que acháram, paſſáram-ſe ás de Damão, onde ſe veio ajuntar com elles Carnabec Turco, homem ſoberbo, e arrogante, de que já outra vez fallámos, e todos aſſentáram de ir cercar a Cidade de Damão, pera onde logo partíram, fazendo ſuas preparações, e ſe foram pôr da outra banda na aldea de Couleca, onde ajuntáram todas as mais gentes que puderam. D. Diogo de Noronha, que trazia antre elles ſuas vigias, foi

logo avisado de sua determinação: e como era sagaz, e prevenido, tratou de os embaraçar, porque lhe não chegassem a pôr cerco, porque estava a Cidade aberta, e lhe poderiam dar trabalho. E assim o dia que lhe deram recado, que eram chegados a Couleca, se fez logo prestes com toda a gente, assim de pé, como de cavallo, deitando fama que queria ir buscar os inimigos, sem descubrir a pessoa viva sua determinação, porque sabia que dentro na Cidade andavam espias suas, que logo os haviam de avisar; e todo aquelle dia gastou em preparações pera ir buscar os Abexins, e em mandar ter prestes embarcações pera passar a gente á outra banda. E no quarto da prima rendido, se partio da Cidade com suas bandeiras desenroladas, com grandes estrondos, e carrancas, dando a entender que queria passar em busca dos inimigos, do que logo os Abexins foram avisados pelas espias, que traziam antre os nossos, que lhes certificáram que o Capitão começava a passar em busca delles, o que os metteo em grande revolta, e confusão, pondo-se logo em armas, e fortificando-se o melhor que puderam, ficando toda a noite desvelados, sem dormirem, nem repousarem. D. Diogo de Noronha esteve em campo até o quarto da modorra; e sem dizer a alguem o que de-

ter-

terminava, tornou a voltar pera a Cidade, e repouſou o que reſtava da noite até pela manhã: e ao outro dia á tarde ſe tornou a pôr em campo da meſma maneira, pondo em parecer dos Capitães ſe ſeria melhor paſſar o rio á outra parte em embarcações, ou irem buſcar a váo: e aſſentou-ſe que melhor era paſſaſſem todos juntos pelo váo por ſer menos trabalho. E aſſim como foi noite, começou a marchar pera onde haviam de paſſar, do que tambem os Mouros tiveram rebate, e ſe tornáram a metter em revolta, não deixando de haver antre os ſeus muito grandes receios. Mas como D. Diogo de Noronha não tinha por então penſamento de paſſar, tanto que o quarto da modorra entrou, tornou a voltar pera a fortaleza; e o meſmo fez outras duas, ou tres noites, com o que os noſſos andavam tão embaraçados, ſem entenderem aquellas arremettidas do Capitão, que não ſe ſabiam determinar: e o meſmo fizeram os inimigos, que andavam quebrantados de tantas noites não deſpirem as armas, e tambem não ſe ſabiam dar a conſelho, porque bem entendiam que não deixava D. Diogo de Noronha de paſſar por receio que tiveſſe delles, mas não ſabiam o fim pera que fizera aquellas ſahidas tantas vezes. E como D. Diogo de Noronha não teve outro intento naquellas idas,

e

e vindas mais que não lhes dar bico pera elles o virem cercar, e com isso os quebrantar com aquelles rebates, como foi avisado que já o estavam de feição, que não podiam comsigo, fez então a passagem de verdade; e se poz da outra banda sobre a tarde, onde fez alardo da gente que levava, e achou trezentos e sincoenta soldados de pé, e delles a mór parte de espingardas, e cento e sincoenta de cavallo bem armados, em que entravam muitos, e mui honrados Fidalgos, e cavalleiros; e dos que pudemos saber os nomes, são os seguintes. André de Sousa de Arronches, D. Francisco Henriques, Jeronymo da Veiga, D. Tristão de Menezes, Ayres de Saldanha, que levava dous cavallos, e este inverno deo mezas á sua custa a sessenta, ou setenta soldados. Luiz Alvares de Tavora, João Lopes Leitão, D. Alvaro de Taíde, Jorge Pereira Coutinho, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros.

Feito alardo, fez D. Diogo de Noronha da gente de pé tres bandeiras de cento e dezesete cada huma, de que deo as Capitanías a André de Sousa de Arronches, a D. Francisco Henriques, e a Jeronymo da Veiga, ficando elle com toda a gente de cavallo; e tanto que anoiteceo, se passou da outra banda pelo passo de sima, e em mui-

muito boa ordem começou a marchar pera a aldea Vaipim, onde tinha aviso estarem os Abexins; e despedio diante Coge Abrahão Judeo, e Manoel Dias Picoto em cavallos ligeiros pera irem descubrir o campo, indo D. Diogo de Noronha sempre muito ordenado, porque esperava de encontrar logo os inimigos.

Chegando a Couleca, que he huma legua de Damão, lhe sahio ao caminho hum Patel (que he como Juiz, e cabeça das aldeas) e deo a D. Diogo de Noronha huma carta em Parseo, que os Abexins lhe deixáram pera elle; porque tanto que D. Diogo de Noronha se passou da outra banda, estavam todos naquella aldea; e tendo rebate que os hia buscar, se sahíram della, e se foram pera a de Vaipim, deixando aquella carta na mão daquelle Patel, pera que lha désse tanto que alli chegasse. D. Diogo de Noronha a abrio, e achou escrita em Parseo, e a deo a Coge Abrahão, pera que lha lesse, e nella diziam os Capitães Abexins » que bem sabiam que os hia buscar, que » o não esperavam naquella aldea, porque » o campo della não éra bom pera batalha, » que adiante em outra os acharia. » D. Diogo de Noronha bem entendeo que aquillo eram roncas do Carnabec, que era Turco, e soberbo; e disse pera os que hiam pegados

dos com elle: « Vamos adiante, e ensaque-
» mos esta soberba, porque nem onde dizem
» os havemos de achar. »

E passando na mesma ordem, em que hiam, chegáram á outra aldea chamada Pirão, onde deram a D. Diogo de Noronha outra carta do mesmo theor, em que lhe affirmavam, que adiante no campo da aldea Vaipim os acharia. Do que se D. Diogo de Noronha rio, e disse: « Nem alli será, por
» isso descancemos hum pouco » e assim o fizeram por irem cançados. E no quarto dalva tornáram a marchar até chegarem aos campos de Vaipim; e em rompendo a luz da manhã, que os descubridores do campo, que hiam diante, voltáram a D. Diogo de Noronha, e lhe disseram que alli os tinham. E virando-se D. Diogo pera os seus, lhes disse: « Ah Senhores, aqui os temos, por
» isso vinguemo-nos do trabalho que nos
» deram de os vir buscar tão longe. » E pondo logo a sua gente em ordem de batalha, deo a dianteira a André de Sousa, e fez de toda a de pé hum esquadrão muito formoso, e nas fileiras antre pique e pique huma espingarda. E a gente de cavallo repartio em duas partes pelas ilhargas do esquadrão de pé: huma dellas tomou pera si, e a outra deo a Duarte Paim de Mello, e a Manoel Dias Picoto. Nesta ordem chegou

D.

D. Diogo de Noronha ao campo, onde os inimigos o eſtavam eſperando no cabo delle, e parou pera notar a ordem em que eſtavam, que o numero bem ſabia que eram ſeiscentos de cavallo, e dous mil de pé. E vio que eſtavam com as coſtas em hum formoſo tanque de agua, e por ſima delle ſe alevantava o Sol tão formoſo, que alegrou a todos. D. Diogo de Noronha, depois que vio, e notou bem tudo, ajuntou os ſeus a ſi, e pondo-ſe no meio delles, lhes fez eſta breve falla:

« A qui temos, valoroſos companheiros, » Senhores, Fidalgos, Capitães, e Cavalleiros, os inimigos, que com tanto alvoroço buſcavamos, ponde os olhos nelles, » e em voſſo valor, e esforço, e vereis quão » poucos são pera o que o coração de cada » hum deſejava. Tudo hoje vos favorece, » e promette huma grande vitoria. Ponde-os » primeiro que tudo em Deos noſſo Senhor, » por cuja fé, e lei ſomos obrigados a morrer: que parece que na formoſura daquelle Sol, que lá ſe vai alevantando, nos » dá hum ſeguro ſinal de terdes certa a vitoria; porque parece que vejo naquella » diverſidade de raios, que já vem ſcintilando ſettas contra voſſos inimigos. Por iſſo, » coração em Deos, confiança em voſſos » valoroſos braços, olho nas obrigações de » Chri-

» Chriſtão, e amor no ſerviço de voſſo Rey,
» e demos nelles com o favor do Bemaventurado Apoſtolo Sant-Iago, que a vitoria
» eſtá certa. »

Acabada a falla, começou a marchar, levando diante hum Religioſo da Ordem de S. Domingos hum devoto Crucifixo arvorado no ar, e foram cingindo o campo com tenção de ir tomar o Sol aos inimigos, ou ao menos a não lhes ficar tanto pelos olhos, mandando aos ſeus que ſe não deſordenaſſem, nem deſmandaſſem. Mas como o furor dos noſſos era grande, e já deſejavam de ſe ver ás mãos com os inimigos, adiantáram-ſe quatro, ou ſinco Fidalgos, a que não ſoubemos os nomes, mais que Ayres de Saldanha, que ſendo viſtos por D. Diogo de Noronha, mandou dous criados ſeus de cavallo, que foſſem a elles; e como os vio juntos, remetteo a elles com a lança ſobraçada pera lhes dar, dizendo-lhes palavras agaſtadas, com que os fez logo recolher, mas ſem os eſcandalizar.

Os Abexins vendo a determinação de D. Diogo de Noronha, arrebentáram donde eſtavam, e com grandes gritos, e alaridos foram commetter os noſſos, deſparando primeiro nelles huma ſomma de bombas de fogo mui furioſas, que milagroſamente ſe foram desfazer no meio dos noſſos, ſem lhes

fa-

fazer damno algum. E huma que tomou João Lopes Leitão pelo arção dianteiro, dando nelle a pancada, resvelou pera a outra parte sem o offender. D. Diogo de Noronha, que vio aquillo, cuidando que João Lopes Leitão ficava ferido, remetteo a elle, e lhe perguntou o que era; ao que elle muito risonho respondeo: « Senhor, não he nada. » Disse então D. Diogo de Noronha: Pois *Sant-Iago*. E pondo as pernas ao cavallo, remetteo aos inimigos, e daquelle primeiro encontro, e carga derribáram os nossos mais de sessenta, ficando todos baralhados em huma aspera batalha, em que D. Diogo de Noronha fez o officio de bom Capitão, rodeando os seus, e animando-os com palavras de muita honra; e quando lhe era necessario, fazia tambem o de bom cavalleiro; e onde punha a lança, levava tudo a terra, trabalhando muito por se encontrar com alguns dos Capitães, do que se elles desviavam, e tambem faziam seu dever muito arrezoadamente.

E andando a cousa assim baralhada, parece que hum Abexim conheceo o Capitão, que andava com a lança toda ensanguentada, e o vio derribar alguns com ella: enristando a sua, rompeo nelle o encontro por detrás; mas como as armas eram fortes, resvelou o encontro, e foi parar junto de hum Diogo

Nu-

Nunes Pedroſo, da obrigação do meſmo D. Diogo de Noronha, e tão perto, que teve o Diogo Nunes tempo pera ferrar delle; e liando-ſe ambos, cahíram dos cavallos no chão, onde ficáram perneando. D. Alvaro de Taíde, e D. Triſtão de Menezes, e outros, que ſe achâram perto, acudíram a ſalvar o Diogo Nunes, porque chegavam já outros Mouros a favorecer o com que elle andava a braços; e foi aqui tal a referta, que acudíram de parte a parte muitos: mas por fim Diogo Nunes foi ſalvo, e o Mouro morto com alguns companheiros, o que não foi tambem ſem cuſto de algumas feridas, que os noſſos recebêram, principalmente D. Triſtão de Menezes, que levou huma cutilada por huma mão, de que ficou ſempre aleijado. A noſſa eſpingardaria (que era muita) fez tal eſtrago nos inimigos, que houveram por ſeu partido largarem o campo, e irem-ſe recolhendo pera as aldeas, ao que lhe D. Diogo de Noronha não deo lugar; porque em os entendendo, apertou com elles de feição, que os fez deſordenar, e pôr em fogida, deixando o arraial com a mór parte das mulheres, e todo o recheio, (que era huma couſa muito groſſa,) porque lhe ficou toda a roupa, muitos cavallos, armas, provimentos, munições, e mantimentos, muita moeda de cobre, e alguma de prata, de

que

que os noſſos ſoldados de pé ſe apoderáram; e leváram á vontade, porque os de cavallo foram ſeguindo o alcance aos Mouros, em quem fizeram grande eſtrago, até chegarem a huma ribeira, que logo paſſáram, e ainda naquella preſſa ſe perdêram bem delles. E havendo-ſe D. Diogo de Noronha por contente da vitoria, ſe tornáram pera o tanque, onde os Abexins tinham ſeu exercito, e nelle ſe apoſentáram, e deſcançáram do trabalho paſſado. Não achámos que da noſſa parte houveſſe mortos; mas ſe os houve, foram tão poucos, que nem lembráram, por ſerem ſem nome (porque he tal noſſa miſeria, que eſtes por muitas façanhas, e cavallerias que fação, com a morte ſe lhes acaba tudo; e aſſim ſe paſſa por ſuas couſas, como ſe o esforço não tivera merecimento mais que nos illuſtres.)

Feridos houve antre os noſſos muitos, e alguns, a que matáram os cavallos. A D. Diogo de Noronha matáram dous, que lhes lanceáram debaixo das pernas, de que tambem elle pelas armas ſahio bem aſſinalado. A Jorge Pereira Coutinho, a Gonçalo Rodrigues de Araujo, a Adrião Fernandes, a João Ferrão, a Diogo Pereira, a Duarte Pinto, a Chriſtovão da Coſta, a Diogo Maſão, e a Coge Abrahão Judeo matáram dous cavallos, que o Viſo-Rey D. Conſtantino

de-

depois lhe mandou pagar, ſegundo vimos pela conta de Simão Vaz Tello, que ſuccedeo na Feitoria de Damão a Diogo da Silva.

Aquelle dia, e o outro ſe deteve D. Diogo de Noronha naquelle lugar em mandar recolher os deſpojos, e em ſe eſpiarem os inimigos, que ſe deixáram ficar da outra parte do rio. E não havendo alli mais que fazer, alevantou o campo, e foi marchando pera Damão na meſma ordem que levára, deixando Duarte Paim de Mello, e Manoel Dias Picoto, e com o ſeu eſquadrão de gente de cavallo na retaguarda. Os Abexins ſendo aviſados que os noſſos hiam já caminhando, tornáram a paſſar a ribeira, e vieram ladrando apôs elles, pera ver ſe lhes podiam tomar a bagagem, em que as ſuas mulheres vinham, que cativáram. D. Diogo de Noronha, receando-ſe de algum deſarranjo, mandou dizer aos da retaguarda, que não bulliſſem comſigo, nem ſe deſordenaſſem, por muito que os inimigos os perſeguiſſem, porque quando foſſe tempo elle voltaria a elles. O Carnabec, que aqui governava eſte dia tudo, vendo o ſoffrimento, e confiança de D. Diogo de Noronha, bem entendeo que hia eſperando conjunção pera pegar com elle; e não ouſando ao eſperar, deſparou de longe algumas bombas de fo-

go,

go, e ſe foi recolhendo pera os matos. D. Diogo de Noronha fazendo pouco caſo diſto, ſe deixou ir, lançando-lhes eſpias, e ao outro dia chegou a Damão, onde foi recebido com procisſão, e muitas feſtas.

CAPITULO VIII.

De como o Viſo-Rey D. Conſtantino mandou Chriſtovão Pereira Homem a lançar em Maçuá o irmão Fulgencio Freire da Companhia de Jeſus, com recado ao Biſpo: e de como encontrou quatro galés de Turcos, e o tomáram.

TEndo o Viſo-Rey D. Conſtantino pelas cartas do Biſpo, que eſtava na Ethiopia, novas das poucas eſperanças que havia daquelle Emperador dar a obediencia á Igreja Romana, aſſentou em conſelho geral de todos « que ſe não mandaſſe o Patriarca, pois » ſe eſperava tão pouco fruto de ſua ida, e » das muitas deſpezas que nella ſe haviam » de fazer; mas que todavia ſe mandaſſe » huma peſſoa com certas couſas, que o » Biſpo, e Padres mandavam pedir pera o » culto Divino, como era vinho pera as » Miſſas, pedras de Ara, Calices, Miſſaes, » e outras muitas couſas ſemelhantes a eſtas.» Pera iſto elegêram os Padres da Companhia ao irmão Fulgencio Freire, que já lá tinha

an-

andado, por ſer peſſoa de muita virtude, e confiança, e o Viſo-Rey mandou armar tres navios pera eſta jornada, de que deo a Capitanía a Chriſtovão Pereira Homem, Fidalgo honrado, e mui bom cavalleiro.

Em quanto eſtes navios ſe faziam preſtes, deſpachou o Viſo-Rey as náos do Reyno pera irem tomar a carga a Cochim, e todas chegáram a ſalvamento a Lisboa. No meſmo tempo deſpachou tambem a Pantaleão de Sá pera ir entrar nas Capitanías de Çofala, e Moçambique, por acabar ſeu tempo Baſtião de Sá ſeu irmão que lá eſtava, porque ambos foram deſpachados hum após o outro. Deſpachadas eſtas couſas, o fez o Viſo-Rey tambem a Chriſtovão Pereira Homem, já na entrada de Fevereiro deſte anno de ſeſſenta, com os tres navios que diſſemos, de que a fóra elle eram Capitães Roque Pinheiro, e Luiz Caſtanho, e com os Levantes foram ſua derrota até haverem viſta da coſta de Arabia, e della atraveſſáram a Sacotorá, onde ſe provêram de algumas couſas, e alimpáram os navios. Dalli foram demandar a boca do Eſtreito da banda do Abexim, por onde entráram, e chegáram á viſta de Maçuá; e pera tomarem falla do que hia na terra, andáram bordeando, eſperando por recado, porque ſe receavam que houveſſe Turcos. O Baxá, que eſtava em

Ma-

Maçuá, vendo os navios, despedio huma embarcação pequena com hum Mouro, por quem mandou dizer ao Capitão mór « que » elle era amigo dos Portuguezes; que se » queria agua, ou mantimentos, que tudo » lhe mandaria dar, e de muito boa von» tade, e assim tudo o mais de que tivesse » necessidade. » Christovão Pereira lhe respondeo com outros offerecimentos, não lhe acceitando os seus; e commetteo ao Mouro que lhe trouxe o recado, se lhe queria levar huma carta sua em segredo pera no porto de Arquicó a dar a algum Portuguez, ou Christão, (que forçado havia de haver alli algum,) e por isso lhe deo não sei quantos cruzados; e escrevêram ao Bispo, elle, e o irmão Fulgencio Freire, novas de tudo o que era passado, e ao que vinha com aquelles navios. Estas cartas levou o Mouro com muito segredo na touca; e depois de dar o recado ao Baxá, se passou a Arquicó, e deo a carta a alguns moços de Portuguezes, que alli estavam esperando por novas da India.

Christovão Pereira Homem, vendo o porto occupado dos Turcos, determinou de se passar á Ilha de Camarão a fazer aguada, e tomar falla de galés, sem querer lançar em terra o irmão Fulgencio Freire, (que lhe requereo, dizendo « que pela necessidade que

» havia na Ethiopia das coufas que levava,
» fe queria arrifcar a tudo,) porque não
» levava ordem do Vifo-Rey pera iffo; an-
» tes o feu regimento lhe dizia, que não
» entregaffe o irmão, fenão a gente do Bar-
» nagais.» E apartando-fe de terra pera atra-
veffar o Camarão, deo-lhe hum tempo mui-
to groffo, com que corrêram todo aquelle
dia, e a noite feguinte; e ao outro fe achá-
ram antre humas Ilhas, que chamam Mal-
fadadas, onde furgíram já com o tempo
brando. Eftando aqui, houveram vifta de
huma embarcação, que lhe pareceo ter ga-
vea, e affim o affirmáram os Gajeiros, com
o que todos fe alvoroçáram, cuidando feria
alguma do Achem, por haverem que tinham
nella as prezas certas; e tomando o remo,
a foram demandar poftos em armas; e indo-
fe chegando, víram mais outros tres maftos
muito longe, fem poderem fazer differença
do que feria. Eftas vélas eram as quatro ga-
lés do Cafar, com que tinha fahido de Mo-
cá, pera ir efperar as náos de Ormuz, que
por ter já avifo daquelles navios, eftava alli
lançado em cillada: e por não fer conhecida
a fua galé, lhe tinha alevantadas grandes ar-
rombadas de efteiras, e fobre o mafto feito
huma gavea pera parecer náo, e as outras
tres galés tinha mandado affaftar de fi; e co-
mo andava em grande vigia, vio vir as fuf-
tas;

tas, e a tiro de camello deo com as arrombadas ao mar; e tomando o remo em punho, arrancou como hum trovão a demandallas. Os nossos tanto que víram a galé, e conhecêram as outras tres, que tambem o eram, viráram em outro bordo; e largando as vélas, foram correndo pera a banda do Abexim, por lhes ser pera lá o vento prospero. Cafar tambem metteo o bastardo, e o mesmo fizeram as mais galés, e os foram seguindo muito apertadamente, indo a galé Capitaina atropelando a fusta do Pinheiro, que lhe ficou só a huma parte de feição, que a houveram os nossos por perdida, de que Christovão Pereira hia muito magoado. Vicente Carvalho, que era Capitão do seu navio, homem pratico, experto nas cousas do mar, lhe disse « que era de » parecer, que elle com outro navio fizessem » volta áquella galé, (porque as mais vi- » nham longe,) e que a embaraçassem, por- » que sabiam a muita vantagem que lhe ti- » nham na véla, e que com isso teria o Pi- » nheiro tempo de se fazer em outra volta, » e lhe poder escapar. » Parecendo bem aquelle conselho a Christovão Pereira, o disse ao outro Capitão do navio; e tomando as armas, viráram sobre a galé assim á véla, e o Vicente Carvalho por chegar a ella foi mettendo tanto de ló, que fez do penão

goes: o que viſto pelo Cafar, deixou o navio que ſeguia, e voltou a elles, com o que o Pinheiro teve tempo de ſe fazer noutra volta, e de lhe eſcapar. Os outros dous navios chegáram á galé a tiro de falcão, e deſparou nella algumas falcoadas, e tornáram a voltar como ginetes, e ſe foram affaſtando della á ſua vontade, e o Cafar os ſeguio até anoitecer, que lhe furtáram o rumo, e foram ſeu caminho até deſembocarem as portas do Eſtreito pela banda do Abexim; e como ſe víram fóra, havendo-ſe por ſeguros, deram folga aos marinheiros, e deixáram-ſe ficar deſcançando o que reſtava da noite: e em amanhecendo, houveram viſta de huma véla, que logo conhecêram ſer a fuſta do Pinheiro, do que huns, e outros ſe alegráram muito, e aſſim mui contentes foram demandar a coſta de Arabia, cuidando que hiam muito ſeguros.

Mas como não ha fugir á mão de Deos, quando cuidavam que hiam mais fóra do perigo, e contentes, então ſe lhes mudou tudo em dobrada dor, e triſteza, porque víram a galé do Cafar apparecer-lhe por proa; porque como era Coſſairo, entendeo que os noſſos haviam de ſahir o Eſtreito fóra; e ſem tomar deſcanço de noite, o deſembocou tambem pela banda de Arabia, e fóra delle ſe deixou andar ás voltas; e tanto que foi

de

de dia, havendo viſta dos noſſos navios, logo os foi demandar. Chriſtovão Pereira fallando com os outros Capitães, aſſentáram, que lhe fugiſſem á véla, porque já ſabiam que nella lhe tinham vantagem, e aſſim o fizeram; mas logo lhes acalmou o vento, pelo que lhes foi forçado tomar o remo, e com elle ſe lhes foram eſcoando muito bem. E certo que ſe ſe aquelle Capitão determinára, e fiára dos outros companheiros, que ſe entende que ſe todos voltáram ſobre a galé, que a rendêram, porque nos tres navios hiam perto de oitenta homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros amigos de honra, porque a determinação he começo da vitoria. O Cafar vendo acalmar o vento, tomou tambem o remo, e foi ſeguindo os navios com toda a furia que pode, e elles alongando-ſe-lhes, principalmente o do Caſtanho, que hia mais leve, e levava menos gente, e o que hia mais pezado do remo era o do Capitão mór, que levava o navio mui carregado; pelo que vendo-ſe tão arriſcado, aſſentou com os ſeus, que ſe mudaſſem alguns ao navio do Caſtanho que hia leve, e que aſſim ficariam compaſſados; e capeando-lhe, eſperou até elles chegarem, e logo ſe baldeou nelle o Capitão mór, porque eſtava aſſentado que elle com ſete, ou oito mais ſe paſſaſſem a elle.

Mas

Mas os mais ſem terem reſpeito a couſa alguma, ſe arremeçáram tambem ao navio com tanta preſſa, e deſordem, que foi eſpanto, e alli onde cuidavam que hiam buſcar remedio, ſe lhes occaſionou ſua perdição; porque como o navio teve em ſi tanta gente, e o pezo lhe ficou por ſima, foi-ſe baldeando a hum, e a outro bordo; e todavia como era ligeiro do remo, ſe foi ſahindo. E vendo aquillo hum daquelles ſoldados, (e não cuido que foi dos melhores, que ſempre ha alguns, que querem ganhar terra,) vendo a preſſa com que o navio ſe hia ſahindo, diſſe alto, como por galanteria, muito fugimos; o que ouvido por Chriſtovão Pereira Homem, dando-lhe a deſconfiança, mandou ao do leme que voltaſſe á galé, e poz a elle hum homem de ſua obrigação, » e vós, ſenhores, determinai-vos, que » dentro naquella galé havemos de ir buſcar » noſſa ſalvação, por iſſo cada hum ſe en- » commende a Deos, e a ſeu braço. » E fazendo voltar o navio, como a galé hia pera elle com furia, na volta que fez ſe encontráram; e pondo a noſſa fuſta a proa na galé, pelo primeiro remo ſe lançou logo dentro Chriſtovão Pereira com quatorze, ou quinze homens mais, que o acompanháram, e como leões famintos remettêram com os Turcos, e tiveram na coxia huma muito aſ-

pe-

pera batalha, em que o Christovão Pereira Homem, e Thomaz Botelho, irmão de Diogo Botelho, e Henrique da Gama, parente da casa da Vidigueira, foram matando, e espedaçando muitos dos Turcos; e como homens determinados a morrer, ou se salvarem por seus braços, fizeram tal estrago nos inimigos, que pasmou o Cafar, e desejou de os cativar pera os levar de presente ao Grão Turco, o que elles não queriam senão morrer, e vingar primeiro sua morte. E como os Turcos eram mais de cento e sincoenta, e os nossos trinta, quasi atassalhados cahíram os mais delles já sem vida, sem se quererem dar á prizão, deixando de si huma assinalada memoria antre os Turcos, e assim a devem de ter no Ceo, pois morrêram por honra de seu Deos, e de seu Rey. O irmão Fulgencio Freire foi cativo com alguns, que ficáram na fusta, e levados ao Cairo. Depois foi o irmão resgatado por ordem dos Padres da Companhia por via de Italia. Os dous navios de Vicente Carvalho, e o de Roque Pinheiro víram tudo de fóra sem ousarem de os soccorrer, antes foram seguindo seu caminho, e chegáram a Goa no fim de Abril; e sabendo o Viso-Rey D. Constantino a desaventura, os mandou prender no tronco, e os castigou mui bem.

CA-

CAPITULO IX.

Do que ſuccedeo em todo eſte verão na Ethiopia depois da morte do Emperador Claudio, ou Athena Sagad: e de como os Grandes alevantáram por Emperador ſeu irmão Adamas Sagad, que perſeguio o Biſpo até o prender.

DEixámos o deſaventurado, e herege Emperador Claudio, e por outro nome Athena Sagad, morto naquella batalha, que teve com os Capitães do Rey dos Malaſais, que foram logo á Provincia de Hojé pera tomarem a Rainha, e ſeu filho ás mãos; mas não puderam. E andando com tenção de ſe apoderarem do Imperio, lhes chegáram novas de como o Abiticon Malahamal entrára por ſeu Reyno, e matára o ſeu Rey; e que depois de ſe elle recolher, entráram por aquellas terras os Cafres Gallas, e as andavam aſſolando, e deſtruindo; e largando tudo, acudíram logo lá, deixando as couſas da Ethiopia com algum folego, pera poderem tratar da eleição do Emperador. E pera iſſo ſe ajuntáram todos os Grandes, e foram buſcar a Rainha, que eſtava recolhida em huma ſerra forte com o filho na Provincia Gorame, e junto alli choráram a morte do Emperador, e lhe fizeram ſuas exe-

exequias, pera o que até então não tiveram lugar, rapando-se todos por dó, e com elles os Portuguezes, por ser assim o costume dos Abexins em seus nojos. Feito isto, alevantáram por Emperador o irmão do morto, Adamas Sagad, com suas pompas acostumadas: e a primeira cousa que fez foi fazer logo Capitão dos Portuguezes a Francisco Jacome, contra vontade de todos, e despedio logo seu primo Abiticon Malahamal com hum arrazoado exercito pera ir tomar vingança da morte do Emperador seu irmão; e elle com outro exercito, e todos os Portuguezes foi contra a serra do Judeo, e por vezes accommetteo entrar; mas como os Judeos estavam muito fortificados, de todas ellas sahio sempre desbaratado, e quebrado: pelo que houve por seu conselho tornar-se pera a terra de Garagará, onde começou a usar de sua má natureza, e desfez a mór parte dos Grandes do Reyno, e fez outros de novo, com que se fez odiado, e aborrecido de todos.

Dalli mandou hum dos Grandes que fosse buscar o Bispo, que se foi com elle receoso, porque já sabia sua má inclinação; e chegando a elle, a primeira cousa que lhe disse em o vendo foi « que não prégasse mais em seus Reynos, nem inquietasse os seus vassallos. » Mas o Bispo muito

cons-

constante, e inteiro lhe respondeo « que isso não havia elle de deixar de fazer, porque seu officio era prégar a Lei de Christo antre os Mouros, e Judeos, até morrer por ella; e que em quanto tivesse lingua, o havia de fazer alli, sem temor de cousa alguma, naquelle Reyno em que havia tantos. » O Emperador vendo aquella liberdade, lhe disse « que lhe entregasse logo as mulheres Abexins, que tinha convertidas. » Ao que lhe elle respondeo « que ellas estavam em poder de seus pais, e maridos, que com elles se aviesse. »

Vendo o Emperador aquella liberdade, mandou que lhas levassem logo todas, o que os seus fizeram, e apertou com ellas muito que se tornassem ao antigo costume dos Abexins, e que deixassem as ceremonias que o Bispo lhes ensinava. Ao que huma (que era casada com Alvaro da Costa) respondeo « que elle era Senhor do seu corpo, mas não de sua alma; que ella, e todas aquellas suas companheiras estavam muito contentes de terem deixado os roins costumes dos Abexins, e de viverem conforme aos Santos, e bons da Igreja Catholica Romana. » Ouvindo o Emperador aquella tão santa, e christã resposta, lhe disse com muito grande ira « que a mandaria lançar aos leões » ao que ella muito segu-

gura lhe refpondeo « que elle podia fazer
» o que quizeffe, que feria pera todas a
» mór mercê do mundo, porque alcança-
» riam affim a gloriofa coroa do martyrio,
» pera o que eftavam muito preftes, e alvo-
» roçadas. » Vendo elle aquella conftancia,
as mandou todas prezas pera cafa de hum
feu criado, a quem encommendou as trataf-
fe mal, como elle fez; mas ellas foffrêram
tudo com grande animo, e coração, fem
nunca tornarem atrás do que tinham dito.

Vendo a mãi do Emperador tamanha
femrazão do filho, lhe foi á mão áquellas
coufas, lembrando-lhe « que os Portuguezes
» lhe deram, e defendêram aquelle Imperio
» aos Mouros por muitas vezes; e que em
» quanto os tiveffe comfigo, podia viver fe-
» guro, por iffo que lhes fizeffe mercês, e
» mimos, e não affrontas, e efcandalos. »
Com ifto defiftio elle de fua furia, e man-
dou foltar aquellas boas mulheres, dignas
de ferem muito invejadas de todas as da Eu-
ropa. Mas ao Bifpo mandou levar prezo
com o P. Francifco Lopes pera huma ter-
ra, que fe chama o Agé, e o entregou a hum
filho do Capitão Rabel, que fe achou na
companhia de D. Chriftovão da Gama, que
os teve fem ferros, e os tratou muito bem,
por fer mais humano que o feu Rey. Dalli
efcreveo o Bifpo aos Padres Reitor, e ou-
tros,

tros, de ſuas couſas, e lhes pedio eſtiveſſem conſolados, e o encommendaſſem a Deos; porque poſto que eſtava reteudo, todavia muito bem tratado, e conſolado com Deos.

Eſtando neſte eſtado, lhe deram as cartas, que Chriſtovão Pereira Homem, e o irmão Fulgencio Freire lhe eſcrevêram do mar por aquelle Mouro, que lhe levou o recado do Baxá, como atrás diſſemos, por quem ſouberam os Padres como chegáram alli, e que não ouſáram a deſembarcar por cauſa dos Turcos, e que o Patriarca ficava em Goa, e não hia áquelle Imperio pelas poucas eſperanças que tinha daquelle Emperador ſe converter. O que elles ſentíram muito, e mandáram o traslado das cartas ao Biſpo, que ficou deſconſolado do eſtorvo que o demonio punha pera a conversão daquelle Imperio: e ficou aſſim em ſua deſconſolação, até ver em que as couſas paravam. Os grandes que o Emperador tinha lançados fóra, ajuntando-ſe antre ſi, por algumas vezes tratáram de como ſe ſatisfariam do Emperador da affronta, e juſtiça que lhes fizera, (que iſſo ganham os tyrannos, e crueis, ſerem aborrecidos de todos, e tratarem contra elles traições, como eſtes fizeram,) que aſſentáram de o mandar matar, pera o que tiveram praticas com hum ſeu privado chamado Bellorada; e tantas promeſſas lhe fizeram, que

que ſe lhes offereceo ao matar de noite, eſtando dormindo; o que commetteo temerariamente, e ſem conſideração; porque a noite que determinava de o fazer, entrou na camara, e indo pera lhe dar, com o aſſodamento errou o golpe, e deo na cama; ao que acordando o Emperador brádou alto, ſem ſaber o que era, e o Bellorada foi fogindo pera fóra.

O Emperador foi-ſe alevantando, e chamando por Bellorada, ſem ſaber, nem poder cuidar que era elle o author daquelle maleficio; e acudindo-lhe alguns criados, mandou-lhe tomar todas as portas, e que todo o que ſahiſſe pera fóra lho trouxeſſem, e que ſe fizeſſe com muito ſegredo, e quietação. E mandou eſpiar as portas dos Portuguezes pera ver ſe ouviam antre elles algum rebulliço; e achåram todos tão quietos, como homens, que ſe não temiam de couſa alguma. E dando buſca aos Paços, achåram menos o Bellorada, que deo roim ſuſpeita; pelo que mandou o Emperador que logo ſe buſcaſſe com muita diligencia, e lho levaſſem, e ao outro dia lhe foi trazido; e feitas perguntas do caſo, confeſſou que era verdade que hia pera o matar, mas não deſcubrio algum dos da conjuração, pelo que o Emperador o mandou matar. E por experimentar a lealdade dos Portuguezes, quando

do lhe trouxeram o Bellorada prezo, mandou dizer a todos, que já tinha ſeu inimigo em ſeu poder, do que elles moſtráram tamanho alvoroço, que ajuntáram peças, que deram de alviçaras a quem lhes levou o recado, o que o Emperador eſtimou muito, quando o ſoube.

Todavia os da conjuração receando-ſe que em algum tempo pudeſſem vir a ſer deſcubertos, apartáram-ſe da Corte, e fizeram cabeça daquelle bando ao Capitão Iſac. E vendo que o Emperador procedia em ſua má natureza, conſultáram antre ſi de fazerem outro Rey, e aſſim alevantáram a Goya Menagais primo com irmão do Emperador, a quem acudio muita parte das gentes das Provincias. E o Iſac grangeou alguns Portuguezes pera aquelle negocio, de que era cabeça Franciſco Jacome; e o Biſpo, e Padres favoreciam eſta parte tudo o que podiam, mas em muito ſegredo. O Emperador teve logo aviſo daquelle negocio; e vendo que lhe era neceſſario acudir a elle primeiro, que os conjurados adquiriſſem maior poder, ſe ſahio de ſua Corte com todas as gentes que pode ajuntar, e foi buſcar os inimigos pera lhes dar batalha. E deixando caſos, que ſuccedêram antes de chegarem a ella, depois dos exercitos eſtarem á viſta hum do outro, rompêram batalha, levando de huma, e outra

par-

parte os Portuguezes a dianteira, (que não ſe quizeram encontrar huns com os outros,) mas rompendo nos Abexins, fizeram todos nelles grandes eſtragos, e crueldades. E como o poder do Emperador era maior, e a juſtiça ſua, os tyrannos foram desbaratados de todo, e o Iſac ſe foi acolhendo com alguns a unha de cavallo, ficando cativos o Goya Menagais, que ſe intitulava Rey, e o Infante D. João ſeu primo, e o Xumo Caſalou, a quem o Emperador mandou logo cortar a cabeça, e aos mais que foſſem mettidos em ſerras muito aſperas, donde nunca ſahiſſem. Da parte dos conjurados foram ſete Portuguézes mortos, e dezenove cativos, que o Emperador dava a Affonſo de França, e elle os não quiz acceitar por lhe não ficar ſuſpeitoſo, e foram levados a outra ſerra, onde os tratáram mal: e não houve Portuguez algum daquelles, que ſeguíram a parte do Emperador, que quizeſſe agazalhar mulheres, filhos, nem couſa outra alguma dos que ſeguíram a parte contraria, pelos haverem por traidores. Com eſta vitoria ficou o Emperador proſpero, e deſalivado, e mandou ſoltar o Biſpo, e o trouxe dalli por diante comſigo no exercito, muito bem tratado, porque por alli quiz ganhar a vontade aos Portuguezes, pelo muito que lhes vio fazer em ſua defensão:

e

e nós deixaremos agora eſtas couſas no eſtado em que eſtam por hum pouco, porque nos chamam outras, com que he neceſſario continuar até ſer tempo de tornarmos a ellas.

CAPITULO X.

Do que aconteceo a Luiz de Mello da Silva na coſta do Malavar todo o mais reſto do verão: e de como morreo o Veador da fazenda Aleixo de Souſa Chichorro.

DEixámos Luiz de Mello da Silva no Cap. III. deſte VIII. Liv. na coſta do Malavar, ſem mais podermos tornar a elle, pelas muitas couſas que neſte verão ſuccedêram; agora concluiremos neſte Capitulo com todas as mais que no reſto delle lhe acontecêram. Deixámos atrás no meſmo Cap. III. ſahidos os Paraos dos rios, em que eſtavam as caravelas de Gonçalo Pires de Alvelos, e Alvaro Reinel, que ſe lançáram pera o cabo Comorim a buſcar prezas, porque até então ſe não apartáram da ſua coſta, nem ſe deſavergonhavam a paſſar á do Norte, como depois fizeram por noſſo deſcuido, onde tem feitos os móres damnos, e roubos que ſe podem imaginar. Deſtes, andando ſinco delles ao mar deſde Calecut até Cochim, deram de noite com dous navios, que hiam

hiam pera aquella Cidade; hum de que era Capitão hum foão Manhoz, ou Manhans, que levava mais de vinte mil cruzados pera a carga da pimenta das náos do Reyno; e o outro era hum fustarrão grande, cheio de fazendas de partes pera as mesmas náos, que estavam em Cochim; e sendo vistos por estes Paraos, os foram commetter com grande determinação. O Manhoz, que era muito bom cavalleiro, atracou-se ao fustarrão; e como em ambos havia mais de sincoenta homens, defendêram-se dos Mouros com muito valor, e esforço, deitando-lhes em os navios muitas panellas de polvora, com que abrazáram muitos Mouros. A noite era escura, e as panellas ao quebrar alevantáram tão grandes chammas, e labaredas, que foram vistas de hum navio da Armada, de que era Capitão Antonio Tavares, (em que nós andavamos então embarcados,) e logo se entendeo que aquelle fogo era briga ao mar; e dando á véla, e tomando as armas, foram demandar as chammas; e chegando perto, com a claridade dellas vimos os sinco navios abordados aos dous, e os Malavares trabalharem pelos entrar, e os Portuguezes por lhes defender a entrada com grande animo, tendo sobre isso mortos muitos Mouros; ainda que tambem elles tinham perdidos alguns companheiros, e antre elles

o Capitão no navio grande. Antonio Tavares vendo-se alli, disse aos companheiros » que lhe parecia bem soccorrer aquelles na- » vios, e chegar a elles com grande estron- » do, porque como a noite era escura, po- » deriam cuidar que o soccorro era de mais » navios, e que pela ventura os largariam; » e quando o não fizessem, ajudariam aos » defender.» E parecendo bem a todos, tomou cada soldado huma panella de polvora; e chegando por huma quadra, por onde estavam tres dos navios, sem os elles verem pela escuridão, lançáram-lhe dentro a hum tempo as panellas de polvora com que abrazáram muitos, e depois com grandes gritas começáram a appellidar *Sant-Iago*, pera que os dos outros navios os ouvissem. Os Malavares, que estavam embebidos na preza, que cuidavam ter nas mãos, vendo-se abrazados, e por outra parte ouvindo a vozaria, cuidando que dava sobre elles toda a Armada, affastáram-se pera fóra; e dando á véla, se foram acolhendo pera o mar, quasi destroçados, e com muita gente morta. Os nossos vendo-se livres, deram tambem á véla, e o nosso navio os acompanhou toda a noite até o outro dia, que houveram vista de Cochim, onde entráram, levando elle muitos feridos, e alguns mortos, em que entrava o Capitão do fustarrão. E cer-

to

to que não ſei que animo dava Deos então aos ſoldados da India, que com ſó irmos naquelle navio dezoito homens, tão ſeguros, e affoutos commettemos ſinco Paraos, como ſe nós foramos outros tantos. Devia de ſer alguma couſa, de que Deos então ſe ſatisfizeſſe dos Portuguezes, e eſta não podia ſer ſenão a verdade, e juſtiça que então havia; que como ſe foi diminuindo neſte Eſtado, foi logo faltando tanto o animo aos homens, que muito duvidoſamente vieram a ſe commetter com igual partido. E he abusão dizer-ſe, que os inimigos então não eram tão esforçados, nem andavam tão adeſtrados, nem os navios eram tão poſſantes, porque tudo tinham tanto, e melhor que hoje; mas não temos nós o que os homens daquelle tempo tinham. E tornando a noſſo fio, deixados os navios em Cochim, tornámo-nos pera a Armada, que achámos a Monte Deli, por cauſa dos grandes Noroeſtes.

Pouco depois chegou alli o galeão, em que Aleixo de Souſa Chichorro vinha de Cochim de fazer a carga ás náos; e ſurgindo, tirou algumas bombardadas, a que Luiz de Mello da Silva mandou acudir hum navio, pera ſaber o que queria, e achou que áquella hora acabára de falecer Aleixo de Souſa Chichorro, que ſe embarcou doente; e os ſinos, que ſe dobráram no ſeu falecimento,

foram aquellas bombardadas. E Luiz de Mello acudio logo ao galeão, e mandou embarcar seu corpo em hum navio ligeiro pera o levarem a enterrar: não nos lembra se a Goa, se a Cananor, que era mais perto. Por sua morte provêo o Viso-Rey D. Constantino do cargo de Veador da fazenda a Belchior Serrão, que era Secretario, e o seu officio deo a Bartholomeu Chanoca, que servia o cargo de Escrivão da matricula geral. Luiz de Mello da Silva se deixou alli ficar a Monte Deli, com dez, ou doze navios, onde foi avisado por olas de hum Naire de hum daquelles rios, que o Çamorim, e o Rey de Cananor tinham prestes huma Armada de mais de sessenta navios pera mandarem pelejar com elle, por serem avisados que tinha sua Armada espalhada; e que os navios se armavam em differentes rios, e que estavam esperando por alguns, que andavam por fóra ás prezas, pera se lhe virem tambem ajuntar.

Com estas novas se alvoroçou Luiz de Mello da Silva, e mandou chamar alguns navios dos que tinha divididos, porque determinou de pelejar com elles; e estando assim esperando pela mais Armada, víram hum dia em amanhecendo de sima do masto da sua galeota vir huma grande Armada de mar em fóra a demandar a terra naquella par-

parte. E parecendo-lhe a Luiz de Mello da Silva que aquella era a Armada de que estava avisado, chamou os Capitães á sua galeota, e lhes perguntou o que faria; e antre todos houve differentes pareceres: huns diziam, que haviam de dar á véla pera Cananor, (por ventar Noroeste,) porque a Armada que apparecia era grande, e elles não estavam alli mais que doze navios, e que lhe attribuiriam a temeridade querer esperallos; outros, que se fossem pera o rio de Marabia, onde estava a galé de D. Filippe de Menezes, que era grande, e tinha muita gente, e que com ella se podia defender; outros diziam outras cousas. Mas Luiz de Mello da Silva, porque via vir-se já chegando aquella Armada, e a toda a mudança que dalli se fizesse lhe haviam de pôr nome de fogida, e mais tanto á vista dos inimigos, lhes disse « que se negociassem, » e fizessem prestes, porque aquella bandei- » ra da milicia de Christo, que tinha pela » quadra, não havia de fogir a cousa algu- » ma: e que não só lhes não havia de fo- » gir, mas que ainda os havia de ir receber » fóra, pera lhes mostrar o pouco que os » receava » e com isto tomou as armas, e encadeou os navios a si, ficando elle em meio de todos; e com a artilheria prestes, e cevada, foi com o remo em punho sahindo

do

do fóra da enſeada, porque os navios, que viam, traziam nella a proa; e indo os noſſos com eſta determinação, chegáram-ſe huns navios aos outros, e conhecêram logo que eram pagueis do Reyno de Tanor, que hiam carregados de copra, areca, cardamomo, cocos, e outras fazendas pera Cambaya, e levavam cartazes do Capitão da fortaleza de Chale; e paſſando por elles Luiz de Mello da Silva, ſem fazerem caſo, foi correndo a coſta do Malavar, pera que os inimigos viſſem que andava por ella, e que o achariam, ſe o buſcaſſem: e aſſim foi ajuntando alguns navios mais; porque ſe os inimigos delle quizeſſem alguma couſa, o não tomaſſem deſapercebido.

Os inimigos houveram ſeu conſelho, e desfizeram a liga, porque receáram muito os noſſos, que neſte tempo traziam tão perdido o medo aos Malavares, que qualquer navio da Armada não receava commetter dous, tres ſeus, que muito facilmente desbaratavam: e com tudo não negamos que andavam então menos exercitados que hoje, porque a continuação da guerra os tem feito muito deſtros, e affoutos. E por não particularizarmos as miudezas deſte verão, Luiz de Mello fez por toda aquella coſta a mór guerra que podia ſer; porque além de lhe tolher a navegação, lhes queimou quaſi todas

das as povoações de longo da agua, e lhes cortou ſeus palmares, e deſtruio ſeus portos, e navios, com que os poz em extrema neceſſidade, e por fim de Março deſpedio as caravellas pera Goa, por ſer já tarde, e elle com os navios de remo ficou guardando a coſta, até recolher a ſi as náos da China, Maluco, Malaca, Bengala, S. Thomé, Negapatão, e de todas as mais partes, com o que ſe recolheo pera Goa no fim de Abril, deixando em Cananor, e Chale navios, e Capitães pera darem no inverno mezas aos ſoldados; e chegando a Goa, deſpedio logo o Viſo-Rey a D. Antonio de Vilhena, a Fernão de Caſtro, e a Manoel Travaſſos com trezentos homens pera invernarem em Cananor, por cauſa da guerra, que ainda ficava em aberto, e proveo aquella fortaleza, e a de Chale de muitos mantimentos, munições, e dinheiro pera as mezas, e pagas dos ſoldados.

E cerrando-ſe o inverno, gaſtou-o em reformar a matricula geral, e fazer outra de novo, pera tirar della todos os officiaes mecanicos, que venciam ſoldo de ElRey, que era huma grande quantidade, no que aproveitou ao Eſtado huma boa ſomma de dinheiro, e atalhou huma exceſſiva quantidade de ſoldos velhos, que ſempre ſe pagavam ou por adherencias, ou por peitas;

e

e juntamente mandou concertar toda a Armada, e ajuntar muitos mantimentos, e munições, porque determinava de passar a Ceilão contra o Rey de Jafanapatão, que fica na ponta da Ilha da banda do Norte; porque lhe encommendava ElRey muito (em huma instrucção) que trabalhasse pelo destruir, e tomar o Reyno, porque estava alli feito hum cossairo, e mandava saltear as náos, e embarcações dos Portuguezes, que passavam por sua costa, e usava de ardís pera as fazer dar á costa, e rouballas, mandando-lhes de noite cortar as amarras, com o que tinha feito grandes roubos, e destruições: e que trabalhasse todo o possivel por mudar pera aquella parte os moradores da povoação S. Thomé, por não estarem sujeitos ás injurias, e affrontas, que lhes quizesse fazer o Rey de Bisnagá, porque já El-Rey tinha novas das que lhes fez, quando cativou a todos: e estas instrucções não pudemos achar em todo este Estado, por ser tudo perdido, de que muitas vezes nos temos queixado; mas achámos estas informações nos homens velhos, e antigos.

CA-

CAPITULO XI.

De como o Bisminaique, Senhor de toda a costa da Pescaria, veio com grande poder sobre a fortaleza de Punicalle, de que era Capitão Manoel Rodrigues Coutinho: e de como o desbaratou, e tomou aquella fortaleza.

JÁ no Cap. IX. do X. Livro da VI. Decada démos conta de como o Bisminaique Senhor daquella costa da Pescaria cativou Manoel Rodrigues Coutinho, e depois o resgatou por huma quantidade de dinheiro, de que lhe ficou a dever huns tantos mil fanões. E como este Gentio era muito cubiçoso, e os Christãos, e pescadores daquella costa lhe davam de pareas hum dia de Chipo, que he hum dia de pescaria do aljofar, e tudo o que se pescasse aquelle dia fosse pera elle, que ordinariamente montaria oito, dez mil pardaos, segundo sua fortuna; e querendo alterar isto, mandou commetter os Christãos, e pescadores, que lhe déssem dous dias daquelles, do que se elles sempre escusáram. Vendo elle que lhe negavam aquillo, determinou de lho fazer dar por força, e vingar-se delles, pelo não terem servido como elle queria.

E tomando occasião do dinheiro, que

Ma-

Manoel Rodrigues Coutinho lhe ficára a dever do ſeu reſgate, lançando fama que o hia arrecadar, ſe partio com dez mil homens, com tenção de dar em Punicalle, e roubar todos aquelles moradores, e peſcadores do aljofar, e pôr-lhes os tributos que quizeſſe. E hum dia de madrugada deo na povoação muito de ſupito, mandando diante hum Capitão Decanij, chamado Melrao, que entrou queimando, e aſſolando tudo por onde paſſou. Succedeo eſtar neſte tempo hum Fidalgo chamado D. Duarte de Menezes, de alcunha o Narigão, da caſa de Penella, que tinha alli chegado com huma fuſta chea de muitos ſoldados, que vinha a favorecer a peſcaria, pelo mandar a iſſo o Viſo-Rey D. Conſtantino, porque pagavam por iſſo a El-Rey de Portugal huns tantos mil pardaos de pareas, de que adiante diremos mais em particular. E eſtando eſte Fidalgo na ſua fuſta com a proa em terra, ſentindo o rebolliço na povoação, ſaltou em terra com quarenta ſoldados que tinha, e quiz Deos que ſe encontraſſe logo com o Melrao, com quem travou huma muito aſpera batalha, e o deteve tanto, que tiveram os moradores tempo de ſe acolherem com ſuas mulheres, e filhos pera hum forte de terra, que eſtava ſobre o rio, ſó com ſuas peſſoas, e algumas joias de mão: o que não pudera ſer, ſe D. Du-

Duarte de Menezes se não encontrára aquella hora com o Melrao, antes todos ficáram cativos, e roubados. Manoel Rodrigues Coutinho, que era o Capitão, acudio fóra acompanhado de Antonio Pereira de Vasconcellos, e Vasco Rodrigues de Mogemes, e de outros cavalleiros muito honrados; e encontrando-se com hum esquadrão dos inimigos, pelejáram muito valorosamente, até que amanheceo. D. Duarte de Menezes na parte em que pelejava com o Melrao esteve cercado, e arriscado a se perder de todo, porque carregou alli a mór força dos inimigos; e sempre se perdêram, se Deos não ordenára que dessem huma espingardada no Melrao, de que cahio; e D. Duarte de Menezes, que este dia pelejou mui bem, o acabou de matar ás lançadas. E porque já vinha chegando o poder de Bisminaique, que tanto que amanheceo, entrou pela povoação, se foi D. Duarte recolhendo pera a sua fusta, muito perseguido dos inimigos, e com alguns companheiros já mortos, e os mais quasi todos feridos. Manoel Rodrigues Coutinho, que pelejava fóra do forte, com muito valor, e esforço, tendo aviso que o Bisminaique era já entrado, se foi recolhendo com trabalho por carregarem os inimigos sobre elle; e nas voltas que fez pera os deter, lhe deram huma espingardada, que lhe atravessou

ſou as pernas, e ficára alli, ſe não fora levado pelos companheiros, que ſe arriſcáram ao ſalvar; e o Biſminaique ficou ſenhor da povoação, em que fez grandes roubos, e deſtruições.

Vendo-ſe Manoel Rodrigues Coutinho na fortaleza, com tanta gente, mulheres, e meninos, ſem agua, ſem mantimentos, e o Biſminaique com todo o poder ſobre elle, fez embarcar todas as mulheres, meninos, e homens velhos em champanas, e com ellas ſua mulher, e filhos; o que pode fazer com a maré chea, por ficar o forte ſobre o rio; e depois de deſpejado diſto, tomou parecer ſobre o que fariam, e aſſentáram que largaſſe o forte, que era hum curral de taipas, porque não havia com que o defendeſſe. E eſtas caſas (ou não ſei como lhes chamemos, a que alguns põem nome de fortaleza) deshonram muitas vezes o Eſtado, e abatem muito na reputação delle; porque largando-ſe hum curral, como eſte, ſe diz logo por todo o Oriente antre os Reys Mouros, e Gentios, que tomáram huma fortaleza aos Portuguezes, com o que todos cobram bico, e alevantam cabeça: por onde, quanto menos diſto houver, mais ſegura, e engrandecida eſtá noſſa reputação; e deixando eſta materia, poſto que não he de pequena conſideração, tornemos a noſſo fio.

Aſ-

Aſſentado antre todos que ſe largaſſe aquelle forte, preparou-ſe o Capitão pera iſſo; e porque a gente que eſtava embarcada nas champanas era muita, e não tinham arroz, nem agua, e os gritos, e prantos das mulheres, e meninos chegavam ao Ceo, mandou Manoel Rodrigues Coutinho requerer a hum Pero Tavares, que alli era chegado de Cochim, e hia pera Bengala em huma naveta ſua, que recolheſſe aquella gente toda, e a levaſſe pera Cochim, ſob pena de perdimento da fazenda. O Pero Fernandes como era homem nobre, compadecido mais das miſerias que vio paſſar áquellas gentes, (que eram pera commover, e enternecer as pedras,) que do medo das penas com que o ameaçáram, recolheo todos, os que eſtavam nas champanas, na ſua naveta, que antre homens, mulheres, e meninos ſeriam perto de quinhentos, e ſe foi pera a das Ilhas das Lebres, onde eſperou a monção pera ſe ir pera Cochim, padecendo toda eſta gente neſta jornada infinitos trabalhos de fomes, ſedes, e outras muitas neceſſidades: e chegou a couſa a tanto, que houve darem a meninos de colo, á falta de agua, a beber ourina; e ainda hoje neſta Cidade de Goa eſtam duas irmans mulheres bem honradas Portuguezas, e nobres de pai, e de mãi a quem a deram. Manoel Rodrigues

Cou-

Coutinho, depois que embarcou toda a gente, largou o forte, e ſe embarcou em huma fuſta; e houve niſto tal detença, que vaſou maré, e ficou o navio em ſecco. O Biſminaique, que eſtava já ſobre o forte com todo o poder, acudio áquella parte; e vendo o navio encalhado, o rodeou; e poſto que os noſſos ſe defendêram mui bem, todavia foram todos tomados ás mãos, e cativos, e o forte, e a povoação entrada, e roubada de tudo o que nella ficou, em que tomáram a mór parte da ſubſtancia daquelles moradores.

Manoel Rodrigues Coutinho, depois de eſtar prezo quinze dias, tratou de ſeu reſgate, e de todos os que com elle eſtavam, e aſſentáram de lhe darem cem mil fanões, que lhe mandariam de Tutucori, pera onde determinavam de ſe ir, e deixariam em refens hum Padre da Companhia, chamado João de Meſquita, que ſe pera iſſo offereceo, e foi tambem alli cativo, homem virtuoſo, e de bom exemplo. Aſſentado iſto, largáram a todos, e ſe foram pera Tutucori, onde Manoel Rodrigues Coutinho começou a ajuntar o reſgate, que quiz tirar pelos Chriſtãos, ſobre o que os começou a vexar, e tratar mal; e foi a couſa de feição, que ſabendo-o o Padre João de Meſquita, (que eſtava em refens,) lhe eſcreveo hu-

huma carta, em que lhe pedia muito que não avexasse aquelles homens, e que se lembrasse que eram Christãos, e pobres, e que lhe não desse cousa alguma de seu cativeiro, porque elle estava nelle mui consolado, (onde deo mui grandes mostras de sua virtude, na paciencia, e soffrimento delle;) mas ficou com poucas esperanças de sahir tão cedo do poder daquelles gentios. Mas como Deos nosso Senhor não desampara seus servos, se lhe offereceo ao Padre hum Christão pera o tirar dalli, se lhe désse quinhentos fanões, o que elle acceitou, e lhe deo logo alguns que tinha, e outros que negociou; e tomando-o huma noite com os trajos mudados, (porque estava solto, e sem ferros,) o levou por caminhos escusos, e com tanta pressa, que ao outro dia chegáram a Conduturé, que eram doze leguas de Punicalle, e alli tomáram hum charatone, em que se passáram a Tutucori, onde os nossos estavam, que festejáram muito o Padre; e logo negociáram os fanões, que ficou devendo ao que o trouxe, de que logo foi pago.

CA-

CAPITULO XII.

De como Francisco Barreto, e João Rodrigues de Carvalho invernáram em Moçambique: e do que Francisco Barreto fez todo o tempo da invernada: e de como mandou concertar a sua náo, e a de João Rodrigues de Carvalho, e dahi se partio pera o Reyno: e da perdição da náo Garça, de que era Capitão João Rodrigues de Carvalho: e de como Francisco Barreto salvou toda a gente della, e tornou arribar a Moçambique.

POrque Capitulos muito grandes fazem fastio a quem os lê, faremos dous, e neste daremos conta do que succedeo a Francisco Barreto em todo o tempo que invernou em Moçambique, até que tornou a elle da segunda arribada. No primeiro Capitulo deste Liv. VIII. deixámos Francisco Barreto embarcado na náo Patifa, e João Rodrigues de Carvalho na Garça, e arribados a Moçambique, por acharem os tempos contrarios, e as náos se irem ao fundo com a agua, como fica dito no Cap. III. do VI. Livro. Agora nos cabe darmos conta do que Francisco Barreto fez o tempo que esteve invernando em Moçambique, onde tanto que chegou tratou do concerto da sua náo, e da

de

de João Rodrigues de Carvalho; o que fez com muito cuidado, e diligencia, e com muito grande deſpeza de ſua fazenda, (couſa, que já nem os Capitães, nem os Governadores, e Viſo-Reys querem fazer nos tempos preſentes.) O cuidado do concerto das náos não foi cauſa de o deixar de ter mui particular dos Fidalgos, que hiam em ſua companhia, e dos mais paſſageiros, e gente do mar de ambas as náos; porque todo o tempo que eſteve em Moçambique (que foram mais de ſete mezes e meio) proveo, e acudio a todos mui liberalmente com o dinheiro neceſſario, conforme á qualidade, e gaſtos de cada hum, por lho pedir aſſim ſua condição, e ſer hum dos mais liberaes Fidalgos daquelle tempo. E por ver que ſe o não fizeſſe aſſim, haviam todos aquelles homens de paſſar muitos trabalhos, e neceſſidades, por eſtarem em parte que não tinham quem lhas remediaſſe, nem de quem ſe pudeſſem valer, ſenão desbaratando a pobreza que traziam, que fora pera elles outro ſegundo naufragio, por quem tantas vezes os navegantes arriſcam as vidas. E com eſta liberdade, e largueza, de que uſou com eſta gente, fez dous bens, remedialla a ella, e a ſi proprio; porque de tal maneira lhes grangeou as vontades com os remediar, que ſempre os achou comſigo nos móres traba-

lhos em que ſe vio, que foram muitos, e mui grandes, com cuja ajuda o livrou noſſo Senhor de todos os perigos que teve em toda eſta viagem. E aſſim gaſtou nella, no concerto das náos, e nas invernadas, mais de dezoito mil cruzados, como nos diſſeram peſſoas muito verdadeiras, e dignas de muita fé, que ſe acháram preſentes em todas eſtas couſas, e nos deram todas eſtas informações. De maneira, que querendo Franciſco Barreto concertar as náos, em que havia de vir pera o Reyno, começou a dar ordem, e dinheiro pera iſſo, com ajuda de Baſtião de Sá, (que então era Capitão de Çofala, e eſtava em Moçambique,) que mandou logo muitos officiaes, carpinteiros, e marinheiros a terra firme a cortar a madeira neceſſaria pera o concerto dellas, donde a trouxeram muito boa, e no rio lhes deram pendor muito grande, e foram mui bem concertadas, quanto humanamente podia ſer, ſem virem a monte; o que tambem ſe lhes fizera, ſe o lugar fora capaz diſſo.

Depois das náos eſtarem muito bem concertadas, e apparelhadas, foram fazendo ſua aguada, e mettendo os mantimentos neceſſarios pera a jornada que haviam de fazer. E chegando-ſe o tempo de partir, ſe fizeram ambas á véla com a monção dos Levantes

hu-

huma segunda feira aos dezesete de Novembro do anno de 1559., ficando os Capitães ambos concertados de irem sempre hum á vista do outro, e nunca se apartarem, pera se ajudarem em qualquer trabalho, e perigo que lhes acontecesse. Ao terceiro dia depois de partidos da barra, donde poderiam estar obra de sincoenta leguas, pouco mais, ou menos, começou a náo de Francisco Barreto a fazer muita agua, e por causa della deram aquelle dia sinco vezes a ambas as bombas, e de noite outras tantas; e ao outro dia fazia já a náo tanta, que a não podiam esgottar, com darem continuamente a ellas: pelo que mandou Francisco Barreto pôr fogo a hum falcão, e fazer sinal á outra náo, pera que arribasse sobre elle. E chegados á falla, mandou dizer por hum marinheiro ao Capitão da outra náo « que » elle hia com muito trabalho, por razão » da sua náo fazer muita agua, que lhe pe» dia muito por mercê o não desamparasse, » porque hia arribando na volta das Ilhas » do Bazaruto, que estam junto á costa de » Çofala, e com ventos escassos hiam for» çando a náo, por não poder tornar a to» mar Moçambique, por ser já entrada a » monção dos Levantes com que de lá par» tíram. »

Indo assim a náo nesta volta, fez-lhe

Deos mercê de vencerem a agua da bomba; com o que pareceo bem a todos tornarem a voltar, e fazerem ſua viagem pera o Cabo de Boa Eſperança. Continuáram com eſte trabalho dous, ou tres dias, em que chegáram tanto ávante, como o Cabo das correntes, defronte da derradeira ponta da Ilha de S. Lourenço, que eſtá em vinte e ſinco gráos da banda do Sul, quaſi duzentas leguas de Moçambique: foi a náo fazendo tanta agua, que havia já nella tres, ou quatro palmos della, ſem ſe poder vencer. Pelo que forçado Franciſco Barreto da neceſſidade preſente, e receoſo do perigo futuro, mandou pôr fogo a hum falcão, e fazer ſinal á outra náo de João Rodrigues de Carvalho, pera que arribaſſe ſobre elle, que hia já outra vez na volta das Ilhas do Bazaruto. O que ouvido pelo Capitão della, mandou ao Piloto, e Meſtre « que ſeguiſſem » aquella bandeira de ElRey noſſo Senhor, » pois aquella náo era ſua, e hia em tão » grande trabalho, e perigo tão evidente, » pois não havia mais que oito dias que » eram partidos, e já arribára duas vezes. »

A eſte mandado do Capitão João Rodrigues de Carvalho não quizeram o Piloto, nem o Meſtre, e mais Officiaes obedecer, antes lhe fizeram grandes proteſtos, e requerimentos « que fizeſſe ſua viagem pera Por-

» tu-

» tugal, porque aquelloutra náo se hia á
» perder, e que já não tinha remedio; e que
» não era razão que tambem elles se per-
» dessem com ella, que menor mal era per-
» der-se huma náo, que ambas.» E como
o Capitão era só, e os outros muitos, ven-
ceo a força á razão. E seguindo elles a sua,
sem darem pelo que lhes o Capitão manda-
va, se foram caminho do Reyno, deixando
a outra náo, em que hia Francisco Barreto,
com tenção de se não tornarem mais a ver.

Ao outro dia seguinte tornáram os da
náo de Francisco Barreto a vencer a agua;
e com esta melhoria, que sentíram na náo,
fez volta, e tornáram accommetter a jorna-
da do Cabo de Boa Esperança, tendo-a pos-
ta só em Deos, com confiança que lhes fa-
ria mercê de continuar com aquella, que
lhe começára a fazer. E sabendo que na-
quella monção são os ventos brandos no
Cabo, e os tempos menos tempestuosos,
iriam (ainda que com trabalho) dando sem-
pre á bomba até os Deos levar á Ilha de
Santa Helena, onde esperariam as náos da
viagem, e ahi tomariam huma, ou duas,
em que se mettessem com a fazenda que pu-
dessem salvar nellas, e a artilheria da náo,
e ella fazer alli a ossada. Indo esta náo de
Francisco Barreto com estes intentos, seguin-
do o rumo da Garça, que a tinha deixado
com

com tanta deshumanidade, sem culpa do Capitão, como a náo Patifa era muito veleira, foi alcançando a outra; que com tambem o ser muito, ordenou Deos que a alcançasse a náo de Francisco Barreto, pois havia de ser o meio, e o instrumento da salvação dos que hiam na Garça, que se havia de perder.

Tanto que a náo Garça teve vista da outra náo, amainou os traquetinhos, e foi esperando por ella até chegarem á falla, que seria alli ás tres horas depois do meio dia. E chegando á náo, mandou Francisco Barreto fazer hum requerimento ao Capitão, e aos mais Officiaes « em que lhes requeria da » parte de ElRey nosso Senhor, que seguis» sem aquella náo, e a não desamparassem; » sob pena de os haver por trédos, e ale» vantados contra ElRey, e lhes encampa» va toda a fazenda, que hia nella pera El» Rey haver a sua pela delle Capitão, e de » todos os mais Officiaes, de que logo man» dou fazer hum auto. » A isto respondêram os da náo Garça, que elles seguiriam a náo, e não fariam outra cousa.

Indo assim as náos ambas á vista huma da outra, logo ao outro dia depois de feito o protesto, quasi a horas de vespera, tirou a náo Garça hum tiro, fazendo sinal que lhe acudissem, o que Francisco Barreto lo-

go

go fez, mandando lançar huma manchua ao mar; e por elle não eſtar pera poder acudir em peſſoa, (por eſtar ſangrado daquella manhã,) mandou Jeronymo Barreto Rolim em ſeu lugar, a quem deo poderes, pera que ſe houveſſe algumas controverſias, ou diſſensões antre o Piloto, ou Meſtre c'o Capitão, elle com ſua prudencia os compuzeſſe; e ſendo outra couſa, a remediaſſe conforme o negocio o pediſſe, e requereſſe. Chegado Jeronymo Barreto Rolim á náo, vio a todos muito attribulados, e trabalhados, e aſſás deſgoſtoſos, revolvendo os paioes da pimenta em buſca de huma agua, que a náo fazia, de que eſtavam todos mui inquietos, por temerem que foſſe má de tomar, e que lhes déſſe ao diante muito trabalho, como deo, pois ella foi a cauſa total de ſe perder a náo. Com eſta nova ſe tornou Jeronymo Barreto Rolim pera a náo de Franciſco Barreto, a quem deo conta do que paſſava na Garça, que toda a noite paſſou com grande vigia, ſem nunca deixarem de dar a ambas as bombas. Tanto que foi manhã, lançou a náo Garça huma manchua ao mar com quatro marinheiros, e o Eſcrivão da náo, que ſe chamava João Rodrigues Paes, e veio á náo de Franciſco Barreto com hum eſcrito do Capitão pera elle, que dizia aſſim:

K Se-

« Senhor, cumpre muito ao ſerviço de
» Deos, e de ElRey noſſo Senhor chegar
» V. S. cá, e pela brevidade deſta veja o
» que cá vai. Beijo as mãos a V. S. »

Viſto o eſcrito por Franciſco Barreto, metteo-ſe logo na ſua manchua com alguns Fidalgos da ſua náo, e foi á outra, que já eſtava muito trabalhada, por cauſa da muita agua que fazia, andando os Officiaes, e marinheiros baldeando a pimenta dos paioes de huma parte pera a outra em buſca da agua; no que ſe gaſtou todo aquelle dia, e Franciſco Barreto ſe tornou pera a ſua náo com os Fidalgos que com elle foram, todos muito triſtes por verem o miſeravel eſtado, em que a outra ficava. E em entrando Franciſco Barreto na ſua, diſſe a todos os Fidalgos, e Cavalleiros, que nella eſtavam: « Senhores, aquella náo eſtá em muito trabalho, e corre muito perigo de ſe perder, » encommendemo-la a noſſo Senhor, que » por ſua miſericordia a queira ſalvar. » E aſſim paſſáram todos aquella noite ſem dormirem, pelo eſtado, e perigo em que ambas as náos eſtavam, pela muita agua que tambem a de Franciſco Barreto fazia, que não baſtava pera lha diminuir, lançarem della ao mar muita fazenda de partes, pimenta de ElRey, e dous mil quintaes de páo preto, com que vinha aſſás carregada de

Mo-

Moçambique, (que he a total deſtruição das náos, que alli invernam, o que ſe houvera de atalhar com grandes defezas.) Ao outro dia pela manhã fizeram ſinal da Garça com hum tiro pera lhe acudirem, o que Franciſco Barreto não eſperou; porque quando atiráram, já elle hia bem affaſtado da ſua náo acudir á outra com alguns Fidalgos, e ſoldados, que pudeſſem ajudar aos da náo, que já os de lá eſtavam ſem eſperanças de ſalvação, por fazer muita agua por parte que ſe lhe não podia tomar, nem vedar, porque era pelo delgado de poppa, a que chamam picas, lugar irremediavel.

Vendo Franciſco Barreto com o Capitão da náo, e todos os mais Officiaes o eſtado em que ella eſtava, e que nenhum remedio tinha ſenão deixalla, aſſentáram « que ſe re» colheſſem á outra as mulheres, meninos, » e toda a mais gente, que não foſſe pera » poder trabalhar, primeiro que tudo, e » apôs iſſo os mantimentos, que na náo ha» via pera remedio dos perdidos; porque » os que vinham na de Franciſco Barreto » não podiam abaſtar pera tanta gente. » Pera iſſo lançáram logo o batel grande fóra, pera que com as duas manchuas, que já andavam no mar, ſe deſpejaſſe a náo mais de preſſa, aſſim da gente, como dos mantimentos, que logo começáram a levar, biſcouto,

ar-

arroz, carnes, e alguns barrís de vinho, o que se fez em tres dias, que sempre Francisco Barreto esteve na náo Garça, por atalhar a confusão que sempre ha em casos semelhantes, e dar ordem a se trabalhar nella, porque se não fosse ao fundo, até que se tirasse della o que fosse necessario pera a viagem, que haviam de fazer. E em quanto se despejava, esteve sempre Francisco Barreto no convés della com huma espada nua na mão, sem consentir passageiro algum levar pera a outra mais, que o que cada hum pudesse metter na manga, ou algibeira, pela não carregar, que tambem se estava indo ao fundo com a muita agua que fazia. E pera isto se poder fazer com a facilidade com que se fez, usou Deos com esta gente de huma grande misericordia, que foi em todo este tempo estar o mar tão brando, como se fora hum rio de agua doce sem ondas; que a não ser assim, ou todos se perdêram, ou os que se salváram, o fizeram com muita difficuldade.

Assim que despejada a náo dos mantimentos necessarios, mandou Francisco Barreto recolher toda a gente, ficando elle ainda na Garça pera se ir na derradeira batelada, em que foi a gente do mar, que seriam oitenta homens, por estar quasi cheia de agua até a cuberta do cabrestante. E sendo

do já apartados della hum tiro de pedra,
víram do batel vir hum bogio, que todo
aquelle tempo em que se a náo despejou,
esteve na gavea sem vir abaixo, senão quan-
do se vio só, então se desceo pela enxarcea,
e se foi a bordo, como que pedia aos que
hiam no batel, que o tomassem. O que ven-
do Francisco Barreto, não pode acabar com-
sigo apartar-se da náo sem salvar tudo o que
tivesse vida; e logo disse aos que hiam re-
mando o batel duas vezes « que tornassem
» á náo, e tomassem aquelle bogio, porque
» se diga em Portugal, e onde quer que se
» fallar deste naufragio, que não ficou cousa
» viva nella, que não salvassemos. » Ao que
todos respondêram « que lhe requeriam da
» parte de ElRey nosso Senhor, que não
» quizesse chegar á náo, porque estava já
» quasi mettida no fundo; e que quando se
» sobmergisse, com o redemuinho que fizes-
» se levaria o batel comsigo; » o que pare-
ceo bem a todos, e assim se affastáram da
náo, ficando só o bogio nella. Quando se
apartáram de todo della pera a deixarem,
poderia ser ás tres horas depois de meio dia,
pouco mais, ou menos, e ainda á boca da
noite se via, sem se ter ido ao fundo. Re-
colhido Francisco Barreto com estes homens
do mar, e o Capitão da Garça João Ro-
drigues de Carvalho, com muita tristeza, e
la-

lagrimas de verem perder-se assim huma náo sem tormenta, sendo a maior, e mais rica que até aquelle tempo houvera na carreira da India; e tanto foi o seu pezar, e tristeza pela perda da fazenda daquella gente, que foi necessario consolarem-no, como se a perda toda fora só delle. Depois de recolhida a gente della, fez Francisco Barreto hum escrito, em que dizia estas palavras:

« A náo Garça se perdeo tanto ávante, » como o cabo das correntes, em altura de » vinte e sinco gráos da banda do Sul, e » foi-se ao fundo por fazer muita agua. Eu » com os Fidalgos, e mais gente que levava » na minha náo, lhe salvei a sua toda, e » imos fazendo nossa viagem pera Portugal » com o mesmo trabalho. Pedimos por amor » de Deos a todos os fieis Christãos, que » disto tiverem noticia, indo ter este batel » aonde houver Portuguezes, que nos en- » commendem a nosso Senhor em suas ora- » ções, nos dê boa viagem, e nos leve a » salvamento a Portugal. »

Este escrito se metteo em hum canudo, e o tapáram, e breáram muito bem, e fizeram huma cruzeta alta no batel, aonde o atáram, porque lhe não chegasse a agua, e deixáram o batel, que o levassem as aguas aonde quizessem. Foi Deos servido que fosse ter dentro a Çofala, onde estava Bastião de

de Sá por Capitão, como depois se soube; quando Francisco Barreto tornou a invernar a segunda vez a Moçambique.

Depois disto feito, e recolhida a gente da náo Garça, quiz Francisco Barreto fazer alardo da que tinha na sua pera a accommodar, e lhes ordenar como fosse melhor agazalhada; e achou antre Fidalgos, soldados, gente do mar, escravos, mulheres, e meninos, mil e cento e trinta e sete almas, e com toda esta gente commetteo o caminho do Cabo de Boa Esperança, por ventarem os Levantes, que só servem pera ir a Portugal. Indo a náo fazendo muita agua, e navegando, como digo, pera o Cabo de Boa Esperança, com tempo brando, e ventos galernos, lhe deo supitamente pela proa hum Ponente tão rijo, e furioso, que lhe rompeo a véla grande por muitas partes; pelo que foi necessario dar com a verga em baixo, pera a cozerem, e remendarem, e ficar a náo arvore secca ao pairo, de que os Pilotos, e mais Officiaes dambas as náos se espantáram muito, por verem que em monção de Levantes ventáram Ponentes, o que lhes pareceo não duraria mais que aquelle só dia; mas enganáram-se, porque ventáram outros dous mais. Visto isto pelos Pilotos, e mais Officiaes das duas náos, se foram a Francisco Barreto, e lhe fizeram huma falla, em que lhe disseram:

» Que

« Que elles havia muitos annos que cur-
» savam aquella carreira, (principalmente
Ayres Fernandes, que era o Piloto da náo
Garça, que D. Constantino trouxe comsigo,
com lhe fazerem muitas honras, e vantagens,
por ser já muito velho, e estar aposentado,
e tinha passado o Cabo de Boa Esperança
trinta e quatro vezes) « e que se não lembra-
» vam em tempo de Levantes ventarem tres
» dias continuos Ponentes, que aquillo pa-
» recia mais permissão Divina, que curso
» natural: que parece que queria nosso Se-
» nhor mostrar-lhes que não era servido de
» se perder aquella náo, e tantas almas quan-
» tas levava. E que commetterem aquella
» viagem da maneira que a náo hia, era
» temeridade, e que parecia mais tentar a
» Deos, que esperar nelle. Pelo que reque-
» riam a sua Senhoria da parte de nosso Se-
» nhor, que quizesse arribar a Moçambique,
» e dahi lhe daria por sua misericordia re-
» medio pera se salvarem, ou faria o de que
» elle fosse mais servido. » O que visto por
Francisco Barreto, e ouvidos os pareceres
de todos, se foi com elles; e mandou fazer
hum auto disto, que se assentou, assinado por
todos os Officiaes de ambas as náos. E assim
fez volta, e foi nosso Senhor servido de os
levar a Moçambique; mas sempre com as
mãos nas bombas, e com muito trabalho,
que

que não fora possivel poder-se aturar, senão fora tanta a gente por quem se repartia.

Indo a náo já perto de Moçambique, lhe aconteceo outro desastre, não menos perigoso que o da agua que fazia: e foi, que estando sincoenta leguas de Moçambique, pouco mais, ou menos, e dez, ou doze da terra, costeando-a com vento de todas as vélas, indo hum filho do Piloto pescando do chapiteo de poppa, deo hum grande grito, repetindo duas vezes: « Pai, bra- » ça e meia, braça e meia. » A este tempo estava Francisco Barreto na sua varanda, donde ouvio o que dissera o filho do Piloto: sahio muito depressa pera a tolda, e achou huma revolta, e traquinada, que havia em toda a náo, sem ninguem se saber dar a conselho, nem sabiam o que fizessem, por não saberem a causa de tão grande confusão, e borborinho como havia. Nesta conjunção deo a náo huma pancada, com que tremeo toda, e com ella ficou a gente em tão grande silencio, como se não estivera nella pessoa viva. Vendo o Piloto isto, subio muito depressa á gavea pera de lá mandar a via, e por ver se via diante da náo algum baixo, de que se desviasse, (o que não podia fazer da cadeira por razão das vélas, que todas hiam dadas,) e assim mandou ir a náo á orça por se affastar da terra, que logo foi per-

perdendo de viſta. A cauſa da pancada que a náo deo, he que naquella coſta de Moçambique, dez, quinze, vinte leguas ao mar ha huns penedos, que o mar cobre, com braça e meia, duas, e tres de agua, que ſe não vem, que ſe chamam Alfaques: parece que prepaſſando a náo por junto de algum deſtes, tocou com alguma das ilhargas, e foi cauſa daquelle abalo que fez, que ſe acertára de dar com a proa, ou com a quilha, alli fizera a oſſada, e a gente toda ſe affogára ſem remedio algum. Perdida a terra de viſta, foram demandar a de Moçambique, onde entráram a dezeſete de Dezembro de 1559., e aſſim puzeram neſta viagem hum mez des do dia que partíram daquelle porto até que tornáram a entrar nelle.

CA-

CAPITULO XIII.

Que trata de como Francisco Barreto, depois de chegar a Moçambique da segunda arribada, partio pera Goa pela costa de Melinde: e do que lhe aconteceo por ella: e de quando chegou a Goa, e de lá partio pera o Reyno na não S. Gião: e de como a não Patifa se perdeo em Mombaça, indo nella Bastião de Sá, que acabára de ser Capitão de Çofala: e de como D. Luiz Fernandes de Vasconcellos chegou a Goa, depois de se perder na não Gallega: e de como se foi pera o Reyno na não de Francisco Barreto.

TAnto que Francisco Barreto chegou a Moçambique da segunda arribada, determinou logo de se ir caminho da India a invernar em Goa, por não estar alli outros tantos mezes, como esteve da primeira invernada; e por estar muito despezo, e ter gastado muito de sua fazenda, e não ter dinheiro pera cumprir com as obrigações de quem era, e com o que lhe pedia a nobreza de sua condição, que era muito largo, e liberal, o que em Goa poderia fazer com mais facilidade, e a menos custo de sua fazenda. E como não havia naquella fortaleza mais embarcações, em que se pudesse ir,

que huma fusta velha de ElRey, e desconcertada, foi avisado que na costa de Melinde tinha hum homem Chatim huma fusta boa, a mandou logo com muita pressa comprar a cuja era. Chegada a fusta, a mandou logo varar, cifar, e concertar, mandando fazer o mesmo á velha, que alli estava de ElRey. Depois de estarem já as fustas concertadas, tomou huma pera si, e a outra deo a Jeronymo Barreto Rolim seu primo, pera irem nellas pela costa de Melinde, e atravessarem a Goa da Ilha de Sacotorá, o que não teve effeito, porque o fez de Pate.

Embarcados nas fustas os mantimentos, e andando-se fazendo aguada pera partirem, parece que desejando João Rodrigues de Carvalho (Capitão que fora da náo Garça, que se perdeo) de passar á India naquella companhia, pedio a Jeronymo Barreto Rolim o quizesse levar na sua fusta. Imaginou-se o Jeronymo Barreto já perdido, por se assombrar com João Rodrigues de Carvalho, por ser muito mal escançado no mar, e tão pouco ditoso nelle, que não se sabe embarcar-se vez alguma, que não se perdesse a embarcação, em que elle fosse. Respondeo-lhe Jeronymo Barreto Rolim, que o não podia levar. Parece que lhe disse algumas palavras, de que João Rodrigues de Carvalho inferio que o deixava de levar em sua

com-

companhia por ſua má fortuna, e pouca dita. Cuidando João Rodrigues de Carvalho niſto, fez nelle tanta impreſsão o não o quererem levar por aquelle reſpeito, que diſto ſe lhe gerou a morte; porque aquella noite ſeguinte, eſtando elle na cama em caſa de Pero Mendes Moreira, (que era Feitor, e Alcaide mór de Moçambique, com quem pouſava,) começou a gemer, e dar muitos ais. Diſſeram-lhe dous filhinhos de Pero Mendes Moreira, que tinha comſigo na cama meninos, hum de tres, outro de quatro annos: « Tio, (porque aſſim lhe chamavam » os meninos,) vós não dormis, e gemeis, » porque perdeſtes a voſſa náo? » De tal maneira ſentio, e o entráram as lembranças, que os innocentes lhe fizeram, que foi a cauſa de ſua morte, porque amanheceo morto na cama, ſem haver outra cauſa, a que a morte ſe lhe pudeſſe attribuir. Tanta força, e efficacia tem a paixão, e triſteza, que foi baſtante pera ſe lhe cerrarem os eſpiritos vitaes, e morrer.

Acabada de fazer a aguada das fuſtas, ſe embarcou Franciſco Barreto na ſua, e Jeronymo Barreto Rolim na outra, e ná entrada de Março de 1560. ſe partíram de Moçambique caminho da coſta de Melinde na monção pequena, (chamam-lhe pequena, por razão das muitas calmarias que então

 ha.)

hia.) Os Fidalgos, que Francisco Barreto levava na sua fusta, eram Manoel de Anhaia Coutinho, Pedralvares de Mancellos, Francisco Alvares Provedor mór dos defuntos, Francisco de Gouvea, e hum João de Araujo, a fóra outros muitos homens, que eram da obrigação de Francisco Barreto, porque os mais Fidalgos ficáram em Moçambique pera se virem na monção grande, que he em Agosto, na náo Patifa. Foi Francisco Barreto tomando os portos que havia pela costa de Melinde, onde se refazia de agua, e mantimentos. O primeiro que tomou foi Quiloa, que está em seis gráos da banda do Sul, cento e sincoenta leguas de Moçambique. Nesta Cidade (que mostrava nos edificios que tinha ser maior, e mais habitada do que então era) esteve quatro dias surto, com quem o Rey della nunca se quiz ver. Teve Francisco Barreto noticia de huns dous monstros que alli havia, filhos de hum bogio, e de huma negra, que se dizia ser mulher de hum Xeque. Trabalhou Francisco Barreto todo o possivel pelos haver, e levar a ElRey D. Sebastião; mas como eram de ElRey de Quiloa, não os quiz resgatar. Determinou então Francisco Barreto de os mandar furtar; mas como isto não esteve tanto em segredo, que se não aventasse, sabendo-o o Rey, mandou que os puzessem em

co-

cobro, até que Francisco Barreto se fosse.

Partido daqui desta Cidade, foi tomar a de Mombaça, onde esteve oito dias espalmando, e concertando as fustas. Aqui foi (quando logo chegou) visitado do Rey com hum grande presente de refresco de vacas, carneiros, gallinhas, mel, manteiga, tamaras, limões, cidras, e laranjas, de que a Ilha (que será de sete leguas em roda) he mui abastada, e fertil. Respondeo-lhe Francisco Barreto com outro de muitos brincos, e peças ricas, e curiosas, que já levava pera isso, em que mostrava quão liberal, e grandioso era; porque, como já dissemos, era o mais liberal Fidalgo que havia naquelle tempo. Tanto, que bem se verificava nelle aquelle dito de D. Antão de Noronha, que foi Viso-Rey da India, que dizia, « que » não se podia sustentar a India com prosperidade, senão havendo nella Capitães » doudos, que sahissem ricos de suas fortalezas, e tornassem a gastar com soldados » tudo o que dellas tirassem. » O que aconteceo a Francisco Barreto, que tirando da fortaleza de Baçaim (de que foi Capitão) oitenta mil pardaos, assim os gastou em serviço de ElRey com soldados, que quando entrou na governança da India já devia vinte e oito mil pardaos. Daqui podemos muito

to bem inferir, e do eſtado em que a India agora eſtá, quantos ſezudos tem.

E tornando a continuar com a viagem de Franciſco Barreto, depois que partio de Mombaça, foi tomando todos os mais portos, e Ilhas, que havia pela coſta de Melinde, donde ſe vio com ElRey, que por ſer muito amigo do de Portugal, e dos Portuguezes, o foi viſitar a terra, e lhe mandou hum muito rico preſente. Partido daqui, foi ter á Ilha de Pate, onde achou hum navio de huma gavea, que era de hum Chatim, e eſtava carregado pera ſe partir pera Chaul. E como Franciſco Barreto hia na fuſta muito apertado por razão da muita gente que levava, fretou o navio a cujo era, e ſe paſſou a elle com a mór parte da gente que levava na ſua fuſta, e dalli (que eſtá eſta Cidade em tres gráos da banda do Norte, e ſeiscentas leguas da barra de Goa) ſe fez á véla, e poz na viagem quarenta dias, ſendo ella de vinte e ſinco, donde paſſou muito trabalho neſte golfo, de ſedes por razão das muitas, e grandes calmarias que teve; que ſe tardáram dous dias mais, ſem tomarem a coſta da India, todos houveram de perecer á ſede, por não levarem já hum almude de agua, e haver muitos dias que ſe não comia arroz, por não haver agua com que o cozer, nem biſcouto; ſe comiam tama-

maras, e cocos, e algumas poucas vezes carne aſſada de huns poucos de carneiros, que vinham no batel do navio.

Indo aſſim neſte trabalho, houveram huma manhã viſta de terra da coſta da India, e naquella tarde ſahio de hum rio daquella coſta o catur de Roque Pinheiro, que vinha do Eſtreito de Meca, onde o Viſo-Rey D. Conſtantino o mandára, em companhia de Chriſtovão Pereira Homem, a lançar em Maçuá o irmão Fulgencio Freire da Companhia de Jeſus com recado ao Biſpo que eſtava na Abaſſia, como diſſemos no Cap. VIII. deſte VIII. Livro.

Vendo Roque Pinheiro aquelle navio, ſe foi a elle; e ſabendo que hia nelle Franciſco Barreto, entrou nelle, lançando-ſe a ſeus pés com muitas lagrimas, pelo ver naquellas partes em outro eſtado havia pouco bem differente daquelle em que o então vio. Depois de lhe dar conta de como o Coſſairo Cafar tomára o navio de Chriſtovão Pereira Homem, provêo o navio de Franciſco Barreto de agua, dando-lhe toda a que trazia, e tornou a terra com muita preſſa a buſcar mais, com que acabou de dar vida aos pobres, que já a não traziam; que ſe acertáram de não topar aquelle navio então, póde muito bem ſer que aquelle fora o derradeiro dia de ſeus trabalhos. Ao outro pela ma-

manhã, que foi huma ſeſta feira dezeſete de Maio de quinhentos e ſeſſenta, chegou á barra de Goa já com as mãos nos cabellos, bem temeroſo, e receoſo das primeiras ameaças do inverno, que entra mui furioſo naquella coſta, e com a eſpada na mão, como logo aconteceo. Ao outro dia ſeguinte, que foi ſabbado, depois de todos eſtarem já deſembarcados, e Franciſco Barreto no Moſteiro dos Reys Magos da Ordem de S. Franciſco, que eſtá em Bardes na barra de Goa, fez huma tão grande tempeſtade de chuva, e vento, que parecia acabar-ſe o mundo, e ſoverter-ſe a terra com outro ſegundo diluvio.

Tanto que ſe ſoube em Goa da chegada de Franciſco Barreto á barra, foi logo viſitado de todos os Fidalgos, e caſados de Goa, e elle ſe embarcou em hum catur ligeiro, e ſe foi caminho da Cidade viſitar o Viſo-Rey D. Conſtantino, acompanhado de toda a fidalguia, e Cidadãos, e tanta mais gente, que enchia deſdo caes até á fortaleza, e todo o ſeu terreiro. E rompendo por aquella multidão de gente, chegou a elle, que o eſtava já eſperando, com muito grande alvoroço, e cortezias, e ſe foram pera dentro; onde depois de deſcançar, e dar conta do que lhe acontecêra na jornada, ſe foram cear com alguns Fidalgos parentes

de

de ambos, e alli dormio aquella noite. Ao outro dia pela manhã se tornou Francisco Barreto a embarcar pera ir aos Reys Magos a cumprir huma Novena, que tinha prometido no seu naufragio; e foi acompanhado de tanta fidalguia; e nobreza, que parecia despejar-se a Cidade. Vendo o Viso-Rey D. Constantino o grande concurso dos Fidalgos, e casados de Goa, que o acompanhavam, disse aos que estavam presentes: » Quantas graças deve dar Francisco Barreto » a Deos pelo fazer tão bem quisto. »

Depois de Francisco Barreto estar no Mosteiro dos Reys Magos cumprindo sua Novena, o mandou visitar o Viso-Rey, e lhe mandou quatro mil pardaos, de que lhe fazia mercê em nome de ElRey pera ajuda das despezas do inverno. Acabada a Novena da romaria, se foi Francisco Barreto aposentar além de Santa Luzia nas casas de hum casado de Goa, que se chamava Fernão Nunes, onde esteve até meado Dezembro, correndo sempre com o Viso-Rey muito bem, que o tornou a mandar visitar, e lhe mandou dous muito formosos ginetes, que elle logo deo, hum a Luiz de Mello da Silva, seu parente, e outro a D. Filippe de Menezes seu sobrinho, filho de sua irmã Dona Brites de Vilhena, por sobrenome a Perigosa, e de D. Henrique de Menezes. E como

Fran-

Francifco Barreto não tinha náo, em que fe vieffe pera o Reyno, lhe deo o Vifo-Rey a náo S. Gião, que invernára em Goa, e eftava varada em Panelim, onde fe concertou muito bem pera elle vir nella, fatisfazendo a Antonio de Soufa de Lamego a Capitanía da náo.

Em quanto elle inverna, e a náo em que ha de partir pera o Reyno fe concerta, daremos razão da Patifa, que ficou em Moçambique, invernando da fegunda arribada, que por vir muito deftroçada, a mandou Baftião de Sá, Capitão que acabava de fer de Çofala, concertar muito bem, pera fe ir nella pera Goa na monção grande, que he a de Agofto, em companhia das que haviam de vir do Reyno. E como efteve concertada, mandou Baftião de Sá embarcar nella agua, e mantimentos, e toda fua fazenda; e como foi tempo, embarcou-fe nella com todos feus criados, e os Fidalgos, que vieram nella em companhia de Francifco Barreto, que ficáram invernando em Moçambique, donde fe fez á véla a onze de Agofto. Ao dia feguinte começou a fazer tanta agua, que fe hia ao fundo; e como não podia tornar a arribar a Moçambique, foi forçado ir demandar a barra de Mombaça, onde varou em terra, e fe desfez, falvandofe tudo o que levava, affim de ElRey, como

mo

mo de partes; e Baſtião de Sá ſe embarcou em hum navio, em que foi á India, e não me ſouberam dizer ſe a invernar, ſe depois em Setembro.

Tornemos a Franciſco Barreto, que eſtava invernando em Goa, e concertando a náo S. Gião, em que ſe havia de embarcar; que depois de a ter concertada, e começando de a carregar, chegáram á barra de Goa ſinco náos do Reyno: em huma dellas vinha D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, que veio ter a Moçambique, depois de ſe perder o anno paſſado na náo Gallega, e ficar invernando na Ilha de S. Lourenço, aonde foi ter no batel da náo, em que ſe tinha ſalvado com ſeſſenta peſſoas.

Tanto que o Viſo-Rey ſoube de ſua chegada, logo o mandou viſitar com dous mil pardaos, e hum cavallo, e hum quartáo, correndo muito bem alguns dias que eſteve em Goa com o Viſo-Rey, até ſe embarcar pera o Reyno na náo de Franciſco Barreto, por ſer caſado com Dona Branca de Vilhena, ſua ſobrinha, filha de Diogo Lopes de Siqueira, que foi Governador da India, e de Dona Maria de Vilhena ſua irmã.

Eſtando já a náo S. Gião preſtes, apparelhada, e carregada, e com os mantimentos, e agua embarcados, ſe fez Franciſco Barreto á véla a vinte de Dezembro, tendo mui-

muito profpera viagem, e dando em toda ella meza aos Fidalgos, que foram em fua companhia, que eram D. Luiz Fernandes de Vafconcellos, D. João Pereira, irmão do Conde da Feira, D. Duarte de Menezes, o Narigão, que era dos da cafa de Penella, de quem já fallámos no Cap. XI. defte VIII. Liv., que fe achou em Punicale, quando o Bifminaique tomou a Manoel Rodrigues Coutinho a fortaleza da Pefcaria, e a deftruio; Garcia Moniz Barreto, natural da Ilha da Madeira, Manoel de Anhaia Coutinho, e outros, a que não foubemos os nomes. Chegou a Lisboa hum Domingo a treze de Junho de 1561., onde foi recebido de toda a fidalguia com muito alvoroço, e contentamento, pelo terem por morto, por haver tres annos que partíra da India a primeira vez; e acompanhado de toda ella, o leváram a beijar a mão á Rainha Dona Catharina, que então governava o Reyno por ElRey D. Sebaftião feu neto, que feria de fete annos de idade. Foi recebido della com muitas honras, affim pela qualidade, e valor de fua peffoa, como pelos muitos ferviços que tinha feito aos Reys de Portugal na India, e em Africa.

CAPITULO XIV.

Das grandes guerras, que ſe alevantáram antre ElRey de Cranganor, e o de Cochim: e da cauſa porque: e do grande temor, e reſpeito, que todos os Malavares tem ao Bemaventurado Apoſtolo S. Thomé: e das ſoberbas, e cuſtoſas feſtas que lhe fazem.

NO principio da V. Decada no Cap. I. temos dado larga relação dos grandes odios, e bandos, que ſe ateáram antre todos os Reys Malavares, e dos appellidos que tomáram os Reys de Cochim, e Calecut, que eram cabeças delles, chamando-ſe os de huma parte Jogerecuros, e os da outra Paidericuros, pera por elles ſerem conhecidos. E deſtes o Rey de Cranganor foi lançado a parte do Çamorim; porque por hum muito antigo coſtume, ou lei, eram obrigados os Çamorins, e Emperadores do Malavar a caſar com as Princezas de Cranganor, por cuja razão ficavam havidos por pais dos Reys de Calecut, o que nunca ſe quebrou, e aſſim elles os favoreciam em tudo como eſſes. Ora aſſim por eſte antigo odio, como por outros biquinhos, o Rey de Cranganor, que neſte tempo reinava, fez muito cruel guerra, em quanto viveo, ao de Cochim,

que

que foi continuando muitos annos, com proposito de o destruir de todo, porque era rico, e tinha muitas rendas por causa de hum Pagode chamado Parui, que estava em suas terras, da mais antiga, e continuada romagem de todas as do Malavar, que lhe rendia cada anno huma muito grande somma de ouro, porque de todas as partes da India concorria toda a gentilidade della a se offerecer a este Pagode. E toda esta renda gastava nesta guerra, e em solicitar, e peitar os Senhores do Malavar, e ainda os vassallos de ElRey de Cochim, (por cuja causa se lhe rebelláram muitos, e se passáram á parte de Cranganor,) não achando nunca aquelle Rey, senão os Portuguezes, e os Capitães de Cochim, que sempre o acompanháram nas guerras; e com seu braço, e poder lhe entrou muitas vezes por suas terras, e lhas destruio, e queimou, e a elle poz em tal estado, que lhe foi necessario mandar a Portugal offerecer-se por vassallo de ElRey D. João, a fim de os Portuguezes o não perseguirem. ElRey lhe mandou passar huma larga carta de vassallagem, que alguns moradores antigos de Cochim nos disseram que víram, de que hoje nos parece que não ha já memoria; porque nem na Secretaria, nem em alguma outra parte a pudemos achar pera lançar o traslado della na

Tor-

Torre do Tombo, de que temos cuidado, e somos Guarda mór; porque estas cousas, e outras muitas desta qualidade são perdidas, e acabadas pela pouca conta que neste Estado se faz de tudo o que não são drogas, e fazendas.

E proseguindo este Rey nas guerras, e odios contra o de Cochim, e querendo o de Cochim por algumas vezes destruillo de todo, faltáram-lhe as ajudas que os Portuguezes lhe costumavam a dar, por ser contra vassallo de ElRey de Portugal; e assim ficáram neutraes, sem favorecerem a hum, nem a outro, fazendo-se elles todos os damnos que podiam; mas sempre o Rey de Cranganor o recebia maior, porque o de Cochim era o mais poderoso. E como o odio era por natureza, e entranhavel, andou o Rey de Cranganor traçando, e fantaziando todos os modos, e ardís que pode pera destruir estoutro, até dar em hum, que foi o mais prejudicial assim áquelle Rey, como ao Estado da India, que todos os que o demonio lhe podia offerecer, e foi.

Tinha este Rey de Cranganor dous sobrinhos filhos de sua irmã, que haviam de ser herdeiros do Reyno, (porque costumavam estes Reys do Malavar crearem sempre dous Principes pera esta herança, e trazeremnos em Corte, pera verem, e saberem o

mo-

modo do governo; porque se morresse hum, puzessem logo o outro em seu lugar, e assistiam nos consellios pera se ensinarem.) Destes dous, que este Rey de Cranganor tinha, o segundo se chamava o Principe Branco, que era muito affeiçoado aos Portuguezes, e grande amigo do Rey de Cochim, com quem se communicava por recados. Succedeo agora neste anno em que andamos, morrer o Principe mais velho, e ficar sendo o Branco o principal, e verdadeiro herdeiro do Reyno; o que aquelle Rey sentio em extremo, pela grande amizade que tinha com o de Cochim seu inimigo. E andando fantaziando, e traçando o que faria naquelle negocio, cahio em hum ardil do maior prejuizo que podia ser, que foi concertar-se com o Çamorim, que mandasse crear em Cranganor os sobrinhos, que lhe haviam de herdar o Reyno, e que elle mandaria crear a Calecut os seus herdeiros; e assim fizeram logo esta troca, e o de Cranganor mandou pera Calecut outros dous sobrinhos filhos de outra irmã, pera lá se crearem, com tenção de desherdar o Principe Branco, pelo sentir affeiçoado aos Portuguezes. Esta inclinação, e maldade foi entendida de todos; e João Pereira, que era Capitão de Cranganor, o sentio muito, porque bem vio que lhe haviam aquellas cousas de dar muito trabalho,

e

e que ſe lhe hia ordenando huma guerra, que poderia ſer em grande damno, e riſco daquella fortaleza. Pelo que logo mandou fazer ao redor della vallos, e tranqueiras muito fortes, e cortar os matos, que por alli havia ao derredor, o que encarregou a João Alvares Pereira ſeu genro, mandando-lhe que não travaſſe guerra com a gente de Cranganor, ſem de lá primeiro a não fazerem. E andando elle neſta obra, acudio a gente daquelle Rey a lha defender, e o começou a eſpingardear, ſem o João Alvares Pereira bulir comſigo; antes lhes mandou requerer « que ſe affaſtaſſem, porque não » queriam romper com os vaſſallos de El-» Rey de Portugal; e que antes haviam de » favorecer em tudo o Rey de Cranganor, » porque o mandava aſſim o Viſo-Rey da » India. » O que não baſtou pera elles deixarem de continuar em ſeus intentos. Vendo iſto João Pereira, mandou pedir gente a Cochim, e com a que tinha deo na de El-Rey de Cranganor, que eſtava da outra banda do rio, e desbaratou, e lançou fóra dalli. Por aqui ficou a guerra declarada, e começou a haver entradas de parte a parte, e ajuntarem aquelles Reys ſeu poder; e o de Cochim acudio, e trabalhou muito por tomar o Pagode Parui, aſſim por enfraquecer o inimigo na renda, como pera elle ficar

ſenhor daquella romagem, que elle em extremo ſentia eſtar em poder daquelle Rey; que como ſe ciava delle, tinham mui bem fortificado, e provído de guarda.

E porque na feſta deſte Pagode ſuccede tambem huma, que elles fazem ao Bemaventurado Apoſtolo S. Thomé, nos pareceo bem darmos aqui relação della, por ſer em muito louvor, e gloria ſua, e que pela ventura antre Chriſtãos ſe lhe não faz outra tão ſolemne: pelo que ſe ha de ſaber que eſte Pagode, que aſſima diſſemos, que ſe chama Parui, he tão antigo, que já muito antes da vinda de Chriſto era hum dos de maior romagem, e concurſo de gente, que todos os deſtas partes, a quem coſtumam fazer ſuas feſtas na Lua de Março, a que acode a mór parte dos Gentios dos Reynos vizinhos; e na maré da noite da conjunção hiam por aquelle rio aſſima tantas embarcações, que o entulhavam, carregadas de Romeiros; e chegando ao Pagode, (que he pelo rio de Cranganor aſſima, perto de quatro leguas,) fazem ſuas feſtas, e ceremonias, e offerecem ſuas offertas, que rendem tanto, que pelo que montavam áquelle Rey ſe teve ſempre pelo mais rico de todos os do Malavar. E depois que o Bemaventurado Apoſtolo S. Thomé paſſou a eſtas partes da India, andando por ella prégando a Lei da

Graça, a que converteo tanto numero de Gentios, chegou tambem a este Reyno de Cranganor, onde fez mui grande fruto, e baptizou a mór parte dos Gentios, de que ainda hoje ha huma boa quantidade, que procedêram delles, e fundou naquella ponta (onde depois a tantas centenas de annos se fez a nossa fortaleza) hum Templo, que hoje se vê dentro della: que tanto que alli foi alevantado, passando os Romeiros por alli o dia da sua festa, em emparelhando com a Igreja, levantava-se supitamente hum vento, e alagava-lhes a mór parte das embarcações, e lhes affogava muita gente; porque parece que o permittia Deos assim, porque não passassem pela porta do seu Templo as offertas pera o demonio, e queria que se prostrassem diante da Arca do Testamento os idolos de Baal: o que succedeo muitos annos arreio, pera Deos mostrar que a obra era mais sua, que acontecida acaso.

Vendo aquella bruta gentilidade aquelles naufragios tão continuos daquelles annos pera cá, não lhes succedendo tantas centenas de annos atrás algum, nem perigando naquella passagem embarcação alguma, houveram que era castigo do Santo Apostolo, que estava irado contra elles de passarem por defronte da sua casa pera se irem offerecer ao seu Pagode; e querendo-o aplacar, or-

 de-

denáram ſobre grandes torres formoſos caſtellos de madeira mui bem lavrados, de dous, quatro, ſeis, oito até onze ſobrados, de que ſe já víram alguns, ſegundo a poſſe dos que os fazem, e do primeiro ſobrado até o derradeiro, cercados em roda, e cheios de muitas luminarias; e os Romeiros, que vam dentro, veſtidos de roupas novas, e limpas, com muitos tangeres, e bailos. Aſſim deſta maneira vam pelo rio aſſima todos calados; e em emparelhando com a Igreja do Santo Apoſtolo, accendem as luminarias todas, e começão os tangeres, e bailos com tanto alvoroço, feſta, e eſtrondo, que parece que ſe desfaz o rio, e a terra em gritos; e tanto que dobram a ponta, em que dantes perigavam, ceſſam os tangeres, e bailos, e ſe apagam as luminarias, e não querem chegar com ellas accezas ao Pagode por não offenderem o Santo Apoſtolo. E ſe acerta algum de não poder paſſar naquella maré da noite, (como já aconteceo,) ao outro dia ao ſahir do Sol commette a paſſagem, e no cume do caſtello vai hum homem em pé com huma faca na mão, e em emparelhando com a Igreja do Bemaventurado Apoſtolo, faz huma ferida no dedo, e promette ao Santo de pera o anno lhe fazer outro caſtello de mais vantagem, ſe o deixar paſſar; e aſſim o fazem, e moſtram nelle mór mageſtade,
e

e grandeza, porque realmente crem que o Santo os não deixou passar com os outros por estar delles offendido.

E como os Reys de Cochim desejáram sempre de mudar esta romagem pera suas terras, pelo proveito que disso esperavam, trabalháram todos muito nisso, até succeder ElRey Ramará, que fallando-se com os Bramanes em segredo, lhes fez crer que o idolo Parui lhe apparecêra, e lhe dissera que elle estava muito enfadado das guerras de Cranganor, e que lhe mandava mudasse sua romagem pera o lugar de Palurte, (que era hum Pagode, que estava adiante de Cochim de sima, junto dos fornos da cal.) E logo mandou fazer ao derredor do Pagode hum formoso tanque pera os Romeiros se lavarem; e começou no mesmo dia, que em Cranganor se faziam as festas, a celebrar outras muito solemnes, em que mandou publicar pelos seus Bramanes o apparecimento do idolo Parui. E como aquelle Rey na Religião he havido por cabeça de todo o Malavar, como Bramane mór, todos lhe deram credito; e começou-se aquella romagem a se passar pouco, e pouco pera Cochim, e a crescerem as rendas daquelle Rey, e irem faltando muito ao de Cranganor, com o que veio a cahir em pobreza.

CA-

CAPITULO XV.

De como Bajazeto filho de Solimão Emperador dos Turcos fogio pera a Persia: e dos tratos que teve pera matar aquelle Rey: e de como elle o entregou a seu irmão Cilim.

SEmpre seguirei esta ordem de contar as cousas, que succederem na Persia, porque todas prejudicáram á nossa fortaleza de Ormuz, e lhe deram muito trabalho; como tambem o farei das que succederem a todos os mais Reys vizinhos a todas as mais fortalezas, e agora estas tomarei a cousa de seu principio pera se entender melhor. Pelo que se ha de saber que Solimão filho de Cilim, estando já em idade decrepita, tinha em seu animo de deixar nomeado em seus Imperios a Cilim seu filho segundo, tendo o mais velho chamado Bajazeto de mais partes, e mais pera governar tamanho Imperio, que o outro, e sós estes dous lhe ficárão de muitos que teve. E como he costume da casa Otomana; tinha Solimão estes dous filhos separados, Cilim, a quem elle queria dar o Reino em Asia menor na Cidade de Manencia; e ao Bajazeto em Cutea tambem em Asia menor, mas apartado algumas jornadas donde o outro estava, e residia. E como o velho

lho do pai o tinha cego a affeição, e amor do filho segundo, parece que disse algumas vezes que elle herdára aquelle Imperio de Cilim, e que o havia de deixar a outro Cilim. Chegou isto ás orelhas do Bajazeto, que por conselho de Recestan Baxá, que o favorecia, escreveo ao pai huma carta com grande submissão, em que lhe pedia » que não quizesse » tirar-lhe o seu direito, pois em idade, e » partes precedia a seu irmão; e que não » fosse occasião de chegarem ambos os ir» mãos a estado de averiguar sua justiça pe» las armas, porque ficaria no mundo com » aquella infamia de injusto, e daria conta » a Deos dos damnos que disso resultassem. » Com esta carta ficou o Turco mui apaixonado, e lhe respondeo mal; com o que determinou logo de pôr o direito nas armas, e ajuntou a mais gente que pode pera ir buscar o irmão, de que o irmão foi logo avisado, e fez seus ajuntamentos, e o pai o mesmo pera o ajudar. E entendendo o Bajazeto que na diligencia estava a vitoria, determinou de dar no Cilim, primeiro que ajuntasse o poder, porque o seu havia de ser maior pelo favor que tinha no pai; e assim partio contra elle com dezoito mil cavallos, e huma tarde appareceo nos campos de Angona, onde o Cilim estava, e alojou seu exercito em campo largo, e aberto, onde

lhe

lhe ſahíram alguns de cavallo, que o irmão mandou, pera que o não deixaſſem alojar á ſua vontade. O Bajazeto deſpedio hum de cavallo com recado ao irmão, que tambem eſtava fóra em campo, em que lhe dizia, » que pera que era deſaccommodallo, e tra» tar de eſcaramuças, que o deixaſſe alojar, » e que ao outro dia entraſſem os exercitos » ambos em batalha; e que dos damnos que » della reſultaſſem daria ſeu pai conta, pois » por ſua maldade chegou ſeus filhos áquelle » eſtado, e lhe queria tirar o Reyno tão in» juſtamente contra todas as leis naturaes.» Cilim lhe mandou dizer que era muito contente, e que ao outro dia ſe verião, porque eſtava confiado no poder que tinha, por ter comſigo a mór parte dos Janiçaros.

Ao outro dia em rompendo a manhã ſe preparárão pera a batalha, pondo a de Cilim em ordem Muſtafa Baxá, que o pai lhe deo por conſelheiro, e o de Bajazeto Muſtam Baxá, e fizeram de ſua gente dous eſquadrões na melhor ordem que ſouberão, levando diante ſua artilheria, que ao tempo de romper fez ſeu officio com tanto eſtrondo, terremoto, e damno, que dambas as partes ficárão muitos eſpedaçados, e logo as batalhas ſe travárão; e Bajazeto ſabendo que no corno eſquerdo de Cilim hia toda a gente nova, que ſe ajuntou pelos póvos de

derredor, pouco exercitada, o foi investir, e o desbaratou logo, e rompeo, e o poz em fugida; e indo-o soccorrer o corno direito de Cilim, onde elle não estava, foi commettido do esquerdo do Bajazeto, e antre elles se travou huma aspera batalha, em que o Bajazeto fez tambem tanta destruição, que o obrigou a se recolher até onde Cilim estava com a mór força do exercito sem se bulir: o que visto por Mustafa Baxá, lhe requereo que entrasse na batalha, senão que tudo se perderia. E posto que outros lhe aconselháram que se recolhesse, que tudo era perdido, todavia elle rompeo com a sua batalha, e investio os inimigos com tanta força, que lhe fez perder terra, com o que foi necessario a Bajazeto acudir com sua batalha, e assim se misturárão todos com grande crueldade, durando o conflicto della quasi nove horas. E quiz a pouca ventura de Bajazeto que lhe déssem neste tempo (em que a cousa estava suspensa) huma espingardada por hum braço, que o obrigou a se sahir da batalha, com o que o seu exercito se perdeo de todo, e dos seus ficáram mais de dez mil mortos, e da parte de Cilim mais de quinze mil. Bajazeto se recolheo a Licaonia, e alli recolheo as reliquias do exercito, e se lhe ajuntáram outros de novo; e todavia desconfiado de sua ventura, se passou á Per-

sia

ſia com tres filhos, o maior de dezoito annos, deixando a mulher prenhe com algumas filhas, e naquelle Reyno foi recebido não com boa graça, porque ſe receou de ſe quebrarem as pazes com o Turco por aquelle reſpeito: e todavia mandou-o agazalhar, e ao ſeu exercito, que era de mais de vinte mil homens. Dizem alguns que em ſatisfação deſta hoſpedaria o aconſelhára hum Baxá dos ſeus, que não ſei ſe foi Raitan, que hum dia diſſimuladamente mataſſe aquelle Rey, e que pela ventura lhe abriria ſua fortuna caminho pera ſer Rey da Perſia, do que aquelle Rey fora aviſado; e dando conta diſſo a ſeus Soltões, lhe aconſelháram que o mataſſe elle primeiro: o que não quiz conſentir, dizendo que iſſo não entrava nas leis da hoſpedagem; mas por ſe não ficar temendo delle, o prendêra a elle, e aos filhos, e todos os Turcos que com elle foram, e poucos, e poucos os mandára matar. Cilim, o que ficava já com direito do Reyno adquirido, aſſim por vontade do pai, como pelas armas, mandou Embaixadores ao Perſa, por quem lhe mandava pedir ſeu irmão, offerecendo-lhe por iſſo huma grande ſomma de ouro: ao que o Perſa não deo orelhas, porque foi a embaixada da parte do pai Solimão. Tanto, que o Solimão deſpedio Embaixadores, e por elles lhe mandou

pe-

pedir ſeu filho, e que ſe lho não déſſe, proteſtava de lhe fazer cruelissima guerra a fogo, e a ſangue: e apôs os Embaixadores deſpedio Portan Baxá com hum muito groſſo, e poderoſo exercito pera entrar pelos confins da Perſia. A eſtes Embaixadores reſpondeo logo o Perſa melhor, e lhe entregou o Principe Bajazeto, e ſeus filhos por huma grande ſomma de dinheiro com voz de pagar o Turco o que o Perſa gaſtára com ſeu filho, e netos filhos do Bajazeto. Entregues os pobres Principes aos Embaixadores, os foram affogando, ou atoſſigando pelo caminho, e o meſmo mandou o Turco Solimão que ſe fizeſſe ás filhas, que lhe ficáram, e ainda á que pario a mulher: pelo que com razão ſe póde dizer, que he melhor ſer porco do Turco, que ſeu filho. Em quanto eſtas couſas duráram, a noſſa fortaleza de Ormuz o ſentio, porque lhe faltáram Cafilas, que he o remedio daquella fortaleza.

DE-

DECADA SETIMA.
LIVRO IX.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

Da grande Armada, com que o Viso-Rey D. Constantino partio pera Jafanapatão: e do que lhe succedeo até chegar lá.

TOdo o inverno gastou o Viso-Rey D. Constantino em concertar a Armada, que havia de levar a Jafanapatão, e em ajuntar os petrechos pera aquella jornada; e na entrada de Agosto poz no mar todos os navios prestes, e apparelhados, e os proveo de mantimentos, e munições, e começou a fazer paga geral a todos. E já quando entrou Setembro estava tudo tão prestes, que se embarcou o Viso-Rey; e entregando primeiro o governo a D. Pedro de Menezes o Ruivo, que era Capitão de Goa, deixou re-

regimento ao Licenciado Belchior Serrão, Veador da fazenda, pera ir fazer a carga das náos a Cochim, e lhe deixou todos os poderes na fazenda pera tudo o que se offerecesse.

E porque a Cidade de Damão era ganhada de pouco, e elle hia pera longe, receando-se que os Abexins, como o vissem apartado, a quizessem commetter, e inquietar, despachou alguns Capitães com soldados pera irem residir naquella fortaleza. E dos que pudemos saber os nomes foram, D. João da Costa, Luiz Alvares de Tavora, Alvaro Dias de Sousa de Arronches, João Nunes, Estevão Fernandes, e outros, que ficáram negociando pera com seus soldados se irem metter naquella fortaleza.

Estando o Viso-Rey já na barra despachando as derradeiras cousas pera dar á véla, sendo quatro de Setembro, chegou a náo Conceição, que o anno passado ficou invernando em Moçambique, e logo ao outro dia chegáram dez, ou doze navios de Chaul, e Baçaim pera o acompanharem naquella jornada. Antre estes vinha D. Pedro de Almeida Capitão de Baçaim, que deixou a fortaleza entregue a Manoel da Veiga, Feitor, e Alcaide mór. Vinha mais D. Luiz de Almeida seu irmão, e Ayres de Saldanha, e outros Fidalgos. E sabendo o Viso-Rey

Rey vir alli D. Pedro de Almeida, e que deixára a sua fortaleza, (sobre outros bicos, que eram passados, de que o Viso-Rey D. Constantino estava arrufado,) o não quiz ver, antes lhe mandou tomar a menagem pelo Ouvidor geral, e que se fosse prezo pera hum dos Paços da Ilha; e os navios, que tinham vindo nesta companhia, mandou armar de novo, e os repartio por Ayres de Saldanha, e outros. E vespera de nossa Senhora a sete de Setembro se fez á véla com huma formosa Armada de doze galés, e dez galeotas, e setenta navios de remo, antre fustas, e catures.

Os Capitães das galés eram, o Viso-Rey da galé Real; D. Antonio de Noronha Catarraz, da galé Sant-Iago; Bastião de Sá, da galé S. Luiz; Martim Affonso de Miranda, da galé S. Miguel; André de Sousa, filho do Veador do Cardeal D. Henrique, da galé Vitoria; Fernão de Sousa de Castello-branco, da galé Conceição; Gonçalo Falcão, da galé Chagas; Leonel de Sousa, da galé Monserrate; D. Leoniz Pereira, e Ayres Falcão em outras duas.

Os das galeotas eram, Duarte do Soveral, que o Viso-Rey levava pera se passar a ella, sendo necessario; D. Antonio Manoel, Francisco de Mello irmão do Monteiro mór, D. Jorge de Menezes, que depois foi Al-
fe-

feres mór do Reyno ; Ayres de Saldanha, Martim Affonſo de Mello, de alcunha Hombrinhos ; Jorge de Moura, Fernão Gomes Cordovil, Lourenço Pimentel, em huma galeota, que foi de Rumes, e outros.

Das fuſtas eram Capitães, D. João de Caſtello-branco, filho de D. Pedro de Caſtello-branco, que foi Capitão de Ormuz, e irmão do Conde de Villa-nova, Henrique de Sá, Franciſco de Souſa Tavares o Coxo, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Franciſco de Almeida, que depois foi Capitão de Tangere, D. Filippe de Menezes, irmão de D. João Tello, que depois foi hum dos Governadores do Reyno, Alvaro de Mendoça, Pero de Meſquita, Pero Peixoto da Silva, Nuno de Mendoça, D. Paulo de Lima, Nuno Furtado de Mendoça, D. Payo de Noronha, Fernão de Caſtro, Triſtão de Souſa, filho do Governador Martim Affonſo de Souſa, Fernão de Miranda de Azevedo, filho de Antonio de Miranda, que foi Capitão mór do mar da India no tempo das differenças de Pero Maſcarenhas com Lopo Vaz de Sampaio, D. Pedro de Caſtro, filho de D. Diogo de Caſtro, Alcaide mór de Evora, João Lopes Leitão, Manoel de Mendanha, Affonſo Pereira de Lacerda, Gil de Goes, Martim Affonſo de Souſa, Pero de Mendoça, a quem chamavam Larim, por

por ſer muito magro, filho de Triſtão de Mendoça, Baſtião de Rezende, filho natural de Garcia de Rezende, o que fez a Chronica de ElRey D. João o II. Antonio Ferrão caſado com huma filha baſtarda de Nuno da Cunha, Agoſtinho Nunes, filho de Leonardo Nunes, Fyſico mór de ElRey D. João, Bartholomeu Chanoca, Secretario do Eſtado, Vicente Carvalho, Franciſco da Cunha, Luiz de Aguiar, Pollinario de Valdarrama, Eſtribeiro do Viſo-Rey, que levava os ſeus cavallos, Manoel da Silveira, André de Villalobos, Antonio Nunes de Cananor, Chriſtovão de Faria, Pero Semxemos, Duarte Ferreira, Diogo Madeira, Jeronymo de Magalhães, e outros muitos, a quem não achámos os nomes.

E ſeguindo o Viſo-Rey ſua viagem com toda eſta frota, ſendo tanto ávante como os Ilheos de Onor, lhe deo hum tempo da banda do Sudueſte tão rijo, que foi forçado a toda a Armada virar-lhe as poppas; e com muito trabalho foram ferrar os Ilheos de Angediva, onde ſe detiveram quatro, ou ſinco dias, até ceſſar o vento, que tornáram a ſeu caminho, e em poucos dias chegáram a Cochim, onde o Viſo-Rey entrou pera dar ordem a muitas couſas, e a Cidade lhe fez hum muito grande recebimento; mas não quiz tomar caſas, e na ſua

ga-

galé esteve despachando muitos negocios, e despedio Fernão Gomes Cordovil pera ir á povoação de S. Thomé, e fazer passar aquelles moradores pera Jafanapatão, a quem escreveo cartas muito honradas, em que os persuadia a isso; porque nem ao credito Portuguez, nem a elles lhes convinha ficarem naquella povoação, offerecidos ás afrontas, e injurias, que cada vez que os Canarás quizessem, lhes poderiam fazer. E que o Reyno de Jafanapatão era de muitos, e bons portos, onde poderiam ter por mar seus tratos, e mercadorias; e que a terra era muito fertil, e abastada de tudo; e que elle partiria com todos de feição, que ficassem vivendo nella mais abastados, e com menos sobresaltos; e que estivessem prestes pera quando lhes elle mandasse embarcações pera se passarem nellas. E ordenou ficar Bastião de Sá na costa do Malavar com a sua galé, e seis navios mais, de que eram Capitães Luiz Freire de Andrade, que foi Capitão de Chaul, naquelle memoravel, e admiravel cerco, que lhe poz o Nizamoxá, sendo Viso-Rey da India D. Luiz de Taíde; Gomes Eannes de Freitas, Gonçalo Lopes de Carvalho, Luiz Tavares de Carvalho, Domingos de Coimbra, e Diogo Lourenço.

Dada ordem a todas as cousas, se sahio o Viso-Rey pera fóra, e em sua companhia

o Bispo de Cochim D. Jorge Themudo em huma galeota, que o quiz acompanhar naquella jornada, por ser da sua jurdição aquella Ilha, e sinco, ou seis navios mais, que se armáram naquella Cidade. Com toda esta Armada passou o Cabo Comorim, e foi até os baixos de Chilao; e pelos não poderem passar as galés, as despedio pera Cochim, entregues a Vicente Correa, Patrão mór da India, e o Viso-Rey se passou á galeota de Inofre do Soveral, e os Capitães das outras galés a outros navios de remo, e só Ayres Falcão foi passando na sua galeota; e indo todos no meio dos baixos, só elle encalhou nelles á véla; e dando-lhe hum mar por poppa mui grande, que vinha encapellando, a tornou a alevantar, e com aquella furia os passou da outra banda sem perigar, e dalli foi com toda a Armada surgir sobre Jafanapatão.

CAPITULO II.

Do conselho que o Viso-Rey D. Constantino teve sobre o modo da desembarcação: e de como sahio em terra, e ganhou a Cidade: e das cousas, que na entrada della passáram.

SUrto o Viso-Rey sobre a Cidade de Jafanapatão, se deteve dous dias em tomar conselho no modo que se teria na desembarcação, sobre o que houve antre os Capitães differentes pareceres, e todos votáram conforme as informações, que tinham tomado de homens que sabiam a terra « que affir- » mavam não ter a Cidade mais que duas » partes por onde se podia desembarcar. » A primeira, e mais commua, que se cha- » ma o caes dos Elefantes, que fica na en- » trada da Cidade, assim como está o caes » da pedra em Lisboa, ou o caes da Al- » fandega em Goa, que aquelle Rey tinha » mui fortificada com tranqueiras, e artilhe- » ria. A outra era dalli a meia legua affas- » tada da Cidade, que ainda que fosse de » mór trabalho, que seria de menos risco; » porque não se receava della aquelle Rey. » Por esta parte votáram os mais do conselho, que se havia de desembarcar.

Assentado em ser por esta parte, deo o

Viſo-Rey ordem á deſembarcação, e fez alardo de toda a gente, e não achou mais que mil e duzentos homens, recebendo ſoldo em Goa mais de quatro mil, (por ſer coſtume, quando os Viſo-Reys ſe embarcavam, pagarem geralmente a todos até os Officiaes Portuguezes, e caſados, e embarcarem-ſe os que quizeſſem; porque com eſta largueza, e liberalidade ſe engrandeceo, e ſuſtentou ſempre eſte Eſtado.) De toda eſta gente fez o Viſo-Rey D. Conſtantino ſinco bandeiras de duzentos homens cada huma, de que fez Capitães Luiz de Mello da Silva, a que tinha dado a dianteira daquella jornada, D. Antonio de Noronha o Catarraz, Martim Affonſo de Miranda, Gonçalo Falcão, e Fernão de Souſa de Caſtello-branco, e o Viſo-Rey ficou pera ir na reta-guarda com a bandeira de Chriſto, com todos os Fidalgos aventureiros, e gente da ſua ordinaria, que fazia hum muito arrezoado corpo.

Poſto tudo em ordem, mandou o Viſo-Rey armar hum Altar em huma Ilheta, que alli eſtava, em que ſe diſſe huma mui devota Miſſa a noſſa Senhora, em que elle, e a mór parte dos Fidalgos, e gente da Armada commungáram com muita devoção, e o Biſpo de Cochim os abſolveo geralmente, e concedeo os grandes, e plenarios jubi-

bileos, que os Summos Pontifices passáram á instancia de ElRey D. Manoel pera todos os que na India fossem mortos na guerra, pelejando pela Fé de Christo. Acabado este santo, e divino acto, jantáram, e das duas horas por diante commettêram a desembarcação; e ao pôr dos pés em terra, lhes veio o Principe herdeiro do Reyno dar vista com dous mil homens, e elle se conheceo diante com hum escudo todo branco, fazendo suas algazaras, e roncas, como homens, que se punhão em som de defender a desembarcação. Mas em os navios pondo as proas em terra, os varejáram com os falcões de feição, que largáram o campo, e se foram recolhendo pera os matos, sem apparecer mais hum só, e os nossos tiveram tempo de se pôrem em terra muito á sua vontade; e o primeiro Capitão, que saltou nella, foi Gonçalo Falcão, por huma desconfiança com que ficou de certas palavras, que no conselho teve com o Viso-Rey sobre a desembarcação.

Postos todos os nossos em terra, ordenáram suas bandeiras, e diante de todas se alevantou no ar a de Christo crucificado, que hum Padre de S. Domingos levava em huma comprida hastea, pera que fosse vista de todos os que á sombra della haviam de pelejar, e alli foi adorado de todos, e acclamado com geraes vozes. Logo começou

Luiz

Luiz de Mello da Silva, que tinha a dianteira, a marchar pera a Cidade, guiado da gente que ſabia o caminho, e logo apôs elle D. Antonio de Noronha o Catarraz, que ſe foi deſviando, e atraveſſando huns matos; de maneira, que quando tornou a ſahir ao campo, ſe achou diante de Luiz de Mello da Silva; e parando, lhe mandou dizer « que » paſſaſſe ávante, porque elle ſe hia deten» do pera o acompanhar: » e aſſim foram até haver viſta da Cidade, que tinha pera aquella parte huma formoſa rua, e no meio della eſtavam duas peças de artilheria groſſas, cubertas com folhas de palmeira pera os noſſos as não verem.

E commettendo Luiz de Mello da Silva a rua, lhe diſſe D. Fernando de Menezes o Narigão (que hia diante) « que viſſe como » hia, porque aquillo que apparecia, era ar» tilheria. » E ainda não tinha acabado de o dizer, quando ſe deſparou huma das peças: e quiz noſſo Senhor que ſobrelevaſſe, porque lhe puzeram o ponto alto, e foi paſſando por ſima, ſem fazer damno. Vendo Luiz de Mello da Silva aquillo, mandou dizer a todos que ſe encoſtaſſem ás caſas de huma, e outra banda, que todas tinham grandes alpendres lançados pera fóra, e debaixo delles ſe foram acolhendo, o que não pode ſer tão apreſſado, que não vieſſe pela

rua abaixo o outro pelouro com grande estrondo, e terremoto; e como vinha mais rasteiro, tomou o Alferes da bandeira de Luiz de Mello da Silva (que era hum João Sardinha) pelas pernas, e lhas quebrou, cahindo logo alli morto, e de passagem levou outras duas pessoas, em que entrava hum Castelhano; e parece que alguma pequena de ferrugem alcançou a Luiz de Mello da Silva pela maçã do rosto, que lhe fez huma pequena ferida, de que lhe corria muito sangue pelas formosas, e compridas barbas, que o fazia mais formoso, e gentil-homem. Ao mesmo tempo que o Alferes cahio com a bandeira, acudio João Pessoa, filho de Antonio Pessoa, que hia alli perto, e alevantou logo a bandeira no ar, e começou a marchar pela rua adiante, até a pôr sobre as peças da artilheria; e todavia primeiro veio o outro pelouro, que levou quatro, ou sinco homens da companhia de Ayres de Saldanha, que hia nesta de Luiz de Mello da Silva.

Ganhada a artilheria, mandou Luiz de Mello da Silva recado ao Viso-Rey, e elle passou adiante, rompendo por nuvens de fréchas, e pelouros, de que alguns ficáram escalavrados. A D. Filippe de Menezes deo hum pelouro no nó da garganta; e foi tão venturoso, que resvelou, sem lhe fazer mais

da-

damno, que deixar-lhe na cabeça do nó huma nodoa muito vermelha, e formosa.

O Principe de Jafanapatão acudio áquella rua por onde os nossos hiam, e teve com elles huma briga, que durou pouco, porque ás lançadas o foram levando até o cabo da rua, e se metteo por outra, que vinha sahir áquella, por onde tomou Gonçalo Falcão com a sua bandeira, e deo com a gente do Principe, com quem teve huma arrezoada batalha, e com muito risco; porque de sima dos telhados, e dos quintaes das casas fréchavam os nossos á sua vontade.

O Viso-Rey vinha já entrando a rua grande em sima de hum formoso cavallo á estardiota, armado de boas armas, com o guião de Christo diante, e cercado de muitos Fidalgos, e Cavalleiros; e chegando-lhe novas que Gonçalo Falcão estava em aperto, disse áquelles Fidalgos, e Capitães que o soccorressem, e foi a tempo que chegava a elle D. Antonio de Noronha o Catarraz com sua bandeira; e ouvindo, lhe disse: Eu, Senhor, basto pera isso; e virando, foi pela rua adiante, até chegar á parte, onde Gonçalo Falcão estava apertado, e com sua chegada se largou logo a rua, onde estava huma peça de artilheria, que os nossos viráram pela rua abaixo, que hia pera o caes dos Elefantes, onde estava ElRey com todo o poder;

e

e dando-lhe fogo, foi fazer antre elles grande destruição.

ElRey vendo as cousas tão mal paradas, e que a Cidade estava entrada dos nossos, se foi recolhendo com todo o poder pera os seus Paços (que era huma fortaleza arrezoada) com tenção de se defender nella. Luiz de Mello da Silva foi entrando por huma rua muito larga, que hia ter ao terreiro dos Paços, e no cabo della se deteve, e mandou recado ao Viso-Rey pera saber o que queria que fizesse, e elle se abalou assim a cavallo, até chegar a Luiz de Mello da Silva, a quem disse palavras muito honradas. E por ser já isto sobre a tarde, assentou com os Capitães, que passassem alli aquella noite, e que ao outro dia commetteriam as casas de ElRey, onde já sabia que estava fortificado. E logo ordenou o modo que se teria na guarda da rua, e da noite, e repartio as ruas, que hiam sahir ao terreiro, pelos Capitães das bandeiras, pera nas bocas dellas se fortificarem, como começáram a fazer, derribando pera isso algumas casas; e todas as mais, que havia por aquellas ruas, que eram cubertas de palha, as mandáram descubrir, porque os inimigos lhes não puzessem o fogo pelos não embaraçar. O Viso-Rey ficou na boca da rua grande sobre hum baileo, onde lhe lançáram

ram huma alcatifa com algumas almofadas em que paſſou toda a noite armado, e dalli deſpedio hum Capitão á Armada pera lhe trazerem mantimentos, e munições; o que ſe fez com muita preſſa, ſem acharem quem lho eſtorvaſſe. Alli paſſáram os noſſos toda a noite com grande vigia, e com as armas ſempre nas mãos, e o Viſo-Rey lançou algumas eſpias fóra pera ſaber o que ElRey fazia, e ſe bullia comſigo.

O Principe não ſe quiz recolher com o pai na fortaleza, antes ficou de fóra com toda ſua gente; e tanto que vio os noſſos fortificados nas bocas das ruas, determinou logo de lhes dar pelas coſtas no quarto dante alva, pera o que lançou tambem algumas eſpias, pera verem o modo de como os noſſos eſtavam. E deſtas, huma dellas foi pera huma rua, onde D. Antonio de Noronha eſtava com ſua companhia, e de longo das paredes muito encubertamente ſe foi chegando pera as eſtancias; e quiz Deos que andaſſe vigiando na meſma rua, paſſeando affaſtado da gente, hum ſoldado, que ſe chamava Franciſco da Coſta, (que ainda hoje vive, caſado neſta Cidade de Goa, rico, e honrado,) e acertou de enxergar huma peſſoa; e indo-ſe chegando pera ella, a eſpia que o vio, pera mór diſſimulação, ſe poz em cócaras, como que fazia ſuas neceſſidades;

pera que cuidasse na segurança com que espera que cuidasse na segurança com que estava, que era moço da companhia. E chegando Francisco da Costa a elle, lhe perguntou quem era, e ainda lhe lançou a mão a hum braço; ao que o negro quiz escapulir, mas não pode, porque o Francisco da Costa se liou logo com elle, e nos braços o levou a D. Antonio de Noronha, e lhe deo conta do estado em que o achára; e elle lhe disse, que o levasse ao Viso-Rey, pois o tomára, pera que elle lho agradecesse; e assim o fez. O Viso-Rey o mandou amarrar, e pôr a tratos, e no primeiro confessou « que o Principe mandára por elle » espiar o modo de como estava, porque » determinava de dar nelle no quarto dante » alva, que tinha lançadas outras oito, ou » dez espias, e que ElRey estava forte nos » seus Paços, e que o Principe estava com » dous, ou tres mil homens esperando reca- » do das espias pera dar nos nossos. »

O Viso-Rey depois de ser informado do que quiz, mandou avisar todos os Capitães, pera que estivessem prestes, e não houvesse descuido. Com o que todos se puzeram em pé, e com as armas nas mãos, aguardando a hora, e assim estiveram até amanhecer sem haver rebate algum; porque parece que ao recolher das espias, que o Principe tinha lançado fóra, faltou esta; e ima-

imaginando que poderia ſer tomada, e que os noſſos eſtariam ſobre aviſo, deſiſtio da ſua determinação, e foi-ſe pera ElRey, que com as novas, que lhe elle deo, aſſentou de não eſperar alli o Viſo-Rey. E mandando tirar dalli com muita preſſa as couſas de mór importancia, tanto que o quarto dalva entrou, deo fogo aos Paços, e ſe foi recolhendo pera huma fortaleza, que eſtava dalli legua e meia, toda de adobes, com ſeus baluartes, e cubellos, mui bem feita, e arrezoadamente forte.

O Viſo-Rey vendo aquelle fogo, logo lhe pareceo o que podia ſer, e não quiz que ſe bulliſſe em couſa alguma até amanhecer de todo, que vio o incendio dos Paços, e logo teve aviſo de tudo o que era paſſado; e ordenando ſuas bandeiras na fórma em que até alli foram, foi entrando a Cidade, que era grande, e a acháram deſpejada, porque ſeus moradores ſe recolhêram ás aldeas vizinhas, e aſſim ficáram os noſſos ſenhores della, e do caes dos Elefantes, onde eſtava a mór parte da ſua artilheria, e de algumas couſas, que os ſoldados ainda acháram. E de hum ſeu principal Pagode leváram ao Viſo-Rey hum dente encaſtoado, a que commummente chamavam de bugio, que era havido antre aquelles Gentios todos pela mais religioſa couſa de to-

das

das as de ſua adoração; do que o Viſo-Rey foi logo aviſado, e lhe affirmáram que era o mór theſouro que podia haver, porque lhe haviam de dar por elle grande ſomma de ouro.

Haviam aquelles Gentios que aquelle dente era do ſeu Budão, (que he aquelle ſeu grande Santo, de que já démos conta nas outras Decadas, quando fallámos na pégada do pico de Adão, e na povoação da Cidade de Pegú.) Eſte Budão tem elles em ſua lenda, que depois que ſe foi de Ceilão andou pelas partes de Pegú, e por todos aquelles Reynos, convertendo Gentios, e fazendo milagres; e que quando quiz morrer, arrancou da boca aquelle dente, e o mandou a Ceilão por mui grande reliquia ſua. E aſſim era havida por tão grande antre elles, e antre toda a gentilidade dos Reynos de Pegú, que não havia couſa, que ſobre todas mais eſtimaſſem; e tanto, que achando-ſe ElRey D. João da Cota em neceſſidade, fingio hum dente falſo, e o engaſtou em ouro, e lhe mandou fazer huma charola muito cuſtoſa em que o metteo, e o mandou muito eſcondido dos Portuguezes a ElRey de Pegú, que o recebeo com as móres feſtas, que ſe podem imaginar, de que adiante com o favor Divino na VIII. Decada daremos mais larga relação; e aquelle Rey lhe

lhe mandou huma formosa náo carregada de mantimentos, e de outras cousas de presente com a náo, e tudo o que nella vinha: e assim affirmáram ao Viso-Rey que aquelle Rey lhe daria por aquelle dente hum thesouro grande.

CAPITULO III.

De como o Viso-Rey D. Constantino foi contra a fortaleza, onde ElRey estava, e a achou despejada, e mandou alguns Capitães em seguimento de ElRey: e do extremo em que o puzeram, até chegar a commetter partidos.

VEndo-se o Viso-Rey D. Constantino senhor da Cidade, e sabendo por espias que ElRey se tinha acolhido a huma fortaleza dalli legua e meia, determinou de ir sobre elle, e primeiro deo ordem a algumas cousas. E antre ellas foi mandar ás aldeas vizinhas seguros reaes, e lançar pregões, pera que os naturaes lhe levassem os mantimentos que tivessem, que lhos pagaria muito bem; e que os moradores da Cidade se viessem morar em suas casas, e lhes fariam todos os favores, e dariam todas as liberdades que quizessem; com o que começáram a vir, e os Aldeãos a trazer gallinhas, frangãos, manteiga, figos, e outras cousas

muitas em grande abundancia. E porque faltava arroz, despedio logo huma embarcação com cartas pera João Fernandes Correa, Capitão de Negapatão, em que lhe rogava que o soccorresse com todo o arroz que pudesse: e deo ordem pera se ajuntarem todas as embarcações que havia na terra, e por aquella costa, que foi huma mui grande somma, e as mandou a S. Thomé pera se embarcarem nellas os moradores daquella povoação, a quem de novo escreveo cartas muito honradas, em que lhes pedia, e rogava se passassem pera aquelle Reyno, onde viveriam fartos, ricos, e sem sobresaltos, como lá tinham cada dia; e que com todos partiria as terras, e aldeas, que eram muito prosperas, e abundantes as que lhes queria entregar.

Despachadas estas cousas, e outras, tratou o Viso-Rey de ir em pessoa contra aquelle Rey, e de o acabar de destruir de todo pera mais segurança daquellas terras; porque era tão máo, e cruel, que á porta dos seus Paços acháram os nossos hum cepo mui façanhoso, em que mandava cada dia degollar muitos dos seus vassallos: e pera o fazer não eram necessarios muitos processos, nem provas de crimes, porque bastava pera isso hum muito pequeno mexerico, e ainda huma suspeita, imaginação, ou sonho. Depois de ter pres-

preſtes todas as couſas, que lhe eram neceſſarias pera a jornada, deixou alguns Capitães de navios em guarda da Cidade, e do Biſpo de Cochim, que alli ficou com o Cuſtodio de S. Franciſco, e alguns Religioſos de ſua Ordem, que com aquelle zelo, que ſempre tiveram pera as couſas de noſſa Religião, e augmento de noſſa Santa Fé Catholica, começáram a converter alguns naturaes, e bautizar com grande amor, e caridade. O Viſo-Rey foi marchando pera a fortaleza na meſma ordem com que entrou na Cidade, levando Luiz de Mello da Silva a dianteira, e no meio toda a bagagem, e artilheria, com que ſe havia de bater a fortaleza; e chegando á viſta della, lhe ſahíram as eſpias, que tinha lançado diante, que lhe diſſeram, que áquella hora ſe partíra El-Rey dalli, porque não ouſava ao eſperar, e que a fortaleza eſtava deſpejada.

Com eſte alvoroço entrou o Viſo-Rey D. Conſtantino na fortaleza com grandes feſtas, e ſalvas de arcabuzaria, e mandou arvorar a bandeira das armas de Portugal ſobre as ameias, tomando pacificamente poſſe della, como já o Duque D. Gemes ſeu pai fizera á famoſa Cidade de Azamor em Africa. Aquelle dia ſe apoſentou na fortaleza; e ao outro ordenou por conſelho geral que ſe ſeguiſſe ElRey, pois hia desbaratado,

até

até o haverem ás mãos, e que fossem a isso quatro Capitães, Luiz de Mello da Silva, Martim Affonso de Miranda, Gonçalo Falcão, e Fernão de Sousa de Castello-branco. E porque sobre o mando, e governo começou antre elles haver duvidas, e differenças, lhes entregou o Viso-Rey tres dados, e lhes mandou, que cada dia lançassem sortes; e ao que lhe cahisse maior, esse governasse esse dia, com o que se aquietáram, levando aquelle primeiro Luiz de Mello da Silva a dianteira, e o governo sem sorte, por assim o consentirem todos.

Assim foram caminhando, guiados de algumas espias, que os foram desviando do caminho, que ElRey levava, de pura malicia; e de volta em volta lhes fizeram gastar tres dias, até chegarem a hum rio, que divide as terras de Jafanapatão das do Reyno de Trinquinimalle, que seria caminho de oito leguas da fortaleza. Alli achˆaram novas ser ElRey passado á outra banda, o que elles tambem fizeram logo, e da outra parte achˆaram perto de quarenta homens descabeçados, que pareciam Chingallás mortos daquelle dia, porque parece que hia ElRey perto, e não se soube o que aquillo seria; mas como era cruel, e máo, presumio-se que tomaria delles alguma suspeita, e por isso mandaria fazer nelles aquella carniçaria.

E da outra banda do rio deram em hum caminho largo, por onde marcháram até darem em outros eſtreitos, que acháram entupidos com grandes arvores, que os inimigos foram cortando de huma, e outra parte pera entreterem os noſſos, e por elles paſſáram com grande trabalho. E tanto que anoitecia, aſſentavam o ſeu arraial na parte que lhes melhor parecia, onde paſſavam toda a noite com grandes vigias. Deſta maneira caminháram ſinco dias, achando por todo aquelle caminho muitas aldeas, onde compravam vacas, leite, gallinhas, e outras couſas.

No cabo deſtes dias a horas de jantar houveram viſta do arraial de ElRey, que eſtava no cabo de humas varzeas, com as coſtas em hum grande, e eſpeſſo mato; e tão de ſupito o tomáram, que não teve mais tempo que de ſe pôr em hum Elefante, e caminhar, e apôs elle todos os ſeus, deixando no lugar onde eſtavam as panellas com o comer ao fogo. Os noſſos Capitães, que hiam com aquelle deſejo de ſe encontrarem com elle, tanto que víram o arraial, cuidando que ElRey os eſperaſſe, o foram demandar poſtos em ordem de batalha; e chegando áquelle lugar, acháram tudo o que elles tinham pera jantar, e o arroz ainda quente, que os noſſos eſtimáram muito.

E

E porque era o Sol grande, repousáram alli, e descançáram do trabalho do caminho; e tomando conselho sobre o que fariam, assentáram, que se fortificassem muito bem alli, e se deixassem ficar, e mandassem recado ao Viso-Rey de tudo o que passava, e que o que elle determinasse, se faria, porque alli ficavam seguros, e pelas aldeas que estavam perto havia vacas, e outras cousas, de que se poderiam sustentar até o Viso-Rey os prover. E assim o fizeram, despedindo logo o recado apressado, que tanto que o Viso-Rey o teve, logo mandou por todos os marinheiros da Armada muito arroz, munições, e outras cousas, e lhes escreveo que se deixassem alli estar até seu recado, e elles assim o fizeram.

Vendo-se aquelle Rey com o Reyno perdido, e elle perseguido dos nossos, até o lançarem fóra das suas terras, houve por melhor conselho mandar pedir pazes ao Viso-Rey, e conceder-lhe o que pedisse, antes que perder tudo, e assim despedio seus Embaixadores logo, que o Viso-Rey ouvio; e vindos a concertos, assentáram-se as pazes com as condições, e apontamentos seguintes.

« Que elle Rey ficasse no seu Reyno como dantes, e jurasse a seu modo vassallagem a ElRey de Portugal, com certas pareas, de que não achámos lembrança,

» e que lhe entregaria logo todo o thesou-
» ro que tomou a Tribulli Pandar, e sua
» nora mulher de ElRey da Cota; e que
» em refens de cumprir isto, entregaria o
» Principe herdeiro.» Assentados, e assina-
dos os concertos, entregou logo o Princi-
pe, que o Viso-Rey mandou pera a Arma-
da a bom recado. Em quanto isto se tratou,
que foram mais de quinze dias, passáram os
nossos Capitães, que foram no alcance de
ElRey, tamanhas fomes, e necessidades,
por se lhes ter gastado o arroz que lhes man-
dáram, e despovoado as aldeas com medo,
que foi necessario aos Capitães espalharem
os soldados em magotes pera irem pelas al-
deas buscar algumas cousas pera comerem;
e assim da fome, como do trabalho adoe-
cêram a mór parte delles, e não escapáram
a estes trabalhos os que ficáram na Cidade,
nem os da companhia do Viso-Rey, que
nisso proveo o melhor que pode, e mandou
recolher todos os enfermos na fortaleza,
onde morrêram muitos, e os mais convale-
cêram muito devagar, por lhes faltarem os
remedios.

Entregue o Viso-Rey do Principe, se
passou pera o rio no cabo das terras, e man-
dou recolher os Capitães, que estavam da
outra parte, e elle se deteve alli mais de
quinze dias, em que lhe foram fazendo a
en-

entrega das cousas, que por contrato de pazes promettêra aquelle Rey, que poderiam montar perto de oitenta mil cruzados; e assim entregou algumas olas, em que estavam postas lembranças das partes, em que na Copta tinha enterrados os thesouros de Tribulli Pandar. Neste tempo foi ter com o Viso-Rey João Fernandes Correa, Capitão de Negapatão, que depois que lá teve as cartas do Viso-Rey, lhe mandou logo muitas embarcações carregadas de arroz, de que a Armada se proveo, e apôs isto partio elle em alguns navios pera se achar naquella jornada, que o Viso-Rey recebeo bem, e lhe fez honras, e mercês.

Quasi no mesmo tempo chegáram tres moradores da povoação de S. Thomé dos mais honrados, e antigos com a resposta das cartas, que lhes o Viso-Rey escreveo sobre a mudança pera o Reyno de Jafanapatão, por quem lhe mandavam todos grandes desculpas de não fazerem o que lhes mandava pedir; porque quando tratáram ultimamente de se embarcarem, foi muito duro a todos de deixar suas casas, hortas, chãos, e quintas, que foram de seus antepassados, e que elles tinham grangeado de tantos annos a esta parte: « E que tambem não era justo » se despovoasse aquella terra, onde estava » o corpo do Bemaventurado Apostolo S. » Tho-

» Thomé, que cada dia refplandecia com
» milagres novos, com o que elles viviam
» contentes, e confolados, pedindo-lhe dif-
» fo grandes perdões. » E como o Vifo-Rey
eftava já avifado de tudo por cartas de Fer-
não Gomes Cordovil, não quiz ver; nem
fallar a eftes homens, e no cabo de muitos
dias os defpachou mal.

CAPITULO IV.

*Do alevantamento que houve contra os nof-
fos em Jafanapatão: e do cerco que pu-
zeram á fortaleza: e de como o Vifo-Rey
efcapou da conjuração, e fe recolheo por
mar á Armada: e do foccorro que man-
dou á fortaleza, de que foi por Capitão
mór D. Antonio de Noronha: e do que
lhe aconteceo na jornada.*

EStando as coufas nefte eftado; efperan-
do o Vifo-Rey que aquelle Rey lhe aca-
baffe de fazer entrega dos thefouros do Tri-
bulli Pandar, (porque pela informação que
tinha, efperava de haver mais de trezentos
mil cruzados,) ordenáram os naturaes de
todo o Reyno huma conjuração geral contra
os noffos: e a caufa, nem o author della fe
foube nunca; mas foi defta maneira. Eftan-
do todos bem defcuidados, deram de fupi-
to em hum mefmo dia, e tempo em todas
as

as partes em que os nossos estavam, e todos os que acháram foram mettidos á espada, sem perdoarem a algum. O Bispo D. Jorge Themudo, que estava na Cidade, milagrosamente escapou de ser tomado ás mãos, e com grande trabalho, e risco de sua pessoa se recolheo aos navios, ficando todavia alli alguns dos nossos mortos, e nas aldeas vizinhas todos os que por lá acháram, (sendo a mór parte Christãos da terra moços de Portuguezes, e compradores.) Os que foram dar na fortaleza, e nas aldeas, que por alli havia, acháram o Custodio de S. Francisco com alguns Religiosos companheiros, que andavam fazendo Christãos, e todos foram mettidos á espada, padecendo glorioso martyrio pela Fé de Christo nosso Senhor; porque tão soffrego andava o Bispo nesta conversão, que não consentia tocarem-lhe nos catecúmenos; e se alguem lhes fazia algum nojo, ou aggravo, pelejava, e agastava-se muito, dizendo que lhe não tocassem em seus Anginhos; o que lhe elles pagáram tão mal, que trabalháram muito pelo haverem ás mãos.

Depois que estes conjurados deram em todas as partes, e fizeram os damnos que temos dito, ajuntáram-se todos, e foram pôr cerco á fortaleza, onde já estava Fernão de Sousa de Castello-branco, que o Viso-Rey D. Constantino tinha mandado por Ca-

pi-

pitão della, que tambem foi doente; e lhe começáram a dar muitos assaltos. Os que ficáram pera dar no lugar, onde estava o Viso-Rey D. Constantino, tiveram tal ardil, que lhe lançáram alguns negros, poucos dias antes que se tinham feito domesticos, no seu arraial; e como sabiam que era o Viso-Rey D. Constantino affeiçoado á caça, por ter alguns dias ido a ella ahi á roda, o dia da conjuração geral lhe fizeram crer que alli em hum mato perto estavam alguns veados, pelo levarem pera aquella parte, onde lhe havia de arrebentar a cillada; e como o Viso-Rey era muito curioso disto, foi-se com poucos a buscar os veados, onde andou a mór parte do dia, e se recolheo sobre a tarde, sem lhe acontecer desastre algum; e depois que souberam da conjuração geral, se entendeo que escapára o Viso-Rey naquella ida que fez fóra, ou por não o ousarem accommetter de medo, ou pelas espias errarem o dia. Mas o mais certo he, que Deos nosso Senhor os cegou, e livrou o Viso-Rey; porque se deram nelle, tudo se perdêra, e nenhum dós nossos escapára, de quantos estavam naquelle Reyno, como tambem não escapáram os tres moradores de S. Thomé, que atrás dissemos, que o Viso-Rey D. Constantino despachou mal, e aquelle mesmo dia se apartáram delle, e

no

no caminho foram mortos com toda sua familia.

De tudo isto estava o Viso-Rey bem descuidado, quando ao outro dia pela manhã soube a verdade, e certeza da desaventura succedida; e receando-se de outras traições, despedio os Capitães das bandeiras pera se irem de longo do rio, caminho desviado do ordinario, e elle se embarcou em algumas manchuas, que alli sempre tinha pera o serviço, por lhe ficar dalli a serventia da Armada mais perto, porque naquella parte se hia encolhendo a terra pera dentro, e fazia huma enseada, com o que lhe ficava o mar em menos distancia que por terra.

E depois de chegar á Cidade, que soube o que era passado, e como a fortaleza estava cercada, e em muito aperto, despedio logo D. Antonio de Noronha o Catarraz com quatrocentos homens repartidos em bandeiras, de que eram Capitães João Fernandes Correa, Capitão de Negapatão, e André de Villalobos pera irem soccorrer a fortaleza, dando-lhes por regimento « que recolhessem tudo o que nella havia, e a despejassem, porque se assentou em conselho, » que já que os moradores de S. Thomé » não queriam vir povoar aquella Cidade, » que não havia pera que se penhorassem em » cousa, que depois désse trabalho ao Estado.»

E

E pera recolher tudo o que na fortaleza eſtava, levava D. Antonio de Noronha todos os marinheiros, ſervidores, e eſcravos da Armada, (porque havia na fortaleza mais de duzentos doentes, que ſe não podiam recolher por ſeus pés.) E em quanto D. Antonio de Noronha caminha, daremos conta das couſas, que ſuccedêram na fortaleza neſte tempo.

Cercada ella por todos os alevantados, determináram de a tomar á eſcala viſta, porque bem entendêram que o Viſo-Rey a havia de mandar ſoccorrer; e primeiro que o fizeſſe, quizeram averiguar eſte negocio, pera o que ordenáram eſcadas mui compridas de arequeiras; e em quanto as faziam, chegáram alguns de noite á falla com os noſſos, e lhes diſſeram « que o Viſo-Rey era » morto com todos os que com elle eſtavam, que por iſſo não eſperaſſem ſoccorro, e que ſe entregaſſem, que lhes dariam » as vidas, ſenão que ſoubeſſem que a todos » haviam de eſpedaçar.» De ſima lhes reſpondêram « que mentiam pera perros, cães, » que elles tinham já novas do Viſo-Rey, » (o que não era, nem ſabiam o que lá hia,) » e que elles eram os que haviam de pagar » aquelle atrevimento muito cedo. » E porque eſtes, que falláram com os noſſos, eram os que eſtavam na obra das eſcadas, que ſe fa-

faziam hum pouco desviado donde o arraial estava, ordenou Fernão de Sousa huma noite sessenta homens encamizados pera se conhecerem huns aos outros, que no quarto dalva sahíram em muito silencio; e dando de supito nelles, os cortáram á sua vontade, com tanta presteza, que primeiro elles sentíram a morte que os nossos, e lhes tomáram as escadas, com que se recolhêram a seu salvo.

D. Antonio de Noronha, que os hia soccorrer, foi caminhando, levando a dianteira João Fernandes Correa, e por todo o caminho foram pelejando com os inimigos, que lhe sahíram de emboscadas; e levou tal ordem, que não deixou desviar soldado algum, até haver vista da fortaleza, (que foi ao outro dia que elles amanhecêram com a vitoria das escadas.) Os inimigos vendo o soccorro, se affastáram. Aquelle dia, e noite passou D. Antonio de Noronha em dar ordem ao despejo da fortaleza nas cousas que se haviam de levar, que eram muitas, pera conforme os servidores que havia as haver de repartir.

Ao outro dia pela manhã entregou os doentes aos marinheiros que pera isso escolheo, e tirou fóra toda a artilheria que havia, tirando sómente huma peça de ferro grande, que não foi possivel levar-se, que man-

mandou encher de polvora até boca, a que se deo fogo; e porque não arrebentou, a mandou lançar em hum poço fundo, por se não servirem della os inimigos. E antre as cousas, que D. Antonio de Noronha achou na fortaleza, foi hum estrado imperial, que servia áquelles Reys nas suas mais solemnes festas, que era de muitos degráos, e todos lavrados, e marchetados de marfim, e de tão custosa, e curiosa obra, que o tinha o Viso-Rey mandado guardar a muito bom recado pera o trazer a ElRey D. Sebastião pera o dia que tomasse o Sceptro, por ser assento imperial, e de muita magestade, e como tal o encommendou muito a D. Antonio de Noronha, que trabalhou tudo o que pode pelo trazer inteiro; mas não foi possivel, por ser huma máquina muito grande. E por trazer alguma cousa della pera sinal de sua grandeza, mandou tirar o alto de sima, (que era o mais custoso,) e o entregou a pessoas de confiança que o trouxeram.

Repartidas estas cousas pelos servidores, começou D. Antonio de Noronha a marchar nesta ordem. Fernão de Sousa de Castello-branco na vanguarda com sua bandeira, e D. Antonio de Noronha na reta-guarda, e no meio toda a bagagem, e doentes, e mais atrás João Fernandes Correa, Capitão de

Ne-

Negapatão, que foi com elle Ayres Falcão, e de fóra o Ouvidor geral Henrique Jaques com huma copia de escravos pera ajudarem aos que cansassem. Assim foram caminhando, e os inimigos detrás ladrando, despa-rando muitas bombas de fogo, e espingardadas, e grandes almazens de fréchas, não deixando os nossos o seu compasso, posto que alguns soldados trabalháram por pegar com elles.

E atravessando huma formosa varzea, por onde sempre os inimigos os foram perseguindo, no cabo della, onde se faziam huns vallos, se deixáram da outra banda ficar trinta, ou quarenta soldados amparados com elles: e como os inimigos víram passar as bandeiras adiante na ordem que levavam, não se temendo dos vallos, foram após elles; e chegando aos vallos, começando-os a passar, deram os emboscados nelles tão de supito, que sem se poderem revolver, matáram mais de sincoenta; e acudindo Ayres Falcão, que hia detrás como manquejando, por ver ficar os nossos, deo nelles, e os acabou de pôr em desbarato, e dalli por diante não apparecêram mais. O Viso-Rey recebeo muito bem D. Antonio de Noronha, e a todos os mais, e logo tratou de se embarcar, mandando lançar ao Principe de Jafanapatão, que estava em refens, huns formo-

mofos grilhões forrados de veludo carmesim, pera o ter mais feguro, e o deo em cuftodia a hum Capitão de hum navio.

CAPITULO V.

Da Armada que efte anno de feffenta partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge de Soufa: e do primeiro Arcebifpo, e Inquifidores que paffáram á India: e do que aconteceo ás náos defta Armada na viagem: e de como o Vifo-Rey D. Conftantino fez huma fortaleza na Ilha de Manar, e fe foi pera Cochim.

EStando o Vifo-Rey ultimamente pera fe embarcar, por não ter já alli que fazer, por a terra eftar alterada, víram da terra vir duas náos muito formofas com todas as vélas dadas, huma diante da outra, e logo as víram amainar de romania, e furgirem, fem faberem que náos eram. E primeiro que tratemos deftas náos, (que eram do Reyno,) daremos conta da Armada, que efte anno de feffenta ElRey mandou á India, e das coufas em que mandou prover. Pelo que fe ha de faber, que fendo tempo de ElRey entrar em defpacho das coufas da India, na entrada defte anno de feffenta em que andamos, deixou todas as mais por entender nellas, e mandou dar muita preffa ás

náos,

náos, que havia de mandar, que eram ſeis, de que deo a Capitanía mór a D. Jorge de Souſa, e deſpachou o Arcebiſpo, o Meſtre D. Gaſpar pera ir nellas, porque já o anno atrás paſſado deixára de ſe embarcar por falta de tempo, e aſſim a dous Inquiſidores Apoſtolicos, que tinha ordenado irem á India; porque por cartas que tivera deſtas partes fora aviſado, que havia nellas muitos Chriſtãos novos, que judaizavam, e tinham ſynagogas ſeparadas, de quem lhe mandáram o anno atrás paſſado alguns dos principaes, com os autos de ſuas culpas, por não haver quem nella os ſentenciaſſe; e com iſſo havia outras muitas couſas contra a honra de Deos, e bons coſtumes Chriſtãos, a que era neceſſario acudir-ſe com diligencia, porque não foſſem por diante, pera o que houve logo reſcrito do Summo Pontifice pera mandar a ſanta Inquiſição a eſtas partes; e elegeo pera primeiros Inquiſidores Apoſtolicos dous Letrados leigos, Canoniſtas, chamados, hum Aleixo Dias Falcão, outro Francisco Marques Botelho, e aſſim podemos contar eſte anno antre os notaveis, por nelle paſſarem a eſtas partes o primeiro Arcebiſpo, e Inquiſidores, mandados por hum Rey tão Catholico, e tão zeloſo da honra de Deos noſſo Senhor, e em tempo de hum Viſo-Rey tão bom Chriſtão, e tão temente a Deos.

Deſ-

Despachadas estas cousas, e prestes as náos, por lhes faltar o tempo pera sahirem pera fóra, o fizeram já em quinze de Abril, e as náos eram estas. A náo Castello, em que hia embarcado D. Jorge de Sousa Capitão mór. A náo S. Vicente, de que era Capitão Vasco Lourenço de Barbuda, onde se embarcáram o Arcebispo, e Inquisidores; e alguns Fidalgos, em que entráram D. Francisco Deça, despachado com a Capitanía de Malaca, e D. Pedro da Guerra seu irmão. A náo Rainha, de que era Capitão Jorge de Macedo. O galeão Drago, de que era Capitão Lourenço de Carvalho. A náo S. Paulo, que o anno passado tinha arribado ao Reyno, de que era Capitão Ruy de Mello da Camara; e o galeão Cedro, de que era Capitão Francisco Figueira de Azevedo. Dadas as vélas, foram todos seguindo sua viagem; e por acharem logo contrastes, arribou a náo Cedro ao Reyno; e a náo S. Paulo foi invernar ao Brazil, onde já invernou outra vez, e as mais foram seguindo sua viagem até passarem o Cabo de Boa Esperança já tão tarde, que lhes foi forçado tomarem a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, por onde tiveram trabalho, e lhes morreo muita gente, e na entrada de Novembro foi a náo Rainha ferrar Cochim. E o galeão S. Vicente tambem passou mui-

tos trabalhos, e em quinze do mesmo mez foi haver vista da terra de Panane com muita gente morta, e muita falta de agua; e chegando-se á terra, surgíram; e negociando o batel, o mandáram a Cochim com recado, e cartas do Arcebispo pera o Capitão Henrique de Sousa Chichorro, e pera a Cidade, e por ser perto, chegou ao outro dia; e vendo as cartas, e sabendo o trabalho em que estava, negociáram com muita pressa seis navios de remo, mui bem petrechados, pera irem buscar o Arcebispo, e Inquisidores, e a Cidade lhes mandou hum arrezoado presente de refrescos, que elles estimáram muito, e ás toas leváram estes navios a náo a Cochim, onde o Arcebispo, e os mais foram muito bem recebidos daquella Cidade, e o Veador da fazenda Belchior Serrão lhes negociou huma galé das da Armada do Viso-Rey pera o Arcebispo, e Inquisidores se irem pera Goa, onde aquella Cidade lhes fez hum muito solemne recebimento.

As duas náos Castello, e Drago tambem passáram muito trabalho, e já no fim de Novembro foram haver vista da terra do Cabo Comorim pera dentro; e por parecer ao Piloto que estava de Panane pera Cochim, foi governando ao Sul á vista da terra, indo diante o galeão Drago sondando o fundo;

e como já hia quaſi ſobre os baixos de Manar, deo em ſinco braças, pelo que logo deo com muita preſteza com as vélas em baixo, e ſurgio quaſi na ponta do baixo; e a náo Caſtello, que hia atrás, vendo que o Drago dava com as vergas em baixo, fez o meſmo com a meſma preſſa, e deo fundo, e milagroſamente eſcapáram de vararem ſobre os baixos. Eſtas eram as náos que os noſſos víram de terra; e o Viſo-Rey D. Conſtantino deſpedio com muita preſſa alguns navios ligeiros, que á toa as tiráram pera fóra; e dando á véla, ſe foram pera Cochim já em Dezembro, e o Veador da fazenda Belchior Serrão deo logo ordem ao concerto dellas, e á carga que haviam de trazer.

E porque o Capitão mór D. Jorge de Souſa trazia muita fazenda, e o tempo era muito curto, aſſentou de ficar na India com a ſua náo, e ſe foi nella pera Goa, depois do Viſo-Rey chegar a Cochim; que depois que não teve que fazer em Jafanapatão, ſe paſſou á Ilha de Manar, que era pegada áquella coſta, onde deſembarcou, e notou o ſitio della; e aſſentou com os Fidalgos do conſelho fazer nella huma fortaleza, e paſſar pera ella o Capitão da coſta da Peſcaria com todos os moradores de Punicale. E logo mandou pôr mão á obra, e mandou reca-

cado a Manoel Rodrigues Coutinho Capitão da Pescaria, que se fosse com todos os moradores de Punicale, por aquelle Naique lhe não fazer outras affrontas, como as que ha pouco contámos, e logo mandou correr com a obra; e recebendo Manoel Rodrigues Coutinho o recado do Viso-Rey D. Constantino, se passou com todos os moradores de Punicale com muito gosto, e alegria pera aquelle lugar.

E depois que o Viso-Rey deo alli regimento pera a nova fortaleza, em que ficáram os Religiosos de S. Francisco, e da Companhia de Jesus, que fundáram suas casas, e tem feito grande fruto na Christandade, deixando tudo mui bem negociado, se partio pera Cochim a escrever pera o Reyno, e despedio Balthazar Guedes de Sousa pera Capitão da fortaleza de Columbo, e Ceilão, onde estava D. Jorge de Menezes Baroche, que mandou vir, e por elle mandou ao Rey da Cota a avó, e parentas, que o Rey de Jafanapatão lhe entregou, e o Principe mandou levar pera Goa, entregue a Pero Lopes Rebello. E depois de prover em tudo como era necessario, deo á véla pera Cochim, aonde chegou em poucos dias; e nelle o deixaremos por hum pouco, porque he necessario continuarmos com as cousas, que neste tempo succedêram em Ceilão, por seguirmos a ordem da historia.

CAPITULO VI.

Das cousas que neste tempo succedêram em Ceilão: e da guerra que D. Jorge Baroche fez ao Madune: e dos recontros que tiveram, e casos que succedêram: e de alguns feitos honrosos, que nelles acontecêram a alguns dos nossos.

NÃo nos deixam as cousas deste anno, que são muitas, continuar por ordem com ellas; e estas, que foram em principio deste verão, as não podemos arrumar em outro lugar senão neste, porque assim nos cahíram melhor. Não deixou o Madune de continuar na guerra contra o Rey da Cota seu irmão, a quem tinha odio entranhavel, e desejava de lhe tomar o Reyno, (como algumas vezes dissemos,) em que os nossos favorecêram sempre o da Cota. E agora Affonso Pereira de Lacerda, Capitão de Columbo, andava de continuo em campo pera defender que o Madune lhe não entrasse em suas terras, tendo com os seus Capitães muitos recontros, em que houve damno de ambas as partes, (de que não fazemos menção, porque foram tão miudos, que será cousa infinita dizerem-se.) Basta que teve sempre o encontro ao inimigo, pera que não chegasse a pôr cerco áquella Cidade da Cota, em que ElRey es-

ſava com alguns Portuguezes, e tudo á força de aſſaltos, de dia, e de noite, em que os noſſos padecêram muitos trabalhos; porque como os inimigos eſtavam em ſuas terras, e tinham todos os provimentos de caſa, reformavam-ſe cada vez que queriam; e ſe perdiam dez homens, tornavam a refazer em ſeu lugar cento, o que os noſſos não tinham, porque os provimentos lhes vinham da India por monções, e com trabalho; e ſe matavam, ou feriam alguns, não havia outros pera ſe pôrem em ſeu lugar, antes os que ficavam ſuppriam aquella falta de maneira, que paſſavam as móres neceſſidades, e riſcos, que ſe podiam imaginar, levando ſempre adiante a guerra, porque ſe não perdeſſe tudo. E em hum encontro, que Affonſo Pereira de Lacerda teve antes de chegar D. Jorge Baroche, eſteve de todo desbaratado, e perdeo alguns ſoldados, pelo que lhe foi neceſſario mandar pedir ſoccorro a Manar, donde lhe acudio Jorge de Mello o Punho, Capitão daquella fortaleza, com alguns ſoldados, em que entravam João de Abreu o Diabo, e tres irmãos Diogo, André, e Chriſtovão Juzarte, filhos de João Juzarte Tição, e D. Manoel de Caſtro, Gaſpar Pereira o Comprido, que depois foi deſpachado com a Capitanía de Chaul, que não quiz ir ſervir; Fernão Peres de Andrade,

de, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, que nesta guerra se assinaláram bem, e fizeram cousas dignas de eterna memoria.

Neste estado estavam aquellas cousas, quando em Outubro passado chegou áquella Ilha D. Jorge Baroche, que o Viso-Rey D. Constantino tinha despachado com aquella Capitanía, como atrás fica dito, que levou muitos mantimentos, munições, e provimentos, e perto de duzentos homens, em que tambem entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros, a que não soubemos os nomes. E tomando posse da fortaleza de Columbo, passou-se logo com toda a gente que havia na Cota, aonde estava ElRey, com quem communicou as cousas da guerra. E sabendo que o Madune estava na tranqueira Mapitigão sobre o rio de Calane, foi-se com todo o poder que havia seu, e de ElRey, pôr da outra banda, e foi continuando a guerra, dando assaltos aos inimigos, em que lhes fez muito damno, e não sem algum da nossa parte, porque sempre houve escalavrados.

Ficou assim sendo esta guerra tão importuna, arriscada, e trabalhosa, e sobre tudo D. Jorge tão incansavel, e mal soffrido com os soldados, que lhe começáram a fugir poucos e poucos pera a Cota. Era este Fidalgo muito bom cavalleiro, como algumas

ve-

vezes temos dito ; mas tão arrebatado , e colerico, que de todos era havido por muito máo de soffrer; e sobre isto era tão vão, que a alguns soldados , que lhe fallavam por Senhoria, gabava muito , e dizia que muito bem parecia a cortezia. Acerca disto se conta huma galanteria de hum soldado, chamado Antonio Nicolaz, bom cavalleiro, que se achou em seu tempo nestas guerras de Ceilão, que estando o Viso-Rey D. Constantino em Cochim, este verão que embora vem da tornada de Jafanapatão , (de que logo adiante daremos razão;) foi este Antonio Nicolaz á sua galé a pedir-lhe alguma mercê, e acertou de ser em tempo que achou com elle D. Jorge Baroche ; e fallando o soldado com o Viso-Rey em alguns negocios, lhe fallou sempre por mercê; e dando a D. Jorge por testemunha de seus serviços, disse pera o Viso-Rey: Aqui está sua Senhoria , apontando pera D. Jorge , que sabe isto muito bem, e me vio pelejar ; o que o Viso-Rey festejou muito , porque já sabia de suas vaidades, e natureza. Tinha na guerra muitas bizarrias muito galantes, de que na sexta Decada dissemos algumas, e agora não passaremos por huma, que he muito cortezã ; e foi. Que andando elle por Capitão de huma galé, indo apôs huns paraos, sendo horas de almoço , pedio hum

sol-

ſoldado ao diſpenſeiro huma cebolla; e ouvindo-o D. Jorge, reſpondeo com muita colera: Que he iſſo, ſoldado? Pedis mimos na minha galé? Nella não ha ſenão pelouros, e polvora. Mas com tudo iſto foi eſte Fidalgo hum dos bons Capitães, e cavalleiros, e ſervidor de ElRey, que á India paſſáram.

E tornando ao fio de noſſa hiſtoria. Vendo D. Jorge Baroche que os ſoldados ſe lhe hiam poucos e poucos, deixando Jorge de Mello o Punho em ſeu lugar, ſe foi á Cota pera fazer tornar a gente; e em quanto ſe lá deteve, quiz Jorge de Mello dar hum aſſalto em os inimigos; e fazendo-ſe preſtes, huma madrugada partio com muito ſilencio, e deo nas eſtancias do Rajú, filho baſtardo do Madune, e á força de braço as entrou, e fez em os inimigos hum grande eſtrago, matando-lhes os principaes Modiliares que alli tinha, e tomando-lhes muitas armas, e outros deſpojos, com que ſe recolheo muito a ſeu ſalvo. Eſtas novas chegáram a D. Jorge Baroche; e dando-lhe a inveja de tamanha vitoria, ajuntou os mais ſoldados que pode, e partio-ſe muito apreſſado pera o arraial; e achando os ſoldados contentes, e com a mão folgada do ſucceſſo, ſe paſſou logo á outra banda do rio em as fuſtas, e commetteo outra madrugada as tranqueiras,

ras, que o Rajú tinha já mui bem reforma-
das; e com aquelle furor, e deſejo que le-
vava de ganhar alguma honra, as entrou
logo, e á eſpada fez tal deſtruição em os
inimigos, que em breve eſpaço lhe matou
mais de duzentos, em que entravam os prin-
cipaes Modiliares, e Araches, e a tranquei-
ra poz toda por terra, e a aſſolou. E com
eſte tão bom ſucceſſo, que lhe não cuſtou
mais de alguns poucos feridos, ſe recolheo
D. Jorge Baroche tão contente, e ufano,
que logo tratou de commetter a tranqueira
de Mapitigão, em que eſtava todo o poder
do Madune, primeiro que ſe enxugaſſe o
ſangue nas eſpadas dos ſeus ſoldados, por-
que foi aviſado que os inimigos ficáram com
aquelles dous toques mui quebrantados, e
medroſos; porque ſe entendia que ſe ganhaſ-
ſe aquella tranqueira, e ſe fortificaſſe nella,
ficava ſendo Senhor dos caminhos de Ceita-
vaca, em que o Madune reſidia, e que ſó
com eſtar nella o teria de cerco, e lhe fa-
ria toda a guerra que quizeſſe. Pera iſto man-
dou fabricar dous Caſtellos de madeira em
ſima de algumas embarcações, que andam
naquelles rios, que ſe chamam Padás, e met-
teo nelles alguns ſoldados com muitas pa-
nellas de polvora, bombas de fogo, e ou-
tros artificios, e materiaes pera irem pelo
rio inveſtir a tranqueira, e elle com todo o
po-

poder ſe paſſou da outra banda, deixando ordem pera as fuſtas darem toas aos Caſtellos, até os abordarem á tranqueira. E fazendo o ſinal á hora de commetter, começáram as fuſtas a remar pelo rio aſſima com os Caſtellos; e indo já perto da tranqueira, lhe atiráram com hum camelo, que tomou a fuſta, que hia diante pela proa, e foi o pelouro varando pelo meio della até a poppa, levando mais de vinte marinheiros que tomou enfiados, alando por humas roqueiras, e os fez todos em pedaços. Com iſto paráram os navios, e D. Jorge lhes mandou capear que ſe tornaſſem, o que elle tambem fez, porque entendeo que haviam de ir todos os dos Caſtellos medroſos daquelle ſucceſſo.

CAPITULO VII.

De outro aſſalto, que D. Jorge deo aos inimigos, em que eſteve de todo desbaratado: e de alguns feitos honroſos que nelle ſuccedêram a alguns dos noſſos.

ALguns dias ſe deixou ficar D. Jorge alli eſperando huma boa conjunção, até ſer aviſado que o Rajú eſtava em huma varzea junto da tranqueira com tres, ou quatro mil homens. E deſejando de ſe ver com el-

elle em campo, mandou fazer preſtes a ſua gente hum dia no quarto dalva, e huma hora antes que amanheceſſe deo de ſupito nas ſuas eſtancias, e de tal maneira foram commettidas dos noſſos, que primeiro que os ſentiſſem, ſentíram o fio de ſeu ferro mais de cento, que alli ficáram eſtirados, e os mais com aquelle ſobreſalto deixáram as eſtancias; e o Rajú com os que pode ajuntar, ſe foi recolhendo pela varzea, indo-lhe D. Jorge Baroche ſeguindo o alcance, em que a noſſa arcabuzaria derribou outro golpe delles, até os lançarem fóra do campo, e os encurralarem em hum boqueirão, onde ſe elles fizeram fortes. D. Jorge Baroche chegou alli; e vendo o lugar, em que o Rajú ſe quiz fortificar, determinou de o entrar, e acabar de arrematar a vitoria. Mas chegou a elle hum ſoldado, chamado Pero Jorge, e lhe diſſe « que ſe contentaſſe com a mercê que lhe Deos tinha feito, e ſe recolheſſe, porque já faltavam munições, e não havia com que carregar as eſpingardas, e que não quizeſſe que lhe aconteceſſe hum deſaſtre. » Mas D. Jorge Baroche, como eſtava ſoffrego daquella vitoria, lhe reſpondeo muito agaſtado « que carregaſſem as eſpingardas com arêa, ou que acabaſſem de vencer á eſpada; » e querendo commetter o paſſo, vio que os ſeus

ſol-

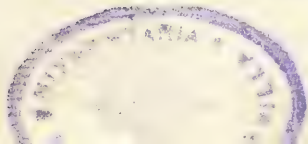
ſoldados ſe começavam a retirar, (porque na verdade já não tinham polvora, nem pelouros;) e não podendo elle fazer outra couſa, os foi ſeguindo, e ordenando, porque os via já ir deſarranjados. O Rajú, que era Capitão ſagaz, e conhecedor dos caſos, entendendo o modo de que os noſſos hiam, arrebentou com os ſeus apôs elles, e com tanta força, e preſteza os commetteo, que os foi pondo em desbarato: pelo que foi forçado a D. Jorge Baroche, com os Fidalgos, e Cavalleiros que o ſeguiam, fazer muitas voltas aos inimigos, pera que ſe não perdeſſe de todo. E neſte trabalho chegou a hum paſſo, que ſe fazia no cabo da varzea, que achou impedido com grandes arvores, que os inimigos alli cortáram, e atraveſſáram pera os embaraçar. Aqui ſe deteve D. Jorge em mandar abrir o caminho, o que não pode ſer tão depreſſa, que não chegaſſem os Elefantes de peleja, que o Madune já tinha mandado de ſoccorro ao filho, e hum delles chegou a D. Jorge pera o levar na tromba; mas hum ſoldado chamado Pedralvares Freire, natural de Lamego, vendo o Elefante ſobre D. Jorge, remetteo a elle com alguns peães que levava, dizendo-lhes: Aqui, filhos; e pondo o arcabuz no roſto, o deſparou ſobre o do Elefante, e o fez virar pera trás com a dor da fe-

ferida sobre os seus, atropelando alguns delles, e D. Jorge teve tempo de escapar. Aqui chegáram outros Elefantes, (que elles foram os que desbaratáram os nossos;) e remettendo hum com o Alferes da bandeira de D. Jorge, virou elle o pique em que levava a bandeira, e lho poz nos testos, onde lho quebrou; mas nem por isso pode escapar: porque como elle hia com aquella furia, lançou-lhe a tromba, e deo com elle por esses arès, e o fez em pedaços. Outro Elefante chegou a outro soldado, chamado Gregorio Botelho, soldado velho da India, e nascido nella, que vendo-o sobre si, virou a elle com grande animo, e lhe poz huma alabarda nos testos com tanta força, que com a dor da ferida o fez deter, com o que elle teve tempo de se pôr da outra banda do vallo.

Aqui nesta passagem se perdêram muitos dos nossos, que pelejáram muito valorosamente, tomando antes muito grande vingança da morte, que lhe haviam de dar. E ainda este trabalho deste passo fora mais soffrivel, e de menos perigo; mas como os inimigos eram tantos, desviáram-se alguns Araches com suas companhias, e foram por outros passos a talhar o caminho aos nossos, e assim se achâram cercados naquella passagem, com o que D. Jorge se deo de todo

por

por perdido; mas quiz Deos que foſſe já iſto no cabo da varzea, e que déſſe elle animo, e acordo a hum ſoldado, a que não pudemos ſaber o nome, que vendo o perigo em que todos os noſſos eſtavam, arremetteo a hum berço, que alli tinham os noſſos deixado, e lhe poz fogo; e foi o pelouro tão bem encaminhado, que entrou pelo meio dos inimigos, e foi derribando huns poucos: o que viſto pelos mais, cuidando que aquillo era fillada, que lhes alli tinham armada, detiveram-ſe, com o que D. Jorge (que não perdeo o animo) tornou a ajuntar os ſeus, e teve tempo de chegar aos navios, que eſtavam perto, em que ſe embarcou, e ſe paſſou da outra banda, ficando-lhe por aquelle caminho da varzea mais de ſeſſenta mortos, em que entravam alguns Fidalgos, de que ſó de João de Mello, filho de Triſtão de Mello, nos lembra o nome. E D. Jorge ſe paſſou ás ſuas tranqueiras, tão magoado daquella perda, e deſaſtre, que ſe lançou pelo chão, esbravejando, e dizendo mal á ſua ventura. Dalli por diante ſe deixou ficar naquelle lugar, continuando na guerra, e defensão dos paſſos, pera que o Rajú não pudeſſe entrar nos limites do Reyno da Cota, ſobre o que teve alguns recontros com os inimigos, em que ſempre houve eſcalavrados de ambas as partes.

CA-

CAPITULO VIII.

De como o Madre Maluco tentou de se ir sobre a fortaleza de Damão: e do estratagema, de que D. Diogo de Noronha usou pera homiziar o Cedemecan com o Madre Maluco, por onde o fez matar: e de outras cousas.

ATrás no Cap. II. do Liv. III. temos dado conta, como o Rey moço de Cambaya fugíra de Madre Maluco pera o Ithimitican, por invenções que o outro teve; que vendo-se sem ElRey, se foi pera a sua Cidade de Baroche, que com as Villas, e lugares, e mais terras que possuia, era hum Estado, que pudera contentar qualquer peito, por muito cubiçoso que fora, (se póde haver algum, que se satisfaça alguma hora;) e como se resentio da posse, que o Ithimitican ficava tendo com o Rey, foi-lhe tão máo de soffrer, que determinou de buscar modos pera vir ainda a subir á Monarquia daquelle Reyno, (porque naturalmente era de animo grandioso, e cubiçoso de muito;) e como a fortuna anda sempre com o olho sobre estes grandes, e he muito natural seu de hum erro levallos a outro maior, trouxe logo á imaginação deste, que pera subir ao que queria, lhe era necessario fazer-se Senhor do

do Estado de Surrate, que era de Cedeme-can seu cunhado, filho de Coge Çofar; que com o que possuia ficava com muito arre-zoado Estado, e ainda Reyno: e com isso ficaria com posse, e poder pera se fazer Se-nhor do Imperio Guzarate, que tantos an-nos floreceo neste Oriente. E pera córar a cubiça de fazer guerra ao cunhado, tomou occasião de pequenos achaques, (que não faltão nunca a quem os busca,) e começou a ajuntar gente, e Capitães pera esta jornada. Estando já de todo prestes, se metteo de permeio sua mulher, irmã do Cedemecan, que o tirou deste proposito, e ainda fez com o marido que casasse huma filha, que ti-nha de outra mulher, com o irmão; e se concertou logo o casamento, pera depois se celebrarem as bodas com muitas festas.

Vendo-se pois o Madre Maluco com o poder junto, e as despezas feitas, e que o Viso-Rey era partido pera Jafanapatão, tão longe, que não podia vir senão em Feve-reiro, tratou com seus Capitães de ir sobre a Cidade de Damão, e tornalla a tomar, e fazer-se Senhor della, e de suas terras, que eram de muita importancia, e logo ajuntou as mais achegas, que pera isso lhe parecê-ram necessarias, e ordenou artilheria de ba-ter. E porque Surrate ficava mais perto de Damão, assentou com seus Capitães de pe-

dir

dir hum bazalifco ao cunhado , pera com elle arrazar os entulhos de Damão.

De tudo isto foi logo avifado D. Diogo de Noronha por peffoas, que trazia em cafa do Madre Maluco, (como as tinha tambem na de ElRey, e do Cedemecan,) que peitava groffamente, pera que lhe deffem conta de tudo o que antre elles fe paffava, (porque eftas eram as mercadorias que efte Capitão fempre fez nas fortalezas em que efteve;) e vendo que o Vifo-Rey era em Jafanapatão, tão longe, que o não podia foccorrer, receando que lhe déffe aquelle negocio mui grande trabalho, e o puzeffe em defefperado aperto, porque não via donde pudeffe fer foccorrido; não perdendo com tudo o animo, defpedio cartas apreffadas a D. Pedro de Menezes Capitão de Goa, em que lhe dava conta daquellas coufas, affirmando-lhe, que fe o não foccorreffe com muita preffa, gente, e munições, fe perderia aquella fortaleza; e com ifto fe começou a fortificar o melhor que pode. E traçando no feu entendimento o que faria fobre aquelle negocio, que era muito grande, offereceo-lhe Deos noffo Senhor o mais certo, e apreffado remedio que podia fer, que foi ufar com aquelles Capitães de hum eftratagema, com que os homiziou, e fez matar a todos; e foi efte.

Era elle muito grande amigo do Cedemecan, e mandava-o visitar a miude com cartas, e brincos, que elle estimava muito. E depois que D. Diogo de Noronha foi avisado, da expediencia, com que o Madre Maluco tratava, e ordenava este tão grande mal contra elle, continuou mais vezes esta visitação; e tanto que soube de certo que o inimigo estava em campo pera se abalar, despedio Diogo Pereira em hum navio com vinte e sinco homens a visitar o Cedemecan, e por elle lhe escreveo huma carta em Parseo, em que lhe dizia « que se não fiasse de » seu cunhado Madre Maluco, porque sa- » bia de certo que vinha com aquelle poder » pera lhe tomar a fortaleza de Surrate, e » que pera o segurar lançava fama que era » contra Damão; e que pera sinal desta ver- » dade, tanto que elle chegasse com seu » campo a Surrate, lhe havia de pedir hum » bazalisco emprestado pera bater os entu- » lhos de Damão; e que como o tivesse, o » havia de fazer á sua fortaleza de Surrate, » e que estivesse sobre aviso, e acautelado, » porque o Madre Maluco era manhoso, e » de artificios, e atreiçoado; e que pela ami- » zade que ambos tinham, ficava negociando » alguns navios pera lhe mandar pelo rio » dentro de soccorro, porque sabia que o » Viso-Rey disso havia de levar muito gosto.»

De

De tudo isto deo D. Diogo de Noronha conta a Diogo Pereira só, por ser homem de quem se elle fiava em tudo, por ser prudente, e de bom conselho; e lhe disse mais: » Que se o Cedemecan lhe désse conta do » que na carta lhe escrevia, se fizesse de no» vas, por fazer mais a seu caso o segredo » daquelle negocio. »

Chegado Diogo Pereira a Surrate, foi muito bem recebido do Cedemecan, (que tambem era seu amigo,) e lhe deo a carta de D. Diogo de Noronha, que elle leo huma, e muitas vezes; e como pera todos os Mouros basta qualquer pequena suspeita, quanto mais hum aviso, que lhe importava a vida, e o estado, dado por hum Capitão, de que elle tinha tão grande opinião, foi-lhe muito facil de crer tudo, e logo se começou a negociar, e preparar. Poucos dias depois de Diogo Pereira chegou o Madre Maluco, (que foi no Outubro passado,) e foi assentar seu campo ao longo do tanque de Surrate; e tanto que o Cedemecan teve recado certo de sua vinda, mandou chamar Diogo Pereira, e lhe fez queixume de seu cunhado, affirmando-lhe « que vinha com tenção de » lhe tomar seu Estado, que fora de seu » pai, que lhe pedia o aconselhasse no que » faria sobre aquelle negocio. » E como o Diogo Pereira hia sobre aviso, fazendo-se

de novas, lhe respondeo que não podia ser aquillo; ao que lhe atalhou o Cedemecan, dizendo-lhe: « Que elle estava avisado de » boa parte, e lhe pedio que da sua fosse » visitar o Madre Maluco, e lhe dissesse que » logo apôs elle o iria fazer em pessoa, e » que visse nas praticas se podia alcançar » alguma cousa dos pensamentos com que » vinha. » Diogo Pereira chegou ao arraial de Madre Maluco, acompanhado de trinta, ou quarenta Portuguezes muito bem trajados; e como elle era muito seu amigo, o recebeo com muitas honras, e caricias, e o assentou apar de si, onde esteve hum bom espaço em conversação, perguntando-lhe o Madre Maluco muitas cousas, a que lhe elle respondeo sempre muito a proposito, sem nunca lhe dar a entender que sabia a jornada que fazia contra Damão, (porque tinha elle lançado fama que hia contra Tafalcão, que se tinha alevantado com o Reyno de Verara.) E depois de muitas praticas lhe disse Diogo Pereira « que seu cunhado esta- » va tímido delle, porque de Amadabá o » avisáram, que vinha com determinação » de lhe tomar a fortaleza. » A isto se rio Madre Maluco, dizendo « que se espantava » muito de elle crer aquillo; que se elle ti- » vera trinta fortalezas, tantas lhe dera, » quanto mais tomar-lhe aquella, que seu

» pai

» pai lhe deixára : que o foſſe ſegurar na-
» quella materia, e lhe diſſeſſe que o foſſe
» viſitar, affirmando-lhe que com nenhuma
» couſa mais folgaria que vello » e de ſinal
daquella vontade lhe deo o ſeu annel, pera
que lho levaſſe. Com iſto ſe deſpedio Diogo
Pereira; e indo pera a fortaleza, achou já
no caminho o Cedemecan com tres mil de
cavallo, Turcos, Perſas, e Abexins, gente
muito luſtroſa, e a melhor de Cambaia,
(que elle trazia a ſoldo,) e ſinco, ou ſeis
mil de pé, e diante delle quinze Elefantes
armados, e elle muito galante, e cuſtoſo,
que depois que deſpedio Diogo Pereira com
a viſita a Madre Maluco, aſſentou de ir vi-
ſitar o cunhado, primeiro que Diogo Perei-
ra de lá partiſſe; porque como ambos eſta-
vam com ruins penſamentos, determinou de
o ſegurar com o viſitar em peſſoa, pera o
que determinava de fazer.

Diogo Pereira voltou com elle, e foram
ambos juntos praticando, e dando-lhe elle
conta do que paſſára com o cunhado; e pe-
ra fazer mais ao caſo, nas ſuſpeitas de D.
Diogo de Noronha, lhe affirmou que não
vinha o cunhado com bom animo. Neſtas
praticas chegáram ao arraial, e o Madre
Maluco o ſahio fóra delle a receber, e o
levou pela mão até ſua tenda, onde ambos
ſós ſe aſſentáram hum bom eſpaço; e o Ma-
dre

dre Maluco nas praticas lhe disse « que se
» espantava muito de elle crer o que delle
» lhe diziam, sabendo elle muito bem que
» o amava como filho. » E então lhe deo
conta da jornada, que hia fazer contra Damão,
pera o que lhe pedio lhe emprestasse
hum bazalisco pera desfazer os entulhos,
que eram grandes. Ao que o Cedemecan
lhe disse, que de boa vontade, e que ainda
lhe daria tudo o mais que tivesse, mostrando-se
muito liberal naquelle negocio pera
maior dissimulação do que logo concebeo
no animo; porque como vio que o conselho
de D. Diogo de Noronha lhe sahia verdadeiro,
e que o sinal do bazalisco fora
certo, logo determinou de se vingar do cunhado,
e ao despedir lhe pedio que quizesse
ir cear com elle, porque todo o dia não
tinham comido ambos, por ser a festa do
seu Ramedão, (que era como a nossa Quaresma,
em que elles não comem mais que
huma vez ao dia, e essa ainda de noite.)
O Madre Maluco como estava innocente dos
tratos, lhe respondeo « que de muito boa
» vontade iria acceitar o seu banquete, e
» ainda levaria todos os seus Capitães. » E
despedidos dalli, foi-se o Cedemecan fazer
prestes pera aquelle banquete, que havia de
ser o ultimo, que na vida havia de ter o
Madre Maluco. Que tanto que foram horas
se

se foi pera a fortaleza, levando comsigo Mustafá Carman, e todos os Capitães, e pessoas principaes, que seriam perto de cento, que o Cedemecan veio receber á porta da fortaleza, onde todos se apeáram, ficando os cavallos da banda de fóra, e elle os foi levando até hum formoso pateo, que se fazia á entrada da primeira sala, onde tinha muitas alcatifas, e almofadas em baileos que havia, e alli se assentáram em conversação hum bom espaço.

E parecendo já horas de cêa, se alevantou o Cedemecan, pedindo licença ao cunhado pera ir fazer prestes, e foi entrando por huma porta, que ficava á mão esquerda no mesmo pateo; e ainda elle não era dentro, quando por outra da mão direita sahíram duzentos homens armados, e endireitando com os hospedes, os começáram a banquetear de feridas taes, e tão mortaes, que em mui pouco espaço os mandáram pera o inferno, onde tiveram bem differente banquete do que esperavam; o que se fez tão prestes, e com tão pouco estrondo, que não foi ouvido dos criados, que ficavam de fóra da fortaleza com os cavallos. E sendo antre as onze horas, e a meia noite, bateo hum Baneane á porta de Diogo Pereira, que pousava fóra da Cidade; e assomando elle a huma janella, lhe disse « que visse como » es-

» estava, porque Madre Maluco com todos
» os seus Capitães eram mortos » do que
elle ficou sobresaltado, e mandou bater logo
com muita pressa á porta do Camereiro do
Madre Maluco, que pousava defronte, (que
se foi pera alli, por serem muito amigos;)
e assomando á janella, lhe perguntou Diogo
Pereira se tinha algumas novas do que hia
na fortaleza? Ao que lhe respondeo, que
não; mas que lhe parecia que Madre Maluco
ficava lá toda a noite, porque havia
pouco mandára lá, e que acháram ainda os
cavallos á porta. Então lhe disse Diogo Pereira
o que lhe dissera o Baneane, advertindo-o
que estivesse sobre aviso, porque não
sabia o que seria: do que o Mouro ficou tão
sobresaltado, que logo sem aguardar mais,
se poz em hum cavallo, e se foi ao exercito,
onde não havia novas de cousa alguma.

Diogo Pereira toda a noite esteve com
as armas nas mãos, e seus companheiros;
e tanto que amanheceo, ouvio disparar toda
a artilheria da fortaleza, e era que o Cedemecan
mandava bater o exercito, e depois
sahio ao campo com toda sua gente posta
em armas, e mandou chamar Diogo Pereira,
que logo veio, e o achou em hum formoso
cavallo acubertado, e com hum sinal
na cabeça de sua mór alegria, que era huma

tou-

touquinha de ſeda preta por ſima de outra muito alva. E chamando Diogo Pereira junto de ſi, lhe diſſe, rindo: « Diogo Pereira, » quem vos quizer matar, que lhe fareis? Diogo Pereira lhe reſponde: « Fallo-hia eu » primeiro, ſe pudeſſe. Pois (diſſe o Cede- » mecan) aſſim o fiz eu a meu cunhado, » que tanto trabalhava por me matar, e to- » mar o meu Eſtado. » E dalli ſe abalou contra o exercito, (onde já havia novas de tudo;) e os que nelle eſtavam, não ouſando ao eſperar, ſe foram acolhendo a unha de cavallo, e o Cedemecan ſe ſenhoreou delle, e de todo o ouro, e joias, e riquezas do Madre Maluco, que eram muitas, e ſe recolheo com tudo pera a fortaleza.

CAPITULO IX.

De como Chinguiſcan, filho de Madre Maluco, foi contra o Cedemecan, e o cercou: e da Armada que D. Diogo de Noronha mandou de ſoccorro a Surrate: e do que lhe lá ſuccedeo: e de como faleceo D. Diogo de Noronha: e de ſuas partes, e qualidades.

Fugida a gente de Madre Maluco, foiſe pera Baroche, e deram a nova a Chinguiſcan ſeu filho, que era já homem muito valoroſo, grande Capitão, e de muita poſ-

ſe,

se, porque lhe ficáram todos os Estados do pai, e os thesouros, de que logo lançou mão, em lhe dando as novas de sua morte. E vendo que tinha alli junta aquella gente, que eram sinco mil de cavallo, e dez mil de pé, e com toda a que mais pode ajuntar, partio logo pera tomar satisfação da morte do pai, e entrou pela Cidade de Surrate, que o Cedemecan lhe não pode defender, porque se recolheo á fortaleza com toda a gente de armas, e mantimentos, que lhe parecêram necessarios, deixando a Cidade com os Officiaes de mecanica, e os mercadores, com que o Chinguiscan não bullio, porque parece que lhe deram alguma cousa. E passando adiante, assentou seu exercito sobre a fortaleza naquelle baluarte, que fica pera a parte da Alfandega, e logo se fortificou, e cercou de vallos, e fossos, e prantou sua artilheria, com que a começou a bater mui furiosamente.

O Cedemecan, que estava mui bem apercebido de tudo, se defendeo com muito valor; e porque o poder do inimigo era grande, receando-se de algum trabalho, se quiz valer dos Portuguezes, despedindo recado a D. Diogo de Noronha, pedindo-lhe muito » que o soccorresse com huma Armada, » porque se receava que o Chinguiscan lhe » mandasse tomar a barra do rio com alguns

» na-

» navios , que em Baroche tinha mandado
» armar com muita preſſa. » D. Diogo de
Noronha pera a ſua arte foi aquillo alvitre,
porque havia que da deſavença daquelles
dous inimigos ſempre reſultaria ao Eſtado
da India proveito , e quietação , como já
lhe tinha reſultado do ardil de que uſou pe-
ra homiziar os cunhados, de que procedeo
aquella quebra. E logo com muita preſſa
mandou negociar dez navios , e pagar ſol-
dados, elegendo pera eſta jornada Luiz Al-
vares de Tavora, dando-lhe hum muito lar-
go regimento do que havia de fazer , cuja
ſubſtancia era « que ſe deixaſſe eſtar no rio
» á viſta dos inimigos , e que tiveſſe com
» ambos intelligencias ſecretas, pera lhes fa-
» zer entender que vinha em favor de cada
» hum ; e que por outra parte os induziſſe
» a odios , pera que os chegaſſe ao derra-
» deiro eſtremo, e viſſe ſe lhe abria o tem-
» po occaſião pera lançar mão de Surrate.»
E mandou com elle Coge Abraham, Judeo
prudente, e aſtuto pera correr com eſtes ne-
gocios, por ſer antre todos muito conhecido.
Luiz Alvares de Tavora foi ſurgir naquelle
rio á viſta do exercito , e da fortaleza , e
dalli deſpedio o Judeo de noite com recado
ao Cedemecan, com as cartas de D. Diogo
de Noronha, em que lhe dizia « que lá lhe
» mandava aquella Armada pera tudo o que
» lhe

» lhe foſſe neceſſario ; e que ſe mais lhe » cumpriſſe, que tudo lhe mandaria ; » e o meſmo fez por outras cartas mandadas por peſſoas de confiança, e de muito ſegredo ao Chinguiſcan ; de maneira que a ambos fez crer que era vinda em ſeu favor, e com ambos ſe tratou ſempre em ſegredo. O cerco foi por diante, e o Chinguiſcan hia apertando com a fortaleza, e com propoſito de ſe não levantar de ſobre ella até a não tomar. Eſtando neſta obra, lhe vieram novas mui apreſſadas, que Alucan, hum dos Regedores de Cambaia, lhe entrára pela Cidade de Veredora, que era ſua, e ſe apoderára della, e que vinha com tenção de lhe tomar todo o Eſtado; porque como vio o Madre Maluco morto, houve que lhe ſeria muito facil. Eſtas novas ſentio Chinguiſcan muito, e determinou de acudir ao ſeu, porque muitas vezes o vinha hum homem a perder por pertender o alheio. E por não ficar com aquellas deſpezas feitas, veio a concerto com o Cedemecan por meio de Capitães de ambas as partes, e elle lhe deo cem mil Mamudes de prata, ſinco cavallos Arabios, e hum Elefante; e alevantando o campo, ſe foi pera Baroche.

Luiz Alvares de Tavora, tanto que ſe elle foi, mandou pôr tendas em terra, (por lho mandar aſſim pedir o Cedemecan, que

ſe

ſe quiz ir ver com elle;) e como Coge Abrahão hia todos os dias á fortaleza a negocios com o Cedemecan, e levava ſempre alguns ſoldados pera ſua companhia, foi hum dia antre eſtes Luiz Alvares de Tavora em trajos mudados, porque deſejou de ver a fortaleza, que notou mui bem, e vio que era de dous muros, e de cavas dobradas, e que tinha pelos baluartes, que eram mui fortes, muita, e groſſa artilheria; e o dia que tinham aſſentado verem-ſe ambos, o Cedemecan o eſperou á porta da fortaleza da banda de fóra. E Luiz Alvares de Tavora foi por mar com todos os navios embandeirados, e deſembarcou no caes ao ſom de muitas bombardadas, e eſpingardadas, e alli ſe víram ambos, e praticáram em algumas couſas, no que elle achou o Cedemecan mui deſembaraçado, e bom cortezão. Era então mancebo de vinte annos, tão alvo, e louro, e gentil-homem, que parecia Alemão; e não era muito, porque ſeu pai, e mãi eram naturaes de Otranto. Depois de gaſtarem algum eſpaço em cumprimentos, ſe deſpedio Luiz Alvares de Tavora de todo pera ſe partir pera Damão; e ao outro dia lhe mandou o Cedemecan muitas peças ricas, e brincos curioſos pera o Viſo-Rey, e pera D. Diogo de Noronha, a quem eſcreveo cartas de muitos cumprimentos, e

Luiz

Luiz Alvares de Tavora não ficou com as mãos vazias.

Dada á véla, chegou a Damão, e achou D. Diogo de Noronha enfermo de humas febres, de que em poucos dias veio a falecer com grande mágoa, e dor de todos pelas muitas, e boas partes, e qualidades de ſua peſſoa, e pela grande perda que o Eſtado da India toda recebeo. Faleceo em idade de quarenta e quatro annos. Foi filho legitimo de D. Alvaro de Noronha, filho de D. Fernando de Noronha, e neto de D. Pedro de Noronha, Arcebiſpo que foi de Lisboa, filho do Conde Gijon. Sua mãi ſe chamou Dona Mecia da Silveira, filha de Diogo da Silveira, e de Dona Maria de Tavora, irmã de Pero Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro. Em moço cahio huma queda, de que ficou quebrado pelas coſtas, pelo que foi ſempre anojado; por eſte defeito o mandou ſeu pai aprender letras, com propoſito de o fazer Clerigo; e ſendo já homem, ſuccedeo huma preſſa em hum dos lugares de Africa, a que acudíram muitos Fidalgos do Reyno, e elle o fez tambem, porque deſejou de ſe começar a moſtrar no ſerviço de ElRey. Depois de eſtarem lá, ceſſou a occaſião, e ElRey eſcreveo ao Capitão « que de ſua parte déſſe os agrade» cimentos aos Fidalgos que lá foram, e

» que

» que lhes diſſeſſe que bem ſe podiam tor-
» nar pera o Reyno, e que lhes não eſcre-
» via pela preſſa. » O Capitão ſatisfez ao
que lhe ElRey mandou, e o diſſe a todos,
e ainda lhes moſtrou a carta de ElRey, com
o que logo ſe embarcáram, excepto eſte D.
Diogo de Noronha, que dizendo-lhe o Ca-
pitão que bem ſe podia ir pera o Reyno,
reſpondeo « que bem ſabia ElRey que eſta-
» va elle naquella fortaleza, que quando el-
» le foſſe ſervido de o mandar ir, elle lho
» eſcreveria. » O Capitão aſſim o eſcreveo
a ElRey, que vendo a conta que D. Diogo
de Noronha tinha comſigo, e com ſeu ſer-
viço, o eſtimou muito, e logo lhe eſcreveo
huma carta muito honrada, em que lhe man-
dava que foſſe pera Lisboa, porque tinha
neceſſidade delle pera outras couſas. Daqui
ficou havido por homem aviſado, e de mui-
ta opinião, e ficou ſeguindo a Corte com
determinação de mudar o propoſito na vida.
Depois paſſou á India, como temos dito,
onde ElRey teve ſempre tanta conta com
elle, que neſtas náos do anno de ſeſſenta lhe
mandou a Capitanía de Ormuz pera logo
entrar. Nunca caſou. Teve na fortaleza de
Dio (ſendo Capitão della) hum filho em hu-
ma mulher formoſa, a que poz nome D. Al-
varo, como ſeu pai, que mandou em huma
verba do ſeu teſtamento que lho levaſſem
lo-

logo pera o Reyno, (como ſe fez,) e lá foi entregue a ſua mãi Dona Mecia da Silveira, que o mandou crear muito honradamente no inſigne Moſteiro de Alcobaça da Ordem de S. Bernardo, onde ſe fez Religioſo, e foi Letrado, e Prégador. Foi D. Diogo de Noronha homem virtuoſo, prudente, acautelado, muito verdadeiro, e hum dos mais esforçados Capitães que teve o Eſtado da India, e tão pouco cubiçoſo, que lhe acháram por ſua morte quinze mil pardaos, com haver ſido Capitão de Dio, e daquella fortaleza de Damão. Eſtes mandou deſpender em eſmolas, e em pagas dos ſerviços de ſeus criados. Mandou que ſeus oſſos foſſem levados a Goa, e que ſe depoſitaſſem na Igreja de noſſa Senhora da Serra, onde eſtavam os de ſeus tios Affonſo de Albuquerque, e D. Antonio de Noronha, (que matáram na tomada de Goa;) e ainda hoje eſtão eſtas tres ſepulturas, a de Affonſo de Albuquerque na Capella, e as outras duas nas paredes da banda de fóra, em ſepulturas de pedra muito bem lavradas, e curioſas.

Por ſua morte ſuccedeo naquella Capitanía Diogo da Silva, que era Feitor, e Alcaide mór daquella fortaleza de Damão, Cavalleiro velho muito honrado, (e que teve huma filha caſada com Manoel de Souſa Coutinho, que depois foi Governador da In-

India,) que D. Diogo de Noronha nomeou no teſtamento, por ſer conforme ao regimento de ElRey, (em que manda que ſuccedam os Alcaides móres por morte dos Capitães,) o que ſe hoje guarda tão mal, que a primeira couſa que os Capitães pedem aos Viſo-Reys, he Provisão pera nomearem Capitão, falecendo. Diſto teve tambem culpa a devaſſidão que depois houve nos deſpachos dos cargos da India; porque naquelle tempo davam-ſe a Cavalleiros muito honrados, e que muitos delles podiam ſer Capitães das meſmas fortalezas; e depois chegou iſto a tanto menos, (aſſim por ſe darem os cargos mais por aderencias, que por merecimentos, como pelas traſpaſſações que hoje correm,) que nos não eſpantamos do pouco que hoje os homens ſe eſtimam em ſeus officios; porque eſtão alguns tão mal afforados, que por huns ſe vem a eſtimar pouco os outros, que ainda os ha de merecimentos pera tudo.

CAPITULO X.

Do que aconteceo ao Viſo-Rey D. Conſtantino em Cochim: e de como ſe vio com o Rey do Chembé, e fez com elle pazes: e do ſoccorro que mandou a Cranganor: e de como Luiz de Mello da Silva entrou a Ilha do Primbalão, onde eſtava todo o poder do Çamorim, e o desbaratou, e entregou aquella Ilha a ElRey de Cochim: e da ſua chegada a Goa.

CHegado o Viſo-Rey D. Conſtantino a Cochim, (como atrás diſſemos no Cap. V. deſte IX Liv.) deo logo preſſa á carga das náos, e á eſcritura do Reyno; e de tal maneira abbreviou tudo, que a quinze de Janeiro derão á véla tres náos, a Rainha, S. Vicente, e Drago. Eſte galeão por achar ruins tempos arribou a Moçambique, onde invernou, e as duas náos chegáram ao Reyno a ſalvamento; e quizemos aſſim abbreviar com ellas, porque temos muitas couſas pera que haver miſter o tempo.

O Viſo-Rey, tanto que deſpedio eſtas náos, tratou de ſe ir ver com o Rey da Pimenta, por lhe ter mandado pedir por ſeus Embaixadores que o fizeſſe, mandandoſe deſculpar por elles das couſas que tinha paſſado com D. Affonſo de Noronha, e

Vaſ-

Vaſco da Cunha, (de que no fim da VI. Decada, e no principio deſta VII. démos larga relação,) deitando-lhe a elles a culpa, que elle ſó tinha; porque ſe aſſentou em conſelho que ſe lhe diſſimulaſſe tudo, e lhe concedeſſe pazes pela neceſſidade que havia de ſua amizade por cauſa da pimenta que corria por ſeus rios, que elle impedia, ſobre o que o Eſtado tinha deſpendido muito em Armadas, (como pelo decurſo de noſſas Decadas temos dito.)

Aſſentado iſto, partio-ſe logo o Viſo-Rey com toda a Armada, aſſim de galés, como de fuſtas, e levou comſigo o Capitão da Cidade com a mór parte dos moradores, que ſe embarcáram em manchuas, tones, e outras embarcações, com que foi pelo rio aſſima ſurgir defronte do Pagode de Vaiqueta, e mandou logo a terra Chriſtovão de Azevedo, Alcaide mór de Cochim, a viſitar ElRey, e a lhe pedir, que abbreviaſſe o mais depreſſa que pudeſſe aquellas viſtas, porque era tarde, e lhe era neceſſario partir-ſe pera Goa. ElRey recebeo bem a viſitação, e mandou dizer ao Viſo-Rey, que dahi a dous dias ſe veria com elle. Mas como eſtes Gentios por nenhuma couſa da vida traſpaſſão ſeus ritos, e coſtumes, nem fazem couſa alguma ſem eleição de dias, e de horas, e de notar os ſinaes máos, ou bons, (co-

mo algumas vezes dissemos,) andou com dilações; porque o dia que prometteo de vir, deixou de o fazer, porque lhe passou a gralha atravessada, e ao outro disse que lhe cantára a osga; e ao outro que lhe huivára o cão; e assim com outras semelhantes brutalidades, sem nenhum fundamento, foi dilatando sete, ou oito dias, de que o Viso-Rey se vio tão enfadado, que esteve pera se tornar, até que o diabo deparou áquelle Rey hum dia de bom agouro, que senão sou mal lembrado, porque me achei nesta jornada, foi quarta feira de Cinza, que he pera todos os Christãos o de melhores, e mais necessarios sinaes que póde ser, porque nelle nos desengana a Santa Madre Igreja de nossas vaidades, e nos mostra que somos lodo, e terra. E neste dia, que elle achou bom, partio aquelle Rey de sua casa acompanhado de mais de quinze mil homens, e se foi pera o Pagode, que estava hum pouco affastado da agua, onde tinham ordenado verem-se. O Viso-Rey tanto que teve recado, preparou-se pera a desembarcação, (posto que foi contra vontade, e parecer de muitos, pela muita gente que ElRey trazia,) e mandou que se embandeirasse a Armada, e que as fustas estivessem com os esporões em terra, e toda a gente da Armada se estendesse em fileiras ao longo da

praia

praia com ſeus Capitães de bandeiras. E eſtando tudo a ponto, partio o Viſo-Rey da ſua galé em huma manchua toldada de borcado, e elle acompanhado do Capitão de Cochim, e de todos os Fidalgos da Armada, veſtido muito cuſtoſamente; e chegando a terra, deſembarcou nella ao ſom de muitas bombardadas, e ſalvas de artilheria; e antes de chegar ao Pagode, o ſahio ElRey a receber; e depois de paſſadas as cortezias, aſſim em pé aſſentáram brevemente as pazes, e as juráram a ſeu modo, de que ſe devia fazer aſſento em algum livro, que hoje não parece.

Acabadas as ceremonias, ſe deſpedio o Viſo-Rey, e ſe foi pera a ſua galé, e ao outro dia mandou apregoar as pazes por toda a Armada; e ElRey fez o meſmo na ſua Cidade, e por todo o Reyno. E porque já era tarde pera os muitos negocios que tinha, ſe tornou pera Cochim, onde lhe deram cartas de João Pereira, Capitão de Cranganor, em que lhe dizia « que os Principes » de Calecut, que ſe haviam de vir crear » em caſa de ElRey de Cranganor, eram » chegados, e que elle lhes tinha tomados » os paſſos por onde haviam de entrar, a » que acudia muita gente do Çamorim, que » tinham tomada a Ilha de Primbalão, que » era de ElRey de Cochim, e ficava da

» ou-

» outra banda, e que todos os dias peleja-
» vam muito asperamente: pelo que lhe era
» necessario acudir áquelle negocio, porque
» ficava por alli caminho aberto pera se po-
» der perder aquella fortaleza. » O Viso-
Rey vendo a importancia do caso, despedio
logo D. Francisco de Almeida (que depois
foi Capitão de Tangere) com dez, ou doze
navios, cheios de muita, e mui lustrosa sol-
dadesca, pera irem soccorrer João Pereira,
e tomar os passos aos Principes, e favorecer
ElRey de Cochim.

Estes navios foram pelos rios de Cranganor assima com muito trabalho, risco, e perigo, porque a gente do Çamorim ficava da outra banda, que era estreito, e descarregáram sobre elles nuvens de pelouros, e settas, com que encraváram muitos dos nossos, e empenáram os navios, mastos, e vergas, que era huma cousa formosa de ver; mas por meio de todos estes impedimentos passáram adiante até onde João Pereira estava em defensão dos passos, e alli os ficáram tomando, e pelejando com os inimigos, que eram tantos, que cubriam a terra. O Viso-Rey tinha aviso todos os dias do que se lá passava; e sabendo o perigo, e trabalho em que os nossos estavam, e que cumpria ao Estado deitar os inimigos fóra da Ilha Primbalão, despedio Luiz de Mello da Silva

com

com quinhentos homens mais, pera com a gente que lá eſtava deſimpedir aquella Ilha; e pelos rios dentro foi com o meſmo perigo, e trabalho até o paſſo em que os noſſos eſtavam; e vendo-ſe com ElRey de Cochim, (que tambem eſtava em outros paſſos á bateria com os inimigos,) aſſentáram ambos de commetter a Ilha, e deitar della a gente do Çamorim, pera o que mandou preparar os Capitães. E hum dia de madrugada commettêram os noſſos a Ilha, onde deſembarcáram com muito grande reſiſtencia, acudindo alli todo o poder, que era de mais de doze mil homens, com quem os noſſos traváram huma muito aſpera batalha, em que todos ſe aſſinaláram bem, e fizeram couſas muito notaveis; e aſſim apertáram com os inimigos, que os foram arrancando do campo, e ganhando a terra, até que de todo amanheceo, que ſe víram huns aos outros mais deſcubertamente, em que o perigo, e damno começou a ſer maior, ficando todos baralhados, e a crueza creſcendo tanto, que paſſavam por ſima de corpos mortos, que eram tantos, que quaſi impediam a paſſagem aos noſſos. Neſte conflicto deram huma eſpingardada a Luiz de Mello da Silva por hum braço em ſima de hum encontro pegado ao hombro, que lhe quebrou os oſſos; e ſentio-ſe tanto della, que

ſe

ſe deixou ficar, dizendo aos ſeus que paſſaſſem adiante; e aſſim o fizeram com tanto valor, e animo, que foram paſſando ávante, perdendo algumas vezes terra; mas logo a tornavam a ganhar. E tanto fizeram, que a poder de mortes, e eſtragos deitáram os inimigos fóra da Ilha, e com tanta preſſa, que muitos ſe lançáram ao rio, onde perecêram.

Deſpejada a Ilha, ſe deixáram os noſſos ficar nella até vir recado do Viſo-Rey, capitaneando D. Franciſco de Almeida em lugar de Luiz de Mello da Silva, que ſe foi pera Cochim a ſe curar; e o Viſo-Rey o foi viſitar a ſua caſa, moſtrando grande ſentimento de o ver aſſim, porque receou que ſe eſcapaſſe, ficaria aleijado. E ſabendo do modo em que as couſas ficavam, logo deſpedio Martim Affonſo de Miranda, pera ir acabar de concluir aquelle negocio, dandolhe por regimento, que entregaſſe aquella Ilha pacifica a ElRey de Cochim, e que ſe tornaſſe pera elle. Chegado Martim Affonſo de Miranda á Ilha de Primbalão, mandou pelos navios, e manchuas dar tantos aſſaltos na gente do Çamorim, que eſtava da outra parte do rio, que de todo os fez recolher, e deixar os paſſos, ficando tudo deſalivado, e ſem impedimento algum. E por não haver mais que fazer, entregou a Ilha

a

a ElRey de Cochim, (que ſempre eſteve á viſta dos noſſos em todos eſtes tranſes,) e voltou pera o Viſo-Rey, que vendo concluida aquella guerra tanto em bem, e credito do Eſtado, mandou pagar geralmente a todos os ſoldados, e deſpedio alguns Capitães com gente pera Ceilão, por ſer já chegado D. Jorge de Menezes Baroche, que deixava aquella Capitanía entregue a Balthazar Guedes de Souſa, que foi continuando na guerra contra o Rajú, como adiante melhor diremos. E aſſim proveo o Viſo-Rey a fortaleza de Cranganor de Capitães, e gente pera ſua ſegurança, que foram, D. Franciſco de Mora, Nuno de Mendoça, Jeronymo Taveira, Jorge Homem, Manoel de Sá, Jeronymo Carvalho, D. Martinho Rolim, Ruy de Sá, Franciſco de Meſquita, e outros; e deixou dinheiro pera a paga dos ſoldados, e provimentos pera as mezas, que lhes haviam de dar. Provídas eſtas couſas, e outras, ſe embarcou o Viſo-Rey pera Goa, aonde chegou quaſi na entrada de Março, e a Cidade lhe fez muito grande recebimento.

CA-

CAPITULO XI.

De alguns Capitães, que o Viso-Rey D. Constantino despachou pera fóra: e da grande Armada que mandou a Ormuz, de que foi por Capitão mór Bastião de Sá: e de outra, que foi de soccorro a Surrate em favor de Cedemecan, de que foi por Capitão mór D. Antonio de Noronha Catarraz: e do que succedeo a estas Armadas.

CHegado o Viso-Rey D. Constantino a Goa, intendeo logo nos provimentos das fortalezas, e no despacho dos Capitães, que haviam de ir pera fóra; e porque achou Embaixadores do Rey, que foi de Baçorá, e dos Senhores das Ilhas Gizares, (do que na VI. Decada no Cap. XV. do IX. Livro temos dado larga conta,) os ouvio, e elles lhe deram suas cartas, em que lhe pediam os quizesse soccorrer com huma Armada, porque tinham os Turcos de cerco na fortaleza; e em tanto aperto, que lhes não faltava mais pera lha tomarem, que huma Armada, que lhes defendesse por mar os provimentos; e que elles se obrigavam a dar pera ElRey de Portugal a fortaleza, que estava sobre o mar, e ametade do rendimento daquella Alfandega, (como já outra vez

pro-

promettêram, quando D. Antão de Noronha fora áquelle negocio, como na mesma Decada assima fica dito, Cap. V. e Liv. IX.) E que pera segurança disto elles entregariam logo, em o Capitão mór chegando, refens bastantes, e a seu contentamento.

Estas cousas poz logo o Viso-Rey em conselho; e debatido o caso, se assentou que se lhes mandasse a Armada que pediam, porque aquelle era o mais importante negocio, que então na India havia; assim pelo muito que importava ao Estado da India tirar dalli tão ruim vizinhança, como a fortaleza de Ormuz tinha, sendo Baharem de Turcos, como pelo grande proveito que se esperava daquella Alfandega, que por tempos podia vir toda ao Estado, como a de Dio; e que além disso se segurava toda a India com aquella fortaleza na garganta do Eufrates, por onde não podia entrar, nem sahir cousa alguma de Turcos, e que ficava o caminho aberto pera por alli se passar adiante, quando Deos nosso Senhor offerecesse occasião pera isso.

Assentado isto, mandou o Viso-Rey ordenar huma Armada de nove vélas grossas antre galeões, e caravellas, quatro galeotas Latinas, e sete fustas, e elegeo pera esta jornada Bastião de Sá, que começou a correr com os provimentos della, e paga dos solda-

dados, que haviam de ser mil e quatrocentos homens. Em quanto esta Armada se fazia prestes, despachou o Viso-Rey a D. João de Taíde pera ir acabar o tempo que lhe faltava da sua Capitanía de Ormuz, por estar já livre das culpas, por que o tiráram della; e D. Antão de Noronha, que lá estava, acabava o seu tempo no Abril seguinte, e deo á véla por fim de Março. No mesmo tempo despachou tambem o Viso-Rey a D. Francisco Deça pera ir entrar na Capitanía de Malaca, porque tambem acabava João de Mendoça que lá estava, e em sua companhia foi o galeão da carreira de Maluco com provimentos pera aquella fortaleza, e huma náo pera as Ilhas de Bandá por contrato, que de novo fez o Viso-Rey com o Capitão, que era provído destas viagens. E porque he necessario declarar a causa, por que estas viagens se extinguíram, e o pouco proveito que ElRey dellas tinha, será necessario determo-nos hum pouco em o dizermos; e passa desta maneira.

Costumavam os Reys a prover estas viagens, como faziam ás de Maluco, que andáram sempre em Fidalgos muito honrados, (que não nomeamos por não fazermos comprida a historia,) porque importavam muito; e pera esta viagem costumavam levar a maior náo que ElRey tinha na sua ribeira, (por

(por ſer a carga que de lá trazia de mór volume, que do cravo;) de maneira, que a náo pera eſta viagem, officiaes, artilheria, munições, e cabedal montava huma grande ſomma de dinheiro, de deſpezas á fazenda de ElRey; e recolhia tão pouca couſa, que muitos annos ficava pondo (como lá dizem) as linhas de ſua caſa, aſſim pelas deſordenadas mercês, que os Viſo-Reys, e Governadores faziam dos terços, e choques, que vinham a ElRey, como pelos roubos que os Capitães das viagens, e dos de Malaca, e mais Officiaes faziam: no que ſe houvera juſtiça, e verdade, pudera montar pera ſua fazenda mais de ſetenta mil pardaos cada anno, ſem ElRey metter mais cabedal, que as deſpezas dos galeões; porque o ordinario que eſtas náos carregavam em Bandá eram mil e duzentos bares de nóz, e maſſa, de que cada bar tem ſinco quintaes, huma arroba, e dez arrateis do pezo da terra; e os Capitães, e Officiaes que o carregavam em ſuas liberdades, tiravam em Malaca tres quintaes, duas arrobas, dez arrateis do pezo daquella Cidade, e ficavam a ElRey forras pera elle ſete arrobas, e quaſi era o terço, de que os Viſo-Reys faziam mercês a ſeus parentes, e criados. E ainda paſſava eſta deſordem mais adiante, que davam licenças a outras peſſoas pera mandarem a Bandá trazer

tan-

tantos bares de nóz , e maſſa no galeão de ElRey , e que não pagaſſem mais que a trinta por cento , como os Officiaes , e ainda depois lhes faziam baixa ; e aos outros paſſavam Proviſões pera mandarem trazer certos bares comprados com a fazenda de ElRey , porque ſempre mandava cabedal , de que as peſſoas tomavam o riſco , e depois lhes paſſavam Alvarás de quita , e mercê, por onde ſempre ElRey ficava ſem couſa alguma. Do que informado o Viſo-Rey D. Conſtantino , vendo quanta mais obrigação tinha que muitos outros , de accreſcentar a fazenda de ElRey , e não diminuir nella, ordenou já o anno paſſado de não mandar náo de ElRey , e de arrendar a viagem (como fez ao Capitão provído della) por trezentos bares de nóz , e até ſincoenta de maſſa , forros pera ElRey , ſem lhe dar ordenado , nem mercê alguma , e nem iſto ſe pode colher. Pelo que eſte anno ſe concertou com o Capitão da viagem , e lhe deo dez mil pardaos ſeccos pera elle , ſem outro algum intereſſe , concertando-ſe á meſma razão com os Officiaes , pera ver ſe podia colher algum fruto daquellas viagens ; e mandou huma náo muito formoſa com cabedal, pera vir toda a carga pera ElRey , que tornou de lá , ſendo Viſo-Rey D. Antão de Noronha , como na VIII. Decada diremos,

ſe

ſe nos lembrar : e ſegundo as informações que temos , tambem não montou couſa alguma. E por iſto , e porque a terra eſtava alterada com as deſordens dos Capitães, que a ellas hiam, ceſſáram eſtas viagens, e ficou aquelle commercio livre aos Jáos , que todos os annos vão áquellas Ilhas, e carregão muitos juncos ſeus , e os levam a Malaca , e ao Achem. E porque no preço deſta droga fallámos já no Cap. XII. do VIII. Livro da noſſa IV. Decada , pelo primeiro contrato que os noſſos fizeram naquellas Ilhas, o deixamos de pôr aqui agora. A todos eſtes provimentos , e deſpachos deo o Viſo-Rey a mór preſſa que pode.

E porque chegou tarde de Cochim , e as couſas que ſe lhe offerecêram foram muitas, não pode deſpachar a Armada de Ormuz , em que Baſtião de Sá hia por Capitão mór , ſenão a doze de Abril , em que deo á véla com os nove galeões que diſſemos, de que eram Capitães , a fóra o General, que hia no galeão S. Lourenço, Ayres de Souſa , filho de Chriſtovão de Souſa de Santarem, que eſte anno tinha vindo do Reyno na náo Caſtello; Franciſco de Mello irmão do Monteiro mór , D. Franciſco de Almeida , que depois foi Capitão de Tangere, D. Filippe de Menezes , D. João de Caſtello-branco, João Lopes Leitão , Luiz

Frei-

Freire de Andrade, que foi Capitão de Chaul naquelle ſoberbo, e eſpantoſo cerco; e D. Diogo de Souſa, que depois foi Commendador da Ordem de S. João, e Baylío de Acre. Das quatro galeotas Latinas eram Capitães, D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór do Reyno; Ayres de Saldanha, que depois foi Viſo-Rey da India; Jeronymo Correa, filho de Antonio Correa Barem; e Henrique Moniz Barreto, filho de Ayres Moniz, irmão mais velho de Antonio Moniz Barreto, que foi Governador da India. Os Capitães dos ſete navios de remo eram Antonio de Noronha, Alexandre de Souſa, Pero Homem da Coſta, Ruy Freire, Pero Lopes Rabello, Eſtevão Pires, e Coſmo Faia.

Dada eſta Armada á véla, ſendo mais de cento e ſincoenta leguas affaſtada da coſta da India, na altura das Ilhas de Maldiva, lhe deo hum tempo contrario tão tormentoſo, que fez virar a todos em poppa, e com muito riſco, e trabalho foram correndo á vontade dos ventos, e quaſi deſtroçados ferráram a coſta de Carapatão até Baçaim eſpalhados, e cada hum ſe recolheo no porto que pode alcançar; e o Capitão mór com os mais dos navios de alto bordo foi tomar Chaul, onde por ſer tarde, e não haver já monção pera Ormuz, determinou de in-

vernar alli, e mandou desapparelhar os navios, e escreveo ao Viso-Rey o que lhe succedêra; perdendo-se, por partir tarde esta Armada, huma occasião tamanha, e ficando com as despezas feitas, que foram muito grandes, o que acontece cada dia na India, por se não fazerem as despezas necessarias a tempo: e onde isto faz mais nojo he no Reyno, onde por não entrarem hum mez antes no despacho das náos, e das cousas da India, se perdem tantas, tanta gente, e fazendas pela tardança de dez dias.

Pouco depois desta Armada partida de Goa, chegáram cartas ao Viso-Rey de Cedemecan, Senhor de Surrate, em que lhe fazia a saber que ficava cercado de seu sobrinho Chinguiscan, que o tinha em muito aperto; e que pois estava tão arriscado a perder aquella fortaleza, que antes a queria entregar a ElRey de Portugal, e aos Portuguezes, em que sempre achou amor, e amizade, que lhe pedia mandasse hum Capitão a tomar posse della, porque logo lha entregaria, e que não queria mais que porem-no em salvo com sua familia, e thesouros na parte que elle escolhesse.

Vendo o Viso-Rey a importancia do negocio, e que Diogo da Silva Capitão de Damão lhe escrevia a certeza do caso, affirmando-lhe que se não acudisse, que se per-

deria aquella fortaleza, que era a mais importante couſa que ſe podia offerecer. (Porque além de ſe eſperar muito grande rendimento de ſua Alfandega, pela commodidade do porto ſegurava as terras de Damão, e Baçaim, e acabava de deitar huma braga áquella enſeada, e a todo o Reyno de Cambaya, com huma ponta em Dio, e outra naquella fortaleza.) Pondo o Viſo-Rey eſte negocio em conſelho, ſe aſſentou nelle, que com muita brevidade acudiſſe a couſa tão neceſſaria, e importante; o que elle logo fez, ſem embargo do Eſtado eſtar muito deſpezo pelos exceſſivos gaſtos que tinha feitos naquelle anno, aſſim na ſua ida a Jafanapatão nas guerras de Ceilão, Cranganor, e provimentos das fortalezas, como na grande Armada de Baſtião de Sá, de que ainda não tinha novas. E logo com muita brevidade mandou armar quatorze navios de remo, que em dous, ou tres dias poz no mar, com muitos provimentos, e ſoldados; e elegeo pera aquella jornada a D. Antonio de Noronha o Catarraz, que ſe fez á véla aos vinte dias do mez de Abril.

Os Capitães que o acompanháram em os navios, foram D. Lopo da Cunha, irmão de D. Pedro da Cunha, Capitão mór das galés do Reyno, D. Pedro de Caſtro, Alvaro Pires de Tavora, Ruy Pires de Tavo-

vora ſeu irmão, D. Miguel da Gama, filho do Conde da Vidigueira D. Franciſco da Gama, e neto do primeiro Conde Almirante, que deſcubrio a India, e aquelle anno tinha vindo do Reyno; Fernão de Miranda de Azevedo, filho de Antonio de Miranda de Azevedo, Capitão mór que foi do mar da India nas differenças de Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Maſcarenhas, Christovão de Souſa, filho baſtardo de Antonio de Souſa, o Langará de alcunha, porque era manco, Fernão de Caſtro, João Gomes da Silva, Diogo de Souſa, André de Magalhães, André Taveira de alcunha o Cavalleiro triſte, e outros.

Neſta companhia deſpachou tambem o Viſo-Rey a Luiz de Mello da Silva para ir entrar na Capitanía de Damão, e a Simão Vaz Tello pera Feitor, e Alcaide mór della; e ſoltou D. Pedro de Almeida, que até então eſteve prezo, e o deſpachou pera ir acabar a ſua Capitanía de Baçaim. D. Antonio de Noronha ſe deo tanta preſſa, que em breves dias foi ſurgir ſobre Damão, onde eſtavam a mór parte das galeotas da companhia de Baſtião de Sá, que eram Ayres de Saldanha, D. Jorge de Menezes o Baroche, (com quem eu fui embarcado,) Henrique Moniz, e Pero Lopes Rebello, que ſabendo da jornada, a que D. Antonio hia,

determinâram de o acompanhar, e se fizeram prestes pera isso: e assim mesmo outros Fidalgos, que estavam naquella fortaleza, que foram, Ruy Gonçalves da Camara, e Tristão Vaz da Veiga, que todos foram tomar D. Antonio de Noronha na barra de Surrate, que elle recebeo bem, e estimou muito, porque lhe acabâram de fazer huma Armada de grande representação, e de mais gente, porque de Goa não trazia mais que duzentos homens, por serem os soldados embarcados em outras Armadas.

E primeiro que entremos nas cousas, que succedêram a D. Antonio de Noronha, nos pareceo bem dar conta das cousas do Cedemecan, e Chinguiscan para melhor entendimento da historia. Atrás no Cap. VII. deste IX. Livro temos dito, como estando o Chinguiscan sobre Surrate, por vingar a morte do pai, se alevantou de sobre aquella fortaleza, por acudir a seu Estado, que lhe entrava por elle Alucan, e lhe tinha tomado a Cidade de Veredora: agora continuaremos com o que mais succedeo.

Chegado o Chinguiscan a Baroche, ajuntou toda a mais gente que pode, e foi buscar o Alucan, que estava em Veredora com grande poder; e assentando seu exercito, começâram ambos a ter escaramuças custosas, que durâram quasi todo este verão, e por

fim

fim ficou o Chinguiſcan com a vitoria, e tornou a tomar a ſua Cidade. Agora vendo-ſe outra vez deſimpedido, com a mão folgada, com a gente contente, e victorioſa, determinou de tornar contra o tio, e não ſe alevantar de ſobre Surrate ſem ſe ſatisfazer da morte do pai; e poſto que tinha pera iſſo exercito baſtante, quiz ir com mais poſſe, e mandou a Cambayete convidar pera aquella jornada a Berancan, e o Cem Mirza, ambos irmãos, filhos de hum irmão mais moço do Hecbar Rey dos Magores, que andavam fugidos daquelle Rey, porque os pertendia matar, de quem já nas outras Decadas démos mais larga relação, quando tratámos do alevantamento de todos os Governadores das Provincias de Cambaya pela morte de ElRey Soltão Mahamude, que o Ithimitican dizem que matou; e ficáram eſtes dous irmãos com tres, ou quatro mil Magores que traziam, vencendo o ſoldo de ElRey de Cambaya. Eſtes mandou o Chinguiſcan (como hiamos dizendo) convidar pera ſe acharem com elle naquella empreza, e lhes offereceo muito liberaes pagas, que elles acceitáram, e ſe vieram pera elle com toda a gente de ſua companhia. E na entrada deſte mez de Abril do anno de ſeſſenta foram aſſentar ſeu campo ſobre a fortaleza de Surrate, e plantáram muita, e formoſa ar-

artilheria, que de novo trouxe, contra o baluarte, que fica pera a parte da Alfandega, onde fizeram fortes baſtiães, e armáram grandes ceſtões de terra, e foram continuando a bateria com tanto terror, e eſpanto, que encheo de medo todos os de dentro, derribando-lhes todos os altos do baluarte até o arrazarem por ſima: e por outra parte foram fazendo huma formoſa mina por ordem de alguns Turcos, grandes Officiaes, que pera iſto trouxe, que he tão profunda, que paſſava por baixo da cava, que era bem alta. O Cedemecan vendo-ſe tão apertado com hum poder tão groſſo ſobre aquella fortaleza, e que não tinha donde ſe valer, entendendo que não podia deixar de perder a fortaleza, e a vida com ella, a quiz antes entregar aos Portuguezes, que tomar-lha o inimigo, e a mandou offerecer (como temos dito) ao Viſo-Rey D. Conſtantino em nome de ElRey, que deixou de vir a noſſo poder por não ſer vivo D. Diogo de Noronha, que de ſua natureza, e zelo ſe entendia que acudíra áquelle negocio em peſſoa, e com tempo; porque a elle com mais goſto, que a nenhum outro Capitão, a entregára o Cedemecan ſem os receios com que andou.

CAPITULO XII.

Do que aconteceo a D. Antonio de Noronha em Surrate: e dos recados que passáram antre elle, e o Cedemecan: e de como ganhou huma estancia ao Chinguiscan, e lhe tomou a artilheria: e da batalha que lhe deo em campo, em que o desbaratou, e lhe fez alevantar o cerco, que tinha posto áquella fortaleza.

DEixámos neste Capitulo atrás D. Antonio de Noronha chegado ao rio de Surrate, que logo no primeiro poço surgio com toda a Armada, e mandou armar tendas em terra até o outro dia, que chegáram os navios de Damão, e alli fez alardo de toda a gente da Armada, e achou pouco mais de quatrocentos homens: e a primeira cousa que fez foi despedir logo Coge Abraham em hum catur ligeiro com recado ao Cedemecan, como era chegado, e a saber o modo que queria ter naquelle negocio da entrega da fortaleza, e lhe mandou as cartas do Viso-Rey, em que lhe dizia, como mandava D. Antonio de Noronha com aquella Armada pera o favorecer, e ajudar, e pera o pôr com toda sua casa, e familia na parte onde quizesse, muito a seu salvo, e que a elle podia entregar a fortaleza, como lhe ti-

tinha promettido, porque levava ſeus poderes, fazendo-lhe muitos offerecimentos, e promeſſas, cumprindo o que lhe tinha mandado offerecer; e ao Judeo advertio, que notaſſe mui bem tudo o que hia na fortaleza, e o que entendia do Cedemecan, pera que lhe ſoubeſſe dar razão de tudo o que viſſe. O Judeo foi a Surrate, e o Cedemecan o recebeo bem, e praticou com elle em ſegredo, e ſós ſobre a entrega da fortaleza, porque ſe não tinha fiado em aquelle negocio de peſſoa viva, por ſe não alterarem os ſeus, por recear que o prendeſſem, e o entregaſſem ao Chinguiſcan. E diſſe ao Coge Abraham, que ſe foſſe o Capitão mór com toda a Armada ſurgir defronte da fortaleza, como que hia em ſeu favor, pera o Chinguiſcan alevantar o cerco, e o deſapreſſar; e que fazendo-o, então huma noite o mais ſecreto que pudeſſe lhe entregaria a fortaleza, e ſe embarcaria em alguns navios pera ſe paſſar a Jaquete.

Com eſte recado foi o Capitão mór D. Antonio de Noronha pelo rio aſſima até o poço do Pagodinho, (que eſtá mais de huma legua da barra, da banda do Abexim,) e alli ſurgio, por ſer aviſado que o Chinguiſcan era alli chegado do dia dantes; e que tinha ſobre o canal plantadas eſtancias antre humas hervas leiteiras, em que havia mui-

muita artilheria, com tenção de lhe defender a paſſagem, como de feito aſſim era; porque tanto que o Chinguiſcan vio a noſſa Armada no rio, receando-ſe que o Cedemecan quizeſſe entregar aquella fortaleza aos Portuguezes, deixou as eſtancias aſſim como eſtavam, batendo a fortaleza com quinze, ou dezeſeis mil homens de guarda; e elle com tres, ou quatro mil de cavallo, e os dous primos do Rey dos Magores, ſe foi pôr na aldea dos Abexins, e mandou pôr nas hervas leiteiras junto ao Pagodinho nove peças de artilheria de metal, que eram cães, e camelos, pera com elles defender a paſſagem á noſſa Armada.

Tanto que o Capitão mór ſurgio hum pouco antes da eſtancia, ſabendo da determinação do Chinguiſcan, ſe foi pera a galeota de Ayres de Saldanha, (por ſer muito grande, e de dous baileos,) e alli chamou a conſelho todos os Capitães; e dando-lhes conta do negocio, ſe aſſentou, que ſe não bulliſſe com o Chinguiſcan, (que era até então noſſo amigo, e que ainda ſe não tinha declarado, e que paſſaſſe toda Armada pera a fortaleza,) e que atirando-lhe das eſtancias, então deſembarcaſſem, e as tomaſſem; mas que foſſe elle o primeiro que quebraſſe a paz.

Com eſta reſolução ſe metteo o Capitão mór

mór em huma galueta , e foi correndo a Armada a dar-lhe aviso do que haviam de fazer. E prepassando pela galeota de D. Jorge de Menezes , chamando por elle , lhe disse aquellas palavras do Romance velho: *Vamonos dixo, mi tio , a Pariz essa Ciudad*, dando-lhe a entender que estava assentado passar ávante pera a fortaleza. E D. Jorge de Menezes lhe respondeo muito apressado com o mesmo Romance : *Non en trajes de Romeros , porque no os conozca Galuan.* E mettendo-se com elle na galueta , o foi acompanhando até a sua galeota , ficando assentado , que ao outro dia pela manhã, no começo da enchente da maré, tanto que elle fizesse sinal com huma bombardada , se levassem, e fossem caminhando pelo rio assima com as armas nas mãos; e que se da tranqueira lhe atirassem bombardadas , puzessem as proas em terra , e lhes ganhassem aquella estancia : e assim toda aquella noite gastáram os nossos em fazer munições , e em alimpar as armas; e tanto que amanheceo, que a maré começou a subir, ouvíram o sinal do Capitão mór , e se leváram todos os navios , tomando o remo em punho pera passarem pera a fortaleza.

Estavam surtos defronte da estancia da artilheria diante de toda a Armada os navios de D. Jorge de Menezes , Ayres de Saldanha,

nha, D. Miguel da Gama, Pero Lopes Rebello, e Henrique Moniz Barreto, (que eram os melhores navios, e da melhor, e mais limpa foldadefca de todos os da Armada,) que levando a ancora ao final, em começando a remar, difparáram das eftancias algumas bombardadas, e da primeira carga deram huma na galeota de D. Jorge de Menezes, onde eu eftava embarcado, que tomou o navio pela proa por baixo do jugo, e levou as pernas a finco, ou feis marinheiros; e outra paffou por alto, e tomou pelas tifouras da galeota, e foi varando fóra, fem fazer mais damno. E na galeota de Ayres de Saldanha deram outra, que lhe matou dous, ou tres homens, e outros tantos no navio de D. Miguel da Gama, e os mais não ficáram fem quinhão. Apôs efta carga veio outra, que tambem fez affás de damno; com o que embaraçou os marinheiros de feição, que alguns deixáram o remo, ficando os navios atraveffados ás bombardadas.

Vendo os Capitães dos navios o damno que tinham recebido, mandáram aos Caturreiros que puzeffem as proas em terra, porque menor damno fe efperava, que eftarem alli á barreira, e affim endireitáram pera ella; e pondo as proas abaixo das barranceiras, faltáram os foldados logo em terra,

e

e com grande animo, e valor commettêram as estancias, que ás cutiladas ganháram muito depressa, e logo sobre a artilheria se arvoráram algumas bandeiras. E como os do navio de D. Jorge Baroche foram dos primeiros, que isto fizeram, (e eu hia com elles, que era então de dezoito annos, e desejoso de ganhar honra,) chegando á estancia dos Mouros, achei huma carreta de campo com huma formosissima peça de artilheria, e dous bois muito grandes que a tinham; e lembrando-me de huma machadinha de Rumes que levava na cinta, (que os soldados então costumavam,) com ella jarretei os bois pelas pernas; e depois de cahirem, e com alguns companheiros dos que se alli achâram, virámos a peça de artilheria pera o campo, onde os Mouros estavam em hum mui formoso esquadrão, e varejámo-los com ella mui arrezoadamente; e os bois, que eram maiores que os de Alemtéjo, mettemos na nossa fusta, que nos foi boa matalotagem.

O Capitão mór, que vinha a remo, ouvindo as bombardadas, e vendo os nossos navios com as proas em terra, não quiz passar adiante, e desembarcou na parte em que hia, (que ficava a tiro de berço, onde estavamos;) e formando seu esquadrão mui bem ordenado, com a bandeira de

Chri-

Chriſto no meio, foi marchando pela borda da barranceira por hum formoſo, e eſpaçoſo campo, e os navios todos ao longo da praia por coſtas. O Chinguiſcan, que hia já acudindo ás eſtancias, (porque aquella briga que nella tivemos foi mui abbreviada,) e vendo o Capitão mór em terra, foi-ſe eſtendendo em huma meia lua, cujas pontas hiam fechar nas barranceiras ſobre o rio de huma, e outra parte, ficando os noſſos no meio. E os deſta ponta, que ficava abaixo dos noſſos, ſe adiantáram alguns aventureiros dos inimigos, e foram travar eſcaramuça com os noſſos, de que tambem ſe adiantáram alguns, e antre eſtes foi o primeiro Ruy Gonçalves da Camara, filho do Capitão da Ilha da Madeira; e foi tão venturoſo, que vio hum daquelles Magores romper nelle o encontro, que elle eſperou a pé quedo com huma alabarda nas mãos; e ao paſſar o Magor, o levou Ruy Gonçalves da Camara na ponta da alabarda, e deo logo com elle morto em terra; e depois ſe ſoube que era hum dos principaes Capitães do exercito, chamado Ceifel Maluco: os companheiros tambem ſe acolhêram eſcalavrados da noſſa arcabuzaria, de que alguns foram mortos em ſima dos cavallos, (porque coſtumam andar percintados nelles pera não ficarem antre os inimigos;) e aſſim depen-

du-

durados dos cavallos os viamos ir pelo campo desenfreados , e desatinados. Os nossos navios , que hiam de longo da praia , com a maré (que assim como hia subindo , e crescendo) hiam elles descubrindo mais o campo , de feição que tiveram tempo pera desparar em os falcões antre os inimigos , onde com elles fizeram muito damno , e os nossos foram caminhando mais desalivados , até chegarem á tranqueira onde nós estavamos : e a primeira cousa que o Capitão mór fez , foi mandar embarcar a artilheria pelos marinheiros dos navios , estando o nosso exercito sempre no campo fóra das leiteiras á vista dos inimigos , por lhes mostrar quão pouca razão tinham pera os recear.

O Chinguiscan vendo aquella confiança dos nossos , ficou algum tanto quebrado da sua ; e todavia despedio os dous irmãos Magores com mil e quinhentos cavallos da sua cevadeira , por lho elles pedirem , porque desejavam de provar a mão com os Portuguezes , que com grande determinação commettêram. O Capitão mór os esperou em hum esquadrão fechado , e bem ordenado , com os Capitães postos á roda , ficando elle de fóra capitaneando ; e como era homem mui grande , e membrudo , e andava vestido em huma roupeta , e calções de cetim aleonado , tudo espeguilhado douro , e por sima trazia

hu-

huma formosa saia de malha, e hum montante nas mãos, andava tão formoso, que não havia mais que ver; e assim rodeando o seu esquadrão, andou sempre de fóra delle, porque os seus se não desmandassem. E chegando os Magores a tiro de arcabuz, dispanáram os nossos nelles huma, e duas cargas tão bem empregadas, que dellas ficáram mais de oitenta estirados no campo, a fóra os que os cavallos leváram: e todavia como vinham com aquelle impeto na primeira commettida, ficáram baralhados com os nossos, e atropeláram alguns, que se sahíram do esquadrão, por muito que o Capitão mór trabalhou pelos ter. E destes atropelados foi hum soldado chamado Antonio Nicolas, que esperou hum daquelles Magores com huma espada, e rodella, e cahindo no chão virou o Mouro sobre elle pera o matar; mas assim de costas, e quasi por debaixo do cavallo lhe deo tantos golpes, que lhe cortou huma perna, e deo com elle no chão; e levantando-se com muita pressa, matou o Mouro, estando já soccorrido dos nossos; e logo lhe tirou hum terçado de prata com sua guarnição de talabartes, que lançou ao pescoço, e assim andou pelejando com muito valor, porque andava já a cousa muito travada á espada, e os nossos mui accezos na peleja, em que

to-

todos fizeram taes cousas , que os inimigos de escandalizados se foram recolhendo pera onde estava o Chinguiscan , bem desconfiados aquelles dous Principes Magores, e enfadados daquelle mal esperado successo; porque elles foram occasião do Chinguiscan quebrar as pazes que tinha com o Estado, por dizerem muitas vezes que desejavam de se ver em campo com os Portuguezes , pela fama que tinham antre todas as nações da India : e assim víram logo experiencia em os seus, porque os mais dos que morrêram foram Magores, que por mais soberbos, e atrevidos se adiantáram

Recolhidos elles pera o Chinguiscan, se puzeram todos no campo em hum muito formoso esquadrão á vista dos nossos, onde parece estiveram tomando conselho sobre o que fariam ; e entre tanto lhe mandáram lá os nossos alguns pelouros de duas peças, que ficáram carregadas , que foram as derradeiras que se embarcáram, cujos pelouros levantáram antre elles grandes nuvens de poeira, e desfizeram o conselho. Todavia parece que de affrontados, e magoados assentáram de commetter os nossos ; e tornáram a rebentar pelo campo com grande furia, lançando diante muitas bombas de fogo, que no meio dos nossos se desfizeram , sem perigar mais que hum só. E como os nossos

ſos eſtavam com a mão folgada do ſucceſſo paſſado, deo-lhes pouco delles, e aſſim eſperáram os inimigos com grande determinação, e antre todos ſe travou huma aſpera batalha, que durou pouco, porque a noſſa artilheria pelas ilhargas, e a arcabuzaria por diante aſſim os eſcandalizou, que ſe tornáram a recolher pera o cabo do campo, onde Chinguiſcan ficou, que deſconfiado daquelles ſucceſſos, determinou de ir pelejar com os noſſos a pé quedo, pera o que ſe deſceo, e fez pôr todos a pé, e formou outro eſquadrão com propoſito de ir morrer antre os noſſos, ou ſatisfazer aquella quebra. Eſtando com eſta furia, ſe chegou a elle hum homem de ſua obrigação, e lhe pedio, que não quizeſſe arriſcar ſua peſſoa com os Portuguezes, que pelejavam como deſeſperados, e que ninguem havia de levar delles a melhor; e ainda ſe liou com elle, pedindo-lhe que não paſſaſſe dalli. Eſtando niſto, lhe chegou hum recado de ſua mãi, (que ficava nas eſtancias,) em que lhe mandava pedir pelo amor que lhe tinha, e pela lei do ſeu profeta Mafamede, que ſe recolheſſe, e não quizeſſe pelejar com aquelles Cafres, (que aſſim nos chamam elles por deſprezo, que tanto quer dizer como Cafres,) porque lhe dizia o coração que ás ſuas mãos havia de morrer, como ſeu avô Coge Çofar. Com eſ-

efte recado da mãi tornou elle a cavalgar; e ajuntando os feus, fe foi recolhendo pera as eftancias, e não fe deteve nellas mais, que em quanto mandou recolher toda a artilheria, com que fe foi pera fóra da Cidade, porque fe receou que fe ajuntaffem os noffos com Cedemecan, e lha tomaffem.

Os noffos fe fizeram fenhores do campo; e depois de fe embarcar toda a artilheria, fe recolhêram aos navios; e todo aquelle dia, e noite paffáram no mefmo poufo junto de huma formofiffima náo chamada a Rupaia, que quer dizer, náo de prata, porque cada anno vinha de Meca com huma grande fomma della, e doutras riquezas, por fer embarcação, em que fe embarcavam os mais ricos mercadores de todo o Reyno de Cambaya; e todos os da Armada a julgámos por maior que todas as que andavam na carreira da India; e nella entrámos quafi todos os foldados da Armada, e nos provemos de chumbo em duas ancoras de ferro que tinha, com huma guarnição delle no remate das unhas, parece que pera pezo, e ainda todos o não pudemos efgotar.

CAPITULO XIII.

Dos recados que ſe paſſáram antre D. Antonio de Noronha, e o Cedemecan: e de como o Capitão mór a ſua petição commetteo a Cidade, pera lançar della o Chinguiſcan: e de como D. Antonio de Noronha ſe vio com o Cedemecan ſobre a entrenha da fortaleza, e as cauſas que houve pera a não entregar: e de como a Armada ſahio do rio, e D. Antonio de Noronha ſe foi pera Goa, e o Viſo-Rey D. Conſtantino o mandou prender.

AO outro dia pela manhã ſe levou o Capitão mór com toda a Armada embandeirada, e foi ſurgir defronte da fortaleza, e mandou ſaber do Cedemecan o que determinava, e o que queria que fizeſſe; e elle lhe mandou pedir, que deſembarcaſſe em terra, e mandaſſe desfazer as eſtancias dos inimigos, pera ſe ſegurar mais, e que depois lhe entregaria a fortaleza. D. Antonio o fez aſſim, e ſe poz debaixo da fortaleza em terra com toda a gente em armas, e derredor dos muros fez hum muito bem ordenado eſquadrão, dando huma formoſa, e ſoberba ſalva de arcabuzaria, e a Armada de artilheria: o que fez repreſentar a todos outro maior, e mais poderoſo exercito de gen-

gente, do que era, porque aquella pouca encheo os olhos de todos aquelles Mouros, que ainda que ſe moſtrem amigos, ſempre os põem nos Chriſtãos com odio, e aborrecimento. Com eſta ordem foi o Capitão mór até ás eſtancias do Chinguiſcan, e mandou pelos marinheiros da Armada desfazer os ceſtões, e derribar os vallos, e trincheiras, e arrombar, e entulhar as minas; e em quanto ſe iſto fazia, andava o Cedemecan no baluarte da bateria com muitos Officiaes concertando, e repairando todas as ruinas de feição, que tornou naquelle dia, e no outro ſeguinte ao pôr no eſtado em que dantes eſtava. E tanto que as eſtancias foram derribadas, mandou o Cedemecan dizer ao Capitão mór, que o Chinguiſcan eſtava ainda dentro na Cidade, (que era hum tiro de béſta affaſtado da fortaleza,) que lhe pedia o foſſe lançar della, pera elle mais livremente ſe poder embarcar, e entregar-lhe a fortaleza; e pera iſſo lhe mandou alguma gente de pé, que ſeriam até quatrocentos, e algumas trombetas, e atabales em camelos, e muitos ſoldados dos ſeus armados de mui groſſas malhas, forradas de fortes laminas daço pelos peitos, e os mais com armas do corpo.

Eſtas dilações do Cedemecan (ſegundo alguns entendêram) foram pera gaſtar o tem-

tempo, que era em fim de Abril, em que ſe eſperava pelo inverno, pera a noſſa Armada ſe ir dalli, porque já eſtava em eſtado defenſavel; mas o que depois ſe teve por mais certo, foi, que ſe não atreveo declarar aos ſeus a entrega que queria fazer da fortaleza aos Portuguezes, porque ſe receou que o mataſſem, e aſſim nunca tratou os recados ſenão ſó, e em ſegredo com Coge Abrahão, com tanto reſguardo, e cautelas, que nunca lho entendêram. D. Antonio de Noronha tambem cuidou que aquillo eram entretimentos, e que mandar-lhe pedir que lançaſſe o Chinguiſcan fóra da Cidade, era invenção; mas porque não cuidaſſe o Cedemecan que por medo do Chinguiſcan deixava de fazer o que lhe pedia, quaſi deſconfiado lhe mandou dizer, que logo faria o que lhe mandava, e que pera aquelle negocio não havia miſter gente ſua; e tornou-lha a mandar. E na meſma ordem em que eſtava foi marchando pera a Cidade, levando ſempre a Armada de longo da ribeira á ſua viſta, o que ſe lhe eſtranhou muito, porque ſe foi metter em huma Cidade muito grande, e de muitas ruas, e becos, onde lhe pudera acontecer hum grande deſaſtre, e deſaventura. E entrando por ella, foi pela rua grande, que corre defronte da Alfandega, em que vinham dar outras muitas ruas,

por

por onde lhe deo moſtra huma copia de gente de cavallo, com que os noſſos travâram huma eſcaramuça de eſpingardaria; e andando aſſim travados, deram rebate ao Capitão mór D. Antonio de Noronha, que o Chinguiſcan vinha com todo o poder, por ſaber que andavam os noſſos dentro na Cidade. E receando-ſe D. Antonio de Noronha que lhe tomaſſem as ruas á volta, o que ſeria cauſa de ſua perdição, por não moſtrar que voltava com algum receio, ou virava as coſtas com temor, não quiz voltar pela meſma rua, mas fello pela primeira que achou ſobre a mão eſquerda pera a banda do mar. E na meſma ordem foi marchando devagar até ſahir ás coſtas da Alfandega, onde a Armada eſtava ſobre o remo, e foi voltando até ás eſtancias dos inimigos, onde ſe embarcou muito a ſeu ſalvo, deixando a noſſa arcabuzaria alguns Mouros eſtirados por dentro das ruas, e foi ſurgir defronte da fortaleza, onde ſe deixou ficar aquelle dia, em que corrêram recados delle pera o Cedemecan ſobre a entrega della; e por fim vieram a concluir, que foſſe o Capitão mór D. Antonio de Noronha ao outro dia verſe na ponte da fortaleza com o Cedemecan com ſós quatro, ou ſinco homens, e que elle lhe viria alli fallar, e concluiriam naquelle negocio.

Ao

Ao outro dia se embarcou o Capitão mór em huma manchua, vestido em huma roupa de cetim roxo, e calções do mesmo, todos guarnecidos de ouro, e por baixo huma muito fina saia de malha: levava na cabeça gorra com huma medalha, e plumas muito formosas, e tres pagens, hum com hum montante nú, outro com hum escudo daço, e o outro com hum murrião, e elle com hum bastão na mão; e das quatro, ou sinco pessoas que comsigo levava, não sou lembrado. Chegado á ponta do caes, esperou até se abrir a porta da fortaleza, e sahir por ella o Cedemecan, que vinha vestido em huma cabaia de veludo carmesim guarnecida de ouro, e trazia na cabeça huma muito fina, e formosa touca, e hum rico Camarabando cingido, e na cinta hum punhal de ouro, e diante alguns pagens, hum com o terçado, outro com hum cofo de aço, e outro com hum arco, e coldre com fréchas. Vinham mais com elle sinco, ou seis Capitães, que o rodeavam, (era então mancebo de vinte e quatro até vinte e sinco annos, alvo, louro, e de muito boa disposição,) e foi caminhando pera o caes. O Capitão mór logo desembarcou, e no meio da ponte se encontráram, e nas vistas tiveram muitos cumprimentos; e apartados ambos com Coge Abrahão, falláram sobre a

en-

entrega da fortaleza. O Cedemecan lhe disse, que estava muito prestes pera cumprir o que tinha promettido ao Viso-Rey, e a elle; mas que o não podia fazer senão com muita ordem, e segredo, porque até então o tinha encuberto aos seus, por recear haver antre elles algumas alterações, senão levasse a cousa no mesmo segredo, em que estava até á hora da entrega da fortaleza. Que lhe pedia se deixasse estar mais dous, ou tres dias com sua Armada, em quanto elle negociava sua embarcação, e recolhesse seus thesouros; e que tanto que tivesse tudo prestes, na mesma hora de sua embarcação lhe entregaria a fortaleza. E depois de sobre este negocio praticarem muito devagar, e D. Antonio de Noronha lhe dar alguns avisos de como havia de proceder naquelle negocio, se despedíram, e o Capitão mór foi surgir no meio do rio, onde se deixou estar, até o Cedemecan lhe mandar recado pera ir tomar entrega da fortaleza. E quando esperava por isso, foi avisado que havia nella grandes alterações antre os Capitães reinoes, que estavam dentro, e tinham tomadas as portas ao Cedemecan, porque se não concertasse com o Capitão mór, porque depois daquellas vistas ficáram com receio, e suspeitáram o negocio, e traziam grandes espias sobre elle.

Ven-

Vendo o Capitão mór aquelle feito tão mal parado, chamou todos os Capitães a conſelho, e deo-lhes relação de tudo o que tinha paſſado com o Cedemecan, e do eſtado em que aquelle negocio eſtava; e como os da fortaleza andavam quaſi alevantados contra o Cedemecan, porque ſuſpeitavam, ou foram aviſados deſte negocio, e que já não eſperava bom fim áquellas couſas, que lhes pedia ſeus pareceres, conſtando a brevidade do tempo. E ſendo debatido o caſo conforme ás informações de Coge Abrahão, votáram quaſi todos conformes, dizendo, » que eram quinze de Maio, e que pela » conta ordinaria não tardaria o inverno » mais que até alguma chea, em que com» mummente coſtumava a entrar naquella » enſeada; e que ſendo caſo que os tomaſſe » dentro naquelle rio, ficavam arriſcados a » ſe perderem, e vir aquella Armada a po» der de Chinguiſcan, com que poderia fa» cilmente tomar aquella fortaleza, e depois » a Cidade de Damão; porque tomando-os » alli a invernada, não havia onde ſe pro» veſſem, e que por força ſe haviam de en» tregar á fome; e que ainda a tudo iſto ſe » poderiam arriſcar, ſe houveſſe eſperanças » de o Cedemecan poder cumprir ſua pala» vra; mas que tudo era trabalho perdido, » porque ſe a ſua tenção fora entregar aquel» la

» la fortaleza, já o pudera ter feito livre-
» mente, e sem risco algum; e que bem se
» deixava entender que a necessidade em que
» se vio, o fez tão liberal nas promessas,
» pois que tanto que se vio desapressado do
» inimigo, tratou tantas dilações; e que as
» alterações que diziam, podiam ser artificio
» pera sua escusa; e que pedir aquella Ar-
» mada bem claro estava que foi mais pera
» se valer della, que por vontade que ti-
» vesse de fazer aquella entrega; e que pois
» a cousa estava neste estado, não havia que
» esperar, senão deixar tudo, e não arriscar
» huma Armada, cheia de tantos, e tão
» bons soldados, e de tão nobres Fidalgos,
» a cousas tão duvidosas.»

Assentado isto, levou-se logo o Capitão mór, e foi surgir no poço da barra, e na maré da noite se sahio pera fóra com tanto risco, e perigo, que esteve a mór parte da Armada perdida nos canaes; e sahidos pera fóra, deram á véla, e ao outro dia foram tomar Damão, onde quasi todos aquelles Capitães se recolhêram a invernar; e assim este inverno foi o em que naquella fortaleza invernou a melhor soldadesca, e mais Fidalguia, e Nobreza, que nunca se vio em alguma outra fortaleza da India, porque foram mais de dous mil homens pera quem se ordenáram sinco mezas, de que eram Ca-

pi-

pitães D. Jorge de Menezes Baroche, Ruy Gonçalves da Camara, D. Francisco Henriques, Fernão de Castro, e Tristão Vaz da Veiga, a fóra outros, que em suas casas, e á sua custa deram mezas a muitos soldados, como foram Ayres de Saldanha, D. Miguel da Gama, D. João da Costa, Alvaro Dias de Sousa, e outros; e a toda esta gente pagáram este inverno geralmente dous quarteis, além de suas mezas.

Huma das cousas que me embaraça muito, he ver que no tempo, em que se estas cousas faziam, não rendia o Estado da India pera ElRey mais que setecentos mil pardaos, com que os Viso-Reys (além dos gastos que tenho dito) faziam pagas geraes, quando se embarcavam; e a fóra a Armada do Malavar, mandavam outra ao Estreito de galeões, e galeotas, e soccorros de fortalezas; e hoje que a India rende em dobro, faltão as mais destas cousas. E deixando isto, tornemos ao Capitão mór D. Antonio de Noronha, que foi passando pera Goa, aonde chegou em tres dias; e da barra mandou recado ao Viso-Rey D. Constantino do successo desta jornada, que assim se enfadou por perder aquella empreza, que cuidava tinha nas mãos, que mandou dizer a D. Antonio de Noronha, que se fosse prezo pera hum passo, dandо-lhe por culpa o vir-se sem

ſem ſua licença ; mas depois de lhe paſſar a colera , e paixão , o ſoltou , e teve com elle muitas ſatisfações , porque ſoube a verdade do caſo.

CAPITULO XIV.

De como os Mouros , que eſtavam na fortaleza de Surrate , quizeram matar Cedemecan pelos tratos que teve com D. Antonio de Noronha , e elle lhes fogio : e de como foi morto por ordem de Chinguiſcan.

POr muito grande ſegredo que o Cedemecan teve naquelles tratos , em que andou com D. Antonio de Noronha ſobre a entrega da fortaleza , não deixou de vir á noticia dos ſeus , e ſempre ſe receáram depois que víram a noſſa Armada naquelle rio. E como já traziam olho nelle , acabáram de ſe ſegurar em ſuas ſuſpeitas o dia que ſe vio com D. Antonio de Noronha na ponte ; e lançando ſuas eſpias , e intelligencias , ſouberam que ſe negociava com grande preſſa , e ajuntava ſuas joias , e theſouros , (como de feito aſſim era ,) porque ſempre ſua tenção foi entregar a fortaleza , e cumprir ſua palavra ; e todas aquellas dilações com D. Antonio de Noronha foram por ſe não atrever a declarar , por ſe recear que como os ſeus o ſoubeſſem , ſem dúvida o haviam de ma-

matar, ou entregar ao Chinguiſcan. E querendo elle ultimamente entregar a D. Antonio de Noronha a fortaleza, o meſmo dia que elle ſe affaſtou della, acudíram os Mouros Nacteas de Reinel, que eſtavam com elle na fortaleza, e quizeram lançar mão delle, e prendello, porque os não entregaſſe aos Portuguezes com ſuas mulheres, e filhos, de quem eram tão inimigos, que antre todas as nações do mundo eſtes Nacteas, que ſeguem os Arabios em ſuas ſeitas, são os que mór mal lhes querem que todos, e aſſim elles são cauſa de o Çamorim, e todos os Reys do Malavar quebrarem ſempre as pazes com o Eſtado, porque todos os que habitam naquella fralda toda, são deſta caſta. O Cedemecan ſentindo a alteração nelles, teve modo com que lhes eſcapou, e huma noite ſe ſahio da fortaleza com quinze de cavallo; e deſviando-ſe do exercito do Chinguiſcan, foi caminhando apreſſado pera as terras do Vergi, (que são aquellas, que jazem antre o Reyno de Cambaya, e as do Decan, que he hum Reyno muito aſpero, e de ſerras muito fortes, e intrataveis, por ſer aquelle Rey da caſta dos antigos Reys de Cambaya, com quem corria em muito grande amizade.) E aqui o deixaremos hum pouco, por darmos conta do que ſe paſſou na fortaleza, depois que elle ſe ſahio della.

Ao

Ao outro dia, tanto que amanheceo, acháram os de dentro o Cedemecan menos; e vendo que nos Paços lhe ficáram ſuas mulheres, e theſouros, não tocáram em couſa alguma, e tratáram de defenderem a fortaleza, ſe o Chinguiſcan tornaſſe ſobre ella; que logo foi aviſado da fogida do tio, e da ida da Armada, com o que ſe tornou a abalar contra a fortaleza, e aſſentou ſuas eſtancias onde dantes as tinha. E querendo pôr em ordem a bateria, lhe chegáram novas, que o Alucan tornava outra vez ſobre a Cidade de Veredora com grande poder; e largando logo tudo, acudio lá, e defendeo mui bem ſua Cidade, durando antre aquelles dous Capitães a guerra todo o inverno, em que houve muitos recontros, e aſſaltos, que deixamos, porque nos não ſervem, e temos muito que tratar.

O Cedemecan, que deixámos partido de Surrate, foi pela poſta ter á Corte do Vergi, e lhe deo conta de ſeus trabalhos, e lhe pedio ajuda pera ſe paſſar á Corte de Cambaya, a Cidade de Amadabá, a ſe ver com ElRey. E como o Vergi era grande ſeu amigo, o conſolou, e o teve comſigo alguns dias, e depois lhe deo duzentos homens de cavallo, e cem mil cruzados, e joias de muito preço, com que ſe partio pera a Corte, e ſe vio com ElRey, e com

o Ithimitican ſeu Regedor, e lhes deo conta de ſeus trabalhos, que elles ſentíram muito, e lhe promettêram de o favorecer, e ordenar todas ſuas couſas, pera que paraſſem em bem: pelo que ſe deixou ficar na Corte todo o inverno.

O Chinguiſcan teve logo rebate da chegada do Cedemecan á Corte; e deſejando de vingar a morte de ſeu pai, fallou com dous Mouros de ſua caſa, que foram da creação de Coge Çofar, e ſe creáram com o meſmo Cedemecan, hum delles de nação Cherques, chamado Roſtomocan, manco de huma perna, e o outro Abexim Eunuco, por nome Biſiliſcan, ambos homens muito determinados, a quem o Chinguiſcan peitou groſſamente, pera que ſe foſſem metter com o Cedemecan, e trabalhaſſem pelo matar. Eſtes dous homens foram ter á Corte, como que hiam a negociar, e viſitáram o Cedemecan, como homens de ſua creação, e o ficáram acompanhando, ſem ſe elle temer delles pela creação que tiveram. E andando hum dia á caça com elles, indo correndo a hum veado, metteo o ſeu cavallo huma mão em huma abertura da terra, e ficou tão embaraçado, que ſe não podia bullir. Vendo-o os dous traidores daquella maneira, e ſó, arremettêram a elle, e ás cutiladas o matáram, ſem ſe elle poder defender; e toman-

mando a posta, se foram pera Baroche, onde acháram o Chinguiscan vitorioso do inimigo, que os festejou muito. As novas da morte de Cedemecan chegáram a Surrate; e sabendo-as os seus, mandáram chamar Linguircan, por outro nome Caracem, casado com huma irmã do Cedemecan, pera que fosse tomar posse da fortaleza, que lhe pertencia, por não ficarem filhos ao Cedemecan, o que elle logo fez; e correndo o tempo, se concertáram elle, e o Chinguiscan, que eram cunhados, e ficáram correndo em tanta amizade, que nascendo hum filho ao Chinguiscan, foi o Caracem festejallo a Baroche, onde o eu visitei, por me achar então naquella Cidade, e por ser muito seu amigo, por lermos ambos o Italiano, e lhe eu mostrar Dante, Petrarcha, Bembo, e outros Poetas, que elle folgou de ver. Assim ficáram por então as cousas, sem nunca mais se offerecer outra occasião pera os Viso-Reys lançarem mão de Surrate, que tanto importava ao Estado.

CAPITULO XV.

Do que neste tempo aconteceo em Maluco: e de como aquelle Rey desistio do Reyno nas mãos do Capitão daquella fortaleza: e de outras cousas que mais succedêram.

DEixámos o verão atrás passado de 1560. partido Manoel de Vasconcellos pera Maluco, com quem não houve até agora tempo de continuar, e por isso o faremos agora brevemente. Este Capitão foi tomar Malaca, onde deixou os provimentos daquella fortaleza; e como foi tempo, deo á véla pera Maluco, aonde chegou com todos os navios juntos, e tomou posse daquella fortaleza, e logo prendeo Antonio Pereira Brandão, e lhe mandou escrever a fazenda por provisões que levava pera isso. ElRey o visitou, e se lhe offereceo pera todas as cousas que fossem necessarias do serviço de ElRey de Portugal seu Senhor. E passados os primeiros dias de visitações, tratou Manoel de Vasconcellos de pôr por obra outra provisão que levava. Esta era: « Que fizesse desistir ElRey Aeiro do Reyno de » Maluco, pera tomar posse delle por El- » Rey de Portugal, como verdadeiro Se- » nhor, e herdeiro delle, pela verba do

» teſtamento de ElRey D. Manoel, que
» morreo em Malaca, (como fica dito no
» X. Cap. do X. Liv. da V. Decada,) on-
» de deixava a ElRey de Portugal, e a to-
» dos ſeus deſcendentes por herdeiros da-
» quelle Reyno de Maluco. E poſto que já
» Jordão de Freitas tinha tomado poſſe del-
» le por virtude da dita verba, foi neceſſa-
» rio fazer-ſe de novo eſta folemnidade pe-
» ra ficar melhor direito naquella herança.»
Eſtas provisões, autos, e papeis que levou,
por que fez eſta diligencia, nem os que de
lá mandou, não achámos neſte Eſtado, nem
homens daquelle tempo, que ſoubeſſem dar
diſto verdadeira informação, mais que hu-
mas lembranças, que eſtão em noſſo poder,
de Gabriel Rebello, que daquellas Ilhas eſ-
creveo algumas couſas curioſamente: e por
iſſo eſcrevemos iſto aſſim confuſamente, ſen-
do ellas de tanta ſubſtancia, que houveram
de eſtar em muito viva lembrança. Em fim
aſſim em ſomma: o Capitão mandou hum
dia chamar ElRey á fortaleza, eſtando com
todos os Officiaes, e moradores preſentes;
e então lhe notificou a provisão que leva-
va, por cuja virtude ElRey logo ſem con-
tradicção alguma deſiſtio do Reyno nas mãos
do Capitão, dizendo « que dalli por diante
» não conhecia outro Rey por Senhor da-
» quelle Reyno, ſenão ElRey de Portugal,
» co-

» como verdadeiro herdeiro delle, por vir-
» tude da verba do testamento de ElRey
» D. Manoel seu irmão, em que o declara-
» va por tal » do que hum Tabellião públi-
co foi fazendo seus termos, e assentos de
tudo, em que todos se assignáram; e depois
de tudo feito, juráram a ElRey D. Sebas-
tião de Portugal por Rey de Maluco com
as solemnidades costumadas no Reyno.

Acabados todos estes autos, tornou o
Capitão a entregar o Reyno ao mesmo Rey
Aeiro, como Governador delle, com o mes-
mo nome, promettendo elle logo vassalla-
gem pelo costume do Reyno de Portugal,
promettendo de o tornar a entregar a quem
ElRey de Portugal seu Senhor mandasse, to-
das as vezes que disso fosse servido: do que
tambem se fizeram outros assentos, ficando
aquelle Rey governando como dantes, mos-
trando-se muito bom, e leal servidor de
ElRey de Portugal. E com o favor do Ca-
pitão foi proseguindo na guerra contra o
Rey de Tidore, pera tornar a cobrar os
lugares que lhe tinha tomados com côr de
o ajudar, como já temos dito. Nesta guerra
o ajudáram Diogo da Silveira, e Henrique
de Vasconcellos; e tanto fizeram, e traba-
lháram, que o tornáram a restituir a todo
seu Estado; no que se passáram muitas miu-
dezas, que não servem de mais que de en-

 fa-

fadar os que as lerem; e como houve monção de se partirem pera a India, despachou o Capitão o galeão da carreira, de que era Capitão D. João Coutinho, com a carga do cravo; e o mesmo fez ás caravelas de Diogo da Silveira, e Henrique de Vasconcellos: e foi entregue no galeão Antonio Pereira Brandão, pera o entregarem na India prezo, ficando a terra de paz, e quieta, e todos muito satisfeitos de Manoel de Vasconcellos.

Mas como elle era bom homem, e virtuoso, não o pode soffrer o máo clima da terra, veio a adoecer, e faleceo em poucos dias, e por sua morte succedeo na Capitanía Bastião Machado, Feitor, e Alcaide mór, que tambem estava bem quisto na terra, por ser bom homem, e bom cavalleiro. E assim comtanto que tomou posse da fortaleza, começou a correr tão direitamente com todas as cousas de sua obrigação, que deo de si muito grande satisfação. E sabendo elle que a fortaleza de Geilolo no Morro (que Bernaldim de Sousa derribou, como no Cap. XII. do IX. Liv. da VI. Decada fica dito) a tornava aquelle Sangage (que já se tornava a intitular Rey) a alevantar; e que tinha tomado, e creado bico com o nome de Rey, receando que se tornasse a fazer tyranno, como dantes, quiz atalhar aquelle tão grande mal, logo no principio, onde se cortão

com

com menos difficuldade; porque nenhuma cousa tem desbaratado o Estado da India, senão dissimular-se com ellas, e acudir-lhes a tempo que já não tem remedio; ou se o tem, he com muita difficuldade, de que puderamos trazer muitos exemplos.

Pelo que pedio aquelle Capitão a ElRey de Ternate as suas corocoras com gente, e munições pera aquelle effeito, em que tambem lhe hia muito; e com alguns navios que mais armou, fez Capitão daquella jornada a Jorge Ferreira, que se houve tão prudente, e cavalleirosamente, que tornou a lançar os inimigos fóra della, e derribou a fortaleza de todo; e com isto ficáram as cousas pacificas, e quietas.

E porque não passemos pelas de nossa Religião Christã, que naquellas Ilhas hiam em grande crescimento, he de saber, que cada dia se convertiam muitos á Fé de nosso Senhor Jesus Christo por meio das prégações dos Padres da Companhia de Jesus. E neste anno em que andamos vieram pedir o Sacramento do santo Bautismo dous Regedores principaes de Luzabatá, terra de Amboino, que o Padre Nicoláo Nunes, Reitor daquelle Seminario, bautizou, a quem o Capitão fez muitas festas: e porque em todo este anno não houve mais, ficáram assim as cousas de Maluco até seu tempo.

CA-

CAPITULO XVI.

Do que aconteceo á náo S. Paulo: e de como se foi perder na Ilha Camatra: e do que passou a gente della.

DEixámos a náo S. Paulo, da Armada de D. Jorge de Sousa, arribada ao Brazil, onde se proveo de agua, e mantimentos, agora he necessario continuarmos com ella. Vendo o Capitão, e Officiaes, que pera invernar alli, haviam de gastar sete, ou oito mezes, e que a agua, e gusano corrompem brevemente a madeira das náos, ajuntando-se com os Pilotos da terra diante do Governador, praticáram se haveria ainda tempo pera seguirem sua viagem, e ir invernar á India, no que fariam proveito á náo, e a suas fazendas; e de commum parecer assentáram, que se partissem dalli em Setembro, e fossem por muita altura buscar a Ilha de Camatra, pera della em Fevereiro voltarem com a monção, com que vem as náos de Malaca, e China. E tomando tudo o que lhes foi necessario, partíram em quinze de Setembro; e achando os tempos prosperos, foram á vista do Cabo de Boa Esperança em fim de Novembro; e por acharem os tempos brandos, se foram por do em muita altura, porque lá os haviam de achar

mais

mais efpertos, e affim fe foram pôr em quarenta e dous gráos da banda do Sul, onde acháram os tempos mais frefcos; e por efta altura foram correndo mais de hum mez, até lhes parecer que feria bom diminuirem, e irem bufcar a Ilha Camatra. E affim o foram fazendo com ventos brandos, até fe pôrem debaixo da Equinoccial; e fendo vinte de Janeiro, dia do Bemaventurado Martyr S. Sebaftião, á boca da noite fe acháram tão abarbados com a terra, por caufa da grande corrente das aguas, que por muito que trabalháram por fe fazer em outra volta, não puderam, antes lhes foi crefcendo o vento travefsão tão rijo, que não teve a náo por onde correr; e como eftavam perto da terra, e as aguas tambem tiravam por ella, foram varar nella, fem lhe poderem valer: e quiz Deos que foi em parte, onde ficou a náo encalhada, e todos nella até pela manhã, que lançáram o batel ao mar, e fe paffáram a terra, onde todos fe puzeram com fuas armas, fem coufa alguma entender com elles, por fer a gente dalli mefquinha, e tão domeftica, que acudíram logo a lhes vender algumas coufas; e pofto que affim não fora, os da náo eram fetecentos homens, todos muito sãos, e bem difpoftos, e armados, que puderam atravef-far toda aquella Ilha, fe antre elles houve-

ra

ra ordem, e governo. E vendo-se em terra, assentáram de fazer alguns batelões, em que se pudessem ir pera Malaca; porque já que estavam em parte segura, não quizeram passar dalli, porque era melhor não se bullirem muito, e assim logo fizeram estancias, e cabanas pera se agazalharem; e desembarcáram da náo todas as fazendas, mantimentos, vinhos, azeites, e tudo o mais que puderam, e desfizeram a náo, e tiráram della toda a pregadura, madeira, cordoalha, e tudo o mais que lhes foi necessario, e armáram duas embarcações, e concertáram, e alevantáram o batel. Nesta obra trabalháram todos com muito gosto, e presteza, servindo de ferreiros, serradores, carpinteiros, e de todos os mais officios, como se sempre o usáram; e assim em breve tempo as acabáram, e lançáram ao mar, que seria em pouco mais de mez e meio, e fizeram sua aguada em abastança, e recolhêram nellas todas as armas, mantimentos, e alguns berços, e falcões, por não serem as vasilhas capazes de móres peças, porque quasi eram a modo de barcaças; depois de tudo preparado, se partíram as embarcações por esta maneira.

Huma dellas se deo a Diogo Pereira de Vasconcellos, hum Fidalgo que alli trazia sua mulher, que se chamava Dona Francis-

ca

ca Sardinha, (que foi huma das formosas mulheres de seu tempo,) e huma filha que tinha doutra mulher, chamada Dona Constança, que depois foi mulher de Thomé de Mello de Castro. Outra tomou Ruy de Mello Capitão da náo; e a terceira nos parece que deram a Antonio de Refoios, hum cavalleiro muito honrado, que vinha despachado com a Capitanía de Coulão. E repartindo-se a gente por ellas, não coube em cada huma mais, que cento e setenta homens, ficando cento e setenta, que por nenhum caso se puderam agazalhar: pelo que assentáram, que estes caminhassem por terra de longo da ribeira á vista dos batéis, pera lhes soccorrerem em alguma necessidade. E elegêram antre elles hum Capitão, e repartíram por estes todas as espingardas que havia, porque os que hiam nas embarcações não tinham necessidade dellas; e assim começáram a caminhar de longo do mar, e os batéis sempre á sua vista; e tanto que era noite, escolhiam lugar pera descançarem, e dormirem, e surgiam os batéis com as proas em terra, e o mesmo faziam a horas de jantar, em que tomavam a refeição ordinaria; e assim foram caminhando nesta ordem, sem lhes acontecer desastre algum.

E havendo poucos dias que caminhavam, houveram vista de quatro embarcações a modo

do de balios, a que foram correndo, e ellas trabalhando tudo o que podiam por lhes fugir; e atirando-lhes de huma embarcação destas nossas com hum falcão, que lhes foi zonindo pelas orelhas, lhes poz tão grande medo, e espanto, que logo se lançáram ao mar, e deixáram os navios, que os nossos acháram carregados de farinhas de saguum, (que he o principal mantimento de todas aquellas Ilhas,) de que se os nossos provêram em abastança, e recolhêram nestas embarcações toda a gente que hia por terra, com o que ficáram mais descançados. E sendo já em tres gráos da banda do Sul, hum dia antes de Lua se recolhêram a hum formoso rio, que acháram pera nelle a segurarem; e foi ella tão ruim, que os deteve doze dias, sem lhes dar jazigo pera poderem navegar, desembarcando todos elles em terra pera se recrearem, e dormindo tambem nella as mais das noites com tanto descuido, e segurança, como se a terra fora sua. E até Diogo Pereira de Vasconcellos se agazalhou com sua mulher em hum baileo, parecendo ella á gente da terra, que a hia ver muito formosa, e muito ricamente tratada, cousa que elles nunca víram, do que andavam como pasmados.

Era esta terra do Rey de Manancabo, amigo do Estado, donde todos os annos

hiam

hiam muitas embarcações carregadas de ouro a Malaca a fazer resgate de roupa, e de outras fazendas, por haver naquellas partes muito grandes minas delle; e foi isto antigamente tão prospero, que ainda hoje ha pessoas, que se lembram entrarem na Cidade de Malaca seis, sete, e mais candiz de ouro, de que tres fazem hum moio. E assim neste tempo havia Chelis, (que são mercadores Malaios,) que tinham doze, e quinze bares de ouro. E como os nossos viviam em terra com tanto descuido, deram occasião aos Manancabos pera desejarem de levar aquella mulher ao seu Rey; e assim deram huma noite nas suas estancias, e matáram perto de sessenta pessoas, e leváram Dona Francisca Sardinha, em cuja defensão fez o Mestre da náo espantosas cousas, até que o matáram. O Diogo Pereira salvou a filha, e outras mulheres, com que se recolheo á sua embarcação muito anojado desta desaventura, que lhe aconteceo por sua sobeja confiança.

Dalli se partíram os nossos de longe da costa, que era mui limpa, com muito mais tento, porque aquelle desastre os espertou a não se fiarem mais da gente da terra, e assim embocáram o boqueirão da Sunda, e foram tomar a Cidade de Patá, aonde acháram quatro náos Portuguezas, de que era Capitão

tão mór Pero Barreto Rolim, que alli eſtava carregando de pimenta pera a China, porque lhe tinha dado o Viſo-Rey D. Conſtantino a viagem de Japão que hia fazer. E recebeo toda eſta gente muito bem, e a repartio pelas náos, e proveo a todos baſtantemente: e parte delles ſe paſſáram á China, e parte pera Malaca, e dalli pera a India, onde ainda hoje vivem algumas peſſoas caſadas, como he Franciſco Paes, Provedor mór dos Contos, e o irmão Antonio de Afonſeca da Companhia de Jeſus.

CAPITULO XVII.

De como ElRey de Pegú mandou prometter huma ſomma de ouro ao Viſo-Rey D. Conſtantino pelo dente do Bugio, que trouxe de Jafanapatão: e do que os Theologos ſobre iſſo aſſentáram: e de como ſe queimou: e das partes, e qualidades deſte Viſo-Rey.

EStava no Reyno de Pegú Martim Afonſo de Mello com huma náo ſua fazendo ſeu negocio, quando o Viſo-Rey D. Conſtantino veio de Jafanapatão; e ſabendo aquelle Rey como elle levava aquelle dente, que toda aquella gentilidade tinha em tamanha religião, mandou chamar Martim Afonſo, e pedio-lhe, que pois hia pera a India,

dia, fizeſſe com o Viſo-Rey lhe déſſe aquelle dente, e que lhe daria tudo o que por elle pediſſe. E affirmavam os homens que ſabiam de Pegú, e da grande veneração em que elles lá tinham aquella reliquia do demonio, que daria por ella trezentos, ou quatrocentos mil cruzados. E por conſelho de Martim Affonſo ordenou huns Embaixadores pera irem em ſua companhia ao Viſo-Rey ſobre aquelle negocio, e lhes deo poderes pera aſſentarem com elle tudo o que lhe pareceſſe, e que elle cumpriria tudo o em que ficaſſem.

Chegado Martim Affonſo a Goa eſte Abril paſſado, mandou o Viſo-Rey receber bem os Embaixadores, e agazalhallos, e depois os ouvio ſobre aquelle negocio a que hiam mandados do ſeu Rey, e elles lhe deram ſua embaixada, pedindo-lhe da parte de ElRey aquelle dente; e que além de lhe darem por elle tudo o que quizeſſe, ficaria em perpetua amizade com o Eſtado, e ſe obrigaria a prover a fortaleza de Malaca de mantimentos, todas as vezes que delles tiveſſe neceſſidade, com outros muitos cumprimentos, e promeſſas. O Viſo-Rey lhe diſſe, que logo lhe reſponderia. E communicando aquellas couſas com alguns Capitães velhos, e Fidalgos, todos foram de parecer, que devia de acceitar tamanha couſa, como era

a

a que lhe offereciam, porque com isso remediaria o Estado, que estava empenhado, e em necessidades; e tanto disseram sobre isso, que o tiveram quasi rendido.

Tanto que estas cousas chegáram ás orelhas do Arcebispo D. Gaspar, logo acudio ao Viso-Rey, e lhe disse, que não podia resgatar aquelle dente por nenhum thesouro do mundo, porque era contra a honra de Deos nosso Senhor, e dar occasião áquelles Gentios a idolatrarem, e darem áquelle pequeno osso, o que só se devia a Deos. E sobre isso lhe fez muitas lembranças, e ainda o prégou pelos pulpitos em presença do Viso-Rey, e de toda a Corte; e como D. Constantino era muito Catholico, e temente a Deos nosso Senhor, e obediente aos Prelados, não quiz ir por diante naquelle negocio, nem fazer nada sem conselho de todos. Pera o que ajuntou o Arcebispo, Prelados, e Theologos das Religiões, Capitães, e Fidalgos velhos, e Officiaes da fazenda, e perante todos propoz o caso, e o muito dinheiro que por aquelle dente lhe promettiam; e apresentou as grandes necessidades, em que o Estado estava, que todas se podiam remediar com aquelle resgate. E debatida a materia entre todos aquelles Theologos, que já a levavam bem estudada, assentáram, que se não podia entregar aquel-

le dente, porque era dar occaſião a grandes idolatrias, e offenſas de Deos noſſo Senhor; e que era hum peccado aquelle, que ſe não podia commetter, ainda que ſe arriſcaſſe o Eſtado, e o mundo todo. Os principaes Theologos, que niſto foram, foi o Arcebiſpo, os Inquiſidores, o Padre Fr. Antonio Pegado, Vigairo geral de S. Domingos, Fr. Manoel da Serra da meſma Ordem, Prior de Goa, o Padre Cuſtodio de S. Franciſco, e outro Theologo da meſma Cuſtodia, o Padre Antonio de Quadros da Companhia de Jeſus, Provincial da India, o Padre Franciſco Rodrigues o Manquinho da meſma Companhia, e outros.

Aſſentado iſto, e feito hum Termo, em que todos ſe aſſignáram, cujo traslado eſtá em noſſo poder na Torre do Tombo, mandou o Viſo-Rey ao Theſoureiro que trouxeſſe o dente, e o entregou ao Arcebiſpo, que alli preſentes todos o lançou em hum almofariz, e com ſua propria mão o pizou, e desfez em pós, e os deitou em hum brazeiro, que pera iſſo mandou trazer, e as cinzas, e carvões mandou lançar no meio do rio á viſta de todos, que ſe aſſomáram ás varandas, e janellas, que cahiam ſobre o mar. Diſto ſe murmurou muito do Viſo-Rey, dizendo alguns, que pera os Gentios idolatrarem não lhes faltavam outros idolos,

e

e que de qualquer pedaço de osso podiam fazer outro dente em memoria daquelle, a quem dessem a mesma veneração; e que tanto ouro como lhe davam, era muito bom pera as despezas do Estado, que estava muito necessitado: e assim nos contáram que em Portugal se estranhára muito de algumas pessoas consentir aquillo. Mas por hum emblema, ou tenção, que aqui poremos, que lá lhe deitáram sobre este caso, (segundo me parece feito pelos Padres da Companhia, approváram o que fez, e lho notáram a grande Christandade, e zelo da honra de Deos,) e o emblema he o seguinte. Fizeram huma tarja, e dentro nella pintáram o Viso-Rey, e o Arcebispo em huma meza, e ao redor todos os Prelados das Religiões, e Theologos, que se acháram alli presentes, e no meio de todos hum grande brazeiro accezo, e alguns Gentios com bolsas nas mãos cheias de dinheiro, que as deitavam sobre elle, e sinco letras, como a primeira, do nome de D. Constantino, como estas, e logo debaixo dellas estas sinco palavras

C C C C C

Constantinus, cœli, cupidine, cremavit, crumenas.

Cu-

Cuja verdadeira ſignificação he, deixando a conſtruição: *Conſtantino com os intentos no Ceo, engeitou os theſouros da terra.* E tornando a continuar com o Viſo-Rey, todo eſte inverno gaſtou em acabar huma náo, que fez defronte dos ſeus Paços, pera ſe ir nella pera o Reyno por eſperar em Setembro por ſucceſſor, a que poz nome as *Chagas* pela devoção que tinha ás de Chriſto, que foi a couſa que aſſim na India, como em Portugal lhe remordêram mais que todas. E tanto, que lhe contrafizeram aquelle Romance velho, que diz: *Mira Nero de Tarpeya a Roma como ſe ardia, em Mira Nero da janella la nave como ſe hazia.* No que não tiveram nenhuma razão, porque nem a elle lhe cabia tal nome, por ſer muito alheio, e differente de ſua natureza, nem a ſua náo foi feita com encargos com que outras depois ſe fizeram por alguns Capitães, nem com os apparelhos, e madeiras das ribeiras de ElRey, como alguns falſamente diſſeram, nem os Officiaes ficáram clamando que lhes não pagára ſeus jornaes; mas foi feita com o que poupou de ſeus ordenados, e com empreſtimos de amigos, que depois pagou mui bem; e com tão poucos embaraços, e com tantas bençãos, como ſe póde conjecturar do muito que durou, e das proſperas viagens que ſempre fez. Porque deſde

em tudo fora o Rey enganado, mandáram que pagaſſe os direitos, e levaſſe ſua pedraria. Ao que D. Conſtantino mandou dizer aos Veadores da fazenda, que pois lhe mandavam pagar direitos de couſa tão pouca, que devia ElRey ſeu Senhor de eſtar em neceſſidade; e que ſe tal era, que elle lhe fazia ſerviço de toda a pedraria, com o que por vergonha lha tornáram.

Eſtava Portugal naquelle tempo tão mimoſo, que foi o ſeu governo então muito eſtranhado; mas depois ſe entendeo que fora dos melhores, que deſde então até hoje houve: e pelo que delle temos eſcrito, e adiante eſcrevermos, ſe verá iſto muito bem. E na reſidencia, que lhe ElRey mandou tomar pelo Preſidente da alçada, que mandou á India o anno de ſetenta e dous, cujo traslado temos em noſſo poder, a mór culpa que lhe puzeram dous homens, que não eram ſeus amigos, foi, que deixára Cananor de guerra, e ſe fora a Damão, e que melhor era acudir á fortaleza cercada, que conquiſtar outra de novo. No que moſtráram paixão, e quão pouco goſtavam delle; porque na guerra de Cananor tinha elle mui bem provído, como neſta Decada ſe póde ver; e a tomada de Damão foi tão importante, que com aquella Cidade ſe ſegurou Baçaim, e ſe apoſentáram nella, e em ſuas

Tanadarias perto de quatrocentos moradores, que comem groſſas aldeas. E o que ſe mais deve de eſtimar, he a grande converſão, que por todas aquellas terras ſe tem feito, e cada dia faz, e os formoſos, e ricos Templos, que por todas ellas ſe levantáram ao Altiſſimo Deos, onde cada dia he honrado, e venerado ſeu Divino Nome, e de cujos ſacrificios eſte bom Viſo-Rey deve ter na gloria (aonde Deos noſſo Senhor o levaria por ſeus merecimentos) muito bom quinhão. E tanto ſe teve o ſeu governo, como hia dizendo, por muito bom, que dizem, que quando ElRey D. Sebaſtião mandou por Viſo-Rey da India a D. Luiz de Ataíde a primeira vez, lhe encommendára que governaſſe tão bem como D. Conſtantino. E depois o anno de ſetenta e hum o mandou ElRey D. Sebaſtião chamar a Almeirim, e o commetteo pera tornar a eſtas partes da India com ſua mulher pera nella reſidir em quanto viveſſe, e lhe dava hum Titulo muito honrado, que elle engeitou por ſe quietar, e eſtar já mui pezado. Depois de chegar ao Reyno, requereo o cargo de Camareiro mór, que ſe lhe não deo, porque por reſpeitos que pera iſſo houve ſe aſſentou ſe ſerviſſe ElRey de quatro Sumilheres. Deram-lhe a Capitanía de Cabo Verde, que arrendou por ſeiscentos mil reis cada

da anno. E porque iſto era trabalho, pedio á ElRey aquelles ſeiscentos mil reis na Villa de Eſtremoz, que lhe elle deo, e nella ſe apoſentou com ſua mulher Dona Maria, filha de D. Rodrigo de Mello, Marquez de Ferreira, e de ſua ſegunda mulher Dona Brites de Menezes. E porque não teve della filhos, fez herdeiro de tudo o que tinha D. Conſtantino, filho do Marquez de Ferreira, por ter o meſmo nome, e ſer ſeu ſobrinho filho de ſua irmã.

DE-

DECADA SETIMA.

Da Hiſtoria da India.

LIVRO X.

CAPITULO I.

De como foi eleito pera Viſo-Rey da India D. Franciſco Coutinho Conde do Redondo: e da Armada, com que partio no anno de 1561: e do que lhe aconteceo até chegar a Goa: e de como o Viſo-Rey D. Conſtantino lhe entregou a governança da India, e ſe embarcou na ſua não pera o Reyno, aonde chegou com muito proſpera viagem.

EM principio deſte anno de ſeſſenta e hum, em que entramos, a Rainha, e o Cardeal, Tutores do menino Sebaſtião, entráram em deſpacho das couſas da India; e vendo que havia tres annos que nel-

nella eſtava D. Conſtantino, determináram de o mandar ir pera o Reyno; e tratando da peſſoa que haviam de eleger pera ſucceder a D. Conſtantino, eſcolhêram D. Franciſco Coutinho, Conde do Redondo, que então ſervia de Regedor da Caſa da Supplicação por falecimento do Regedor João da Silva, peſſoa, em que eſtava bem o cargo de Viſo-Rey da India pelas muitas partes que nelle havia de aviſo, prudencia, e eſforço, de que havia muita, e mui larga experiencia, que de todas eſtas couſas tinha dado, aſſim na Corte, como em Aizila, onde foi Capitão. Eleito elle, negociáramſe ſinco náos pera irem á India, e deſpacháram alguns Fidalgos, e Cavalleiros, e provêram em muitas couſas pera o bom governo daquelle Eſtado. E tanta preſſa ſe ceo a eſta Armada, que a quinze de Março ſe fez toda á véla, indo o Conde embarcado na náo Sant-Iago, e das mais náos eram Capitães Gonçalo Correa, de Flor de a mar; Manoel Jaques, de Santo Antonio; Franciſco Figueira de Azevedo, da Garça; e Pedralvares Vogado, da Algaravia. Toda eſta Armada teve tão bons tempos, que tomou Moçambique a quinze de Julho, e o Viſo-Rey deſembarcou em terra, e ſe apoſentou na fortaleza, que pera iſſo lha tinha deſpejada Dona Luiza de Vaſconcellos, mulher

lher de Pantaleão de Sá, que era Capitão, por elle ser ido a Çofala. Alli esteve o Conde provendo as náos do necessario até seis dias de Agosto, em que se fez á véla pera a India com todas as náos, e foram juntas surgir na barra de Goa a sete de Setembro, vespera da Natividade de nossa Senhora. Os Vereadores da Cidade o foram logo visitar, e lhe pedíram se detivesse em Pangim alguns dias, até lhe prepararem seu recebimento, que foi o melhor que puderam, e o Viso-Rey D. Constantino lhe entregou logo o governo na fórma costumada, e tirou seus instrumentos do estado, em que deixava a India, e se foi pera Panelim, onde tinha a sua náo, a que fez dar grande aviamento pera ir tomar a carga a Cochim. E em quanto se não foi, correo o Conde com elle muito pontualmente, fazendo-lhe no aviamento da náo muitos favores, e em fim de Outubro se fez á véla pera Cochim.

Entregue o Conde do governo, a primeira cousa, em que entendeo, foi em despachar alguns Capitães pera suas fortalezas. Estes foram Henrique de Sá pera a de Maluco, que deo á véla em quinze de Setembro, porque achou já provído o galeão de tudo por D. Constantino, por lhe terem vindo novas em fim de Abril, que Manoel de Vasconcellos, Capitão daquella fortaleza, era

fa-

falecido. E logo aos vinte e tres do mesmo mez despachou o Conde a Martim Affonso de Miranda com a Capitanía de Dio, por Filippe Carneiro, que lá estava por Capitão, largar hum anno que ainda tinha por servir, porque determinava ir-se pera o Reyno, onde esperava fazerem-se-lhe outras maiores mercês, assim por seus serviços, e merecimentos, como por ser sobrinho de Pero de Alcaçova Carneiro, que era Secretario, e valia muito com ElRey. E no mesmo tempo despachou o Conde a Garcia Rodrigues de Tavora pera a Capitanía de Damão, onde Luiz de Mello da Silva estava por Capitão, tendo o Garcia Rodrigues de Tavora havia pouco acabado de ser Capitão de Chaul, donde sahíra muito rico. E porque os homens viam ser-lhe o Viso-Rey muito affeiçoado, e dar-lhe a Capitanía, em que Luiz de Mello da Silva estava havia pouco, suspeitáram que o queria o Conde casar com huma filha.

Despachadas estas cousas, tratou o Conde de fazer huma execução, que lhe a Rainha mandou, e encommendou muito, que era mandar-lhe prezo em ferros Gonçalo Falcão, porque desafiára Francisco Barreto, quando acabou de ser Governador; e chegando-lhe isto á noticia, fez pronunciar contra elle sentença: « Que fosse riscado dos

» li-

» livros de ElRey, e perdesse as mercês que
» tivesse, e que a mesma pena tivesse quem
» o favorecesse, ajudasse, e defendesse. »
Porque tem os Reys por cousa mui necessaria
castigarem-se com muito rigor atrevimentos,
que alguns Fidalgos tomam pera desafiarem
os que acabam de governar os Estados,
em que representão a pessoa do Rey, que
os poz nelles. Desta sentença foi logo avisado
Gonçalo Falcão em chegando o Conde
á India, pelo que se recolheo a casa de Alvaro
Paes de Sotomaior, donde determinou
embarcar-se pera o Reyno. E tratando o
Conde de o prender, vendo que o não achava,
mandou publicar as provisões que trazia,
que mettêram tamanho medo, e terror
em todos, que aquella noite o tomou Alvaro
Paes em muito segredo, e o levou ao
Collegio dos Reys Magos, que está na barra
de Goa, onde esteve alguns dias sem Fidalgo
algum, parente, ou amigo lhe valer
em cousa alguma, nem elle ter modo pera
se embarcar pera Cochim. E quiz sua boa
ventura que chegasse á barra de Goa hum
navio de remo, de que era Capitão, e senhorio
hum Belchior Correa, soldado velho,
honrado, e grande seu amigo, que sabendo
o trabalho em que estava, chegou de noite
aos Reys Magos, e o recolheo comsigo, e
deo á véla pera Cochim; e chegando a Cana-

nanor de noite, o foi lançar na praia da Cidade dos Mouros, e se partio logo por não saberem delle; e o Gonçalo Falcão se foi metter em casa do Ade Rajao, que era grande seu amigo, em quem cabendo a virtude que faltou em muitos amigos, e parentes de Gonçalo Falcão, o mandou levar a Cochim em hum navio seu, que o lançou no Achequeimal, que era couto, donde se embarcou pera o Reyno. E chegando a elle, se recolheo em casa de Diogo Lopes de Sousa o Diabo, que logo lhe houve seguro pera se livrar, e poz suas cousas na Meza da Consciencia, onde o houveram por livre, por ser muito antes de se publicar o sagrado Concilio Tridentino sobre este negocio dos desafios. E depois dahi alguns annos lhe perdoou ElRey D. Sebastião, e o despachou, pera que fosse entrar na sua fortaleza de Çofala, que elle não logrou, porque morreo logo, não ficando desta geração neste Estado mais que Ayres Falcão, filho de seu irmão Luiz Falcão, que ElRey D. João o III. favorecia tanto, que quando despacháram este Gonçalo Falcão com a fortaleza de Çofala, disse ElRey que lha dava, porque seus antepassados ajudáram a ganhar aquella Cidade de Lisboa aos Mouros: e que pois que de todos os Falcões não havia já mais que aquelle, que era razão se sustentasse,

por-

porque de todo ſe não perdeſſe aquella tão boa, e antiga raça delles.

As náos depois de tomarem a carga em Cochim deram á véla pera o Reyno, e foram nellas os Fidalgos, e Capitães seguintes. Baſtião de Sá, que acabou de ſer Capitão de Çofala, na náo Sant-Iago, e com elle D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór; Ruy Gonçalves da Camara, Luiz Freire de Andrade, que depois foi Capitão de Chaul, D. Affonſo Henriques, e outros. Em outra náo foi D. Antonio de Noronha de alcunha o Catarraz, que fora Capitão de Dio, que com ſer pobre levou todos os que com elle quizeram ir. E em outra náo foi D. Antão de Noronha, que aquelle verão viera de ſervir a Capitanía de Ormuz. E em outra náo foi Filippe Carneiro, Capitão que foi de Dio. Eſtes Capitães levavam muitos Fidalgos, e Cavalleiros á ſua conta, porque primeiro que partiſſem de Goa, mandáram pôr eſcritos pelos lugares públicos, pera que todo o que quizeſſe ir nas ſuas náos, ſoubeſſe que lhe dariam de comer até o Reino, porque aſſim o coſtumavam naquelle tempo os Capitães que ſahiam de ſuas fortalezas, com ellas lhes darem então ametade menos, do que agora dão ao deſte tempo, em que não ha nenhum, ou são muito poucos os que dão de comer a hum

hum ſoldado: e aſſim á falta diſſo deixam muitos mui honrados de ir ao Reyno requerer ſeus ſerviços. Foi tambem neſta companhia D. Jorge de Souſa, Capitão mór da Armada do anno paſſado, que tinha ficado na India com a ſua náo Caſtello, que por não abater a ſua bandeira a D. Conſtantino, ſe deſviou logo delle; mas encontrando-ſe ambos ſós em Santa Helena, não quiz D. Jorge enrolar a ſua bandeira, ſobre o que mandou D. Conſtantino pôr a ſua artilheria em ſima, e por rageiras chegar huma náo á outra com tenção de metter a de D. Jorge no fundo, ou lhe entrar a náo, e o levar prezo na ſua até o Reyno. E tendo tudo preſtes, mandou notificar a todos os Fidalgos, Cavalleiros, e Officiaes da ſua náo, que ſe foſſem pera terra ſob pena do caſo maior, o que todos fizeram logo. E D. Jorge mudou o parecer; e tomando melhor conſelho, abateo a bandeira, e mettendo-ſe no batel da ſua náo, ſe foi ver com D. Conſtantino, reconciliou-ſe com elle, e dalli até o Reyno o acompanhou ſempre, e ſalvou todos os dias. E chegado a Caſcaes, tendo já ElRey aviſo do caſo por outra náo que chegou primeiro, por ſe encontrarem todas nas Ilhas Terceiras, o mandou deſembarcar prezo pera o Caſtello, onde eſteve alguns tempos até lhe perdoarem.

CA-

CAPITULO II.

De como vieram novas que o Cossairo Cafar era sahido com tres galés a esperar as náos de Ormuz: e de como o Conde do Redondo Viso-Rey mandou a D. Francisco Mascarenhas com huma grossa Armada buscallo: e do que lhe succedeo.

POr navios, que chegáram de Ormuz em Outubro, teve o Conde Viso-Rey aviso de como era sahido do Estreito de Meca com tres galés o Cossairo Cafar (de quem algumas vezes démos conta) com tenção de ir esperar as náos, que haviam de vir de Ormuz pera Goa, como já fizera o verão, que D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey D. Affonso de Noronha, tomou as galés em Mascate, como no fim da VI. Decada no Cap. X. do X. Livro, e em principio desta se disse. E querendo o Conde prover, e acudir áquelle damno, e atalhar as prezas que aquelle Cossairo pertendia fazer, mandou com muita brevidade negociar huma Armada de remo pera o mandar esperar. E elegeo pera esta jornada a D. Francisco Mascarenhas, que depois foi Capitão dos ginetes, e da guarda de sua Magestade, e Conde de Santa Cruz, e Viso-Rey da India, que com elle tinha vindo do Reyno despa-

cha-

chado com as fortalezas de Çofala, e Moçambique, e com titulo de Capitão mór do mar da India, que se deo tanta pressa, que aos quinze de Novembro se fez á véla com vinte e tres galeotas, e fustas, e dous galeões mais, em que levava seiscentos e sincoenta soldados dos melhores da India, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros mui honrados.

Os Capitães destes navios que o acompanháram, foram Eytor da Silveira o Drago, filho do Coudel mór; D. Lourenço de Sousa, D. Diogo de Sousa seu irmão, que agora he Commendador de S. João, e Bailío de Acre; D. Diogo Fernandes de Vasconcellos, sobrinho do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes; Pero da Silva de Menezes, Pero de Mendoça, de alcunha o Larim, João de Mendoça seu irmão, João Lopes Leitão, Fernão de Miranda de Azevedo, filho de Antonio de Miranda de Azevedo, que fora Capitão mór do mar da India em tempo das desavenças de Lopo Vaz de Sampaio com Pero Mascarenhas; D. Francisco Lobo, João Gomes de Castro, hum Fidalgo Gallego, que foi do Infanfe D. Luiz, Francisco Vaz de Siqueira, Rodrigo da Silva, Gaspar Velho, João Correa de Brito, Gonçalo Teixeira, Manoel Rodrigues, Pedralvares de Cananor, Antonio Fernan-

nandes, e Luiz Ribeiro. E dos navios grossos eram Capitães Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha Fios Seccos, e Jeronymo Teixeira de Macedo.

Dada esta Armada á véla, despedio o Conde Viso-Rey a Manoel Travassos por Capitão mór de sete, ou oito navios pera andarem com a Cafila da costa do Canará pera trazer mantimentos a Goa; e em quanto carregava delles naquelles portos, mandou dar huma vista ao Malavar, por haver novas de alguns Cossairos. E porque lhe não succedeo todo este verão cousa notavel, acabaremos aqui com elle, porque he necessario continuar com a Armada de D. Francisco Mascarenhas. Que partido de Goa, foi com toda a Armada em breves dias tomar Baçaim, onde mudou alguns navios, e tomou outros melhores, e dalli atravessou a Dio, e de longo da costa de Pór, e Mangalór, foi ter á enseada de Jaquete; e por ir falto de agua, a foi tomar na Ilha das Vacas, o que foi causa de perder as galés; porque em quanto se alli deteve em a fazer, foram passando adiante algumas cotias, que hiam em sua companhia pera o Cinde, que deram com as tres galés do Cafar, que tambem hiam com tenção de fazerem aguada na mesma Ilha das Vacas. E chegando o Cafar a ellas, soube da nossa Armada; pelo

 que

que tomando-lhe alguma pouca da agua que lhe achou, tornou a voltar com tanta pressa, e desattento, que huma das galés foi dar á costa, e o Cafar com as duas que lhe ficáram, se affastou della; e correo tão largo, que se engolfou, e houve por seu conselho tornar-se pera Mocá, como fez. Depois de D. Francisco Mascarenhas fazer aguada, foi seguindo sua derrota; e como levava o tempo prospero, em poucos dias tomou Ormuz, onde espalmáram os navios, e os alimpáram; e recolhendo comsigo todas as náos, que haviam de ir pera Goa, voltou com ellas, indo-lhe dando guarda. E tanto se apressou, que na entrada de Janeiro deste anno de 1562. em que com o favor Divino entrámos, chegou a Goa; e porque o Malavar estava sem Armada, o despedio logo o Conde Viso-Rey pera aquella costa com quasi todos os navios que levou, e outros alguns mais, que se armáram de novo.

Despedida esta Armada, receando-se o Conde que na monção de Março tornasse o Cossairo Cafar a sahir fóra esperar as náos de Ormuz, mandou armar tres galeões, e alguns navios de remo, assim pera lhe irem impedir a sahida, como pera tomarem as náos, que haviam de ir do Achem, Tanaçarim, Cambaya, e de outros portos pera aquelle Estreito com pimenta, drogas, e outras

tras fazendas, sem levarem salvoscondutos. E elegeo pera esta jornada a Jorge de Moura, Collaço do Principe D. João, pai de El-Rey D. Sebastião, que alguns dias andados de Fevereiro se fez á véla com os tres galeões, de que a fóra elle eram Capitães, Pero Lopes Rabello, e Antonio Cabral; e os das fustas não se acham os nomes a mais que a Diogo Ferreira do Principe, e a Bastião criado de Abreu.

Partida esta Armada, entrou o Conde Viso-Rey no negocio dos provimentos das fortalezas, e despachou D. Diogo Pereira, filho bastardo do Conde da Feira, pera Maluco, por ser providos daquellas viagens, e lhe deo hum galeão carregado de roupas, munições, e mantimentos. E juntamente despachou D. Fernando de Lima em outro galeão pera Bandá, e não sabemos com que partidos, e ambos deram á véla de quinze de Abril por diante; e proveo as mais fortalezas todas de gente, dinheiro, e munições. Despachadas estas cousas, recolheo-se D. Francisco Mascarenhas do Malavar, onde andou aquelles tres mezes guardando a costa, e defendendo que não sahissem náos pera Meca, nem Paraos a roubar, e recolheo comsigo huma grande Cafila de navios, e náos de Bengala, da China, Malaca, Maluco, Costa de Choromandel, e de outras

partes; e depois de tudo recolhido, se cerrou o inverno.

CAPITULO III.

Do que aconteceo a Jorge de Moura no Estreito do mar Roxo: e de como Pero Lopes Rabello pelejou com huma poderosa náo de Rumes: e de como ambos se abrazáram: e de outras cousas.

PArtido Jorge de Moura de Goa, (como no Capitulo atrás acabámos de dizer,) foi atravessando aquelle grande golfo, que vai da Costa da India até a da Arabia, e em vinte dias foi haver vista da Cidade Caxem hum dia pela manhã; e em se alevantando o Sol, descubríram da gavea do galeão de Pero Lopes Rabello, que ficava muito atrás, huma muito formosa náo com todas as vélas enfunadas, que levava a derrota do Estreito de Meca, que na grandeza, e apparato que fazia lhe pareceo do Reyno. Pero Lopes virou logo a ella, e a foi seguindo, e fazendo final á Armada, que quasi se não enxergava, e todavia ouvíram a bombardada, e da gavea do galeão de Antonio Cabral o víram ir naquelle bordo, e logo lhe pareceo que víra alguma cousa. E voltando no mesmo bordo, fez final ao Capitão mór, e metteo todas as vélas, e varredeiras, e

o Capitão mór fez o mesmo, e o foi seguindo.

Esta náo, de que os nossos houveram vista, era do Achem, e tamanha, que levava gavea, e sobregavea, que já partíra o anno passado pera Meca; e por achar tempos contrarios, arribou a Tanaçarim, donde tinha partido em Janeiro; e vinha tão rica, e prospera, que affirmavam depois trazer mais em si de hum milhão de ouro, afóra hum palanquim, que o Achem mandava pera a pessoa do Turco, com tanto ouro, e pedraria, que diziam valer duzentos mil cruzados. Trazia a náo em si sincoenta peças de artilheria de bronze, e quinhentos homens de armas, Turcos, Abexins, Fartaquins, e de outras nações bellicosas. Pero Lopes Rabello, que a hia seguindo, foi todo aquelle dia sempre á vista quasi no mesmo compasso; e tanto que anoiteceo, fez farol pera que os outros galeões o vissem; o que visto pelos da náo, tambem lhe fizeram outro pera se lhe amostrar, porque hiam tão confiados em sua potencia, que lhes não dava cousa alguma da Armada, nem a estimavam, e assim se deixava ir seu caminho muito segura. Pero Lopes Rabello foi-se sempre compassando com ella; e tanto se apressou, que quando foi o quarto da modorra, rendido a alcançou; e ella em o vendo

do tão perto, virou a elle com todas as vélas enfunadas com tenção de passar pelo galeão, e de pancada desapparelhallo, e voltar seu caminho; e assim com toda aquella furia lhe poz a proa por gilavento, e lhe lançou dentro muito fogo. Pero Lopes Rabello como hia já lestes, e preparado pera aquelle negocio, em ella dando a pancada, lhe lançou dentro alguns arpeos, com que ambas as náos ficáram atracadas. E como os nossos hiam com as armas nas mãos, commettêram logo a entrada, lançando-lhe dentro muitas panellas de polvora; porque estavam tão soffregos, e animosos com a cubiça das prezas, que imaginavam já ter nas mãos, que desestimáram a potencia da náo, e assim tratáram de a render á espada, pera lhes ficar a vitoria mais formosa, e o sacco mais seguro. Os Mouros, que eram muitos, e escolhidos, vendo a determinação dos nossos, defenderam-lhes a entrada com tanto esforço, e valor, que os fizeram deter, travando-se de bordo a bordo huma asperissima batalha com grande damno de ambas as partes.

E estando neste conflito, chegou o galeão de Antonio Cabral, que sempre seguio os faroes; e como a escuridão da noite era grande, e não pode differençar as náos, com aquella furia com que hia, poz a proa no galeão de Pero Lopes Rabello, cuidando

que

que a punha na náo dos Mouros, e com a pancada foi virando, e ficou atraveſſado por poppa de ambas as náos, em que havia tapamanho rumor, e rugido das armas, que parecia huma batalha de grandes exercitos. O galeão de Antonio Cabral ao traveſſar, que fez por poppa dos outros, teve tal acordo hum ſoldado, por nome Manoel da Coſta, que eſtava ſobre o bordo do galeão, que com a eſpada cortou as cordas do leme da náo dos Mouros, (porque ſe governam todas com huns aldropes pelas ilhargas pela banda de fóra,) com o que o leme ficou deſgovernado, a que os Mouros acudíram pela tornar a preparar, e entre tanto trabalháram pera verem ſe ſe podiam deſafferrar, e ſahirem-ſe pera fóra, pera o que andavam com as eſcotas do traquete, mas ficou-lhes tudo em vão; porque como eſtavam atracados, não ſe podiam deſviar pera nenhuma parte. Já neſte tempo era o fogo tanto no galeão de Pero Lopes Rabello, que foi neceſſario a Antonio Cabral lançar-ſe nelle com alguns companheiros, pera que o ajudaſſem a apagar; porque chegou a couſa a eſtado, que largáram os noſſos as armas pera acudirem ao fogo. Com iſto tiveram os Mouros lugar de ſe deſafferrarem, deixando os noſſos galeões ambos abordados, dando tamanhas pancadas, que ſe desfaziam, e a revol-

volta era tamanha nelles, que ſe não entendiam; porque huns acudiam ao fogo, porque os não abrazaſſe; outros a ſe deſafferrarem, por ſe não fazerem em pedaços, de ſorte que tudo era huma confusão. A náo dos Mouros como hia já affaſtada, tomoulhe o traquete vento; mas faltando-lhe o leme, deo huma volta em roda, e tornou a cahir ſobre os galeões com a proa, onde dantes tinha a poppa. E poſto que os noſſos eſtavam naquelle grande conflito, e trabalho, em que tratavam de apagar o fogo, em que o galeão eſtava ateado, vendo outra vez a náo dos Mouros ſobre elles, lançáram-lhe tanto fogo dentro, que a abrazáram em chammas, anteando-ſe-lhe pelas vélas, e enxarceas com tanta braveza, que era eſpanto. E foi o fogo creſcendo de feição, que ſe ateou no galeão de Pero Lopes, ſem os noſſos o poderem apagar, onde ſe foi accendendo com tanta furia, que ſem lhe poderem valer, começou a arder juntamente com a náo. Pelo que foi forçado a Antonio Cabral mandar cortar as rajeiras ao ſeu galeão, porque não ardeſſem todos, e pereceſſem.

Vendo-ſe Pero Lopes Rabello perdido, e o ſeu galeão ſem remedio, paſſou-ſe ao de Antonio Cabral com os que puderam, por ſer a preſſa tamanha, que muitos ſe lançáram ao mar, porque ſe não queimaſſem, fi-

ficando o galeão de Pero Lopes, e a náo dos Mouros ardendo já em labaredas. Os Mouros vendo-se tambem perdidos, lançáram-se ao batel; e os que nelle couberam foram-se acolhendo, e todos os mais ficáram pelo mar a que se lançáram, porque a náo era já toda fogo. Tanto que Pero Lopes Rabello se vio affastado, metteo-se no batel de Antonio Cabral, e foi recolher os seus soldados, que andavam pelo mar a que se tinham lançado, e de passagem foram matando, e cativando todos os Turcos, que achou a nado; e antre estes que recolheo, foi hum com sete espingardadas, que logo morreo.

Feito isto, recolheo Antonio Cabral a Pero Lopes Rabello na sua camara, e lhe deo ametade de toda a sua roupa, e o mesmo fizeram os seus soldados aos outros de Pero Lopes, porque não salváram mais que o que tinham nos corpos. A este tempo chegou o Capitão mór, que vio arder aquellas duas náos com tamanho terremoto, e estrondo, que parecia queimar-se huma grande Cidade, porque com a escuridão da noite causava aquelle fogo muito grande espanto, e temor. E vendo hum só galeão affastado, chegou á falla, e soube ser Antonio Cabral, e do desastre de Pero Lopes Rabello, que sentio em extremo, e deixou-se ficar bordejan-

jando até amanhecer, que se descubríram a náo, e o galeão consumidos até o lume da agua.

Estando assim vendo aquelle miseravel espectaculo, appareceo outra náo; e dando ás vélas, a foram seguindo, deixando as outras entregues ao fogo de tudo consumidor. E se se deixáram ficar até se elle acabar, por sem dúvida se tem que do porão da dos Mouros se pudera tirar muito ouro, prata, e outras fazendas, que lá em baixo trazia, a que o fogo não podia chegar; mas a golodice, e cubiça da outra náo que víram, cuidando tella nas mãos, lhes fez deixar tudo, e ir forçando as vélas, tanto que a alcançáram sobre a tarde; e sendo a tiro de bombarda, lhe atirou o Capitão mór a amainar, o que ella fez, e foram os nossos galeões preparando hum cabo pera lhe lançarem; e por cuidar o Capitão mór que a tinha segura, mandou amainar as vélas do seu galeão: e foram os seus Officiaes tão descuidados, que ao deitar do cabo ficáram por gilavento da náo sem o cabo a prender. Vendo os Mouros os nossos no tomar das vélas tão embaraçados, e que o galeão lhes hia ficando por poppa, não perdendo o acordo, alçáram depressa as vélas, e foram preparando a náo, e mettendo de ló tudo o que puderam por tomarem o balravento aos nossos

na-

navios, que deixáram amainados; e quando acudíram a dar á véla pera feguirem a náo, hia ella já tão alongada, e defviada delles, que houveram por efcufado feguilla, o que todavia fizeram até anoitecer, que ella mudou o rumo, e fe foi feu caminho. Os noffos ao outro dia pela manhã ao fahir do Sol mandáram defcubrir o mar, e já o não víram, pelo que fe fizeram na volta da boca do Eftreito; e a monte de Felix andáram efperando as náos que haviam de vir demandar aquella paragem, aonde os navios de remo foram ter com elles, porque não puderam aturar as náos. E em quanto alli eftiveram, (que foi mais de hum mez,) houveram vifta de mais de fincoenta náos por vezes, fem lhes poderem chegar; porque coco elles eftavam á terra, e ellas vinham de mar em fóra enfunadas, não foi poffivel chegarem-lhes, nem feguirem-nas pera dentro, por fe não metterem com ellas no Eftreito a rifco de fe perderem; e fendo o tempo já gaftado, fe recolhêram pera Ormuz, onde levavam por regimento foffem invernar, pera virem dando guarda ás náos, que haviam de ir a Goa.

CA-

CAPITULO IV.

Do que mais ſuccedeo nas guerras dantre Abexins, e Mouros: e do grande ſoccorro dos Turcos que entrou em Baroá: e do que o Emperador paſſou com os Portuguezes.

ATrás temos deixado o Barnagais proſeguindo na guerra contra os Mouros, de quem tinha havido algumas vitorias, o que lhe deo ouſadia pera ir accommetter o Baxá, que eſtava em Baroá, em hum forte de pedra, e barro, com as coſtas em huma ſerra mui ingreme, e por diante como cava huma formoſa ribeira, que trazia tanto peſcado, que podia ſuſtentar muita gente em hum prolongado cerco. E pera iſto mandou chamar ſeu pai Radiaſgana, homem velho, grande cavalleiro, e de muito bom conſelho, que trouxe comſigo hum eſquadrão de humas gentes, que ſe chamam Tigares, grandes ladrões, e juntos ambos foram cercar o Baxá no forte, e em ſua companhia foi Diogo de Alvellos com alguns Portuguezes, com cujo conſelho o Barnagais fazia todas as couſas; e como não tinham artilheria, não puderam fazer mais que defender-lhes os mantimentos, no que puzeram toda a diligencia. E eſtando aſſim as couſas,

en-

entráram pela tenda do Barnagais tres arrenegados, que vinham fogindo da fortaleza, hum chamado Alexandre, Calabrez de nação, outro João Maria, Genovez, e o terceiro Ungaro de nação, e se offerecêram ao Barnagais a lhe darem ordem pera tomar a fortaleza, fazendo-lhe o negocio facil, e dando-lhe relação de tudo o que antre os Turcos passava, que o Barnagais estimou muito, e os agazalhou, e todavia com os olhos nelles; e logo se poz em feição de accommetter a fortaleza, pela ordem que os fogidos lhe deram, pera o que mandou fazer muitas hasteas grossas, como de chuças, com ferros de arados, e outros petrechos que lhes mais parecêram; e o dia do assalto repartio toda sua gente em duas partes, elle com a sua, e seu pai com os Tigares; e no quarto dalva commettêram a fortaleza por duas partes com aquellas chuças de ferros de arados, e começáram a desfazer as paredes muito facilmente, porque eram de pedra, e barro; e por alguns portilhões que fizeram entráram dentro, e matáram muitos dos Turcos, que se lhes puzeram em defensão, e o Baxá com os mais se recolhêram a hum castello, que tinham sobre a rocha. Os Tigares da companhia do pai do Barnagais, como eram ladrões, logo se mettêram pelas casas a roubar, e a carregar de fa-

fato, e ainda sobre elle vieram a pelejar huns com os outros. O Turco, que estava no castello, vendo aquella occasião, sahio com quinhentos Turcos, e deo nelles com tanta pressa, que primeiro que acudissem ás armas matou muitos, e o pai do Barnagais escapou de suas mãos bem mal tratado, e com esta vitoria foi demandar o Barnagais, que como era cavalleiro, mandou pôr o fogo a todo o fato, e ás casas; e ajuntando a gente que pode em hum batalhão, se foi sahindo da fortaleza, pelejando muito valorosamente, e muito a seu salvo se foi recolhendo a seu arraial, e o levantou logo muito apaixonado contra o pai por não prover na desordem dos seus.

Neste mesmo tempo chegou a Maçuá hum genro do Baxá, que lhe vinha de soccorro, com oitocentos de cavallo, e mil de pé, e meio conto de ouro em moeda, com muitas munições, e petrechos que o Turco mandava, pera lhe correrem com a conquista daquelle Imperio, porque o pertendia senhorear todo, e logo se foi ajuntar com o sogro, que estava em Baroá, com aquella vitoria havida dos Tigares. Estas novas chegáram á Corte do Emperador, que mettêram em todos grande temor, e espanto, e o Emperador se preparou pera acudir áquelle negocio em pessoa, e começou a ajuntar gen-

gente, e petrechos. E como era muito dado a ſuperſtições de feitiços, e agouros, parece que mandou por alguns Aruſpices, e feiticeiros conſultar o demonio ſobre o que lhe ſuccederia naquella jornada, do que lhe elles não deram boas eſperanças, affirmando-lhe, que lhe não convinha commetter aquelle negocio, e que deixaſſe os Turcos, porque humas gentes ſem nome os haviam de deſbaratar de todo. Com iſto ſe deixou o Emperador ficar ſem dizer a ninguem a cauſa, o que os noſſos Portuguezes ſentíram muito, porque viam eſtar aquelle Eſtado em grande riſco, e elles de ſerem todos cativos com ſuas mulheres, e filhos.

E ajuntando-ſe aquelles, que foram em companhia do Biſpo, que eram Antonio de Goes, Jorge Vaz, Jorge Carneiro, Pero Martins, Diogo Gonçalves, Franciſco Dias Machado, e Gonçalo Soares Cardim, hum dia depois de cêa tomáram hum tambor, ceſtros, e pandeiros, com ſuas eſpadas nas cintas, e rodelas lançadas ſobre as coſtas, e as eſpingardas cevadas, e aſſim chegáram á cerca das tendas do Emperador, e começáram a foliar, e a cantar muito alto; e aſſim foliando com grande eſtrondo, foram entrando pelas portas, que os porteiros lhes largáram. O Emperador ouvindo a matinada ſahio fóra com a Rainha, e ſuas Damas, e mais

mais de trinta tochas accezas, e paráram a ouvir a folia, que os noſſos hiam continuando; e o que cantavam era iſto:

Viva o Rey de Preſte João,
Que pera os Turcos he hum leão.

E acabando a folia, deſparáram as eſpingardas; e chegando ao Emperador, lhe diſſeram que mandaſſe abater as tendas, e foſſe contra os Turcos, porque elles ſós baſtavam pera os deſtruirem diante delle; e levando das eſpadas com aquelle fervor, começáram a eſgrimir com muita ligeireza. A Rainha, e as Damas eſtavam como paſmadas de ver aquillo, que foi couſa que muito eſtimáram; e diſſeram humas pera as outras: « Iſto são » Anjos, e não homens. » A eſta matinada ſe alvoroçou todo o arraial; e acudindo ás tendas do Emperador, entráram todos os Portuguezes dentro; e vendo andar os outros naquella batalha, deo-lhes o furor, e levando das eſpadas, fizeram o meſmo. E depois ſe foram ao Emperador, e ſe lhes offerecêram pera morrerem diante delle em defensão de ſeu Reyno. O Emperador, que eſtava muito contente de ver aquillo, diſſe contra os Portuguezes antigos: « Eſte dia não era voſ» ſo, ſenão deſtes noveis, (pelos que vieram » com o Biſpo,) e por certo tenho, que » todos ſois meus amigos. » E logo mandou

tra-

trazer quatro garrafas cryſtallinas de collos altos cheias de vinho, e algumas conſervas, com que os convidou, e os mandou repouſar.

Mas como o Emperador eſtava medroſo do que lhe os feiticeiros tinham dito, não ouſava a ſe abalar; antes hum dia depois diſto entrou na tenda do Biſpo Xumo Cafalou, caſado com huma irmã da Rainha, e lhe pedio deſpejaſſe todos; e ficando ſós, lhe diſſe, como os Turcos vinham muito poderoſos, que pedia lhe diſſeſſe o que ſeria do Emperador, ſe foſſe áquella jornada, (porque tem os Abexins por coſtume perguntarem a ſeus Prelados pelos ſucceſſos das couſas.) O Biſpo vendo aquelle deſpropoſito, tomou huma vara que tinha na mão, e a poz com a ponta no chão direita, e diſſe contra o Cafalou: « Vês eſta vara aſſim di» reita? eu a largo; ſe cahir, morrerá o » Emperador na guerra; e ſe ficar em pé, » vencerá: » e largando-a o Biſpo, cahio no chão, de que Xumo Cafalou ficou triſte, e o Biſpo muito rozado. Poucos dias depois diſto mandou o Emperador chamar todos os Portuguezes; e eſtando elles de fóra das tendas, abaixou hum panno da cerca, e ficou deſcuberto até os peitos; e fallando com os noſſos, com os olhos cheios de lagrimas, lhes diſſe eſtas palavras:

« Coitados de vós, depois que eu mor»
» rer. » Os noſſos ouvindo iſto leváram das
eſpadas, e diſſeram: « Primeiro todos mor-
» reremos diante de V. Mageſtade, e deſ-
» truiremos os Turcos noſſos inimigos. »
E proſeguindo o Emperador a pratica, diſſe:
» Sabei que ſou com vós-outros como gal-
» linha com os filhos, que quando vem o
» milhano, os recolhe debaixo de ſuas azas.
» Em Ethiopia não tendes ſenão a mim por
» amigo, todos vos querem mal; aconſelho-
» vos que ſejais como linhas juntas, que
» quando eſtão unidas, fazem hum cordão,
» com que prendem hum leão; e apartadas,
» qualquer couſa as desfaz: digo-vos iſto,
» porque tenho pouca vida. » Iſto diſſe eſte
Emperador; porque depois que ſeu pai fal-
leceo, e que elle ſuccedeo no Reyno, os
móres deſgoſtos que teve com ſua mãi, e
com os Grandes, foi, por não querer degra-
dar os Portuguezes pera eſſes ſertões da
Ethiopia, donde não pudeſſem ter commu-
nicação com o mar, nem recado da India;
porque eſtando o pai pera morrer, lhos en-
commendou muito, e lhe poz pena de ſua
maldição, ſe os não amaſſe como irmãos,
e ſenão gratificaſſe a ElRey de Portugal ſeu
pai (com lhe dar a metade do ſeu Reyno,
ſe o quizeſſe) os grandes beneficios que delle
recebêra; porque ſe lhe não mandára o ſoc-

cor-

corro por D. Chriſtovão da Gama, (como fica dito no Cap. XI., do VII. Liv. da V. Decada,) ſem dúvida ſe perdêra aquelle Imperio. Os noſſos, que víram o Emperador tão triſte, e melancolizado, lhe diſſeram muitas couſas ſobre aquillo, e ſe recolhêram; e nós o faremos por hum pouco, porque temos muitas couſas com que continuar, e depois a ſeu tempo tornaremos a eſtas.

CAPITULO V.

De huma breve relação das couſas do Bemaventurado Apoſtolo S. Thomé, de ſua morte, e milagres: e das grandes maravilhas de huma pedra, que ſe achou no lugar em que o matáram: e de huns padrões, que os Reys daquelle tempo paſſáram de rendas pera a Igreja que alli fez.

POrque não he bem que paſſemos pelas couſas, que neſte tempo acontecêram na Caſa do glorioſo Apoſtolo S. Thomé, Padroeiro da India, faremos dellas huma breve relação pera gloria de Deos noſſo Senhor, louvor do ſeu ſervo, e edificação noſſa. Florecendo, e indo cada dia em grande creſcimento os milagres deſte Santo Apoſtolo na Cidade Meliapor, que agora ſe chama S. Thomé, onde os Portuguezes tem huma muito formoſa, e proſpera Colonia, de que

já algumas vezes fallámos, succedeo o anno de quarenta e sete quererem os moradores com o Vigario da Casa do Santo Apostolo alevantar a Ermida do monte grande, que tinha cahido seis, ou sete vezes, e havia muitos annos estava no chão, por ser o principal lugar, e Oratorio, onde o Santo costumava ir orar, e onde foi acabar sua vida gloriosa. E porque o lugar, e modo de sua morte andam escritos confusamente, diremos aqui a verdade disto, conforme as muitas diligencias que sobre isso fazemos, e a opinião geral que corre entre o Gentios antigos daquella Cidade, em cuja memoria lhes ficou quasi como tradição antiga, pelo que ouviram a seus pais, e avôs.

Costumava o Santo Apostolo sahir-se da povoação, onde ordinariamente gastava a mór parte do tempo na conversão das gentes, e ir-se a orar a hum monte affastado quasi huma legua da Cidade, que naquelle tempo se chamava *Antenodur*, onde tinha dous Oratorios: hum logo na entrada do monte, onde agora estam os Padres da Companhia, que se agora chama o *Monte pequeno*, que era huma pequena furna cavada em huma rocha viva, em que tinha feito na mesma pedra hum pequeno Altar, onde devia de ter alguma Cruz, ou retabolo; e o outro Oratorio era mais assima, onde agora cha-

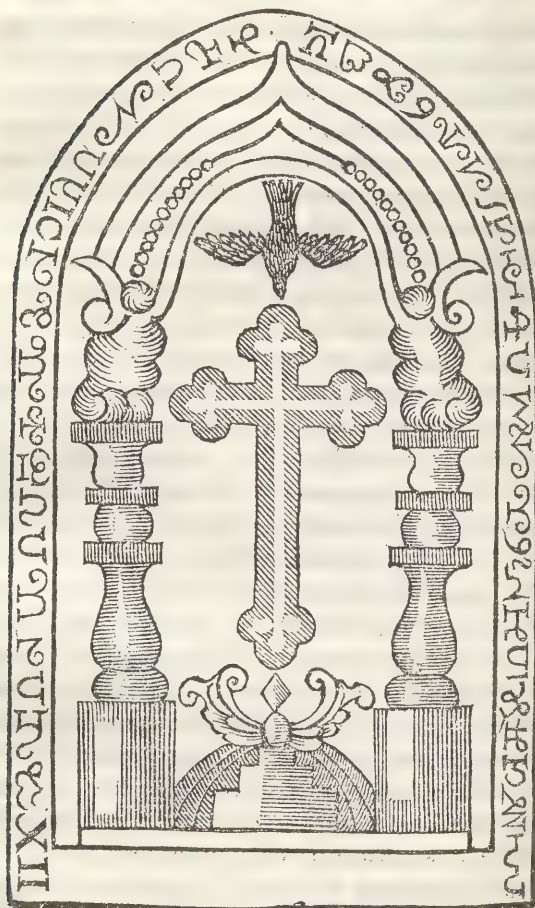
chamam o Monte grande, e onde eftá a Cafa de noffa Senhora, de que logo fallaremos, que ferá de hum ao outro diftancia de pouco mais de hum tiro de berço. E eftando hum dia o Santo Apoftolo em o Oratorio debaixo affervorado em oração, vieram os Bragmanes, que andavam já conjurados contra elle, por não poderem foffrer fua rara virtude, e exemplo de vida, com que todos andavam defacreditados diante do Rey; e fentindo-o dentro na lapa, foram-fe por huma ilharga, onde tinha huma pequena frefta, que fizera pera claridade, e efpreitando-o por ella, o víram eftar de joelhos, com os olhos fechados, em hum rapto tão profundo, que parecia morto; e mettendo a lança pela frefta, lhe deram huma lançada. O lugar certo por onde foi fe não tem averiguado, ainda que todos concordam que foi por huma ilharga. E foi ella com tanta força, que parece que ao acordar do Santo, e ao bullir do corpo, quebrou o ferro affima do alvado quafi meio palmo; e ao gemido que o Santo deo com a dor, foram todos fogindo, e elle com aquellas anfias da morte fe fahio pela porta fóra, e tomou o caminho do Monte grande, aonde tinha o principal Oratorio, e onde eu prefumo que eftariam feus difcipulos, e que os iria o Santo bufcar pera o remediarem. Mas como hia mortalmente ferido, che-

chegando á Ermida, ſe abraçou com hum retabolo de pedra, em que tinha huma Cruz, e alli encommendando ſua alma a ſeu Meſtre, ſahiria daquelle ſantiſſimo corpo a gozar daquellas bemaventuranças eternas, e daquellas cadeiras de gloria, que Deos tinha apparelhadas pera ſeus Santos Apoſtolos, em que apparecerão no ultimo juizo pera juizes das gentes. Os diſcipulos do Santo, depois de chorarem ſua morte, e apartamento, levaram-no a enterrar na Capella, que na povoação tinha feita daquelle monſtruoſo madeiro, que ainda hoje eſtá em pé na meſma fórma; e com elle enterráram huma grande panella de barro, em que recolhêram todo aquelle ſacratiſſimo ſangue, e ferro da lança, que ſe achou aſſim, quando no anno de vinte e tres deſcubríram a ſepultura, e corpo do Santo Apoſtolo o Capitão Manoel de Faria, e o Padre Penteado, que ElRey D. Manoel de glorioſa memoria mandou a eſte negocio, pera ſaber a verdade do corpo do Santo Apoſtolo, como ſe verá melhor na III. Decada de João de Barros, e em outras partes das minhas.

Em fim, tornando a noſſo propoſito, a Ermida, em que o Santo foi morrer no Monte aſſima, foi ſempre renovada por ſeus diſcipulos, em quanto vivêram, e depois pelos Chriſtãos, que ſempre alli ficáram, até que

o

o tempo veio a apagar tudo. E todavia, depois que entrámos na India ſempre os Reys Catholicos de Portugal mandáram ter muita conta com eſta Caſa, que foi muitas vezes renovada; mas de feição, que por tempos tornou a cahir, como eſteve até o anno de quarenta e ſete, em que os moradores com o Vigario da Caſa tratáram de a alevantar de feição, que não cahiſſe por muitos tempos. E pondo as mãos na obra, abrindo os antigos alicerſes, a huma terça feira, acháram nelles huma pedra de maravilhoſa feição de côr parda clara, de quatro palmos de alto, e tres de largo, e nella feito de meio relevo hum portal ao modo Gotico, e no meio huma Cruz da feição das de Avís, e em ſima na cabeça huma pomba, aſſim como ſe pinta, quando o Eſpirito Santo appareceo á Senhora, e aos Apoſtolos. E no circulo do portal tinha humas letras de tão antigos caracteres, que não houve em toda aquella Cidade quem as conheceſſe; e a pedra por dentro, e meio della tinha humas manchas como de ſangue. E parecendo a todos que aquella pedra era milagroſa, a leváram com grande veneração pera a Igreja da Cidade, em quanto hiam com a obra por diante, com determinação de a mudar pera aquella caſa; e a feição da pedra he a ſeguinte.

E

E desta feição são todas as Cruzes, que o Santo Apostolo mandou fazer em todas as par-

partes; e ainda hoje ſe vem na ſua Igreja, e Capella, e no Oratorio do Monte pequeno, e em algumas columnas, donde ha pouco tempo trouxeram huma pera o Convento de S. Franciſco de Goa, que os Padres tem em huma Capellinha na craſta, que abríram pela cabeça, e lhe fizeram hum vão com hum eſpelho, onde tem mettido hum pedaço do ferro da lança, com que matáram o Santo Apoſtolo. E eſta columna he ao modo oitavado da côr da meſma pedra do milagre, ſenão quanto he no tacto mais aſpera, e no meio della tem hum pequeno portal entalhado na meſma pedra, e no meio huma Cruz como eſta. Outra columna eſtá na povoação de Negapatão mettida no chão com varões de ferro, por ſe recearem os Gentios que os Portuguezes lha tomem; e pera ſe mais ſegurarem, a recolhêram pera junto de hum ſeu pagode de muita veneração, e a cercáram á roda de parede, ficando alli em hum pateo. Tem eſta columna hum gallo talhado na pedra de huma parte, e da outra huma corda, e huma véla, e anda de boca em boca das gentes de muitas centenas de annos a eſta parte, que eſta columna viera pelo mar huma noite, e que aquella véla vinha acceza; e viſta por huns peſcadores aquella claridade, foram ver o que era, e acháram aquella pedra milagroſa, que por ſi-

ſima da agua hia pera a terra até encalhar nella; e dando rebate ao Gentio, acudio todo á praia; e achando aquella maravilhoſa columna, levaram-na com muita veneração pera junto daquelle pagode, temendo-ſe ſempre depois que os noſſos entráram naquella povoação de lha tomarem. E deitando nós noſſo juizo ſobre eſta pedra, nos parece que foi das columnas, que S. Thomé mandou pôr em alguma parte de Meliapôr, e onde achou aquelle eſpantoſo madeiro, que era doze leguas donde hoje eſtá ſua caſa, e anda em memoria de todos os Gentios de avôs a netos, que quando ElRey dera aquelle páo ao Santo pera fazer huma caſa naquella Cidade, onde o páo ſe achou, que então era ao longo do mar, e doze leguas onde hoje eſtá ſua caſa, diſſera, que não havia de edificar Templo, ſenão onde o páo por ſua vontade foſſe parar, porque aquella Cidade, e muitas leguas adiante ſe havia ainda de cubrir de mar: e o páo foi dalli a doze leguas parar no lugar, onde hoje eſtá a caſa do Santo Apoſtolo. Pelo que nos parece que quando o mar comeo toda aquella terra, eſta columna, que eſtaria naquella parte, ſeria milagroſamente levada pelo mar até aquelle lugar, onde hoje eſtá, e onde eſperamos em noſſo Senhor pelos merecimentos do ſeu Santo Apoſtolo, que havemos

ain-

ainda de ver huma muito proſpera Cidade ; cheia, e povoada toda de Chriſtãos ; e que aquelle pagode, onde aquella columna eſtá, ha de ſer ainda convertido em hum muito formoſo Templo, em que Deos noſſo Senhor ſeja honrado, e venerado.

E tornando a noſſo fio da pedra do milagre, acabada a Ermida, que dedicáram a *N. Senhora do Monte*, paſſáram pera ella a pedra com grandes feſtas, e regozijos, e a puzeram ſobre o Altar, e mandáram fazer hum auto do modo de como ſe achou, e mandáram tirar a fórma, e debuxo della, que ſe levou a ElRey D. João, que a eſtimou muito ; e encommendou por ſuas cartas ao Governador D. Duarte de Menezes, que trabalhaſſe muito por ſe buſcar quem declaraſſe as letras pera por ellas ſaberem a certeza daquella pedra. E pela inſtancia, com que ElRey encommendou eſte negocio, trabalháram todos os Governadores, e encommendáram aos Capitães daquella povoação que com toda a diligencia poſſivel ſe buſcaſſe peſſoa, que declaraſſe aquellas letras : e aſſim todos mandáram trazer deſſe ſertão a muitos Bragmanes velhos, e doutos pera iſſo, ſem ſe achar quem tiveſſe noticia daquelles tão antigos caracteres. E querendo Deos noſſo Senhor moſtrar já ao mundo aquelle ſegredo por honra do ſeu Santo Apoſto-

tolo, pera que os homens não perdessem a veneração, e acatamento em que a tinham, permittio que o anno de sincoenta e hum o dia, que se celebra a festa da Expectação de nossa Senhora, a que chamam do O, que cahe sempre a dezoito de Dezembro, pera onde mudáram a da Santa Cruz, que na mesma Ermida ordenáram que se celebrasse, em começando o Vigario, que dizia a Missa, as primeiras palavras do Santo Evangelho: *Missus est Angelus Gabriel à Deo, &c.*, começou a pedra maravilhosa a se mudar de huma côr ferrenha, e pouco e pouco se foi cerrando, e fazendo preta, e luzida, como se estivera untada de oleo, e logo tornou outra vez á sua côr natural, e começou a suar gottas de agua; e a huma parte, onde estavam mais claras as manchas de sangue, se mostrou muito formosa e rosada.

Estes effeitos foram vistos de todo aquelle povo, que começou a engrandecer, e louvar em altas vozes ao Altissimo Deos, e a seu Santo Apostolo, porque lhe quizera mostrar a virtude daquella pedra. E estas mesmas maravilhas, e milagrosos sinaes se víram depois no mesmo dia certos annos, ainda que interpolados, até o passado de sesenta e hum, em que sendo Capitão daquella povoação Pero de Taíde Inferno, e Vigario

da-

daquella casa o Padre Gaspar Coelho, que trabalháram todo o possivel por descubrir quem declarasse as letras daquella pedra, até que lhe trouxeram do Reyno Canará hum Bragmane muito antigo, e muito douto na seita dos Bragmanes, e nas letras antigas de suas escrituras, que pela fama que delle tiveram, o mandáram buscar. E mostrando-lhe a pedra, vendo-a, e notando as letras, as conheceo, e disse que eram tão antigas, que já se não usavam; e que eram sinco sortes, e differenças dellas, e de lingua; e que cada letra daquellas continha vinte, ou mais letras, conforme aos antigos Geroglyficos dos Egypcios, que punha huma letra por huma parte, e esta por muitas; e que as letras eram trinta e seis com tres pontos, que tambem significavam suas partes: e dando-lhe juramento conforme á sua lei, com suas ceremonias acostumadas, pera que bem, e verdadeiramente declarasse o que ellas diziam, se subio em alto pera as notar bem, e as foi escrevendo nas letras, que então se costumavam antre elles, que affirmava serem mais de setecentas; e pondo-as em sua ordem com muito tento, e vagar, e depois as foi interpretando por hum experto lingua, e hum Tabellião do público Judicial, as foi tomando em sua lembrança pera as lançar em suas notas; e o que continham he o seguinte.

» Em

« Em tempo do filho de ElRey Sagad
» Gentio, que reinou trinta annos, hum só,
» e verdadeiro Deos veio á terra, e tomou
» carne no ventre de huma Virgem, e tirou
» a lei dos Judeos, de cujas mãos por sua
» vontade tomou castigo pelos peccados dos
» homens, depois de andar no mundo trin-
» ta e tres annos, e ensinar a doze criados
» a verdade, que andou prégando. E hum
» destes veio a hum lugar chamado Majalle
» com hum páo na mão, e trouxe hum
» grande madeiro chamado Bagad, que veio
» pelo mar, de que fez huma Igreja, com
» que toda a gente folgava. Hum Rey de
» tres Coroas Cheralacone, Indalcone, Cus-
» pandiad, e ElRey Alexandre do Reyno
» Ertinabarad com Catharina sua filha, e
» muitas Virgens, e seis generos de castas
» por suas vontades tomáram a Lei de
» Thomé, por ser a da verdade, e elle
» lhes deo o sinal da Cruz pera adorarem.
» E elle subia ao lugar de Antenodur, on-
» de hum Bragmane lhe deo huma lança-
» da, e elle se abraçou com esta Cruz,
» que ficou manchada de seu sangue, e
» os discipulos o leváram a Majalle, e o
» enterráram na sua Igreja com a lança
» no corpo: e porque nós os Reys assi-
» ma nomeados vimos isto, fizemos estas
» letras.

Don-

Donde inferimos que todos aquelles Reys foram feitos Chriſtãos por elle, e que eram Regulos de differentes Provincias dalli perto, que ſe ajuntáram a ouvir ſua doutrina, e a ſe bautizarem pela fama de ſua vida. Eſte anno, que noſſo Senhor quiz certificar áquelles moradores a virtude deſta pedra, não fez ella o ſinal acoſtumado, do que todos ficáram deſconſolados; mas o ſeguinte de ſeſſenta e dous, em que andamos, querendo elle acabar de certificar a todos com maiores ſinaes da verdade daquella pedra, lhos manifeſtou o meſmo dia de noſſa Senhora do O, por eſta maneira.

Eſtando o Vigario Gaſpar Coelho dizendo a Miſſa, em começando o ſanto Evangelho, começou-ſe a cubrir a pedra de huma nuvem ſubtil, que logo ſe desfez, e a víram ir mudando a côr, e manchar-ſe de preto, e cardeno, até ficar aſſim toda de huma côr deſacoſtumada, e tão luzidia, como ſe eſtivera untada de oleo; e acabado o Evangelho, ſe cubrio toda de hum ſuor, que parecia que orvalhava ſobre ella, o que durou toda a Miſſa; e acabando o Vigario de conſumir, ſubio-ſe em joelhos ſobre o Altar perante todo o povo, e com o ſanguinho, que tinha as ſinco chagas lavradas de ſeda vermelha, alimpou aquelle humor de pedra, ficando o ſanguinho todo molhado, e com hu-

humas nodoas de huma agua vermelhaça, como de lavaduras de carne fresca; e depois disto antre as onze, e as doze horas tornou a pedra a suar de feição, que pela ponta de hum braço da Cruz estillava gotta e gotta de agua, que o Padre Vigario hia recolhendo no sanguinho, o que durou por espaço de meia hora, que se tornou aquelle humor a resolver, e a pedra ficou parda, clara, e graciosa, e onde tinha as manchas de sangue se enxergou muito claro.

De tudo isto se fez logo alli hum auto, em que se assignáram o Capitão, Vigario, e pessoas principaes do povo, que se mandou ao Bispo de Cochim D. Jorge Themudo, que de novo mandou tirar hum summario de testemunhas, de que foi Enqueredor o Vigario, e Escrivão Diogo Pereira, presente o Capitão, de que o Padre Fr. Duarte Chanoca, que foi Guardião de S. Francisco de Goa, e muito antes tinha sido Guardião da mesma Casa de S. Thomé, nos deo o traslado.

E posto que na interpretação das letras da pedra vá alguma cousa desviado de alguns que escrevêram, conforme as informações que tiveram muito depois de mim, quero ir atado ás que tivemos, e ás diligencias que fizemos como de presente, e aos autos, e traslados, que de S. Thomé nos

man-

mandáram. Porque quem os informou tão mal, como foi em dizerem que no anno de 1552. entregáram o Padre Penteado, e o Padre Alonſo Cypriano ao Vigario, e Viſitador do Biſpo de Cochim o traslado de humas doações, que os antigos Reys concedêram pera a Caſa do Santo Apoſtolo, que elle tambem recita muito deſviado dos meſmos traslados, que em noſſo poder eſtam, que logo abaixo poremos; ſendo certo que em Cochim nunca houve Biſpo, ſenão o anno de 1559. em que veio D. Jorge Themudo, que foi o primeiro que aquella Cidade teve, tambem o podia informar aſſim nas outras couſas.

E pois fallamos neſta materia, não podemos deixar de nos queixar de alguns delles, por tomar da noſſa V. Decada, que ha ſete, ou oito annos temos no Reyno, o onzeno, e dozeno Capitulo, que toca na Religião do Gentio da India enganos, e ſuperſtições dos Bragmanes, que nos cuſtou infinito trabalho, e deſpeza da fazenda mandar trazer de ſuas meſmas eſcolas do Reyno Badagá, e de irmos em peſſoa ver o hoſpital dos paſſaros de Cambaya, e notar couſas, que os homens, que lá paſſam de differente profiſsão, não ſabem, ou não querem notar: negando-nos a benevolencia que ſe deve no citar dos eſcritores, e mais quando

nós neſte Eſtado eſtamos eſcrevendo por authoridade da Mageſtade Real de ElRey D. Filippe. E quem quizer ver ſe me queixo com razão, lêa os Capitulos atrás allegados, e o II., III., e IV. Cap. do VI. Livro da minha V. Decada, que já deve de eſtar impreſſa, ou muito perto de ſe imprimir, e verá ſe na mór parte dos outros não vai pelas minhas proprias palavras, e particularidades, que eu ſó na India notei: e deixando eſta materia, em que eu não hei de ficar em obrigação de reſtituição a ninguem, porque em todas as minhas Decadas dou o ſeu a ſeu dono, como pelo decurſo dellas ſe poderá mui bem ver.

Tornemos á noſſa ordem: já que atrás nos penhorámos com os padrões, ſerá bem darmos relação na realidade delles, porque ſervirá pera que vejamos a liberalidade daquelles Reys naſcidos, e creados nas entranhas da gentilidade, que tiveram pera aquelle Templo do Santo Apoſtolo; e paſſa aſſim. O anno de ſincoenta e dous, ſendo Vigario da Caſa do Apoſtolo S. Thomé o Padre Antonio Penteado, foi ter com elle hum Bragmane velho, e lhe diſſe: « Que ſe lhe » pagaſſe bem, elle lhe deſcubriria huns pa- » drões, que os Reys, ou do tempo, ou » pouco depois do Apoſtolo S. Thomé, lhe » paſſáram de terras, e rendas que deram » de

» de eſmola pera a ſua Caſa , que lhe an-
» davam ſonegadas , e eſtavam eſcondidas
» em parte , que elle ſó ſabia. » Vendo o
Padre Antonio Penteado aquillo , concertou-
ſe com elle em trezentos xeraſins , que ajun-
tou pelos moradores , e os depoſitou em mão
de peſſoa abonada que lhos déſſe , trazendo
elle os padrões , que logo vieram. E eram
tres taboas de metal de palmo de alto , e
meio de largo cada huma , feitas ao modo
de como ſe pintam os eſcudos das Armas
das linhagens , e todas tinham de huma par-
te hum letreiro , e da outra huma Cruz , e
hum Pavão. Diſto tomáram alguns motivo
pera affirmar , que a ave , que eſtá na ponta
de ſima da Cruz da pedra do milagre , era
tambem Pavão , no que ſe enganáram , por-
que neſtas taboas puzeram-ſe os Pavões co-
mo ſellos das Armas daquelles Reys , e o
Santo não as havia de pôr na cabeça da
Cruz ; e na cabeça das taboas tinha cada
huma dellas huma argola , por onde ſe pendu-
ravam. Vendo-as o P. Vigario Antonio Pen-
teado , moſtrou-as aos Gentios antigos , como
os da pedra da Cruz , ſobre o que fizeram ſuas
diligencias. E pela fama que havia de hum
Bragmane douto nas terras do Canará , o man-
dáram trazer , que vendo as taboas , conhe-
ceo as letras , e declarou-as ao Notario que
eſcrevia , e o que continham he o ſeguinte.

A primeira taboa dizia:

« Em nome de Deos, que fez o Ceo,
» e a terra, a que se não sabe principio,
» nem fim, a quem me encommendo, e
» debaixo de cuja mão estão o Sol, e as
» estrellas, e tem poder pera cortar todo o
» mal. Este Senhor fez huma joia, que he
» ElRey nosso Senhor, a quem deo poder
» neste mundo pera fazer o que quizesse.
» Este Rey alumiam suas obras como estrel-
» las; em tempo que nascêram as pedras
» preciosas, então nasceo elle contra todos
» seus inimigos, e pera favor, e amor dos
» bons, que tem muita caridade. O avô
» deste Rey se chamava Atela Rajá, e seu
» pai Campella Rajá, e elle Boca Rajá, e
» tem dous filhos chamados hum Marapa,
» e outro Matapa. E este Rey he tamanho
» cavalleiro como huma alimaria, a que
» chamam Chigsão, que he Rey de todas,
» e he maior que todo o outro Rey, e como
» hum dos finco Reys, que vencêram no-
» venta e nove Reys, e que tem tanta força
» como hum dos oito Elefantes sobre que
» o mundo está. Este reina em seu Reyno,
» e tem outros tres, que tomou por armas,
» que são Otia, Tulcão, e o Canará, e este
» he Rey, e Senhor dos Senhores, que seus
» inimigos venceo, e fez em postas com
» sua espada.»

A

A ſegunda taboa continha o ſeguinte:

« Paſſada a era de 1259. annos, no pri-
» meiro anno, que ſe chama Icarrana Ra-
» chan, aos doze dias da Lua nova do bom
» anno, deo de eſmola Abidara Modeliar
» Santo pera a ſua Igreja as terras abaixo
» declaradas, que partem do Chandegari
» com Paliorcota, Cotur, e Meliapor, onde
» choveo terra, e foi deſpovoada; e eſte
» lugar de Meliapor parte com o Palepate,
» e com o de Cotur da banda do Naſcente,
» e além do rio da banda do Sul, e da ou-
» tra parte com o mar, e da do Norte com
» Frivanor. Entre eſtes lugares ha hum, que
» ſe chama Urur, e outro Cateparede, e
» outro Catetangul, e outro Perogum Rey,
» que he cabeça delles. E eſtes lhe dou Abe-
» dara Modeliar pera ajuda de alumiar a ſua
» caſa. E todos eſtes lhe dou com ſuas caſas,
» ſementeiras, hortas, rios, aguas de pre-
» zas, theſouros, rubís, e todas as mais
» pedras precioſas, que ſe acharem por ſima,
» e por baixo da terra, e todo o navio, e
» couſas que vierem de mar em fóra quebrar
» em ſeus termos, e toda a madeira, e os
» direitos de alguma náo que alli carregar,
» tirando algum pedaço de terra, ſe antes
» diſto eſtiver dada a algum Pagode. E eſtes
» lugares lhe dou, jurando ſobre hum Pago-
» de, que ſe chama Ampiſiviri paſſa de Ve-

» re-

» rede : o que lhe dou em quanto o Sol,
» e Lua durarem, pera que a ſua Igreja os
» tenha, e poſſua pera ſempre. E ao pé de
» tudo dizia : Em nome de Deos ; e então
» o ſinal de ElRey.

A terceira taboa dizia aſſim :

« Eſte he o ſinal de eſmolas pera alcan-
» çar o Paraiſo ; e todos os Reys, que o
» cumprirem, alcançaráõ muitas mais ; e
» quem as desfizer, eſtará ſeſſenta mil annos
» no inferno com os bichos. Porque eſta
» eſmola que faço, he pera ſempre, e pera
» todos os Reys a cumprirem, a quem o
» peço muito. » Deſtes padrões infiro eu que as terras foram dadas ao meſmo Apoſtolo S. Thomé em ſua vida naquellas palavras da ſegunda taboa, onde diz : *Dá de eſmola a Abedarrá Modeliar Santo pera a ſua Igreja* ; porque ſe fora já morto, e feita a eſmola a algum de ſeus diſcipulos, houvera de dizer que dava a eſmola pera a Igreja do Santo. E naquella dignidade de Modeliar, por que o intitula, ſe póde tambem conjecturar eſta verdade, e ainda mais em lhe chamar Santo, porque o titulo de Modeliar era então o mais honrado na Corte daquelles Reys : e o nome de Abedarrá, por que o nomea, deve de ſer alguma excellencia ſua ; e muitas duvidas que podem recreſcer, como na era que nomeam da feitu-

tura das taboas, e dos nomes daquelles mezes, podem deitar a culpa aos curiosos daquelle tempo, que não souberam perguntar por ellas. E posto que nós agora queiramos descubrir isto, já não devem de haver aquelles Bragmanes doutos, e antigos, como os que declaravam as letras da pedra do milagre, e dos padrões, porque as guerras, e o tempo tem consumido, e gastado tudo.

Outras taboas como estas se acháram tambem no Reyno de Cranganor de doações, que aquelles antigos Reys fizeram pera a Igreja, que os discipulos do Apostolo S. Thomé alli fundáram, de que já démos relação no II. Cap. do I. Liv. desta VII. Decada. E porque nos não fique huma cousa muito pera notar, o faremos aqui de passagem, porque em outros lugares a relataremos mais de proposito; e he, que em quanto houve verdade, justiça, e pouca cubiça, e sobre tudo Christandade, mostrava Deos nosso Senhor nesta pedra as maravilhas que dissemos pera gloria sua, e honra de seu Santo; e o tinham os casados daquella povoação por tão particular mercê de Deos, porque com aquelles sinaes lhe entravam tantas enchentes de sua misericordia, que andavam com os olhos na pedra, e esperavam aquelle desejado dia como o de sua salvação: e assim se lhe faltava algum anno, haviamno

no pelo mór caſtigo da vida; mas depois que na India entrou tanta cubiça, onzena, injuſtiça, e tanta outra couſa deſta qualidade, trocou Deos noſſo Senhor o ſinal de miſericordia em ſinal de caſtigo; porque neſtes annos (e em outra parte diremos a certeza de quantos pera cá) o anno que a pedra moſtra aquelle maravilhoſo effeito, logo ſuccede na terra algum deſaſtre, ou perda notavel: e tem os homens já iſto por tão averiguado, que em ſe vendo o ſinal, logo eſperam por algum grande trabalho. E aſſim como de antes pediam a Deos lhes manifeſtaſſe na pedra o ſinal de ſua miſericordia, agora pedem lhe eſconda o de ſeu caſtigo.

CAPITULO VI.

Das mais couſas, que acontecêram na Ethiopia: e de como o Capitão Iſac ſe ajuntou com o Baxá dos Turcos, e alevantáram outro Rey: e do que aquelle Emperador fez ſobre iſſo.

FIcáram as couſas da Ethiopia deſte anno paſſado naquella vitoria, que o Emperador houve contra o Capitão Iſac, e contra o Rey, que elle tinha alevantado, e elle reconciliado com o Biſpo, e deſejoſo de o fazer com o Iſac, por eſcuſar mais perturbações, e lhe mandou pera iſſo perdões

reaes, que elle não quiz acceitar, antes tratou de lhe fazer todo o damno que pudesse, pera o que se reformou, e tornou a ajuntar a si os Portuguezes, que com elle escapáram. Sabendo o Baxá do Turco (que estava em Arquicó) estas cousas, parecendo-lhe que seria grande lanço sanear-se com o Isac, e fazerem ambos guerra áquelle Emperador, até o destruirem de todo, porque depois lhe ficava melhor occasião pera o que pertendia: e assim tratou isto por meio de hum Mouro, Senhor da Ilha de Lacá, grande amigo deste Capitão Isac, que carteando-se com elle, veio aos conformar, e assentáram que se vissem ambos, e o Turco lhe mandou hum filho seu pera lhe ficar em refens, em quanto durasse a liga que faziam. E assim dia de S. Sebastião passado se ajuntáram em huma ribeira seis leguas de Arquicó, levando o Isac só comsigo Francisco Jacome, e o Capitão Arabo; e nas vistas assentáram as amizades, e juráram de juntos, e confederados ambos fazerem guerra ao Emperador. E pera fazerem esta expedição com alguma côr, assentáram que se alevantasse por Emperador hum menino de oito annos chamado Marcos, filho do Abiticon Acob, em que muitas vezes temos fallado, que o Isac trazia comsigo, com sua mãi, e outro irmão bastardo chamado Fasalates, e huma irmã, que

o

o Isac casou com hum filho seu chamado Tagala Micael. E assim foi logo alevantado o moço, e lhe fizeram as ceremonias costumadas naquelle Imperio, e lhe puzeram nome Alefisegit, e o Baxá lhe deo logo alli algumas peças ricas, e cavallos formosos, e logo ordenáram seu campo pera irem buscar o Emperador Adamas Saged; e o Baxá negociou algumas peças de artilheria de campo pera a jornada. O Isac tomou comsigo o Emperador menino, e em sua companhia seu pai, e o Capitão Arabo com alguns Portuguezes, e toda a gente que puderam ajuntar, que não passou de cento de cavallo Abexins, e mil de pé, e o Baxá outra tanta gente. E com só este pouco poder começáram de caminhar pera onde estava o Emperador, que logo foi avisado da liga, e determinou de ir buscar os alevantados, pera o que ajuntou suas gentes, e se poz em campo pera ir buscar os inimigos.

Vendo Affonso de França que tinha o Emperador necessidade de ajuda dos Portuguezes, pedio-lhe de mercê, que mandasse soltar os que tinha prezos por favorecerem o Isac, promettendo-lhe que naquella jornada o haviam de servir com grande amor, e lealdade: e que como os inimigos soubessem que elle levava mais de sincoenta Portuguezes, que se podiam ajuntar, haviam

de

de receallo muito; mas o Emperador não lho quiz conceder, dizendo-lhe: « Que não » queria vitoria alcançada com traidores, e » que ſem elles lha daria Deos. » E logo ſe poz em campo com ſeiscentos de cavallo, e dez mil de pé, em que entravam duzentos de eſpingardas, e mandou buſcar o Biſpo, e Padres da Companhia pera os levar comſigo; e com eſte exercito começou de marchar até ſe ir avizinhando com os inimigos, com quem ſe encontrou em hum campo muito formoſo, onde aſſentou ſeu exercito, ficando-lhe entre elles, e os inimigos huma grande ſerra.

Tanto que o Baxá teve novas do Emperador, fortificou-ſe em hum tezo do monte, e prantou ſua artilheria, e mandou eſpiar o campo do Emperador pelo pai do Iſac, e Gonçalo Soares Cardim com mais quatro Turcos de cavallo em muitos bons cavallos, que eſtiveram notando o modo de como o Emperador eſtava, e víram que ſe hia recolhendo pera hum campo, que ficava entre duas grandes ſerras, que não tinha mais que huma ſó entrada muito eſtreita. E naquella retirada, que o Emperador fez, entendêram os que o foram eſpiar, que arreceava a batalha. Mas tambem o Gonçalo Soares Cardim não deixou de ſentir medo nos Turcos, porque ouvio fallar huns com

os

os outros em ſua lingua, que elle entendeo bem, e diziam: « Que os Portuguezes não » desbaratáram ElRey Gradaamet em tempo » de D. Chriſtovão da Gama com muitos » cavallos, ſenão com muito fogo; porque » diſſeram os companheiros, que trazia o » Emperador pouca gente de cavallo. » E dando conta ao Baxá do que víram, que por ver tudo com o olho, cavalgou em hum formoſo cavallo, e elle veſtido em hum roupão de borcado, foi ver o campo do Emperador; e depois que notou o ſitio, diſſe ao Iſac, que elle o deſalojaria mui depreſſa. O Gonçalo Soares Cardim, parecendo-lhe que a parte dos Turcos eſtava muito de vantagem, perſuadio aos Portuguezes, que eſtavam com elle, que ſe paſſaſſem pera o Emperador, a quem todos tinham muita obrigação, e em cuja companhia andava o ſeu Biſpo; mas nunca os pode dobrar, nem render a que o fizeſſem, e elle deixou de o fazer por ſer ſó. E todavia aviſou o Biſpo por huma carta de algumas couſas, que lhe levou hum Mouro, que peitou pera iſſo; mas elle, nem os Padres a não quizeram tomar por ſe não fiarem do Mouro, nem ſaberem o ſobre que ſeria.

O Baxá pelo que notou do ſitio, em que ſe o Emperador recolheo, entendeo que o podia entrar, e logo ſe poz em ordem

de

de o commetter, e ſubio á ſerra pelo meio com muito trabalho por cauſa da artilheria; e depois de ſer em ſima, foi deſcendo até ſe pôr em baixo, ficando ambos os exercitos naquellas eſtreituras, e no cabo da ſerra ſe fortificou, e prantou ſua artilheria: e ao outro dia, que foi a derradeira Oitava da Paſcoa, começou a bater as eſtancias do Emperador com tamanho terror, e eſpanto, que os Abexins de medo ſe puzeram em desbarato, e o Emperador com elles, e no alcance foram os Turcos cativando muitos; e entre elles foram o Padre Manoel Fernandes, Reitor da Companhia, e o Padre Gonçalo Cardoſo; o Biſpo, e o irmão Antonio Fernandes ſe ſalváram milagroſamente, ficando tambem cativos os mais dos Portuguezes.

Acabado o alcance, recolheo-ſe o Baxá com o Iſac aos alojamentos do Emperador, onde acháram muitas prezas, que tudo mandáram recolher, e levar ás coſtas dos cativos; e indo o Padre Reitor com hum folle de farinha ás coſtas, e o Padre Gonçalo Cardoſo com huns páos de huma tenda, deſpidos, e maltratados com grande paciencia, e humildade, ſendo viſtos por Gonçalo Soares Cardim, foi-ſe logo ao Iſac, e Baxá, e pedio-lhes de mercê, que lhe elles concedêram, e com elles todos os mais Portuguezes cativos, e algumas mulheres.

Com

Com esta vitoria ficáram os Turcos tão soberbos, que determináram entrar pela terra dentro, ficando os nossos algum tanto desacreditados. Pelo que nunca mais aquelles Emperadores se quizeram fiar delles, nem pedir mais soccorro de gente aos Viso-Reys da India. E porque o que mais succedeo neste negocio he do tempo da VIII. Decada, nella se verá, porque foi necessario pararmos aqui por seguirmos a ordem da historia.

CAPITULO VII.

Da Armada que este anno de sessenta e dous partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge Manoel: e das cousas em que o Conde Viso-Rey proveo: e de como D. Pedro de Sousa foi entrar na Capitanía de Ormuz, e levou comsigo Babuxa, que foi succeder naquelle Reyno: e das pazes que concedeo ao Çamorim.

ANtes que o inverno se cerrasse chegáram a Goa alguns Embaixadores do Çamorim a visitar de sua parte o Conde, e a dar-lhe os parabens de sua vinda; e a voltas disso a tratar de pazes, porque estava aborrecido das guerras pelas perdas, e damnos, que dellas tinha recebido. E da mesma maneira vieram ao proprio negocio outros

Em-

Embaixadores do Idalcan, porque era costume mandarem visitar os Viso-Reys novos. E como todos estes Mouros são sagazes, queriam-nos apalpar, e ver o que nelles tinham. E assim depois de Martim Affonso de Sousa pera cá, que as terras de Salsete, e Bardes se deram á Coroa de Portugal, como dissemos no Cap. XI. do Liv. IX. da nossa V. Decada, o principal requerimento seu depois da visitação, era que lhe largasse as terras, porque lhe não tinham cumprido o contrato com que as dera; o que tambem requerêram ao Conde estes Embaixadores: e á visitação lhe respondeo em fórma ordinaria; mas ao mais, que naquelle negocio não podia fazer nada sem primeiro dar conta delle a ElRey; e assim ficáram as cousas em cumprimento de parte a parte.

Os Embaixadores do Çamorim tratáram o negocio das pazes, sobre o que o Viso-Rey ajuntou alguns Capitães a conselho, e antre elles se praticou algumas vezes, e pareceo aos mais que se lhe deviam conceder, e que fosse o Conde Viso-Rey no verão seguinte a Cochim, e de passagem se visse com o Çamorim, e com elle as assentasse, e jurasse pera mór segurança dellas, com o que o Viso-Rey deteve os Embaixadores em Goa, onde foram bem aposentados, e provídos das cousas necessarias. Pera es-

esta jornada mandou o Conde Viso-Rey reformar toda a Armada, e ajuntar achegas pera ella, e escreveo ás fortalezas do Norte sua determinação, pera que os Fidalgos, e Cavalleiros, que por ellas residiam, o viessem acompanhar. No concerto, e aparcebimento da Armada gastou o Conde todo o inverno, e nelle metteo de posse da Capitanía de Goa a Lopo Vaz de Siqueira, filho bastardo de Diogo Lopes de Siqueira, Governador que foi da India, por acabar seu tempo D. Pedro de Menezes o Ruivo. E logo nos primeiros dias de Setembro surgíram na barra de Goa seis náos, de que era Capitão mór D. Jorge Manoel, filho de D. Nuno Manoel, e irmão de D. Fadrique Manoel, que vinha embarcado na náo S. Martinho, que Antonio Moniz Barreto fez em Baçaim, sendo Capitão daquella fortaleza. As outras náos eram a Esperança, de que era Capitão Fernão Martins Freire, que vinha despachado com a Capitanía de Çofala pera entrar logo; S. Vicente, de que era Capitão Antonio Mendes de Castro; a náo Tigre, em que vinha Fernão Coutinho; a Rainha, de que era Capitão Luiz Mendes de Vasconcellos; e da náo Cedro D. Rodrigo de Castro. Vinham nesta Armada perto de tres mil homens, gente toda mui escolhida; porque parece que naquelle tempo,

po, em que Deos tinha poſtos os olhos na India, pariam os montes, e valles homens, e náos.

O Conde feſtejou muito eſta Armada pera a jornada, que pertendia fazer; e logo mandou ordenar mezas aos ſoldados pera entre tanto, porque tambem parecia que aos Viſo-Reys daquelle tempo lhes naſcia dinheiro pera tudo no theſouro, de que elles nunca tiveram a chave, (por quão puros, e deſintereſſados corriam,) ſenão os meſmos Officiaes; e depois que ſe lhe veio a arrancar das mãos, e que houve tanto poupar, parece que tudo ſe começou a ſumir, e tudo veio a faltar; porque como os penſamentos dos homens daquelle tempo eſtavam menos occupados da cubiça, favorecia-os Deos em tudo.

Em fim o Conde foi dando preſſa aos deſpachos das náos pera irem tomar a carga a Cochim, e a ſua Armada, que determinava de ſer toda a que a India pudeſſe dar de ſi. E concluio com os Embaixadores do Çamorim as pazes que pediam, aſſim como ſe fizeram com o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha. E o Çamorim ſe obrigou por ſeus Procuradores a mandar logo cortar os eſporões a todos os navios, que em ſeus portos houveſſe, e que ſe alevantariam, e fariam de carga, pera que não pudeſſem ſervir mais pe-

pera roubar. E que de nenhum porto dos ſeus ſahiria mais coſſairo algum, antes o mar ſería ſeguro, e franco pera poderem navegar por elle todos os navios grandes, e pequenos: e que o Conde Viſo-Rey iria a Calecut a jurar as pazes diante do Çamorim pera mór goſto, e alegria dos vaſſallos de ambos.

E andando já o Viſo-Rey pera ſe embarcar, lhe chegáram novas que nas terras de Damão eram entrados alguns Capitães de Cambaya com muita gente de cavallo, e acompanhados dos Abexins, e que andavam pelas aldeas fazendo grandes eſtragos, e deſtruições. A iſto mandou logo acudir o Conde com alguns Capitães, e ſoldados, que áquelle negocio foram em navios ligeiros: e mandou fazer paga geral a toda a gente da India, ſoldados, e caſados, pera o acompanharem naquella jornada, pagando dous quarteis a cada peſſoa.

Tinha chegado nas náos do Reyno D. Pedro de Souſa deſpachado com a Capitanía de Ormuz, de que a Rainha Dona Catharina lhe fez aquelle anno mercê por huma Patente, que lhe mandou, que a não amoſtraſſe ao Viſo-Rey, mas que lhe requereſſe a Capitanía por huma carta miſſiva, que lhe deo pera elle, em que lhe mandava que metteſſe logo de poſſe a D. Pedro de Souſa

da

da fortaleza de Ormuz. E o intento da Rainha em mandar a D. Pedro, que não usasse pera a entrada da fortaleza da Patente, senão da carta missiva, foi, porque tinha promettido Ormuz a D. Francisco Mascarenhas Palha, e a Luiz de Mello da Silva, e que aquelle anno lhes mandaria as Patentes, que de necessidade se estes Fidalgos haviam de aggravar, antepondo-lhes D. Pedro na Patente, e quiz que entrasse por virtude da carta sem mostrar Patente; o que D. Pedro de Sousa fez, tanto que chegou á India; mas o Conde lhe reteve a carta com tenção de mandar a Ormuz D. Francisco Mascarenhas Palha.

Vendo D. Pedro de Sousa que o Conde se fazia prestes pera ir pera fóra, e que lhe não deferia ao seu negocio, estando hum dia com o Viso-Rey, perguntou-lhe, porque lhe não deferia á carta missiva, que lhe dera da Rainha? A que o Conde se fez de novas, dizendo-lhe, que se não lembrava de tal carta. Entendendo D. Pedro de Sousa o negocio, como hia já precatado, metteo a mão na algibeira; e tirando della a Patente, apresentou-a ao Conde, que tanto que a vio, ficou sobresaltado, e não pode fazer mais que pôr-lhe nella o *Cumpra-se*, como logo fez, mandando-lhe que se fizesse prestes pera ir entrar na sua fortaleza. Co-

meçou logo isto de correr por Goa, e a dizerem os homens muitas cousas conforme á soltura, e natureza da terra; e o peior he, que houve alguns, que disseram publicamente que D. Pedro peitára muito. E tanto que o rumor destas cousas lhe chegou ás orelhas, levado D. Pedro de Sousa da colera, disse em alguns lugares públicos: que porque a Rainha tivera novas de virem Turcos sobre Ormuz, o mandára a elle entrar naquella fortaleza, porque sabia que lha havia D. Pedro de Sousa de defender muito bem. Em fim elle se embarcou em huma náo muito formosa, e levou comsigo Babuxa, filho de Torunxa, que foi Rey de Ormuz, a quem elle foi succeder no Reyno.

E porque nos não fique por dar conta deste Principe, pois adiante havemos de tratar delle, dallo-hemos aqui a conhecer. Pelo que se ha de saber, que o Governador Nuno da Cunha mandou trazer de Ormuz pera Goa a este Babuxa com hum irmão seu, que foi pai de ElRey Torunxa, e fez isto por escusar alterações naquelle Reyno. E quando Luiz Falcão foi entrar naquella fortaleza de Ormuz, que levou Torunxa pera succeder naquelle Reyno por morte de ElRey Xargolxa, como fica dito no Cap. I. do Liv. X. da V. Decada, ficou este Babuxa em Goa, onde esteve perto de quarenta annos.

E

E vendo elle que ſe fazia D. Pedro de Souſa preſtes pera Ormuz, ſentindo-ſe muito decrepito, por ſer de noventa annos, pedio licença ao Conde Viſo-Rey pera ſe ir com elle, porque deſejava de ir morrer na ſua natureza, e enterrar-ſe na cova de ſeus avôs, que lhe elle concedeo por ver que daquella idade ſe não podia já eſperar alguma alteração; e aſſim ſe embarcou. E no mar diſſe algumas vezes (como por graça) que a meſma noite que ſe embarcára ſonhára que havia de ſer Rey de Ormuz; e aſſim o foi, como adiante na VIII. Decada ſe verá. E pela ventura que diſſeſſe iſto zombando por não ter já idade pera nada, e que o attribuiſſe a ſonho, em que eſtes Mouros todos crem. E quando ſe embarcou, levou tambem comſigo hum filho chamado Ferragoxa, que houve em Goa em huma Moura de Dabul, que por ſua morte veio a ſucceder naquelle Reyno, como adiante ſe verá. Neſte meſmo tempo deſpachou o Conde Viſo-Rey a Triſtão de Mendoça pera ir entrar na Capitanía de Chaul, que fora de ſeu irmão mais velho, que deixou de a vir ſervir por cegar dos olhos. Neſta Capitanía eſtava Alvaro Paes de Sotomaior, que acabava ſeu tempo; e em quanto o Conde dá preſſa á ſua embarcação, trataremos das couſas, que ſuccedêram em Damão.

CA-

CAPITULO VIII.

Que dá conta dos Capitães, que entráram pelas terras de Damão: e de como Garcia Rodrigues de Tavora, Capitão daquella fortaleza, os foi buscar, e os desbaratou.

MUitas vezes temos dito das grandes alterações, que ficáram no Reyno de Cambaya entre os Capitães depois da morte de Soltão Mahamude, e dos bandos em que todo o poder se repartio; porque os grandes tomáram muito mal a posse, que o Ithimitican ficou tendo com ElRey ficar em seu poder. E era-lhes máo de soffrer veremse governados por elle, e assim os de mais posse se affastáram, e lançáram mão do que puderam, como no Cap. XVI. do X. Liv. da VI. Decada fica dito. E todos os mais andavam como em cabildas, comendo, e senhoreando as terras, que achavam sem cabeças. E destes era hum Abexim chamado Cide Meriam, homem havido por grande cavalleiro, e que tinha quinhentos de cavallo de sua cevadeira, que desejando de haver a Cidade de Damão pera se nella aposentarem, ou ao menos comerem todas suas parganas, que importavam muito, solicitou alguns Capitães, que lhe acudíram com suas gen-

gentes ; e com a que elle tinha , ajuntou oitocentos de cavallo , e quasi mil de pé , em que entravam quatrocentos arcabuzeiros , e outros tantos bombeiros , e todas as munições , e petrechos de guerra , e mais cousas , que lhe parecêram necessarias pera aquella jornada , pera sustentar a Cidade de Damão , que cuidava levar nas mãos na primeira commettida.

E tendo tudo prestes , poz-se em campo com todos , e lhes fez huma breve falla , em que os persuadio a se quererem achar todos com elle com bom animo naquella jornada. Porque não era honra do Reyno de Cambaya consentirem seus Capitães possuirem os Portuguezes aquella Cidade , e terras a despeito de todos , que nella , e nas suas Tanadarias se poderiam agazalhar todos os que alli estavam , porque com todos havia de partir igualmente , e que assim deixariam de peregrinar. E que aos que lhe não parecesse bem aquella determinação , se deixassem ficar , porque elle queria antes commetter aquelle negocio com trezentos voluntarios , que com dez mil forçados ; e que por isso os que o quizessem seguir , e acompanhar , havia de ser com tamanha determinação , que ou morressem todos na demanda , ou ganhassem aquella Cidade , e suas terras , e lançassem dellas os Portuguezes. Todos lhe respondêram

ram que eſtavam preſtes pera morrer com elle; e que pera ſinal daquella vontade queriam fazer voto em huma meſquita de o não largarem; e aſſim logo o fizeram todos com grande ſolemnidade. E pera maior ſegurança rapáram as barbas, que era o derradeiro ſinal de ſe offerecerem á morte, a que commummente chamavam Amoucos.

Acabada eſta ceremonia, abaláram logo contra as terras de Damão em principio do mez de Outubro, e entráram por ellas com grande eſtrondo, ſenhoreando-ſe logo das parganas Bouticer, e Puari, e foram paſſando pera a noſſa Cidade de Damão, achando já as mais das aldeas deſpovoadas, porque ſeus moradores tinham recolhido ſeu gado, mulheres, filhos, e mais couſas á ſombra das tranqueiras de Damão. Tendo Garcia Rodrigues de Tavora, Capitão daquella fortaleza, novas de como aquelles Capitães ſe abalavam contra elle, deſpedio recado a Goa, e a todas as fortalezas vizinhas pera que o ſoccorreſſem, como aquelles Capitães fizeram, acudindo muitos Fidalgos, e Cavalleiros com navios, e ſoldados á ſua cuſta, com o que ſe vio Garcia Rodrigues de Tavora com poder pera ir buſcar os inimigos, e dar-lhes batalha; porque achou quinhentos homens de pé, de que os mais eram de eſpingardas, e cento e oitenta de

ca-

cavallo, que poderiam levar comſigo, a fóra a gente, que havia de ficar em guarda da fortaleza. E como todos os dias era aviſado do eſtrago, que os inimigos andavam fazendo pelas terras, e tinha certeza de ſeu poder, ajuntou os Capitães, e peſſoas principaes a conſelho, e lhes deo relação de tudo, declarando-lhes, que ſua tenção era ir buſcar os inimigos; porque ſe o deixaſſe de fazer, ficariam elles tão affoutos, e atrevidos, que lhe iriam bater as adargas ás portas da Cidade; e que pois tinham tanta gente, e tão valoroſos Capitães, e esforçados ſoldados, que ſahiſſem a buſcallos, porque a determinação era começo de vitoria. E logo alli mandou trazer as eſpias, pera que diante de todos deſſem relação do poder dos inimigos, o que elles fizeram muito particularmente. Ouvido por todos o que lhes dizia, aprováram-lhe ſua tenção, affirmando-lhe, que eſtavam todos muito alvoroçados pera ſe verem já ás mãos com os inimigos.

Com eſta reſolução proveo Garcia Rodrigues de Tavora na guarda, que havia de ficar na Cidade, e logo ſe paſſou da outra parte do rio, onde ſe poz na ordem, em que haviam de caminhar, e do modo, em que haviam de commetter os inimigos. E ao outro dia de madrugada começáram a

mar-

marchar, levando diante alguns corredores em cavallos ligeiros com as eſpias pera deſcubrirem o campo, e o aviſarem. E antes de chegarem a Parnel, meia legua, lhes ſahio de huma aldea hum Abexim de cavallo com huma bandeirinha branca na ponta de hum arremeſsão, que foi levado ao Capitão, a quem deo huma carta de Cide Merião, em que lhe dizia: « Que elle fora aviſado » que o hia buſcar, que lhe fazia a ſaber » que nos campos de Parnel, que eram mui » largos, e formoſos, o eſperava, porque » deſejava de ſe encontrar com elle em lu- » gar eſpaçoſo pera o poder ſervir como » deſejava. » Garcia Rodrigues de Tavora fez gazalhados ao Abexim, e lhe diſſe: » Que bem podia dizer a ſeu Capitão, que » elle hia pelo caminho, e que muito cedo » lhe cumpriria aquelles deſejos, porque » elle tambem hia mui alvoroçado pera o » ſervir. » E aſſim foi caminhando poſto em ordem de batalha mui fechado, e ordenado; e aquelle dia ſobre a tarde chegou á viſta dos inimigos, que eſtavam no lugar, em que a carta dizia o eſperava, e eſtavam já poſtos em ordem de batalha, e tinham tomado do campo, o que lhes melhor pareceo, e eſtavam neſta fórma. Os bombeiros diante, e os frécheiros em hum eſquadrão, e o Cide Merião com toda a gente de ca-

vallo em dous batalhões de huma, e de outra parte.

Tanto que Garcia Rodrigues de Tavora entrou no campo, parou, e esteve notando a fórma, em que os inimigos estavam, pelo que tornou a ordenar sua gente, e da de pé fez dous esquadrões, e da gente de cavallo fez o mesmo, que repartio pelas ilhargas. E depois de tudo bem ordenado, e lembrar a todos a obrigação que tinham, arvorou hum Padre de S. Domingos em huma hastea de lança hum devoto Crucifixo, que foi visto de todos, e adorado dos mesmos com grande devoção. E posto o Padre diante de todos, foi caminhando pera os inimigos, chamando pelo Nome de Jesus, e pelo Apostolo Sant-Iago, e logo se tocáram os tambores, e pifaros a romper batalha, pera que se começáram a alvoroçar os ginetes, e a brandir as lanças os cavalleiros, que nelles hiam, e os soldados de pé a negociar sua arcabuzaria com grande animo, e alvoroço. Cide Merião, Capitão dos inimigos, vendo abalar os nossos, o fez tambem; e sendo já perto, desparáram os seus bombeiros huma somma de bombas, que se foram desfazer entre os nossos, de que derribáram sete, e entre elles foi o Padre de S. Domingos, que levava o Crucifixo, que logo alevantou hum soldado muito animoso, a

que

que não ſoubemos o nome ; e chamando pelo Nome de Jeſus , e do Apoſtolo Sant-Iago , foi paſſando ávante até ſe metter em meio dos inimigos de pé , com quem já os noſſos começavam a pegar , e a eſpingardaria a laborar de huma , e de outra parte. E neſte conflicto deram huma eſpingardada no braço do Crucifixo ; ao que o ſoldado , que o levava , levantou a voz , dizendo: » Aqui , Cavalleiros de Chriſto , vinguemos » a affronta , que ſeus inimigos fizeram á » Imagem de noſſo Deos , e Senhor. » E alevantando todos os olhos , vendo a Chriſto dependurado de hum braço , e com o outro quebrado , accendêram-ſe em tamanha ira , e furor , que pareciam leões , e como taes ſe mettêram em meio dos inimigos , fazendo nelles grandes eſtragos. Cide Merião ao encontrar das batalhas de cavallo adiantou-ſe dos ſeus hum eſpaço , vindo armado em humas armas mui luzentes , e em hum formoſo cavallo acubertado com muitas plumas na teſteira ; e brandindo a lança , chamou pelo Capitão Garcia Rodrigues , que em o ouvindo , que tambem hia na dianteira dos ſeus de cavallo , em vendo aquelle Mouro , que o chamava , entendeo que era o Cide Merião , enreſtou a lança ; e batendo as pernas ao cavallo , endireitou com o Abexim , que já vinha pera elle ; e quiz ſua ventura , que

o

o tomasse por baixo da vizeira hum pouco com tanta força, que deo com elle no chão de pernas assima; e ao barafustar dos cavallos recebeo o seu tamanha pancada, que dessatinou, e foi cahindo, ficando Garcia Rodrigues de Tavora no chão com o Abexim quasi a hum mesmo tempo. E alevantando-se, achou já o Mouro sobre si com o alfange em alto pera lhe dar; e ficou tão perto, que lhe lançou Garcia Rodrigues as mãos, e liou-se com elle, ficando ambos a braços. Os nossos como Garcia Rodrigues se abalou contra o Abexim, logo foram tambem encontrar os de cavallo, e acertáram tão bem seus encontros, que daquella primeira pancada derribáram oitenta, não cahindo dos nossos mais que oito, ficando todos baralhados em batalhas, e os Capitães liados hum com outro a pé, cercados já de muitos de huma, e outra parte, que acudíram pera os soccorrer, sobre o que fizeram algumas cousas muito notaveis. Mas hum soldado, a que não pudemos saber o nome, pondo-se por huma ilharga, tomou o Cide Merião atravessado com huma lança, que lha varou á outra parte, cahindo logo morto; e os nossos trabalháram tanto, que puzeram o seu Capitão a cavallo, que se foi logo metter na batalha, que andava muito travada por todas as partes; e começou a pelejar,

e

e animar os ſeus com muito valor, e confiança; e andando aſſim baralhado, começou a correr a voz da morte do Cide Merião, com o que os ſeus começáram a affracar, e a ſe retirar. O que viſto pelos noſſos, arrebentáram apôs elle com grande furia, appellidando *Vitoria*, *Vitoria*; com o que os acabáram de pôr em desbarato, e levar de arrancada. E aſſim lhes foram ſeguindo o alcance mais de duas leguas, fazendo nelles tamanho eſtrago, que foi eſpanto, cativando muitos delles, e tomando muitos cavallos, armas, e outros deſpojos, que elles foram largando por mais deſembaraçados ſe ſalvarem; e depois dos noſſos bem ſatisfeitos, tornáram-ſe a recolher pera Damão, onde foram muito bem recebidos.

E porque não he razão que paſſemos por hum caſo muito gracioſo, que logo aconteceo, o relataremos brevemente; e paſſa deſta maneira. Ao outro dia pela manhã, depois dos noſſos recolhidos, chegáram tres mancebos Magores de cavallo, que deviam de ſer da obrigação do Cide Merião, que partíram de Surrate muito depois delle; e deſencontrando-ſe no caminho, e achando todas as aldeas deſpejadas, ſem quem lhes déſſe razão do que paſſava, tiveram pera ſi que ſem dúvida os ſeus eſtavam de poſſe de Damão; e com eſta confiança, e ſoberba che-

chegáram ao rio, onde acháram o Taurim, que he barca de passagem, em que andavam huns marinheiros Mouros, e hum Christão da terra, que não havia de ser parvo; e chegando a elle, lhe perguntáram pela sua lingua, se estava já o Cide Merião na fortaleza de Damão, com huma facilidade, como se não houvera ahi mais que chegar, e entrar nella. O Christão barqueiro, que sabia a lingua, lhe respondeo que já lá estava. Ao que logo sem aguardarem mais se embarcáram no Taurim, e se passáram a Damão; e em chegando á praia, onde algumas pessoas andavam, lhe disse o barqueiro o que passava. E logo os Magores foram prezos, e levados ao Capitão, que lhes fez perguntas, e confessáram o caso assim como aconteceo, que não foi de pouco gosto. E pera que a vitoria fosse mais regozijada, mandou-os entregar aos rapazes, que tiveram com elles outra batalha, em que ficáram espedaçados. Os naturaes das nossas aldeas, que estavam fogidos dos Mouros, tornáram logo pera suas casas, e grangearias, sem haver quem mais os inquietasse.

CA-

CAPITULO IX.

Da grande Armada, com que o Conde do Redondo Viſo-Rey partio pera Cochim: e da formoſa viſta que deo ao Çamorim: e de como juráram as pazes: e do que lhe ſuccedeo até ſe ir pera Goa: e da viagem que as náos fizeram até o Reyno, e ſe perdeo a náo S. Martinho, em que hia o Capitão mór.

CHegadas a Goa as novas da vitoria de Damão, feſtejou-as o Conde muito, porque eſtava já embarcado, e ficava-lhe aquelle cuidado, que o houvera de cançar. E logo entregou o governo ao Arcebiſpo, e ao Capitão da Cidade com outros adjuntos, e na entrada de Dezembro ſe fez á véla com mais de cento e quarenta navios, em que entravam oito, ou dez galés, em que levava mais de quatro mil homens, a mais limpa, e luſtroſa gente que nunca ſahio de Goa. E poſto que eſta jornada não foi de mais effeito, que das viſtas com o Çamorim, que o Conde Viſo-Rey quiz que foſſem com a mór mageſtade, e apparato, que a India pode dar de ſi, todavia pareceonos juſto que os Capitães, que neſta jornada o acompanháram, não fiquem em eſquecimento, e aſſim faremos memoria de todos

os

os que vieram á noſſa noticia, ſem guardarmos ordem, nem preminencia, nem de fazer diſtinção de navios grandes, ou pequenos, como até aqui temos feito pelo decurſo de noſſas Decadas, por não haver queixoſos, e aggravados.

Hia o Conde Viſo-Rey em huma galé Real; D. Franciſco Maſcarenhas, Capitão mór do mar da India, que depois foi Conde de Santa Cruz, e Viſo-Rey da India, e Governador de Portugal, Luiz de Mello da Silva, D. João Pereira, Alvaro Paes de Sotomaior, D. João de Caſtello-branco, D. Jorge de Menezes Baroche, Ayres Telles de Menezes, D. Diogo de Menezes, D. Pedro de Caſtro, D. Leoniz Pereira, Ayres de Saldanha, D. Franciſco Henriques, André de Souſa, D. Pedro de Menezes, Eytor da Silveira o Drago, Alvaro Pires de Tavora, Luiz Alvares de Tavora ſeu irmão, D. Franciſco de Moura, Simão de Souſa, Manoel de Mendanha, Manoel Freire, D. Tello de Menezes, D. Luiz Maſcarenhas, Luiz da Silva, filho de Franciſco Barreto, Governador que foi da India, D. Franciſco Lobo, Pero de Mendoça, D. Miguel da Gama, Franciſco de Miranda Henriques, Eytor de Sampaio, Ayres de Souſa, João de Mendoça, filho de Triſtão de Mendoça, D. Diogo Fernandes de Vaſconcellos, D.

 Mar-

Martinho de Caſtello-branco, Antonio Botelho, Fernão de Souſa de Caſtello-branco, Manoel Pereira da Silva, Pero Lopes Rabello, Gil de Goes, Franciſco de Siqueira, Jorge Cabral, Manoel Travaſſos, Franciſco de Brito, Jeronymo Dias de Menezes, Jeronymo de Carvalho, Jorge de Moura, Jeronymo Correa, Jorge Barreto, Gaſpar de Sá, Jeronymo de Sá de Ribafria, Fernão de Miranda de Azevedo, Chriſtovão de Brito, Jorge Toſcano, Diogo Soares de Albergaria, Henrique Moniz Barreto, Manoel Freire, Antonio Correa, Jeronymo de Hollanda, Antonio Ferrão, que foi caſado com huma filha do Governador Nuno da Cunha, Vicente Carvalho, Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos, Ruy Godinho de Cananor, Roque Fernandes, Pedralvares, Fernão Farto, Antonio Martins, Polinario de Val da Rama, Balthazar da Coſta, Braz Fragoſo, Bernardo Rodrigues, D. Theodoſio Embaixador de Ceilão, Manoel Leitão Secretario, Belchior Serrão Veador da fazenda, Henrique Jaques Ouvidor geral, Domingos de Meſquita, Alvaro Monteiro, Diogo Borges de Avelar, Antonio Rodrigues, Antonio Martins, e outros muitos.

E com toda eſta Armada paſſou por Cananor ſem o tomar, do que foi murmurado por paſſar com aquella potencia ſem dar hum

hum grande caſtigo aos Mouros daquelle Reyno, que foram cauſa da guerra, que atrás contámos no Cap. IV. do VI. Livro, e ainda não eſtavam nem caſtigados, nem arrependidos. E a tenção que o Conde niſſo teve não a ſabemos, que he de crer que havia de ſer licita, (o que muitas vezes acontece aos Viſo-Reys, e Governadores em algumas materias, que por não chegarem as cauſas ao povo, murmuram do que não entendem.) Em fim o Conde com toda aquella Armada, que enchia aquelle mar, a mais formoſa couſa que os Mouros nunca víram por aquella coſta, foi ſurgir em Tiracolle, onde o Çamorim eſtava, e onde tratou de ſe verem, e logo corrêram recados ſobre o modo que niſſo teriam: e aſſentáram que foſſe á borda da agua; e ſobre o dia em que havia de ſer, houve detenças, e dilações por cauſa de ſeus agouros, e ſuperſtições, até que os ſeus Bragmanes acháram hum bom ſinal, e aſſignáram o dia, pera que o Conde já eſtava preparado; e em lhe dando recado, ſe embandeirou toda a Armada, e os navios, e galés ſe cubríram de toldos de differentes, e alegres cores, e os Capitães, e ſoldados ſe veſtíram de ricos, e mui luſtroſos veſtidos, levando debaixo delles ſuas armas. E abalando a Armada pera a terra, poz nella a proa, e lançou fóra

a gente, que se recolheo ás Capitanías, e bandeiras, que o Conde pera isso tinha ordenado, que se estendêram em fileiras des da praia pera o sertão, pera onde esperavam que o Çamorim viesse, que abalou de sua casa com quarenta mil Naires, que tambem se estendêram em fileiras, por cujo meio elle foi passando acompanhado de seus Regedores, Caimaes, e Punicaes, e apar delle vinham os Bragmanes, que são os Ministros de suas seitas. Tanto que o Conde teve recado que ElRey se vinha chegando, abalou da sua galé em huma manchua toldada até a agua de borcado, com bandeiras, e guiões de suas cores, e elle ricamente vestido á Hespanhola com plumas, collar, espada, e adaga de ouro, e com elle os Fidalgos, e Capitães velhos: e ao abalar da galé lhe deo toda a Armada a mais formosa salva de artilheria, que se nunca vio dar naquellas partes, porque se ouvio dos da terra com hum grande terror, e espanto; e foi tal, que ficou toda a Armada escondida em huma espessa nuvem de fumo, e o ar escurecido todo até o vento a tornar a espalhar. O Conde poz a proa em terra, onde desembarcou rodeado de cem espingardeiros de sua guarda, Porteiros, e Officiaes de sua casa ricamente vestidos, e com grande continencia foi entrando pelas fileiras, que o foram salvando de huma,

ma, e outra parte com tamanho eſtrondo, que parou o Çamorim, que vinha já chegando aos noſſos; porque os noſſos quatro mil ſoldados, que eſtavam em ſuas ordenanças, luſtravam mais, e faziam maiores carrancas, que os ſeus quarenta mil.

Paſſada aquella coriſcada, tornou ElRey a andar até entrar por noſſas fileiras, e o Conde ſe apreſſou até ſe encontrar com elle; e parando ambos, fizeram ſuas cortezias a ſeu modo, e depois ſe ajuntáram, e tiveram os cumprimentos ordinarios brevemente; e apôs elles aſſim em pé lhe leo o Secretario os apontamentos das pazes, que lhe o lingua hia declarando, que o Çamorim ouvio com muito tento; e reſpondeo, que era muito contente de os guardar, como ſeus Procuradores em ſeu nome promettêram, e logo alli os jurou a ſeu modo, e com ſuas ceremonias ordenadas pelos ſeus Bragmanes; e acabando elle, as jurou o Conde ſobre hum Miſſal, e hum Crucifixo. E acabado eſte acto, tocáram-ſe todos os inſtrumentos militares, e logo a eſpingardaria tornou a relampadejar, e a Armada a vaporar fogo, e atroar os ares com trovões artificioſos, e coriſcos tempeſtuoſos, que não ſó os que eſtavam preſentes, mas pela terra dentro, e pela coſta abaixo, e aſſima cauſou eſpanto; e metteo medo tão grande, que não

fa-

ſabiam por onde ſe foſſem eſconder. O Çamorim ficou tão aſſombrado, que ſe deſpedio do Conde muito apreſſado, e logo mandou apregoar na Cidade as pazes com ſeus regozijos acoſtumados perante os Officiaes, que o Conde mandou, de que ſe fizeram autos ſolemnes, que lhe trouxeram: e o Conde tambem ſe embarcou, e as mandou pregoar por toda a Armada com todos os inſtrumentos alegres, e com novas ſalvas, e alegrias de todos. Ao outro dia mandou o Conde viſitar o Çamorim com hum formoſo, e rico preſente, e os ſeus Regedores não ficáram ſem ſeu quinhão, porque he natural deſtes eſtarem ſempre com o olho no que lhes dão, porque nada fazem ſenão com o intento no intereſſe.

Feito iſto a goſto de todos, deo o Conde á véla pera Cochim, deixando naquella coſta D. Franciſco Henriques por Capitão mór com huma galé, e alguns navios de remo; e chegando áquella Cidade, foi della mui bem recebido, e tomou caſas em terra, e mandou dar preſſa á carga das náos, e começou a eſcrever pera o Reyno; e como a gente da Armada era muita, e andava ocioſa, começáram-ſe a atear em brigas huns cos outros, e a haver deſafios particulares de feição, que ſe matáram mais de ſincoenta homens, em que entrou D. Tello de Me-

ne-

nezes, hum Fidalgo mancebo muito gentilhomem, e bom cavalleiro, que foi morto em hum desafio. E assim mais D. Rodrigo de Castro, Capitão da náo Cedro, que outro Fidalgo matou por humas palavras, que tinham havido havia muitos annos. Em fim tomada a carga deram as náos á véla até quinze de Janeiro, e no caminho desappareceo a náo S. Martinho, em que hia D. Jorge Manoel Capitão mór, e com elle Belchior Serrão, que fora Veador da fazenda, sem nunca se saber como, nem onde se perdêram: as mais náos chegáram ao Reyno a salvamento. Depois do Conde dar despacho a muitas cousas, embarcou-se logo por arrecear os Noroestes, deixando por Capitão em Cochim D. Jorge de Castro; e chegando a Goa, entrou logo no despacho dos provimentos das fortalezas; e pera a de Maluco foi Jorge de Moura, Collaço do Principe D. João, que estava provído daquellas viagens. E por elle mandou duas Provisões, huma pera Malaca, em que mandava, que das náos, que alli fossem ter de Maluco, e Bandá, se não desembarcasse nenhum cravo, noz, ou maça, sob pena de se perder, e que tudo fosse pera Goa. E a outra Provisão pera lá se não venderem terços, nem choques de ElRey; e que toda a pessoa que os comprasse, os perdesse, por evitar muitos

rou-

roubos, e desafforos, que neste negocio havia.

Nestas náos escreveo o Conde a D. Francisco Deça, Capitão de Malaca, huma carta em muito segredo, em que lhe mandava, que no Outubro seguinte o fosse esperar na costa do Achem com toda a Armada, e gente que pudesse ajuntar, e que lhe tivesse espiado o poder, e sitio daquella Cidade, porque lhe mandava ElRey, que o fosse destruir por tirar aquelle vizinho da fortaleza de Malaca. Com esta carta se preparou D. Francisco Deça em segredo; e no tempo em que lhe mandou, partio com onze navios mui bem negociados de gente, e munições, e se foi pôr na costa do Achem na paragem, que o Conde havia de ir demandar, e alli andou até a entrada de Dezembro, que se recolheo por ser passada a monção, em que o Conde podia ir. Despachados os provimentos pera as fortalezas do Sul, e do Norte, cerrou-se o inverno, em que o Conde ordenou em Goa quatro mezas pera darem de comer aos soldados, como era costume.

CAPITULO X.

Da origem dos antigos Emperadores do Malavar, chamados Perimais: e do titulo de Çamorim: e de todos os Reynos que ha no Malavar: e do principio, e origem delles.

PRimeiro que saiamos deste Çamorim nos pareceo razão dar destes Reys huma nova relação, porque tudo o que delles escrevêram os Escritores vai mui desviado do que hoje temos averiguado por suas proprias escrituras. Pelo que se ha de saber, que em toda esta costa do Malavar, que começa dos fins do Reyno de Cananor até o Cabo Çamorim, em que se incluem perto de cento e sincoenta leguas de comprido, e quinze pera o sertão até o pé das serras, houve ha mais de dous mil annos vinte e sinco Senhores isentos, a fóra outros somenos, com titulo de Caimaes, Naoborins, e Panicaes, tambem isentos em jurdição; mas acostados a alguns destoutros vinte e sinco, que lhes ficavam mais vizinhos, que são os seguintes. Cananor, Tanor, Moringur, Cranganor, Parum, Mangate, Repelim, Cochimi, Diamper, Rey da Pimenta, Turungul, Maturte, Porcá, Marta Pitimene, Cale Coulão, Changernate, Gundra, e Travan-

cor.

cor. Estes (como disse) foram sempre isentos, e sem conhecerem superioridade a algum; mas vindo a cubiça a fazer por tempos seu officio, começou a haver antre elles algumas contendas sobre jurdições. Pelo que de commum consentimento elegêram huma cabeça, que fosse como Juiz de suas differenças; e este não foi de casta Naire Bragmane, nem de nenhum dos intitulados, senão de casta humilde, sem Estado, nem Senhorio, porque se não alterasse com a dignidade, e que sempre entendesse que elles que o constituíram naquella dignidade, o poderiam depôr, e tirar della; e que naquella dignidade (de que logo fallarei) não succedesse filho, sobrinho, nem parente, senão que por sua morte se elegesse outro, assim como succede nas eleições dos Emperadores de Alemanha. E a este eleito sobre todos deram titulo de Xarão Perimal; e pera seu assento lhe deram a Cidade de Calecut. E correndo muitos annos esta eleição, e vindo os estrangeiros da Europa por via do Cairo, e da Persia buscar á India as drogas, hiam tomar esta Cidade Calecut por ser porto do mar, onde concorriam tambem os mercadores de todas as partes da India. E assim se vieram estes Senhores a engrandecer tanto, e fazerem-se tamanhos, e tão ricos, como as historias contão.

Du-

Durou esta dignidade de Emperador em Emperador até quasi os annos do Senhor de trezentos quarenta e sete pela conta dos Bragmanes de Calecut, e de Cochim até os de quinhentos oitenta e oito, em que imperava o derradeiro Xarão Perimal, que foi o mais famoso de todos, e o melhor homem delles, e tão affeiçoado aos Christãos do Apostolo S. Thomé, que viviam em Cranganor, que não fazia nada sem elles, porque então havia homens mui santos, e de boa vida, como procedidos das primeiras plantas do Santo Apostolo; e assim se lhe affeiçoou, que por meio delles se converteo á nossa Fé, em que viveo alguns annos; e já depois de velho por induzimento dos Christãos se foi offerecer á casa do Santo Apostolo a Meliapor com tenção de nella morrer, e nella se enterrar. E assim tratando de se embarcar pera lá, deo conta disso a todos aquelles Reys, de que fez chamamento, e se despedio delles, e lhe levantou a menagem, que lhe tinham dado até elle tornar, affirmando-lhe que seria cedo. E por consentimento de todos deixou na Cidade Calecut hum pagem, que elle creou, chamado Manuchem Herari, natural de huma aldea chamada Baluri, tres leguas de Calecut, que já era tão valoroso, que mandando este Emperador cercar a Cidade Madalagão, tendo já feito o muro por

tres

tres partes da outra , por onde pousava este Manuchem , mandou ficassem assim , dizendo estas palavras em Malavar : *Manuchem madelu curabeda* ; que querem dizer : « Onde vive Manuchem , não ha mister mais muro que elle. »

Em fim partido este Emperador pera Meliapor morreo lá , e nisto concordão as escrituras Caldeas dos Christãos das serras do Malavar , e as Olas de Cranganor. Pelo que não tenho dúvida ser o seu corpo hum daquelles tres , que se acháram na Capella do Bemaventurado Apostolo S. Thomé , quando Manoel de Faria por mandado de ElRey D. João a descubrio , como João de Barros , e eu tratamos nas nossas Decadas ; porque como este Emperador Christão foi em romaria á sua casa , e lá morreo , verosimil he que os Christãos o enterrassem alli , porque se lhe devia por Emperador de todo o Malavar. Esta ida deste Emperador succedeo nos annos que já disse de trezentos quarenta e sete , ou no de quinhentos oitenta e oito pelas Olas de Cochim ; e vindo dahi a mais de trinta annos os Mouros Arabios a esta costa do Malavar em suas náos a buscar as mercadorias do Oriente , assentando na terra , e sabendo depois do desapparecimento do Perimal , e achando entre aquella gente bruta , que se embarcára em huma náo , e fora

a huma romaria, fizeram-lhe crer que fora ter á casa de Meca a offerecer-se ao seu Sancarrão, e que lá morrêra, e assim o escrevêram em seus livros, onde os Escritores estrangeiros o achâram, e por isso affirmáram que o Perimal se fizera Mouro. Não computando estes barbaros Malavares o tempo, porque quando o grão Perimal desappareceo não era Mafamede ainda nascido no mundo, porque este nasceo na era de Christo de quinhentos noventa e tres, segundo a mais commua opinião, posto que Ilhescas, Garibai, e Fr. Jeronymo Romão em suas Republicas o põem alguma cousa mais adiante. E fogio da Cidade Zidem pera a de Medina Denelbi no anno de seiscentos trinta e tres, em que começou a prégar sua seita, e deste tempo por diante contam os Arabios suas eras, a que chamam Hegerat, que quer dizer fogida, e morreo nos annos de seiscentos sincoenta e seis de idade de sessenta e tres: claro se vê que este Perimal faleceo primeiro que Mafamede nascesse, por onde não podia ser ir-se á casa de Meca, como os Mouros semeáram entre os Malavares.

Partido o grão Perimal pera Meliapor, e vindo dahi a alguns annos as novas de sua morte, não querendo estes Senhores Malavares ser mais sujeitos a ninguem, ficáram co-

como antes da eleição dos Emperadores isentos; e ainda fizeram mais, que tomáram o titulo de Reys, ficando o Manuchem Herari na Cidade Calecut, onde se veio a fazer rico, e poderoso com o trato, e commercio, e ainda usurpar o titulo de Emperador por este nome de Çamorim, que he o mesmo, e a sujeitar alguns Senhores mais vizinhos, como os de Tanor Chalé, succedendo-lhe no Estado os sobrinhos, como em todos os mais Reynos, sempre com este nome Çamorim, como ainda hoje o conservam. E ha-se de saber, que des que se foi o grão Perimal até hoje reináram em Calecut noventa e oito Çamorins; e neste titulo (como disse) não lhe succedem filhos, senão sobrinhos; e estes tanto que nascem, não lhes podem pôr mais que hum destes tres nomes, Manuchem, Mana, Bequerevem, e Vira Rainon, e ainda destes aquelle, que lhes cabe em sorte, e eleição, que fazem os seus Bragmanes com grandes ceremonias. E tanto que chegam a herdar o Reyno, logo lhes põem o titulo de Çamorim; e esta he a razão, por que se não faz catalogo destes Reys, porque todos tem este nome de Manabeden, ou de Çamorins. Mas sabe-se de certo por suas Olas, que depois de Perimal morto, ou depois de Manuchem Herari succeder no Reyno Calecut, que ha 1263. an-

nos, são paſſados noventa e oito Reys; e affirma-ſe, e aſſim dizem ſuas Olas, que nenhum deſtes Çamorins reinou mais de vinte e quatro annos, e nenhum menos de tres.

Faltando a eſtes Reys de Calecut herdeiros legitimos, que hão de ſer ſobrinhos, e não filhos, pela razão que logo direi, tem por obrigação perfilharem os Heraris de Baluri, parece que porque deſcendem de algum parente do primeiro Manechem, que o Çamorim deixou em Calecut, e deſtes elegem pera perfilharem em herdeiros os mais idoneos, e não os mais velhos, nem os mais chegados, ainda que as mais das vezes elegem os de menos idade pera crearem em ſeu Paço. Já muitas vezes faltáram neſte Reyno herdeiros legitimos, e ſó depois que os Portuguezes entráram na India lhes faltou por tres vezes; porque o Rey, que recebeo Vaſco da Gama, e ſeu anteceſſor ambos foram perfilhados. A elles ſuccedeo hum legitimo filho de huma das Princezas, que foi o que poz o grande cerco á noſſa fortaleza de Calecut em tempo do Governador D. Henrique de Menezes o Roxo.

Na era de 1549. o Rey, que reinava em Calecut, não tendo herdeiro mais que hum irmão, perfilhou tres irmãos Heraris de Baluri, porque pelo menos hão de ter ſempre quatro herdeiros vivos. Eſte Rey fa-

faleceo aos doze annos do ſeu reinado, e ſuccedeo-lhe o irmão; e dos outros tres Principes, que eſtavam perfilhados, (que não deixam de ficar, poſto que outro Rey ſucceda,) faleceo hum delles, que era o do meio; e os dous por ſerem máos, e perverſos, e fazerem muitos aggravos, e avexações aos povos, os desherdou ElRey, e ainda os mandou matar por ſe recear de alguma traição; e em ſeu lugar perfilhou outros tres irmãos tambem Heraris de Baluri, porque não podem ſer outros. Succedeo iſto no anno de 1570.; e falecendo eſte Rey depois de ter reinado dezeſete annos, lhe ſuccedeo o irmão maior deſtes tres perfilhados, que viveo dez annos no Reyno; e por ſua morte, que foi nos annos do Senhor de 1587. ſuccedeo outro irmão, que he eſte, que hoje reina, que neſta era de 1610. vai em vinte e dous annos que governa. Tem eſte Rey hum Principe irmão ſeu, immediato ſucceſſor, chamado Vira Rairon; e a fóra elle ha outros oito Principaes de linha legitima, filhos de Princezas, que naſcêram depois dos tres perfilhados, e o maior paſſa de vinte annos, e os outros são de dezeſete, dezeſeis, dez, ſeis.

CA-

CAPITULO XI.

Do modo que se tem nas succesſões de todos eſtes Reynos do Malavar: e dos que são ſeus verdadeiros herdeiros: e do abuſo que ha nas Nairas ſerem communas a todos: e de outras couſas muito novas, e curioſas.

MUito ſabido he aquelle torpe, e brutal coſtume, que todos eſtes Reys do Malavar tem de lhes não herdarem os Reynos os filhos machos, ſenão os ſobrinhos filhos de ſuas irmans; e não nos havendo, herdarem os filhos das parentas até o ultimo gráo, por dizerem que ſeus filhos, ſejam de quem forem, ſempre são de ſangue Real por via feminina, por terem as mulheres por ſuſpeitoſas, e os filhos dos Reys ficam ſendo Naires, que vivem privada, e pobremente; não vendo eſtes barbaros, que aſſim como o filho deſſe Rey póde ſer filho de outro qualquer homem, tambem ſuas filhas, cujos filhos são ſeus herdeiros, podiam tambem ſer adulterinos, e não terem os herdeiros nenhum ſangue Real por nenhuma das partes, e aſſim lhes fica o meſmo impedimento pera a herança que tinham os filhos. Mas deixando iſto, continuemos com o modo que niſto tem.

Succede hum no Reyno, recolhe ſuas irmans em ſuas caſas logo em naſcendo; e tanto que são de idade pera caſarem a mais velha, o fazem; e pelo meſmo modo as mais, que forçado hão de ſer de quatorze annos, manda o Rey chamar hum dos Principes, que ſe criam pera herdeiros de qualquer outro Reyno vizinho, e com elle eſpoſa a irmã, e lhe faz grandes feſtas, que duram trinta e tres dias, e no cabo delles deita eſte Principe a linha de Bragmana á eſpoſa ao peſcoço, e logo, ſem conſummar Matrimonio, ſe partem pera o ſeu Reyno, e ao outro dia entregam eſta Princeza a hum Naire de huma caſta a que chamam Naburis, de que logo darei relação, que conſumma com ella o Matrimonio; e paſſado aquelle acto, ſe vai aquelle martyr do diabo fóra daquelle Reyno, ſem mais poder apparecer nelle, porque o matáram. Dalli por diante tem eſta Princeza liberdade pera tomar outro Naire dos da caſta Naburins, qual ella quizer, e quantos lhe vier á vontade, e com elle communica até emprenhar; e tanto que ſe ſente pejada, a levam a huma terra, que pera iſſo tem em cada Reyno, e alli eſpera até parir. E ha-ſe de ſaber que com eſta Princeza não póde communicar ſenão a peſſoa, que ella mandar chamar; e ſe algum foſſe tão ouſado que a commetteſſe, logo

ſe-

ſeria morto. Poſtas eſtas Princezas prenhes nas terras que diſſe, manda ElRey lançar pregões por todo o Reyno, que todas as mulheres de Fidalgos, e Naires de ſangue Real, que são os que procedem dos filhos dos antigos Reys, que ſe acharem prenhes daquelle meſmo tempo, ſejam levadas pera onde eſtá a Princeza, e alli parem, e tem amas, que lhes criam os filhos, e as filhas. E os machos que eſtas Princezas parem, ſe criam pera herdeiros do Reyno, e as filhas pera Princezas, porque dellas hão de proceder outros herdeiros; e os filhos, que são os que ſe criam pera emprenharem as Princezas, e deſtes como diſſe, eſcolhem as Princezas os de quem hão de emprenhar; mas eſtes ham de naſcer no proprio dia com ellas, e pelo menos no ſetimo, e os demais tambem são chamados pera ſeus goſtos, e paſſatempos depois de prenhes. Muitas ſuperſtições, e beſtialidades ha mais neſte negocio, que por honeſtidade calo, porque não he licito dizerem-ſe todas as que ha.

Pera tirarmos a abusão que ha pelo mundo das Nairas do Malavar ſerem commuas a todos, e que os que entram com ellas deixam ás portas as rodelas em ſinal que eſtam dentro, pera que vindo os maridos não commettão a entrada da caſa, direi o

 que

que paſſa neſte negocio. Os Naires do Malavar são todos tão pobres, que poucos dias comem arroz pelo não terem, e ſuſtentam-ſe os mais delles com hum coco, huma pouca de jagra, (que he o açucar que dá a palmeira,) avela, que he arroz torrado, e o betere; e iſto naſce de não ſerem mercadores, nem officiaes, nem terem creações, porque ſó ſeguem as armas; e dos ſoldos, que são bem poucos, e de quatro palmeiras ſe ſuſtentam. E como antre elles não ha eſte contrato de caſamentos nem por lei, nem por obrigação, ajuntam-ſe tres e quatro, e tomam huma mulher de que uſam, que todos ſuſtentam. Eſta mulher eſtá em caſa ſobre ſi; e quando algum delles a quer communicar, deixa a rodela á porta, pera que vindo qualquer dos outros, ſaiba que eſtá a caſa occupada; e iſto corre entre elles com tanta ſingeleza, que nunca ſe achou ſerem tocados da raivoſa peſte dos ciumes. E por iſſo louvando o noſſo Luiz de Camões eſte coſtume nas ſuas Luſiadas, diz: *Ditoſa condição, ditoſa gente, que não he de ciumes offendida.* E todavia ſe houver Naire, que poſſa ſuſtentar huma mulher, converſa-a com tantas guardas, e cautelas, que ſe não póde ella furtar aos direitos, por mais que faça, e trabalhe. Mas tem eſtes huma couſa, que como ſe enfadam dellas, lhes dam huma

Ola,

Ola, como carta de repudio, pera fazerem de ſi o que quizerem. Daqui tomáram os Eſcritores (que não ſouberam eſtas particularidades) occaſião pera fazerem eſtas mulheres commuas a todos; e ſe algumas ha deſtas, são as Princezas, como tenho dito; mas não pera quem as quer, ſenão pera quem ellas querem: e aſſim como entram muitos neſta ſementeira, não ſe póde verificar qual dos grãos eſpigou.

E deixando eſtas couſas, depois do Conde ſe embarcar, ſe fez á véla pera Cochim, aonde chegou em breves dias, e foi muito bem recebido daquella Cidade, que já pera iſſo eſtava preparada com caes feito ſobre o mar. E ao deſembarcar foi tomado debaixo de hum rico palio, e lhe fizeram huma breve oração da parte da Cidade, em que lhe dava os parabens daquella entrada, e lhe fizeram as lembranças ordinarias de lhe guardar ſeus foros, privilegios, e liberdades. Depois do Conde apoſentado, ſe veio ver com elle ElRey de Cochim, cujas viſtas ſe fizeram ou dentro na Sé, ou no terreiro. Era novamente alevantado por Rey Rama Brama Unicormem, por ter falecido aquelle anno ſeu tio Vira Galao Gago, Rey bem conhecido, que foi morto pelos Mouros Amoucos do Rey da Pimenta, depois de ter reinado vinte e quatro annos, e foi o ter-

terceiro Rey dos que conhecêram os Portuguezes des que descubrimos a India. O primeiro se chamou Unicormacoul, que foi o que Pedralvares Cabral achou vivo, e viveo até os annos de 1502. O segundo foi Uniramacoul, que foi o que agazalhou os nossos Portuguezes, e o que por isso teve perdido o Reyno, que o Çamorim pertendeo tomar-lhe; este viveo trinta e hum annos, e faleceo nos de 1537. O terceiro foi o Vira Galao Gago, que assima disse. O quarto he este Rama Brama, que o Conde agazalhou muito bem, e lhe confirmou o Reyno em nome de ElRey de Portugal.

CAPITULO XII.

De algumas cousas destes Reys de Cochim, de que nossas historias não tratam, que são mui importantes saberem-se.

PEla partida do grão Perimal ficáram estes Reys de Cochim isentos, e sem obrigação alguma ao Çamorim; mas como o tempo de cento em centannos muda quasi todos os Estados, vieram elles com força, e violencia a opprimir estes Reys de Cochim, e a fazellos seus sujeitos em certo modo, mas todavia sem pareas; porém depois que nós entrámos na India, que pelas traições de que os Çamorins usáram com as nos-

noſſas Armadas, e pelo recebimento, e recolhimento, que os de Cochim deram aos noſſos, que hiam delles eſcandalizados, e pela muita, e grande lealdade que ſempre moſtráram ao ſerviço de ElRey de Portugal, os tomáram elles á ſua conta, e os puzeram no eſtado, em que hoje eſtam de livres da ſujeição dos Çamorins, e de mais ricos que elles; porque antes diſſo todos os Çamorins, quando ſe coroavam, havia de ſer ſobre aquella pedra, que primeiro eſtava no Pagode de Rama Ceram junto da Cidade de Cochim: e tanto que alli chegavam, logo o Çamorim deſapoſſava do Reyno ao Rey de Cochim, pelo tempo que as feſtas duravam, e depois o tornava a inveſtir; e ainda dizem alguns que ſe quizeſſem o não faria, e poria outro. E eſte coſtume nem os proprios Reys de Cochim ſabem donde teve principio, o que durou até o tempo de ElRey Uniramacoul, que não quiz entregar os Portuguezes ao Çamorim, que elle o deſtruio, e lhe tomou o Reyno, e tirou a pedra do Pagode Rama Ceram, e a paſſou á Ilha Repelim, aonde ſe eſtes Emperadores hiam depois coroar, por não entrar nos limites do Reyno de Cochim. Deſta Ilha (como já diſſe) a tirou Martim Affonſo de Souſa, ſendo Capitão mór do mar da India, e a entregou a ElRey de Cochim, com o

que

que deixáram os Çamorins de ſe coroar ſobre ella, e ſe coroavam em hum Pagode de Calecut. Em fim com o favor dos noſſos Reys ſe iſentou eſte de Cochim de todas eſtas ſujeições.

Deſta ſujeição que os Reys de Cochim tinham aos Çamorins dizem alguns que naſceo aquella promeſſa, que o noſſo Viſo-Rey D. Franciſco de Almeida fez ao Rey de Cochim, quando o coroou com a coroa de ouro, que ElRey D. Manoel de felice, e glorioſa memoria lhe mandou, como ſe vê na Chronica deſte meſmo Rey, que fez Damião de Goes no Cap. VIII. do II. Livro, dizendo-lhe em lhe pondo a Coroa na cabeça, » que o inveſtia da poſſe daquelle Reyno » pera o ter, e reger como vaſſallo de El- » Rey de Portugal, que ficava obrigado a » ſuſtentar, e defender nelle de quem o qui- » zeſſe offender.» Ao que o Rey de Cochim reſpondeo: « Que faria tudo o que ElRey » de Portugal ſeu irmão lhe mandaſſe; por- » que ſenão fora ſeu favor, e ajuda, já » aquelle Reyno fora junto ao de Calecut.» Eſta vaſſallagem, que ElRey alli prometteo, não conſta della mais que por eſta Chronica de Damião de Goes, que não havia de eſcrever ſem fundamento iſto, e que havia de ver o auto que diſſo ſe fizeſſe, que ſenão eſtá na Torre do Tombo de Lisboa, devia

de

de ficar por mãos dos Secretarios, onde se perderia, porque na India não ha memoria disto, nem da menagem, que o Rey que hoje reina deo, cujo assento ficou na Camara de Cochim, e se não tem mandado a esta Torre do Tombo de Goa, tendo-a eu mandado pedir por algumas vezes: e destes descuidos Portuguezes tem nascido a falta de todas as cousas muito importantes pera a historia da India, que vou continuando.

A outra razão, por que o Viso-Rey D. Francisco de Almeida fez aquellas promessas aos seus Reynos, de quem o quizesse offender. Foi este o primeiro Rey de Cochim chamado Unicorma Couli. Tinha hum Principe chamado Matata Bari Coulmar, que lhe havia de succeder no Reyno, que vendo as grandes guerras, que o Çamorim fazia a ElRey de Cochim, por ter recolhidos na sua Cidade os Portuguezes, que Pedralvares Cabral alli deixou, parecendo que se não poderia defender, e que sem dúvida perderia o Reyno, pedio a ElRey muitas vezes, que entregasse os Portuguezes pera cessarem aquellas guerras. E porque ElRey o desenganou que tál não havia de fazer, e que antes perderia o Reyno, e ainda a vida, que entregar homens, que ficáram entregues á sua honra, e palavra, e fé Real, se foi este Principe lá como desesperado pe-
ra

ra o Reyno de Moringur vaſſallo do de Cochim, e levou comſigo outro Principe ſegundo, que havia de ſucceder tambem no Reyno, deixando ElRey na força daquellas guerras ſó, e com o Principe terceiro chamado Elatabori Martigilcoul, que foi o que ſuccedeo no Reyno, e defendeo os noſſos contra o poder do Çamorim, e o que D. Franciſco de Almeida coroou, como aſſima diſſe, que depois de ElRey ſe chamou Uniramacoul, que he o ſegundo no Catalogo dos Reys que ficam atrás.

E porque os dous Principes, que aſſima diſſe, que ſe foram pera o Reyno Moringur, pertendêram metter-ſe de poſſe do Reyno de Cochim, os noſſos lho defendêram ſempre, e ſuſtentáram nelle o Rey Uniramacoul até vir D. Franciſco de Almeida por Viſo-Rey, que o achou no Reyno, e lho confirmou, e coroou por tal em nome de ElRey D. Manoel, e então lhe diſſe, e prometteo de o defender naquelle Reyno de quem o quizeſſe offender. Entendendo iſto por aquelles dous Principes, que pertendiam deſapoſſallo, e aſſim o ſuſtentou, e elles ficáram excluidos daquella herança pela deſconfiança, que tiveram do Rey velho ſe poder defender do Çamorim. E aſſim ficáram ſem o Reyno de Cochim, e ſem o de Moringur; porque eſte que ainda hoje neſta era

de

de 1610. vive, ſendo já muito velho, ſe unio com o Rey de Cochim, e o foi viſitar, e pedio por herdeiro de Moringur o Principe terceiro, que creava pera aquella herança, que lhe elle concedeo, e elle o prefilhou. E como eſſe ſe viver ha de herdar por tempos eſtes Reynos ambos, e aſſim tornar-ſe-hão a ajuntar em hum, como já outra vez eſtiveram. Mas acontecendo que eſte Principe morra, ſendo Rey de Moringur antes de herdar o de Cochim, logo o Rey de Cochim herdará aquelle Reyno.

Deſta liança, e amizade de ElRey de Cochim com os noſſos foram ſempre os Çamorins muito cioſos; porque além de com o favor dos noſſos ſe iſentarem de ſua ſujeição, víram que hia creſcendo em rendas, e terras, e fazendo-ſe poderoſo, porque ſó a Alfandega de Cochim, e ſeus annexos lhe rende cada anno ſeſſenta mil pardaos, que he o que o Çamorim inveja muito, porque elle não tem mais que palmares, e alguns direitos poucos das fazendas, que vam ao porto de Calecut; porém não tem gaſtos, porque toda a gente de guerra ſuſtenta com terras que lhe dá, e o Rey de Cochim ſuſtenta ſeus Capitães, e ſoldados a puro dinheiro, e pagas. E daqui vem que os vaſſallos do Çamorim não querem guerra, porque tem ſua ſuſtentação certa, e os de El-

Rey

Rey de Cochim folgam com ella por causa das pagas, que sempre tem de ordinario, quer haja guerra, quer não, porque se não passem pera os inimigos.

Huma novidade contarei, que não acho nas historias, digna de se saber, de cuja origem não ha poder-se achar rasto algum, que he esta. Todos os primeiros dias de Janeiro principio do anno, em sahindo novos Vereadores, e Officiaes da Camara, logo vam visitar ElRey de Cochim, e lhe levam hum Portuguez de ouro, o que até hoje dura; e nem os mesmos Vereadores sabem a razão de porque fazem aquillo. O que eu presumo he, que se lhe dá aquillo a modo de pitança, que lhe offerecem, quando lhe vam dar os bons annos em gratificação daquella Cidade, que lhe deo: ou tambem se lhe offerecerá por peça que naquelle tempo, que descubrimos a India, se lhe costumava a dar de Janeiras.

Tambem tem ElRey de Cochim cada anno seiscentos e quarenta cruzados pera huma copa de ouro, que lhe os nossos primeiros Reys mandavam dar, deve de ser em sinal de amizade. Estes lhe leva o Feitor daquella Cidade em dia de Reys, como peça dada de Reys; e como tudo se vai perdendo, ou mudando, ás vezes lhos levam, e ás vezes não.

CA-

CAPITULO XIII.

De huma breve relação das Ilhas de Amboino: e do alevantamento que houve os annos passados contra os Christãos: e do perigo, em que se víram até chegar Henrique de Sá, que castigou os rebeldes, e livrou os Christãos.

NA relação que démos no VIII. Cap. do VII. Liv. da nossa IV. Decada, dos arquipelagos do mar de Levante, fallámos no de Amboino, cuja cabeça he esta Ilha, de que o seu arquipelago toma o nome. E posto que ella em si seja pequena, por não ter mais em circuito que dezeseis leguas, tem muitas Cidades, e Villas, cujos moradores navegam pera diversas partes em navios grandes, e pequenos, e foram os primeiros de que tivemos conhecimento em todo aquelle mar, e que deram obediencia a ElRey de Portugal, indo alli ter Francisco Serrão da companhia de Fernão de Magalhães, que os moradores da Cidade de Aito recolhêram, e agazalháram, e alli o mandou buscar ElRey Boleife de Ternate, como nas outras Decadas temos dito, ficando sempre aquelles naturaes muito grandes servidores de ElRey de Portugal, recolhendo suas Armadas, e provendo-as, e a nossa forta-

taleza de Maluco de todas as cousas necessarias em tempos fortuitos, e trabalhosos. E o mesmo faziam ás Armadas do Rey de Tidore com serem isentos, e não obedecerem a ninguem, porque se governavam por Juizes eleitos dos mais anciãos; mas sempre a Cidade de Aito teve alguma superioridade sobre todas, e tambem se regia como Republica por certo numero dos mais antigos. Nesta liberdade vivêram muitas centenas de annos, até que depois se fundou a nossa fortaleza na Ilha Ternate, que pela continuação das Armadas daquelles Reys de Tidore, e Ternate, que de passagem tocavam aquella Ilha pera se proverem, quando hiam a algum feito, que se affeiçoáram alguns daquelles lugares ao Rey de Ternate, e outros ao de Tidore, com o que foram pouco e pouco tomando posse delles, assim por seus naturaes se segurarem de alguns Cossairos, como a despeito huns dos outros, porque andavam tocados de ciumes dos favores dos Portuguezes, e da fortaleza que tinham em Ternate, e daquelles Reys.

Durou isto até que Jordão de Freitas tomou posse da fortaleza de Ternate, e Reyno de Maluco, que ElRey D. Manoel seu afilhado, que morreo em Malaca, lhe fez doação daquella Ilha de Amboino, como fica dito no Cap. III. do Liv. IX. da nos-

ſa V. Decada, de que elle Jordão de Freitas mandou tomar poſſe por Vaſco de Freitas ſeu ſobrinho, que fez huma fortaleza entre o mar da enſeada, em que as náos invernão, e a Villa de Ative, que já era povoada de Chriſtãos, como todas as mais povoações daquella Ilha, onde o P. Franciſco Xavier, e os Padres da Companhia tinham feito grande fruto na conversão das almas.

E como eſtes moradores de Ative andavam já dantes em grandes divisões com os de Aito, que lhes ficavam mais vizinhos pela outra banda da Ilha, accendeo-ſe mais aquelle odio com o favor que os de Ative ficáram tendo com a fortaleza, que Vaſco de Freitas alli fez. E ajuntou-ſe a iſto, começar o Vaſco de Freitas a uſar do officio dos Capitães da India, de alguns digo, que era fazer forças, e tomar o que não era muito ſabidamente ſeu, e ainda a fazer affrontas aos Regedores da Cidade de Aito; e o que elles ſobre tudo ſentíram mais, foi parir-lhe huma cadella, e elle pôr aos cachorros nomes dos principaes Regedores da Cidade. Com o que eſcandalizados, mandáram Embaixadores á Rainha de Japará na Jaoa, que era poderoſa, e ſeus juncos navegavam todos os annos pera aquella Ilha por quem lhe mandáram dar obediencia, e offerecer vaſſallagem, que ella acceitou, e

man-

mandou lá ſeus juncos a carregar de cravo. Do que Jordão de Freitas fez grandes exclamações, quando ſe ſoube em Maluco, e muitos proteſtos a ElRey Aeiro, pera que acudiſſe áquillo. Ao que elle reſpondeo « que » a Ilha de Amboino não era de ElRey de » Portugal, ſenão delle Jordão de Freitas, » que elle lhe ſoccorreſſe, porque nenhuma » obrigação tinha a fazer deſpezas naquelle » negocio. » E alguns Portuguezes velhos, que entendiam bem a terra, diſſeram a Jordão de Freitas « que os juncos da Jaoa não » faziam damno ao noſſo commercio, antes » proveito, porque traziam muitos manti- » mentos, de que os noſſos galeões da car- » reira ſe proviam, e o meſmo a noſſa for- » taleza; e que o cravo, que levavam, não » faltava nos galeões, que ſempre hiam » cheios; e que a mór parte do que os Jaos » alli carregavam, e reſgatavam, hia ter á » noſſa fortaleza de Malaca, e que por hu- » ma parte, ou pela outra, ſempre os Por- » tuguezes o haviam. »

E depois que D. Duarte Deça prendeo ElRey de Maluco, como atrás fica dito no I. Cap. do IV. Livro, mandáram os Regedores do Reyno huma Armada, de que era Capitão Cachil Liliato, contra a Ilha de Amboino, que deo em muitos lugares de Chriſtãos, e os deſtruio, e aſſolou, mar-

ty-

tyrizando muitos, e fazendo tornar atrás outros, que feriam menos fortes. E fempre fe extinguíra aquella Chriftandade, fe hum Chriftão por nome Manoel, Regedor da Villa de Ative (creado de moço na doutrina daquelle Varão Religiofo Francifco Xavier, que o fez Chriftão) não esforçára, e fuftentára com muito valor a muitos delles; porque ajuntando os que pode, fez hum arrezoado efquadrão, com que fahio muitas vezes aos inimigos, e lhe deo alguns affaltos, em que lhe matou muitos. No que parece que ainda alli obrou a virtude, e fantidade do Padre Francifco Xavier, que diante de Deos eftava pedindo a Deos noffo Senhor o favor, e ajuda pera aquella Chriftandade, que lhe elle dava com tão larga mão. Porque na fortaleza de Amboino havia poucos Portuguezes, que a fuftentavam fem poderem fahir fóra della; e fó o Manoel de Ative fuftentava o campo, não fó contra os inimigos, mas ainda contra os amigos, e parentes. Porque na força defte trabalho fe levantou hum feu cunhado chamado Antonio, que defejou muito de o matar; e pera iffo bufcou todos os modos que pode, até fe valer de alguns máos, e baixos Portuguezes, que com ira diabolica, achando-o fó, encaráram dous delles as efpingardas nelle, que vendo-fe fem remedio, nem refif-

tencia, deo-lhe Deos nosso Senhor espirito, e animo pera arremetter com huma Cruz com que se abraçou, e nella escapou a seus inimigos, que com medo de os Deos nosso Senhor castigar, não quizeram desparar nelle as espingardas por não darem na Cruz, a cuja sombra, e virtude deixou peccador nenhum de achar remedio, e amparo. E parece certo que as orações do Padre Francisco Xavier o guardáram daquelle perigo pera defensor daquella Christandade.

Os inimigos tinham cercados todos os moradores da Villa Quilão, que tambem eram Christãos, que se recolhêram em huma serra muito forte, onde foram por algumas vezes combatidos rijamente, humas com armas, e outras com rogos, com que os commettêram se entregassem, promettendo-lhes de os deixarem ir livres, dizendo-lhes « que » não tivessem esperanças em soccorros de » Portuguezes, porque todos os que estavam » na fortaleza eram tomados ás mãos, e » mortos » fazendo-lhes sobre isso grandes promessas. Ao que elles sempre respondêram com grande constancia, e inteireza, affirmando-lhes « que em quanto Manoel de Ati» ve fosse vivo, e Christão, não tratassem » de se entregarem, nem de deixarem a Fé » de Christo: que o fossem buscar, e que » rendendo-o, e desbaratando-o, então se

» en-

» entregariam; porque tinham todos tama-
» nha confiança em ſeu esforço, ſaber, e
» chriſtandade, que aquelles trabalhos que
» paſſavam, lhe eram faciliſſimos com as
» admoeſtações que de quando em quando
» tinham delle, que neſta parte nunca ſe
» deſcuidou de ſua obrigação. » Andava elle no campo com os moradores de Ative, que lhe obedeciam, e por algumas vezes ſe encontrou com os inimigos, que andavam mui poderoſos, e inſolentes, por ſe lhe terem ajuntado todos os arrenegados; e ſem os temer, nem recear, rompeo batalha, que ſe apartou por noite, em que o leal, e fideliſſimo Chriſtão Manoel fez couſas dignas, e merecedoras de maior eſcritura.

Neſte eſtado eſtavam as couſas, quando chegou áquelle porto Henrique de Sá, que em principio deſte verão deixámos partido pera Maluco, que ſabendo os trabalhos daquella Ilha, e o muito que o Manoel tinha feito, o ajuntou a ſi, e lhe fez muitas honras, e tratou com elle de darem nos alevantados, pera o que ſe fizeram preſtes. E a primeira couſa que Henrique de Sá fez, foi prender o Antonio, cunhado do Manoel, e caſtigar os dous Portuguezes que o quizeram matar; e ajuntando a mais gente que puderam, foram dar nos alevantados, que eſtavam favorecidos da gente de ElRey de Ter-

nate, e os desbaratáram, e fizeram embarcar com muita gente perdida, e defcercáram os Chriftãos de Quilão; e depois andáram por todas aquellas Ilhas caftigando os rebeldes, e os que tornáram atrás na Fé, e animando, e favorecendo os Chriftãos em feus lugares. E de feição fez Henrique de Sá ifto, que quietou aquellas Ilhas; e os Padres da Companhia tornáram a pôr as mãos naquella obra da conversão das almas, e em breve tempo reconciliáram com a Igreja quafi todos os que tinham apoftatado, e bautizárão muitos outros que vieram de novo, fendo a principal parte em tudo ifto o bom Chriftão, e Catholico Manoel, que como tal correo fempre muito bem com os Padres. Nefte eftado deixaremos eftas coufas até feu tempo.

CAPITULO XIV.

Da guerra que o Madune mandou profeguir contra a noffa fortaleza de Columbo, e de Cota, em que eftava ElRey Peria Pandar: e dos cafos que acontecêram.

MUitas vezes temos dito do muito que o Madune Pandar defejava de tomar o Reyno da Cota, e prender ElRey feu irmão, pera affim com mais fegurança ficar fenhor de toda a Ilha. Pelo que nunca le-

vou

vou mão da guerra, e trouxe sempre seus exercitos, de que era seu Capitão geral seu filho Rajú Pandar, ora contra Columbo, ora contra a fortaleza da Cota, onde estava ElRey Peria Pandar. Era Capitão de Columbo Balthazar Guedes de Sousa, e tinha comsigo seu irmão Gonçalo Guedes, ambos muito bons Capitães, com outros alguns, que tinham ido de Goa, como foram Nuno Pereira de Lacerda, Simão de Mello Soares, Gaspar Guterres de Vasconcellos, Antonio Chainho de Castro, André da Fonseca, Antonio da Fonseca, Diogo Fernandes Pirilhão, e outros, que o Capitão Balthazar Guedes de Sousa tinha repartido por estancias. O Rajú depois de dar muitos assaltos ora na Cota, ora em Columbo, determinou-se em cercar Columbo, e trabalhar de a tomar, e assim lhe poz cerco com mais de trinta mil homens ao redor da fortaleza, e combateo-a por todas as partes com muita força, arriscando muitas vezes todo o poder, por levar a povoação nas mãos; mas foi-lhe sempre dos nossos muito bem defendida, com haver muitas mortes de parte a parte, e os nossos se verem muitas vezes perdidos; e neste cerco fizeram tantas cousas, e tão grandes cavallarias, que as não sei especificar; e foram os assaltos tantos, e tão amiudados, que não ha poder-se fazer, nem dar

re-

relação particular delles. Sómente direi huma cousa, que de qualquer dia deste cerco se pudera muito bem fazer huma historia de per si, porque os casos de cada momento eram notavelissimos; e eu não deixára de contar os principaes, se os soubera na realidade da verdade; mas só em somma soube, que maior foi o desgosto que me deram, que o gosto, e alvoroço que tenho de escrever esta jornada, que foi huma das memoraveis, e notavelissimas do mundo. Em fim o Rajú foi continuando este cerco sobre Columbo com muito grande importunação, e aperto, até que de cansado, e enfadado de ver que lhe não succediam as cousas como queria, se recolheo a Ceitavaca, cuidando os nossos que seria pera os não tornar a commetter. Mas como o Rajú, e seu pai entravam neste negocio com odio, e cubiça, não fez mais que refazer-se de gente, munições, e mantimentos, e logo se poz ao caminho da Cota pera concluir aquelle negocio, que tinha por averiguado, e concluido, havendo que ficáram os nossos tão escalavrados do cerco passado, e tão quebrantados, que não estariam em estado de poderem ir soccorrer aquelle Rey, no que se enganáram; porque tanto que Balthazar Guedes de Sousa teve novas que elle se abalava contra a Cota, partio-se de Columbo com a mais gente que po-

pode, e ſe foi metter na Cota, deixando ſeu irmão Gonçalo Guedes em Columbo com a gente que lhe pareceo neceſſaria, pera ſe poder defender de algum encontro, ſe o houveſſe.

He a Cidade de Cota de fórma redonda poſta como em huma Ilha, cercada toda em roda de hum arrezoado rio, que ſe não póde paſſar ſenão com embarcações. Terá dous mil paſſos de roda, e não ha mais ſerventia pera fóra, que por hum paſſo como o peſcoço de hum homem, que ſeria de ſincoenta paſſos de largura. Eſta garganta tinham os noſſos fortificada com hum muro de paredes groſſas de huma, e de outra parte, e duas paredes mais, que atraveſſavam eſta garganta, huma pera fóra, e outra mais dentro, e a eſte paſſo chamavam a Prea Cota. Tem mais ſobre o rio huma ponte, a que chamam o paſſo de Ambola, que vai pera a parte de Columbo, por que os noſſos ſe ſervem, e ſerá da Cota a Columbo legua e meia. Tem outro paſſo, que chamam do Moſquito; e outros dous, em que os noſſos tinham feitas ſuas tranqueiras, e provídas de tudo. O modo de como Gonçalo Guedes, e ElRey provêram iſto, e os Capitães, que puzeram neſtes paſſos, eu o não ſoube, nem achei lembranças algumas; ſómente ſei que na Prea Cota, que he o paſſo mais perigoſo, eſtava hum

hum Capitão com quarenta homens, e em todos os mais passos estava cada hum com o seu, e trinta homens. E na Prea Cota estavam o Padre Fr. Simão de Nazareth, Fr. Lucas, e outros tres Padres de S. Francisco, todos Religiosos de grande, e mui conhecida virtude. ElRey ficou de fóra com o Capitão Balthazar Guedes de Sousa pera acudirem aonde fosse necessario.

Tanto que o Rajú appareceo sobre a Cota, a cercou em roda com todo o poder, que tinha muito engrossado, e a commetteo por muitas vezes com grande determinação; principalmente pela Prea Cota, com os elefantes, que por huma parte por onde chegava o rio ficava mais secco, foram commettendo denodadamente; mas os nossos os escalavráram, e abrazáram com lanças de fogo, com que os fizeram voltar, acudindo aqui o pezo dos inimigos, cuidando que os Elefantes lhes fizeram entrada, sobre o que se travou huma muito aspera batalha de muito risco, e perigo, em que houve muitos mortos de ambas as partes, onde ElRey, e o Capitão Balthazar Guedes de Sousa, e outros cavalleiros que os acompanhavam, fizeram tantas maravilhas, que pareciam Elefantes bravos. E os Frades foram os que fizeram mais, porque pelejavam espiritualmente com orações, e com persuadirem aos

ho-

homens a que ſe defendeſſem, e pediſſem a Deos perdão de ſeus peccados, ſendo elles ſempre os primeiros em todos os riſcos, e perigos. Neſta crueza ſe paſſou aquelle dia, e outros ſeguintes, ſem deixarem tomar aos noſſos hum pequeno de deſcanço, porque nem de dia, nem de noite largavam as armas das mãos, comendo muito pouco, e dormindo menos. E a couſa de mór eſpanto, e em que deſejo de gaſtar muitas mãos de papel, he, que eſta noſſa gente a mór parte della, ou quaſi toda, eram ſoldados dantre Douro e Minho, da Beira, e de Trás os Montes, homens não conhecidos, nem de appellidos uſurpados, ſenão creados pobre, e ruſticamente, mal veſtidos, e peior atados. Mas por certo que por elles ſe podia dizer, o que ſe já diſſe por Ceſar, que ſe guardaſſe daquelle mancebo mal cingido. Aſſim deſtes noſſos Portuguezes, a quem a falta de ſangue encubrio o grande valor do eſpirito, ſe podia dizer: » Guardai-vos daquelles esfarrapados, e daquellas eſpadas » ferrugentas, porque alli vam outros Ceſares. » E aſſim vieis hum deſtes poſto de barba a barba contra muitos dos inimigos, e cortallos com tanto valor, e esforço, que vos mettia medo, e cauſava grandiſſimo eſpanto, e endireitar com hum Elefante bravo, que poderia fazer recuar todo hum exerci-

cito, e fazello virar pera trás, como se fora outra alimaria mais brava, e mais feroz que ella. E estes de que fallo são os que acabáram na India os mais dos feitos arriscados, que nella se commettêram; e os que nesta Ilha de Ceilão sustentáram este, e outros cercos, de que se puderam fazer muitas escrituras, se o tempo, e o descuido lhe não tivera sepultados os nomes, e com elles os feitos.

CAPITULO XV.

Do grande aperto, em que o Rajú poz os nossos: e de como Diogo de Mello Capitão de Manar foi de soccorro: e de outros soccorros que se lhe ajuntáram.

O Rajú foi continuando no cerco assim com mór poder, como com mór crueza cada dia, buscando todos os modos pera entrar na Cidade, assim por mar com embarcações, e jangadas, como pela Prea Cota. E muitas vezes se víram os nossos perdidos; mas Deos nosso Senhor, que tinha os olhos nelles, e naquella Ilha, deo animo aos nossos, com que sempre rebatêram os inimigos com grande destruição sua, e não pequeno damno da nossa parte. ElRey com alguma gente sua sempre se achou nos móres perigos,

gos, como quem lhe hia mais que a todos, pois lhe hia o Reyno. Os inimigos tomáram outro caminho do passo do Ambolão, por onde lhe vinham da Cota alguns provimentos, e recados, e assim com trabalho, e muito risco podiam os nossos mandar-se recados huns a outros. As novas deste cerco, e dos nossos estarem em grande perigo, chegáram a Manar na entrada de Agosto, que sabidas por Diogo de Mello Coutinho, Capitão daquella fortaleza, negociou logo alguns navios, em que se partio de soccorro elle em hum, e nos outros Pero Juzarte Tição, e Gaspar Pereira o Comprido, que depois foi despachado com a fortaleza de Chaul, sem querer vir entrar nella.

Partidos estes navios cheios de gente, munições, e mantimentos, porque não tinham tempo pera de longo da costa ir buscar Columbo, foram demandar a outra costa de Tutocori pera della atravessarem com o vento, que então era monção. Entre tanto foi o Rajú apertando o cerco, porque via que se hia acabando o inverno, e que podiam logo vir muitos soccorros; e assim determinou-se a levar a Cota nas mãos, e pera isso commetteo-a por todos os passos com muita furia, achando nos nossos a resistencia costumada. Seriam os nossos, que podiam pelejar, quatrocentos, que não pareciam

ciam de carne, ſenão de bronze, porque nem as bombardadas os aſſombravam, nem abalavam, nem os Elefantes os faziam mover de ſeu lugar. Neſta continuação foi o Rajú, até que hum dia metteo toda a potencia no combate, e a mór força della poz na Prea Cota, que foi commettida da gente da Atapata, que he a da guarda de ElRey, ſoldados eſcolhidos, e valoroſos; (como os Janizaros) e diante da guarda foram os Elefantes de guerra, que com ſeus urros coſtumados puzeram as teſtas nas tranqueiras, aonde acudio ElRey, e o Capitão com os continuos que com elle andavam, e diante de todos o Veneravel Padre Fr. Simão de Nazareth, com ſinco, ou ſeis Frades, que na mór furia da batalha ſe acháram ſempre diante, esforçando os homens, e moſtrando-lhes no ar Chriſto crucificado, debaixo de cujo nome, e Fé pelejavam todos, clamando muitas vezes pelo nome de Jeſus, que ſempre os ſoccorreo com ſeus auxilios, accreſcentando-lhes animo, e esforço; porque ſe iſſo não fora, tudo ſe acabára. Em fim os elefantes tanta força lhes fizeram fazer, que arrombáram a primeira parede da Prea Cota, onde os noſſos andavam pelejando com muito valor; e aſſim com aquelle impeto foi a Prea Cota entrada, e mortos tres Frades de S. Franciſco, e mais de vinte Por-

tu-

tuguezes. Vendo-se ElRey, e o Capitão entrados, e perdidos, acudíram com todo o resto da gente que tinham, levando diante algumas lanças de fogo, e a espingardaria; e appellidando *Sant-Iago*, e o Padre Fr. Simão de Nazareth diante, chamando por Christo que os soccorresse, e ajudasse, quiz este Senhor por sua grande misericordia (como elle costuma fazello em semelhantes necessidades) soccorrellos de feição, que lançáram fóra os Elefantes mui queimados, e isso mesmo fizeram os inimigos, ficando-lhe daquella feita mais de quatrocentos mortos, e abrazados. Finalmente foi o estrago tal, que houve o Rajú por seu partido retirar-se quasi desbaratado, cuidando elle que tinha concluido aquelle negocio daquella feita. O Capitão Balthazar Guedes de Sousa, que este dia fez o officio de valoroso soldado, ficou ferido de duas feridas; mas não foram parte pera deixar o conflicto, antes nelle mostrou mais os quilates de seu sangue: e o mesmo fizeram os Fidalgos, e Cavalleiros conhecidos, a que não achei os nomes pera os engrandecer como mereciam.

ElRey, e o Capitão sem tomarem repouso algum, reformáram, e fortificáram a Prea Cota da banda de dentro muito fortemente, e desejáram de mandar recado á India, em que fizessem a saber ao Viso-Rey

o eſtado em que aquella fortaleza eſtava, pera que a ſoccorreſſe, o que teve por duvidoſo, porque eſtavam os caminhos todos tomados, e não era poſſivel poderem paſſar por elles. Mas hum Frade de S. Franciſco, que vio aquella neceſſidade, e o riſco, e perigo em que todos eſtavam, fallando com hum Pacha, que ſabia muito bem aquelles matos, deo-lhe conta de ſua determinação, que era paſſar a Columbo pelos matos, e com todo o riſco de ſua peſſoa, que lhe faria pagar muito bem; o Pacha ſe lhe offereceo ao pôr em Columbo muito ſeguro. E dando o Padre conta ao Capitão, e a ElRey do negocio, lhe agradecêram muito aquelle ſerviço, que queria fazer a Deos, e bem áquelle povo; e entregando-o ao Pacha, a quem pagáram bem, ſahiram-ſe no quarto da modorra pelo paſſo do Ambolão, e ſe embrenháram por huns matos novos, e differentes, por onde caminháram com muito trabalho, e riſco. E quiz noſſo Senhor, que ſempre favorece obras ſemelhantes, que em duas horas chegáram a Columbo, onde o Padre entrou, e deo conta do trabalho paſſado, e perigo em que todos ficavam, dando as cartas ao Alcaide mór, em que lhe mandava que logo déſſe embarcação pera paſſar a Tutocori, que lhe logo negociáram, que foi hum tone pequeno, em que ſe em-

bar-

barcou , e foi atravessando a Tutocori ; e chegando á terra , vio a Armada de Diogo de Mello Coutinho , que tinha chegado do dia dantes , e estava já com elle Antonio da Costa Travassos , que tinha vindo de Cochim por Capitão mór de seis navios de remo com muita , e boa gente , e alli ajuntáram mais alguns navios de mantimentos , que foram sete , ou oito. E sabendo a grande necessidade em que a Cota ficava , se fizeram logo á véla pera Columbo por ter o tempo bom ; e ao outro dia entráram naquella Bahia com aquelle grande soccorro , de que logo correo a nova ao Rajú. Os nossos tanto que desembarcáram , tratáram de ir soccorrer a Cota , e ajuntáram-se mais de quatrocentos homens com que se puzeram em ordem pera se partirem. Mas tanto que o Rajú o soube , alevantou o exercito , e se recolheo pera Ceitavaca com levar menos do que trouxe mais de dous mil homens , que perdeo naquella jornada. E com isto ficáram os nossos desalivados , e se fortificáram de novo , e provêram a Cota de mantimentos , e gente ; e Diogo de Mello tanto que vio não ser alli necessario , recolheo-se pera Manar na sua fusta só , ficando em Columbo todo o mais soccorro que foi com elle.

CAPITULO XVI.

Da Armada que este anno de sessenta e tres partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge de Sousa: e de como foi ao Malavar D. Francisco Mascarenhas: e da grande batalha, que Jeronymo Dias de Menezes teve com tres Paraos, de que todos sahíram destroçados: e de outras cousas.

TOdo este Inverno gastou o Conde Viso-Rey em reformar a Armada com que determinava partir entrada de Setembro pera o Achem, como tinha escrito a D. Francisco Deça, Capitão de Malaca, como atrás fica dito, e pera esta jornada fez todas as preparações que lhe parecêram necessarias. E logo na entrada de Setembro surgíram na barra de Goa tres náos do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge de Sousa, que vinha embarcado na mesma náo Castello, em que o anno atrás passado de sessenta tinha vindo do Reyno. As mais náos eram a Garça, de que era Capitão Diogo Lopes de Lima, que vinha provído com a Capitanía de Maluco; S. Filippe, de que era Capitão Vasco Lourenço de Barbuda, o Carração; e a Algaravia, em que vinha Vasco Fernandes Pimentel, que arribou ao Reyno. Surtas as náos,

e estando ainda com a mór parte da carga dentro em si, lhe deo hum tempo tão grosso; que soçobrou a náo S. Filippe, que estava mais chegada a terra. O que o Conde sentio muito por não ficarem mais que as duas pera levarem a carga da pimenta. Pelo que determinou de as despedir muito cedo, e desistio da Armada do Achem, e não soubemos a causa porque, ou se lhe veio algum regimento de novo, de que não tivemos noticia. E vendo que cessava aquella jornada; entendeo em prover de Armada a costa do Malavar, sem embargo de estar de paz, por haver novas que em alguns rios se armavam alguns cossairos pera sahirem ás prezas.

E porque o Reyno de Cananor estava ainda de guerra, desta Armada foi por Capitão mór D. Francisco Mascarenhas, que levou tres galeotas Latinas, e doze navios de remo, cujos Capitães eram os seguintes. D. Pedro de Menezes, Ayres de Saldanha, Manoel de Saldanha seu irmão, Fernão de Miranda de Azevedo, Pero de Mendoça, Alexandre de Sousa, Mem Dornelas, Jeronymo Dias de Menezes, Diogo Soares de Albergaria, Bernardo de Azevedo Coutinho, Jeronymo Teixeira de Macedo, Matheus de Figueiredo, Manoel Furtado, Manoel Simões. De todos estes navios ficou em Goa o de Jeronymo Dias de Menezes, que se

ſe ficou negociando de algumas couſas, que partio dahi a poucos dias, levando em ſua companhia alguns navios, aſſim com cavallos pera os portos do Canará, como com fazendas pera as náos do Reyno a Cochim. E indo tanto ávante como o porto de Batecalá ao mar, houveram viſta de tres Paraos de Malavares, que cuidando que os noſſos navios eram de mercadores, por ſer já a Armada paſſada adiante, os foram demandar, cuidando que tinham na mão alguma boa preza. Jeronymo Dias conhecendo os navios, e entendendo ſua determinação, tomou conſelho ſobre o que faria: « Aſſentáram que os eſperaſſem, e pelejaſſem com » elles, porque de outra maneira perder-ſe- » hiam todos aquelles navios, que hiam em » ſua companhia; e elles poſto que pudeſſem » eſcapar aos Malavares, já havia de ſer » com a infamia da fogida, couſa que os » ſoldados que alli hiam tinham por mui » grande vituperio, e affronta, e por iſſo » não temiam o perigo, ainda que o viſſem » muito grande, e certo. » Levava Jeronymo Dias de Menezes quarenta ſoldados dos mais biſarros, e roncadores da India, e antre elles hia hum Gaſpar Carvalho da obrigação de Alvaro Paes de Soto-maior, homem de eſtatura ordinaria, mas nas feições tão robuſto, e carregado, que parecia hum

ſal-

ſalvagem, porque as peſtanas, e ſobrancelhas lhe cahiam ſobre os olhos, de modo que quaſi lhos cubriam, e elle tão cabeludo por todo o corpo, que era huma monſtruoſidade; e com iſſo era tão valente homem, e tão deſtro nas armas, que não havia entre os ſoldados do ſeu tempo quem lhe fizeſſe vantagem naquellas couſas. Eſte vendo vir os navios dos Malavares com grande preſſa a elles, diſſe a Jeronymo Dias de Menezes que ſe apreſſaſſe, e que puzeſſe a proa em hum, que vinha adiantado, e que de paſſagem o axoraſſem; porque quando os outros dous chegaſſem, tiveſſem menos contrarios. Jeronymo Dias o fez aſſim; e apertando o remo, chegáram ao coſſairo, e deram-lhe huma ſurriada de eſpingardaria, de que lhe derribáram muitos Mouros, e juntamente lhe puzeram a proa, onde hia o Gaſpar Carvalho, que á primeira pancada ſe arremeſſou dentro no parao com huma eſpada, e rodella, e como hum leão faminto ſe metteo entre os Mouros, em que fez tal eſtrago, que deſpejou a proa, e foi paſſando ávante pela coxia com aquelle furor, deixando já mais de dez eſpedaçados, e aſſim os foi levando até o maſto, e ainda adiante delle, que chegáram outros ſoldados, que o ajudáram a averiguar a vitoria tão apreſſadamente, que quando os outros dous paraos chegáram,

 já

já tudo era concluido, e os noſſos recolhidos ao navio com algumas feridas.

Vendo os coſſairos aquelle eſtrago nos ſeus, recolhendo de paſſagem alguns, que andavam pelo mar, foram enveſtir o noſſo navio; mas primeiro leváram huma carga de artilheria, que era hum falcão, e dous berços, e apôs ella mais de trinta eſpingardas a volta de algumas panellas de polvora, que ſe empregáram tão bem, que quando chegáram a ſe enveſtir, já nos navios vinham perto de trinta Mouros derribados. E como elles vinham com aquella furia, ao abalroarem o noſſo navio, ſe lançáram logo dentro mais de ſincoenta Mouros, com que os noſſos tiveram huma muito aſpera batalha, em que os noſſos moſtráram bem ſeu valor, e esforço, principalmente o Gaſpar Carvalho, que á eſpada, e rodella desfez muitos dos que abalroáram pela parte em que elle eſtava. Mas todavia como os Mouros eram muitos, e todos ſe lançáram em o noſſo navio por todas as partes, foram levando os noſſos até a poppa, e ainda alguns ſe recolhêram debaixo do toldo, donde as fréchas dos inimigos, que dentro os hiam buſcar, e as reprehensões de Jeronymo Dias de Menezes, e de outros ſoldados de valor, os fizeram arrebentar outra vez pera fóra, e metterem-ſe na batalha, que andava encarniçada, e cruel;

e

e tantas coufas fizeram os noffos, que a poder de golpes lançáram os Mouros fóra do navio, ficando-lhe dentro mais de feffenta efpedaçados, e os outros tão efcaldados de fuas mãos, que em chegando a feus navios, fe affaftáram, e deram á véla pera o mar, deixando elles tambem os noffos em tal eftado de encravados das fréchas, de abrazados do fogo, e de feridas dos feus terçados, que houve foldado de quatro, e finco finaes crueis, e penetrantes.

Vendo Jeronymo Dias de Menezes os inimigos recolhidos, e os feus tão mal tratados, defpejou o navio dos Mouros mortos, que lançou ao mar, e deo á véla pera Batecalá. E não acho que dos noffos foffe algum morto, mas todos, ou os mais a perigo diffo. E chegando a Batecalá, acháram lá os navios de fua companhia, que fe fouberam recolher; e o Feitor Portuguez, a quem não foube o nome, foi defembarcar todos os feridos, e os levou pera fua cafa, onde os fez curar com muita diligencia, e refguardo, provendo-os de todas as coufas, que lhes foram neceffarias. Poucos dias depois difto chegou áquelle porto Manoel de Saldanha por Capitão mór de quatro navios da Armada, que vinham dando guarda a alguns navios, que hiam pera Goa, e levava dous pagueis, que tomou no caminho,

que

que requerêram de preza diante do Feitor, que lhe foram julgados, por dizerem que não levavam cartazes, sem embargo dos Mouros delles se queixarem que os Capitães dos nossos navios lhos sumíram, e engullíram. Em fim os pagueis foram alli vendidos com todo o recheio por quatro, ou sinco mil pagodes, que se repartíram entre todos. E deixando alli os navios, a que hiam dando guarda, por ser já paragem segura, tornáram-se pera o Malavar, levando comsigo os outros da companhia de Jeronymo Dias de Menezes, que se ficou curando com seus soldados.

CAPITULO XVII.

Das cousas em que o Conde proveo: e de como mandou Domingos de Mesquita esperar os pagueis do Malavar, que vinham de Cambaya, com côr de alevantado: e da grande destruição que nelles fez: e de como faleceo o Conde Viso-Rey: e das partes, e qualidades de sua pessoa.

DEspedida a Armada de D. Francisco Mascarenhas pera o Malavar, deo o Conde despacho á carga das náos, e á escritura do Reyno, que como não eram mais que duas, partíram em poucos dias andados de Janeiro de 1564. e passando pelas varie-

da-

dades daquella jornada, chegáram a salvamento ao Reyno. E assim aviou o Conde ao Arcebispo D. Gaspar pera ir visitar as fortalezas do Norte, e ver suas ovelhas com o olho, que era a primeira visitação, que fez depois de vir do Reyno. E pera isso lhe deo huma escusa galé, e huma fusta pera seu serviço, e todas as mais cousas necessarias pera a jornada. Tinham já chegado a Goa as novas dos paraos, que pelejáram com Jeronymo Dias de Menezes, e de outros, que eram sahidos a roubar contra o contrato das pazes, que com tanta solemnidade jurou com o Çamorim. Mandou-se-lhe queixar pelo Capitão de Chale, que se vio com elle, e lhe representou aquellas cousas como convinham ao Estado, lembrando-lhe que dos contratos das pazes os mais importantes Capitulos se quebráram, que eram: Não sahirem mais ladrões de todos os seus portos, nem haver nelles navios de esporão, e que todos se cortariam, e fariam pagueis. Lembrando-lhe a obrigação que tinha de cumprir o que jurára, e em que ficava de castigar aquelle crime muito bem. Ao que lhe respondeo o Çamorim, que elle não sabia de tal, que deviam de ser alguns ladrões formigueiros, que se os achassem, os tomassem, e queimassem; e que se elle os colhesse ás mãos, os mandaria castigar mui gravemente.

Ven-

Vendo o Conde aquella razão, e entendendo que eram aquillo cousas dos Mouros, que sempre foram occasião da guerra, e que nunca já mais deixáram de a tecer com o Çamorim pera contra nós, pelos grandes proveitos que nas pilhagens alcançavam, determinou satisfazer-se daquella affronta nos mesmos Mouros. E sabendo que eram passados pera Cambaya mais de oitenta pagueis de todos os rios do Malavar, e que levavam cartazes dos Capitães de Chale, e Cananor, determinou de os mandar esperar, e abrazallos a todos, e mettellos á espada a todos os Mouros que nelles fossem, e mandar pera este effeito alguns navios com nomes de alevantados, como o Çamorim dizia que eram os seus Paraos. E pera esta jornada dizem que commettêra hum certo Fidalgo, que se lhe escusára, com dizer que aquillo era quebrar pazes, e que não podia mandar matar homens, que hiam com seguros Reaes, e que não tinham culpa do que os ladrões faziam.

Isto foi sabido por hum Domingos de Mesquita, cavalleiro muito honrado, e pera cuja condição, e natureza eram aquellas cousas hum grande alvitre. Foi-se ao Conde Viso-Rey, e pedio-lhe de mercê aquella empreza, dizendo, que elle tomava sobre si tudo aquillo, e só elle queria dar a Deos

con-

conta della; porque contra Mouros, e inimigos tão falsos não se havia de guardar primor, nem lei de guerra. O Conde como o conhecia, e sabia do seu esforço, e valor, estimou muito offerecer-se-lhe, e deo-lhe huma caravela, e duas fustas com cento e vinte homens, sem declarar a ninguem aquella jornada, nem se saber pera onde era; e com estas obrigações se foi Domingos de Mesquita.

Chegado elle ao rio de Carapatão, mandou surgir defronte delle duas leguas ao mar, porque nem por huma, nem por outra parte passasse embarcação alguma, que elle não visse, e alli se deixou estar des de quinze de Fevereiro até todo Março, tempo, em que os pagueis começáram a vir de Cambaya. E assim como appareciam de dous em dous, de tres em tres, e de quatro em quatro, chegavam as fustas a elles, e os faziam surgir, e levavam os mais graves, e honrados Mouros á caravela; e como os lá tinha, mandava-os metter debaixo das cubertas, e assim poucos e poucos lhe levavam todos até os pagueis ficarem despejados, e os mettiam debaixo, donde hum e hum eram levados assima, e cortadas as cabeças, e lançados ao mar, e depois mandava dar furos aos pagueis, e os mettiam no fundo. E a alguns Mouros mandava cozer dentro nas

vé-

vélas dos pagueis, e assim juntos os mandava lançar ao mar, onde morrêram sem se poderem menear. E desta maneira tomou mais de vinte pagueis, que se mettêram no fundo, e metteo á espada, no tempo que alli esteve, mais de dous mil Mouros, em que entravam alguns de Cananor, que foi a causa de se tornar a accender a segunda guerra, estando ella já quieta, como na VIII. Decada se verá. E foi tamanha a mortandade que se fez nos pagueis, que em todos os portos do Malavar houve geraes prantos, e clamores, e nas fazendas ficáram todos os Mouros quebrados de todo. Porque nos pagueis traziam toda a sua substancia, e nelles estava todo aquelle Malavar interessado, os pobres com pouco, e os ricos com grandes cabedaes.

E estando Domingos de Mesquita nesta obra, adoeceo o Conde do Redondo; e foi tão abbreviada sua enfermidade, que quasi se não sentio, senão quando se disse que era falecido. O que causou em todos grande espanto, e tristeza, porque estava muito bem quisto de todos. Faleceo aos dezenove dias de Fevereiro do anno de 1564. em que andamos, ás duas horas da tarde, tendo governado a India dous annos e meio. E abrindo-se seu testamento, acháram que se mandava enterrar em S. Francisco de

Goa,

Goa, e que ſeus oſſos foſſem depois levados á Villa do Redondo; e aſſim foi logo levado a enterrar veſtido no habito do glorioſo Padre S. Franciſco, e por ſima delle levava o da Cavallaria de Chriſto, acompanhado do Cabido da Sé, e Irmandade da Santa Miſericordia, e todas as Ordens, e Cleriſia da Cidade.

Era o Conde do Redondo homem de bom corpo, gentil-homem, bem poſto no chão; e ainda naquella idade de ſincoenta e ſete annos, em que morreo, era galante. Foi homem facil, alegre, bem aſſombrado, muito aviſado, e grande cortezão, e tinha ditos muito galantes; foi liberal, ao menos não foi tacanho, amigo de juſtiça, e trabalhou ſempre muito que ſe fizeſſe com inteireza. Foi filho de D. João Coutinho o primeiro Conde do Redondo, e de Dona Iſabel Henriques filha de D. Fernão Martins Maſcarenhas, ſenhor da Lavra, Alcaide mór de Montemor o Novo, e de Alcacere do Sal, Commendador de Mertola, e de Almodovura, e Capitão dos Ginetes. Foi eſte Conde D. Franciſco Coutinho caſado com Dona Maria de Guſmão, filha de Franciſco de Guſmão, e de Dona Joanna de Blasfe, Camareira mór da Infante Dona Maria, e elle ſeu Mordomo mór. Teve o Conde D. Franciſco Coutinho da Condeſſa tres filhos,

e

e oito filhas; dos filhos chamava-se o mais velho D. João Coutinho, que faleceo menino: o segundo se chamou D. Luiz Coutinho, que herdou a casa, e foi casado com Dona Mecia, filha de D. Aleixo de Menezes, Aio de ElRey D. Sebastião, e de Dona Luiza de Noronha; morreo em Africa na batalha de Alcacere com o mesmo Rey D. Sebastião: o terceiro se chama D. João Coutinho, que hoje he Conde do Redondo, porque herdou a casa por seu irmão não ter filhos. As filhas chamava-se a mais velha Dona Isabel Henriques, que foi casada com o Commendador mór de Christo D. Diniz de Alencastre: a outra Dona Joanna de Gusmão, que foi casada com Ruy Gonçalves da Camara, Conde de Villa Franca: e a outra Dona Guiomar de Blasfe, casada com D. Simão de Menezes. E tres Religiosas, duas no Mosteiro da Esperança de Lisboa, Dona Constança, e Dona Catharina, e Dona Violante no Mosteiro de S. João da Villa de Estremoz da mesma Ordem de S. João: e Dona Anna, e Dona Luiza, que morrêram meninas. Teve mais hum filho bastardo por nome D. Manoel Coutinho, que foi Clerigo.

CA-

CAPITULO XVIII.

De como por morte do Conde do Redondo ſuccedeo na governança da India João de Mendoça: e das couſas em que logo provêo.

FAlecido o Conde D. Franciſco Coutinho deſta vida preſente, eſtando ſeu corpo depoſitado na Capella mór de S. Franciſco de Goa, ſendo preſentes o Cabido da Sé, por ſer o Arcebiſpo D. Gaſpar a viſitar as fortalezas do Norte, como atrás diſſemos no Cap. X. do X. Livro: eſtando mais D. Belchior Carneiro Biſpo da Ethiopia, e todas as Ordens, e Irmandade da Santa Miſericordia, Lopo Vaz de Siqueira Capitão de Goa, Lopo Vaz de Siqueira Veador da fazenda, Henrique Jaques Ouvidor geral, Gonçalo Lourenço de Carvalho Chanceller do Eſtado, Manoel Leitão Secretario, e toda a Fidalguia, e Nobreza que havia em Goa, e os Vereadores, e Officiaes da Camara, mandou o Secretario Manoel Leitão trazer huma boeta, em que eſtavam guardadas as vias das ſucceſsões da governança da India, que eram quatro, que o meſmo Conde comſigo trouxera de Portugal, que eram aſſignadas por fóra pela Rainha Dona Catharina, avó, e tutora de ElRey D. Sebaſtião,

tião, e Regedora dos Reynos de Portugal por ſeu neto ſer menino de dez annos. Tinha cada huma deſta ſuccesſões, e Alvarás tres ſellos de cera vermelha com as Armas de Portugal; e tirando a primeira ſuccesſão, a amoſtrou em alto, pera que viſſem que eſtava inteira, ſellada, e cerada, ſem ſe nella tocar, nem bullir, e entregou-a ao Capitão da Cidade, que alli preſidia, pera que com o Ouvidor geral a examinaſſe, pera verem ſe ſe tinha bullido nella, e ſe era o ſinal de fóra da Rainha Dona Catharina; e depois de viſta, a abrio o Secretario, e achou-ſe nella que havia por bem que D. Antão de Noronha ſuccedeſſe na governança da India por morte do Conde do Redondo. E porque D. Antão de Noronha ſe tinha ido pera o Reyno o Janeiro paſſado de ſeſſenta e dous, que acabára de ſervir a Capitanía de Ormuz, a tornáram a recolher no cofre, de que tiráram a ſegunda, em que ſe fez a meſma diligencia que na primeira; e abrindo-a, achou-ſe nella João de Mendoça, que tinha vindo de ſervir a Capitanía de Malaca, que eſtava preſente, a quem o Secretario Manoel Leitão leo a ſuccesſão, e elle a acceitou, de que ſe fez hum Termo, em que ſe aſſignou; e logo alli na Capella mór deo a menagem do Eſtado nas mãos do Capitão da Cidade Lopo Vaz de Siqueira; e de-

depois posto de joelhos defronte de hum Altar, que pera isso se armou, com as mãos em sima de hum Missal, e hum Crucifixo, fez juramento de guardar, e manter justiça ás partes conforme ao estilo, e ordem do Estado.

Feito isto, enterrou-se o corpo do Conde, e o Governador se recolheo pera as casas em que pousava, que eram a nossa Senhora do Rosario, onde hoje he a Noviciaria, e casa de provação dos Padres da Companhia, donde se não quiz mudar pera a fortaleza, porque no Setembro seguinte esperava por Viso-Rey, e por seis mezes não quiz fazer mudança de si. E logo começou a entrar em despacho das cousas de Malaca, Maluco, e mais fortalezas; e andando nesta pressa, chegáram a Goa huns Embaixadores do Çamorim a visitar o Governador, e a volta disso lhe fizeram queixume de Domingos de Mesquita do grande damno, e estrago que tinha feito nos seus vassallos, e em suas fazendas, e pagueis, que montavam muito: pedio-lhe que lhe fizesse emenda de tudo, como amigo que era do Çamorim, e elle servidor de ElRey de Portugal, pois aquelle Capitão sobre contrato de pazes, e navegando seus vassallos com seguros Reaes, os tomára, matára, e roubára. O Governador se mostrou muito senti-

tido daquelle negocio, e lhe respondeo, que aquelle Capitão andava alevantado por esse mar como cossairo, que se o pudesse colher ás mãos, que satisfizesse seus vassallos; e que se o elle pudesse haver, que elle lhe promettia de o castigar como o caso o merecia. E andando estes Naires neste requerimento, chegou á barra de Goa o Domingos de Mesquita, e o Governador o mandou desembarcar prezo, porque o vissem os Embaixadores do Çamorim, que por ser tempo se foram, levando muitas satisfações do caso; e em se partindo, foi logo solto o Domingos de Mesquita, e o Governador lhe fez muitas honras, e mercês pelo caso.

As novas da morte do Conde do Redondo chegáram a D. Francisco Mascarenhas, que andava no Malavar, que elle sentio em extremo pelo grande parentesco, e amizade que com elle tinha; e porque era já em Março, e se lhe acabava o provimento da Armada, tratou logo de se ir pera Goa, e de caminho visitou a fortaleza de Cananor, onde deixou gente, e provimentos, porque havia de novo alterações no Ade Rajao; porque entre os pagueis, que Domingos de Mesquita metteo no fundo, foi hum seu, em que lhe matáram muitos Mouros principaes de Cananor, e entre elles hum muito honrado, e rico, cuja mulher, que era hu-

ma

ma Moura varonil, e de muita authoridade entre elles, andou como douda, persuadindo a todos os Mouros a tomarem vingança de tanto damno. E teve tanta força neste negocio, que os fez ajuntar, e formar huma liga geral contra a nossa fortaleza, que foram celebrar em suas mesquitas com suas ceremonias, fazendo suas protestações de se não alevantarem de sobre ella sem a destruirem de todo. Pera o que começáram a convocar todo o Malavar, e ajuntar petrechos, e munições pera aquella conspiração.

Depois de D. Francisco Mascarenhas deixar aquella fortaleza provída, foi-se pera Goa; e chegando ao rio Canharoto, onde ElRey de Cananor reside, entrou nelle, e mandou esbombardear o seu pagode, que fica sobre a ribeira, porque estava ElRey já declarado por parte do Ade Rajao, e dos Mouros, porque esta era a mór affronta que se lhe podia fazer; e assim a sentio ElRey tanto, que logo ao dia seguinte de madrugada deram os Mouros na ribeira dos navios, que estavam á sombra da nossa fortaleza, e lhe puzeram fogo, com que se consumíram trinta entre grandes, e pequenos, em que os moradores daquella fortaleza recebêram notavel perda. Com isto ficou a guerra de todo declarada, e o Capitão della D. Payo de Noronha escreveo ao Governa-

dor João de Mendoça o estado em que ficava, affirmando-lhe que aquelle inverno seria de grande trabalho, pedindo-lhe o provesse depressa. E D. Francisco Mascarenhas foi pera Goa sem saber o que era passado em Cananor, e da barra mandou recado ao Governador, em que lhe fazia a saber de sua chegada, que o mandou entrar por ser já cabo do verão, e serem vindo a mór parte das náos da China, e Malaca, Bengala, e outras partes.

Depois desta Armada recolhida deram huma carta ao Governador de huns Christãos, que estavam fazendo seu negocio no rio de Carapatão, em que o avisavam como naquelle rio se recolhêra huma náo do Achem, que hia pera Meca, a mais rica que daquelle porto partíra havia muitos annos, que com tempo fortuito fora alli tomar, e que se ficava negociando pera sahir na lua seguinte, e que se a mandasse esperar tinha nella huma muito rica preza. O Governador alvoroçou-se com esta carta; e tendo despachado Antonio Furtado de Mendoça seu sobrinho em huma galeota pera invernar a Damão, e sahir em Agosto com huma Armada a esperar as náos de Meca nos poços de Surrate, deo pressa á sua partida, e mandou armar outra galeota, de que fez Capitão João da Costa Peleja, e dous navios mais,

de

de que fez Capitão de hum Balthazar da Costa, e do outro a Luiz de Aguiar, e despedio Antonio Furtado de Mendoça com regimento que se fosse lançar ao mar de Carapatão em parte que o não vissem da terra, e que dalli mandasse todas as noites os catures á boca da barra, onde achariam recado dos Christãos do que lá hia. Porque tambem os avisou do que haviam de fazer, e lhe mandou huma almadia com hum Christão de recado, pera com dissimulação andar pescando naquelle rio, e de noite tomar falla dos que estavam em terra, e avisar aos navios do que fosse necessario; e que tanto que fosse de madrugada, se tornassem a recolher pera Antonio Furtado. E estando elle naquella paragem continuando os catures na sua vigia, foram avisados que os principaes, e mais ricos mercadores da náo com todo o ouro, e dinheiro se passavam a hum Taurim pera se irem pera Cambaya, e que estivessem sobre aviso, porque estava certo cahirem-lhe nas mãos. E estando os nossos com grande alvoroço, e vigia aguardando a preza, que cuidavam tinham certa, quiz a desaventura que o dia que o Taurim havia de sahir pera fóra, disseram huns pescadores aos mercadores da náo que havia tres, ou quatro dias que viam huns navios ao mar sempre em huma mesma paragem, e

que não ſabiam o que eſperavam. E como os Mouros são muito precatados, e acautelados, receando que foſſe aquillo cillada, de improviſo mudáram o conſelho, e tornáram a deſembarcar ſuas fazendas. E tendo Antonio Furtado de Mendoça aviſo diſto pelos Chriſtãos da terra, havendo por eſcuſado eſtar alli mais tempo, deſpedio os navios pera Goa, e elle na ſua galeota paſſou a Damão; e o que lhe ſuccedeo na enſeada de Cambaya he do tempo do Viſo-Rey D. Antão de Noronha, que entra na VIII. Decada pera onde ſe guarda.

CAPITULO XIX.

De alguns Capitães, que o Governador João de Mendoça deſpachou pera fóra: e de algumas couſas em que mais proveo até chegar o Viſo-Rey D. Antão de Noronha, que entra com a VIII. Decada: e das partes, e qualidades da peſſoa deſte Governador.

POr ſe ir acabando o verão foi o Governador João de Mendoça dando preſſa ao deſpacho dos Capitães, que haviam de ir pera fóra, que foram Alvaro de Mendoça pera a Capitanía de Maluco, que foi embarcado na náo Santa Barbara, de que era Capitão D. João Coutinho, que era pro-

vído daquellas viagens, e levou muitos provimentos pera aquella fortaleza: e assim Pero de Taíde Inferno pera a Capitanía de Ceilão, e deo-lhe alguns navios, gente, dinheiro, e munições, porque o Madune hia continuando na guerra contra o Rey da Cota seu irmão.

Neste mesmo tempo chegáram cartas de D. Payo de Noronha Capitão de Cananor, em que lhe dava conta de como o Ade Rajao ficava declarado contra aquella fortaleza; e que Nicore Garipo lingua, e jangada della o avisára da conjuração, que estava feita entre todos os Mouros do Malavar contra ella, pedindo-lhe que com muita pressa a soccorresse com gente, e provimentos, porque já começava haver assaltos, e escaramuças de parte a parte. Pelo que com muita pressa despedio o Governador a André de Sousa com sinco, ou seis navios, cujos Capitães eram: Manoel Travassos, Gaspar de Brito do Rio, hum seu irmão, Thomé de Sousa Coutinho, dous irmãos Betancores, Antonio Ribeiro; e deo regimento a André de Sousa pera ser Capitão de toda a gente de guerra, que assistisse naquella fortaleza, e residisse nas tranqueiras de fóra, e que nunca D. Payo de Noronha sahisse da fortaleza, por ser já velho, e muito pejado, nem mandasse della pera fóra cousa alguma.

Che-

Chegado André de Sousa a Cananor, achou a fortaleza fechada, e vigiada, e o Ade Rajao posto em campo com muito poder. E tomando entrega das tranqueiras de fóra, as repartio pelos Capitães que levou, e começou a se fortificar de novo, e dar assaltos, e fazer algumas sahidas, em que cortou muitos palmares aos inimigos, que he toda a sua substancia. E assim se passou todo o inverno nesta guerra lenta sem acontecer cousa notavel que se possa escrever. O Governador, posto que tinha por sem dúvida vir-lhe em Setembro successor, não deixou de mandar concertar a Armada pera o verão seguinte, porque o que viesse a achasse prestes: e ajuntou pera ellas as cousas necessarias sem querer poupar pera suas pagas, e de seus criados, como depois alguns fizeram, que o anno que esperavam successor se descuidavam desta obrigação tão necessaria ao Estado, e poupavam tudo o que podiam pera se despender no que queriam.

O Governador tanto que entrou Agosto, poz huma náo no mar prestes, e negociada pera partir como lhe o tempo désse jazigo, em que havia de mandar fazer a viagem de Japão que tinha, com a fortaleza de Malaca que já servíra, em que havia de ir Simão de Mendoça, onde pertendia tambem em-

embarcar-ſe D. Dioniz Pereira, filho do Conde da Feira, pera ir entrar na Capitanía de Malaca, pera que eſtava deſpachado, porque ſe receava que vieſſe nas náos do Reyno D. Diogo de Menezes, que era provído della primeiro que elle, e queria ter antes diſſo dado á véla; porque quando elle chegaſſe já lhe ſeria forçado mandallo requerer a Malaca, no que ſe dilataria o tempo. Mas elle lhe atalhou eſte diſcurſo; porque primeiro que lhe déſſe jazigo pera partir, ſurgíram a tres de Setembro na barra de Goa as náos do Reyno, em que vinha D. Antão de Noronha por Viſo-Rey da India, e nellas D. Diogo de Menezes, que o Viſo-Rey D. Antão de Noronha deſpachou logo pera ir na meſma náo entrar na ſua Capitanía, como adiante ſe verá na Decada que ſe ſegue a eſta VII.

Antes das náos chegarem deſpedio o Governador João de Mendoça ſeu ſobrinho Rodrigo Furtado por Capitão mór de ſete, ou oito navios, pera ir dando guarda á cafila de navios, que hiam aos rios do Canará a carregar de mantimentos, porque eſtava Goa muito falta delles, e com iſto concluiremos com o tempo deſte Governador, e com as partes, e qualidades de ſua peſſoa. Foi homem meão, magro, hum pouco dobrado nas coſtas, homem verdadeiro, libe-

ral,

ral, amigo de justiça, facil nos negocios; e de respostas mui bem attentadas, ouvio sempre as partes muito bem, teve continuamente as portas abertas pera todas as vezes que lhe queriam fallar, que he a melhor parte, e a mais necessaria que ha de ter o que governa. Foi filho de Antonio de Mendoça, e de Dona Isabel de Castro, filha do Capitão D. Antão. Foi casado com Dona Joanna de Aragão, filha de Nuno Rodrigues Barreto, Fronteiro mór do Algarve, Veador da fazenda, e Capitão mór da Cidade de Faro, e da Villa de Loulé, e de Dona Leonor de Milão. Teve della hum só filho, que se chama Nuno de Mendoça, mancebo de muito preço, e valor, que no ser, verdade, bondade, entendimento, christandade, e mais partes que tem, mostra bem claro vir dos troncos de que procede, pelo animo, e esforço que nelle se enxergou nas batalhas, em que se achou em Flandres em companhia do Serenissimo Principe Arquiduque de Austria, casado com a Serenissima Princeza Dona Isabel, filha do muito Catholico, e Christianissimo Rey das Hespanhas D. Filippe nosso Senhor, que lhe deo em dote os Estados de Flandres. Foi Capitão de Tangere. Partio este Governador pera o Reyno no Janeiro seguinte, em cuja embarcação o Viso-Rey D. Antão de Noronha lhe fez

mui-

muitos favores. E por achar tempos contrarios, arribou, e não quiz tomar Moçambique por respeitos que pera isso teria; mas passou a Ormuz, onde estava por Capitão D. Pedro de Sousa, que era grande seu amigo, e o festejou muito. E daquella fortaleza partio em Novembro, e tomou a Ilha de Santa Helena, onde deitou algumas perdizes pera casta, de que toda a Ilha está hoje cheia. E assim deitou mais huma vacca, e hum novilho pera se crearem. Chegou a Portugal pobre, porque de Malaca tirou pouco, ou nada, e muito menos da governança que lhe durou pouco. E conforme á sua condição, e natureza, se lhe durára mais, cuido que tirára menos. E com isto temos concluido com esta VII. Decada á honra, e gloria de Deos nosso Senhor, que vive, e reina in sæcula sæculorum. Amen.

Fim do Liv. X. da Decada VII.

DE-

COUTO
DECADA
T. IV. P. II.